



CASEI COM UM DRAGÃO

REGINE ABEL

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



CASEI COM UM DRAGÃO

REGINE ABEL

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Title Page](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Contents](#)
5. [Casei Com Um Dragão](#)
6. [Dedicatória](#)
7. [Capítulo 1](#)
8. [Capítulo 2](#)
9. [Capítulo 3](#)
10. [Capítulo 4](#)
11. [Capítulo 5](#)
12. [Capítulo 6](#)
13. [Capítulo 7](#)
14. [Capítulo 8](#)
15. [Capítulo 9](#)
16. [Capítulo 10](#)
17. [Capítulo 11](#)
18. [Capítulo 12](#)
19. [Capítulo 13](#)
20. [Capítulo 14](#)
21. [Capítulo 15](#)
22. [Capítulo 16](#)
23. [Capítulo 17](#)
24. [Capítulo 18](#)
25. [Epílogo](#)
26. [Cedros](#)
27. [Cedros Battle Form](#)
28. [Cedros and Kaida](#)
29. [Aqrats](#)
30. [Nero](#)
31. [Outros livros de Regine Abel](#)
32. [Sobre o Autor](#)

Casei Com Um Dragão

Agência Prime

Regine Abel

CAPA
Regine Abel

ILUSTRAÇÕES
Vvevelur
Kesini
Muns

Direitos Autorais © 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução ou distribuição não autorizada deste trabalho protegido por direitos autorais é ilegal e punível por lei. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida eletronicamente ou impressa sem permissão por escrito da autora, exceto no caso de breves citações incorporadas em resenhas.

Todo o conteúdo deste livro, a capa do livro e as ilustrações nele contidas foram criadas exclusivamente por um ser humano, sem qualquer assistência de inteligência artificial generativa.

A autora proíbe expressamente qualquer entidade de usar esta publicação ou as ilustrações aqui contidas para fins de treinamento de tecnologias de inteligência artificial (IA) para gerar texto ou imagens, incluindo, sem limitação, tecnologias que sejam capazes de gerar obras no mesmo estilo ou gênero desta publicação. A autora reserva todos os direitos de licenciar o uso deste trabalho para treinamento generativo de IA e desenvolvimento de modelos de linguagem de aprendizado de máquina.

Este livro usa linguagem madura e conteúdo sexual explícito. Não se destina a menores de 18 anos.

Este livro é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Contents

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Epílogo

Outros livros de Regine Abel

Sobre o Autor

Ele é uma fera que só ela pode domar

Quando um portal sombrio que expelle feras sombrias se abre em um centro de pesquisa, a unidade de Kaida é enviada para destruí-las. A última coisa que ela espera é que o enorme dragão entre as criaturas a reivindique. Para evitar um conflito intergaláctico e cumprir uma missão importante, ela consente em um casamento temporário de conveniência com o Senhor das Sombras Cedros. Mas a cada dia que passa, ela se sente mais atraída pelo homem doce e socialmente desajeitado que se esconde dentro deste forte e temível protetor de seu reino.

Ela é sua paz e sua salvação

Durante décadas, Cedros procurou em vão pela única mulher que silenciasse sua crescente loucura, tirasse a dor que torturava seu corpo e acabasse com a solidão e o isolamento que são a maldição de um Senhor das Sombras. Quem teria pensado que ela seria uma extraterrestre? E, no entanto, aqui está ela, sua pequena Kaida, uma humana tão frágil, tão delicada e, ainda assim, tão forte. A mera presença dela lhe traz a paz divina. Seu simples abraço desperta sentimentos e emoções que ele nunca imaginou serem possíveis.

Como ele pode convencê-la a ficar com ele neste mundo tão mal adaptado à sua espécie, sendo que ela não veio até ele por escolha, mas por dever?



Dedicatória

Para aqueles que falam e pensam com a franqueza e a inocência de uma criança. Para aqueles que olham o mundo com a mesma curiosidade, mente aberta e coração ansioso. Para aqueles que aceitam que existe uma infinidade de possibilidades e que não há problema em explorar todas elas.

Apegar-se a uma crença, a uma opinião, a um modo de vida, rejeitando quaisquer outras possibilidades só porque é assim que sempre foi feito, ou como foi ensinado a você, é um veneno autoinfligido de ação lenta, porém letal. A mudança é a base da evolução e da própria vida. Não tenha medo disso. Aceite isso.

Não há vergonha em mudar de opinião ou em admitir que estava errado. A única vergonha é o mal que você causa a si mesmo e aos seus entes queridos, e tudo o que você perdeu ou se privou porque tinha muito medo de sair da sua zona de conforto.

Recupere sua criança interior.



Capítulo 1

Kaida

Gritos, berros e o som de incontáveis pés saindo do centro de pesquisa nos cumprimentaram no minuto em que entramos no prédio. O pânico e o terror muitas vezes revelam o que há de pior nas pessoas. Meu coração se apertou ao ver alguns funcionários sendo empurrados às cegas, caindo e sendo pisoteados por seus colegas que tentavam fugir de quaisquer animais que emitiam rugidos e guinchos terríveis mais adiante. Mas uma vez que os instintos de sobrevivência entravam em ação, os pensamentos racionais geralmente entravam em um hiato.

Eu lutei contra meu desejo natural de ajudar os caídos, já que meus colegas cuidariam deles. Como parte da equipe de ataque principal, cabia a mim e aos meus companheiros conter qualquer confusão que nos aguardava. Eu participei de inúmeras missões complicadas, mas nunca algo que parecesse com essas coisas.

Seguindo os passos de Tedrick, nosso líder de esquadrão, eu ajustei minha pistola laser para o atordoamento mais alto quando chegamos ao primeiro conjunto de portas de segurança. Eles davam acesso ao longo corredor que levava ao que o mapa da instalação na interface da minha braçadeira descrevia como Engenharia. Assim que se separaram, todos os pensamentos errantes sobre os civis em pânico desapareceram. Eu estremei ao ver as duas abominações que estavam presas no corredor quando o bloqueio de segurança entrou em ação.

Seus corpos me lembravam vagamente o de um galgo de um pesadelo com pernas torcidas. Suas cabeças não tinham olhos visíveis, apenas uma longa boca esfolada de dentes de adaga. Espinhos grossos cobriam a área onde deveriam estar os olhos e a testa, afinando ao longo da nuca. Acima do que parecia ser um conjunto etéreo de asas sombrias, e estendendo-se por seus ombros, eles tinham um par de apêndices semelhantes a cobras que tentavam atingir seu alvo sempre que estivessem dentro do alcance. A longa cauda, coberta de espinhos, terminava em uma protuberância semelhante a uma maçã com uma lâmina afiada na ponta.

— Eliminem os aqrats — gritou Tedrick — Atirem para matar!

Ele não precisou dizer isso duas vezes. Meus companheiros de

equipe e eu mudamos a configuração de nossas pistolas para letal e descarregamos impiedosamente nas duas criaturas que estavam nos atacando com uma fúria raivosa. Para meu total alívio, elas não representavam nenhum desafio ao nosso poder de fogo combinado. Ainda assim, me surpreendeu que, em vez de uma ferida aberta onde os tiros atingiram as feras, pedaços de carne se rasgaram antes de se dissolverem em fumaça. Quando morreram, cada criatura simplesmente evaporou, como se nunca tivesse existido. No entanto, as marcas profundas de garras nas paredes deixavam claro que elas eram reais.

— Que porra eles estão fazendo neste lugar? — Oleg perguntou, repetindo os pensamentos que cada um de nós, sem dúvida, compartilhou.

— Os cientistas de Veladeem não criaram esses horrores — Tedrick disse com uma voz tensa através do nosso comunicador — Eles apenas mexeram com coisas que não deveriam e deixaram essas coisas ruins entrarem.

Eu queria fazer mais perguntas, mas sabia que era melhor evitar. Tedrick não deu mais detalhes do que lhe foi permitido ou disposto. De qualquer forma, agora não era o momento. Ele gesticulou para que o seguissemos enquanto corríamos até o final do corredor. Um enorme conjunto de portas reforçadas barrava o acesso à Engenharia.

— Substituindo as travas de segurança — Maeve disse através de nosso comunicador.

Ela conectou seu dispositivo de hacking à fechadura biométrica e digitou algumas teclas. Segundos depois, as enormes portas do cofre se abriram diante de nós. Como Executores – agentes da força de manutenção da paz da Organização dos Planetas Unidos – nós tínhamos o melhor de tudo o que a galáxia tinha para oferecer. Nossos hackers também tinham backdoors em muito mais lugares do que o público se sentiria confortável em saber.

Nós encontramos mais daquelas criaturas terríveis fervilhando lá dentro, voando ao redor do que parecia ser um núcleo de poder gigante.

O alvo? Um enorme dragão dourado e preto-azulado com uma aura sombria.

Demorou apenas um segundo para perceber que as criaturas de pesadelo menores estavam atacando o magnífico – mas aterrorizante – dragão. Embora ele as estivesse destruindo, um único golpe bem dado de sua enorme pata quase rasgou uma das criaturas ao meio, com tantas delas atacando-o de todos os lados, os demônios ainda estavam acertando vários golpes.

— Protejam o dragão! — Tedrick gritou em nosso comunicador.

Apesar das bilhões de perguntas disparando em minha mente – e

sem dúvida também na de meus companheiros – nós obedecemos silenciosamente. Com seu nível de autorização de segurança, Tedrick conhecia muitas informações confidenciais, poucas das quais poderia compartilhar conosco. Eu nunca tinha ouvido falar de um aqrats, muito menos visto um antes. Que porra eram eles e de onde vieram? E um maldito dragão?

Embora seu corpo tivesse todas as características de um dragão, eu notei distraidamente que ele parecia estar em pé, quase bípede, em vez de ficar de quatro. Ele estava lutando na plataforma circular ao redor do núcleo de poder. As grades altas ofereciam pouca segurança para ele caso fosse derrubado. Havia uma queda de pelo menos cinquenta metros, não que ele não fosse capaz de voar de volta.

Para minha surpresa, um portal sombrio – no meio do poço onde o núcleo de poder estava erguido – parecia ser a porta pela qual essas criaturas de pesadelo haviam entrado no centro de pesquisa.

Minha equipe e eu nos espalhamos pela passarela externa enquanto atirávamos nos aqrats. Embora fossem necessários vários tiros no corpo para matar um, um único tiro na cabeça os fazia despedaçar em uma explosão de sombras antes de desaparecer.

Alguns aqrats que nós atacamos redirecionaram sua atenção para nós, mas a maioria permaneceu focada no dragão, facilitando nosso trabalho de diminuir seu número. O dragão mergulhou da plataforma, espalhando chamas sombrias arroxeadas sobre um bando de aqrats abaixo de nós. Em vez de queimá-los, isso parecia fazê-los inchar e inchar, como se estivessem absorvendo as sombras. Seus padrões de voo tornaram-se erráticos, quase bêbados. O dragão voou ao redor, esmagando um bando com a cauda e dilacerando outros com suas garras. Todas as opções tinham o mesmo resultado: fazê-los quebrar e depois se dissolver em fumaça.

Os aqrats restantes seguindo o dragão pelo poço nos forçaram a mover em algumas das rampas que levavam à plataforma do núcleo de energia, a fim de obter um ângulo adequado para atirar neles. Quatro de nós ficamos sozinhos em nossa respectiva rampa, enquanto Maeve e Oleg ficaram juntos na rampa sudeste.

— O que faremos com o dragão quando terminarmos com as criaturas? — Oleg perguntou enquanto estávamos eliminando um punhado de retardatários.

— Voltem para a saída no final da rampa — Tedrick respondeu — Se tudo correr bem, ele deverá simplesmente retornar ao seu reino através do portal.

— E se tudo *não* correr bem? — eu perguntei.

— Então vai ficar feio muito rápido. Encontrem um lugar para se abrigar, mas não machuquem nem matem o dragão — Tedrick disse em um tom que não permitia discussões.

Minha curiosidade aumentou ainda mais sobre o que havia de tão especial naquela criatura... além do fato de que ele era um maldito dragão.

A medida que os últimos aqrats se dissolviam, todos nós começamos a correr de volta para a porta no final de nossas respectivas rampas. No entanto, um rugido enfurecido do dragão fez meu sangue congelar. Ele não parecia nem um pouco satisfeito, mas parecia estar ansioso para lutar um pouco mais.

Com braços e pernas bombeando, eu corri em direção à minha saída, apenas para parar no meio do caminho e me jogar para trás quando o dragão soprou uma poderosa corrente de chamas sombrias diretamente em meu caminho. As chamas subiram através das grades da rampa enquanto o dragão voava.

— Porra! Ele está bloqueando meu caminho! — eu exclamei através do comunicador — Eu vou circular pela plataforma em direção a outra rampa.

— Corram! — Tedrick gritou — Todos os outros, coloquem as pistolas para atordoar. Mirem na garganta dele!

Eu nunca cheguei à plataforma central. Como um monstro mortal emergindo das profundezas de um oceano escuro, o dragão voou acima da rampa, soprando suas chamas sombrias em uma varredura na minha frente. Voando acima, ele alcançou a plataforma central e, com um golpe poderoso de suas enormes garras, ele destruiu os caminhos de ligação em direção às outras rampas.

Enquanto ele destruía selvagememente qualquer meio de saída daquele caminho, eu tentei voltar para a porta. Mas segundos depois, eu ouvi um forte bater de asas antes que ele disparasse suas chamas novamente na minha frente. Na minha tentativa de parar abruptamente, eu tropecei e caí de bruços. Meus dentes rangeram com a força do impacto. Eu me virei de costas e imediatamente me levantei, apenas para ver a fera gigante pousar na rampa bem na minha frente.

Meu estômago caiu no chão. Com o coração batendo forte, eu mal conseguia respirar enquanto a criatura rugia novamente, seus olhos dourados cheios de loucura. Ela parecia estar espumando pela boca enquanto uma substância sombria – provavelmente sangue – pingava das inúmeras lacerações e feridas que os aqrats haviam infligido.

Como se estivesse em câmera lenta, eu levantei minha pistola e a apontei para sua garganta, sabendo que não conseguiria escapar dessa. Eu olhei para sua boca enorme se abrindo com incontáveis dentes gigantes e afiados enquanto ele rugia novamente e se lançava em minha direção. Meu tiro disparou ao mesmo tempo em que sua mão se fechou em volta de mim, derrubando minha arma.

Eu ouvi vagamente Tedrick gritando ordens pelo comunicador,

mas o som ensurdecedor do meu sangue correndo em meus ouvidos abafou tudo. Como uma parede de tijolos, o peito dourado do dragão veio até mim a uma velocidade vertiginosa enquanto eu me levantava. Eu achei que ele iria me jogar em sua boca aberta, mas ele me bateu contra seu peito. Eu engasguei, ficando sem fôlego.

— *Ejaya!*

A palavra estrangeira ressoou alto em minha mente. Ela não tinha chegado pelo meu comunicador e eu não tinha ouvido pelos meus ouvidos. Ela foi falada para mim telepaticamente. Mas por quem? O Dragão? E o que diabos isso significava?

Eu sabia que era importante e que deveria me concentrar nisso, mas aquele estúpido instinto de sobrevivência que eu mencionei antes entrou em ação com força total. Eu me mexi e lutei para me libertar de seu domínio esmagador. Isso só o fez apertar ainda mais, e sua segunda mão se juntou à briga.

— Ele... ele está me esmagando — eu disse à minha equipe.

— *Ejaya!* — a voz estranha repetiu.

— Não pode ser! — Tedrick sussurrou com uma voz incrédula através do comunicador — Kaida, pare de lutar! Ele não vai te machucar. Ele está se acalmando. Não lute com ele!

Enquanto eu tentava ouvir, meu corpo entrou em modo de fuga. Eu estava sendo esmagada. Eu não conseguia respirar. Minha pele formigou e minha cabeça ficou leve. Naquele instante, eu sabia que perderia a consciência. Talvez fosse uma coisa boa. Assim eu pararia de lutar. Então, talvez, ele afrouxasse o aperto.

Mas assim que esse pensamento passou pela minha mente, eu percebi que não era mais a mão dele que me segurava, como King Kong segurava Ann Darrow. Agora eram os dois braços dele. Eu não sabia dizer se minha mente estava me pregando peças, mas ele parecia estar encolhendo para um tamanho mais humano. No entanto, eu nunca saberia. Assim que um véu de escuridão desceu diante dos meus olhos, um enorme dardo sedativo se cravou em seu pescoço.



Capítulo 2

Kaida

Sentada em uma das salas de reunião menores do QG dos Executores da OPU, eu me mexi inquieta enquanto esperava por alguém que iria me entrevistar ou interrogar. A sala vazia continha uma mesa retangular para dez pessoas, um quadro branco em uma parede, uma tela de vídeo gigante na outra e nada mais.

Pelo menos, esta não é uma sala de interrogatório com espelho duplo.

Neste ponto, eu não teria me surpreendido. Quarenta e oito horas se passaram desde que perdi a consciência no centro de pesquisa e eu ainda não sabia o que diabos estava acontecendo.

Na manhã seguinte, eu acordei em uma cápsula médica na enfermaria. Por que eu fiquei fora por tanto tempo, quando normalmente deveria ter me recuperado de ter sido esmagada em poucos minutos, ainda me deixava perplexa. Embora a Dra. Bailey tivesse me dado um atestado de saúde, ela ainda me manteve isolada por vinte e quatro horas para garantir que as toxinas que os aqrats haviam passado para o dragão durante a batalha não tivessem me infectado.

Por alguma razão, eu não acreditei nisso.

Ninguém respondia às minhas perguntas. Tedrick nem veio me ver. Eles apenas me pediram para escrever meu relatório na minha sala de isolamento. Esta manhã, eles finalmente me liberaram apenas para que eu pudesse vir a esta sala de reuniões. O fato de dois guardas terem me escoltado da enfermaria até aqui me assustou seriamente. O que eles temiam? Que eu fugiria? Por que eu deveria?

O som da porta se abrindo me assustou. Eu imediatamente me endireitei, me perguntando que homem de terno viria me interrogar e, esperançosamente, me dar algumas respostas. Para minha surpresa, em vez do chefe do nosso departamento, uma deslumbrante mulher Temern entrou na sala árida. Típico de sua espécie aviária, ela tinha um bico que tornava mais difícil ver quando ela sorria, embora sem dúvida estivesse fazendo isso naquele momento. Suas penas brancas, com manchas escuras nas asas e espalhadas no peito, me lembravam as de uma coruja das neves. Ela tinha um majestoso par de asas que

quase chegava ao chão, e uma longa e fofa cauda branca que me lembrava vagamente a de uma ave do paraíso.

— Olá, Sra. Daigo. Meu nome é Linsea Voln. Sinto muito por fazê-la esperar — disse a mulher Temern com uma voz doce e melódica que imediatamente pareceu reconfortante. Ela se sentou na cadeira do outro lado da mesa, na minha frente — Este caso foi insano. Tenho certeza de que você tem muitas perguntas e eu tentarei respondê-las para você.

— Olá, Sra. Voln — eu respondi, me sentindo mais confusa do que nunca — Acredito que nunca nos encontramos. De qual departamento você é?

— Ah, certo, me desculpe. Eu sou embaixadora da OPU. Eu lido principalmente com questões externas críticas - basicamente conflitos políticos que podem evoluir para uma guerra interplanetária.

Meu queixo caiu enquanto eu olhava para a mulher. Foi suficientemente chocante que a OPU tenha enviado um Temern para falar comigo. Como alguns dos empatas mais poderosos da galáxia, os Temerns eram muito procurados pelo sistema jurídico, pelos governos e pelas corporações, seja como mediadores, negociadores ou apenas para ajudar a avaliar se uma pessoa estava sendo enganosa em suas negociações. Mas agora ela estava insinuando que eu estava de alguma forma envolvida em algo que poderia causar uma guerra interplanetária?

— O que você quer dizer com ‘guerra em potencial’? E o que diabos isso tem a ver comigo? — eu perguntei, girando os ombros para aliviar a tensão que crescia rapidamente nas minhas costas — Suponho que tenha a ver com aquele portal e o dragão? Foi um ataque estrangeiro?

— Eu entendo seu choque — continuou a Sra. Voln — E prometo responder a todas as suas perguntas. Mas primeiro, posso pedir que me chame de Linsea? Nós, Temerns, não gostamos muito de formalidades.

Eu balancei a cabeça distraidamente — Claro. E você pode me chamar de Kaida, se quiser.

Ela sorriu para mim, seu sorriso mais visível em seus impressionantes olhos azuis do que na rigidez de seu bico — Excelente. Mas, para responder à sua pergunta, não, não foi um ataque estrangeiro. Esse portal resultou da Veladeem Research ultrapassando seus limites e realizando ilegalmente pesquisas não supervisionadas com pedras de obsidiana sombria. Para começar, eles não deveriam ter as pedras em sua posse. E usar uma delas criou uma fenda no vazio - você quase poderia chamá-lo de um universo paralelo - de onde vieram as criaturas diabólicas que você enfrentou.

Linsea moveu as asas e cruzou os dedos longos e finos sobre a mesa

à sua frente antes de continuar.

— No entanto, o ‘dragão’ chamado Cedros Qhelian - que na verdade é um Derakeen - está de fato no centro da questão. Ele é uma raça rara de sua espécie, que lembra o que os humanos chamam de dragões. Seu povo vive no mundo destruído de Dramnac.

Eu recuei surpresa — Espere, o quê? Achei que uma anomalia tivesse se aberto no centro daquele planeta e que de alguma forma ele tivesse implodido.

Linsea sorriu e acenou com a cabeça com uma expressão divertida — Uma anomalia partiu Dramnac em um milhão de pedaços, mas ele ainda prospera em fragmentos que existem em diferentes fases da realidade, mantidos em seu núcleo. Todos os Derakeens podem mudar de fase para viajar entre as dimensões do seu mundo.

— Uau, tudo bem. Isso parece confuso e muito legal — eu disse, intrigada.

— Realmente, é um mundo fascinante. No entanto, apenas Senhores das Sombras, como Cedros podem abrir portais entre dimensões e entre mundos — Linsea explicou, assumindo uma expressão séria — Portanto, seu povo os reverencia quase como deuses.

Eu balancei a cabeça pensativamente — Sim, eu consigo ver isso. Esse poder insano seria muito procurado, mas também é extremamente perigoso.

— Concordo. Como demonstraram os acontecimentos recentes, os Derakeens não são os únicos a viajar nas sombras. Existem reinos inteiros que evoluem paralelamente à nossa própria realidade. Muitos são pacíficos, mas outros moradores das sombras nem tanto.

— Como aqueles monstros aqrat — eu disse, mal reprimindo um estremecimento.

— Correto. Além de abrir portais e guiar de volta os viajantes que se perdem no vazio, os Senhores das Sombras lutam contra os monstros que atravessam o véu para manter os caminhos das sombras seguros — Linsea continuou — Certos caminhos são mais seguros que outros. Mas aquele que Veladeem tentou criar é o pior possível.

— Para onde eles estavam tentando ir? — eu perguntei, mais intrigada do que nunca, meu instinto de detetive acelerando.

— Para as minas de obsidiana sombria de Dramnac — ela disse com naturalidade.

Eu fiz uma careta e franzi os lábios pensativamente — Essa é a segunda vez que você menciona obsidiana sombria. Achei que toda essa história de pedras para abrir portais fosse um mito.

Linsea balançou a cabeça — Não, a obsidiana sombria é real e permite que Derakeens normais abram portais como os Senhores das Sombras, mas por um período mais curto. Cada pedra deve primeiro

ser gravada com um destino para que não acabe em algum lugar terrível. Como você pode imaginar, os governos de todos os mundos avançados adorariam pôr as mãos nestas pedras preciosas, o que não podemos permitir.

— Em mãos duvidosas, poderia ser um desastre completo — eu concordei.

— Exatamente.

— Ok, embora tudo isso seja realmente fascinante, o que isso tem a ver comigo? — eu perguntei, mais confusa do que nunca.

Ela me deu um sorriso simpático — Estou chegando lá. Como você provavelmente notou, Cedros ficou furioso após a batalha. É comum para Senhores das Sombras passarem muito tempo fora de fase ou vagando no vazio. Isso mexe com a cabeça deles. Mas o pior ainda é que os ferimentos causados por aqrats – entre outros – aceleram o processo. Sua saliva e venenos infectam os Senhores das Sombras com uma forma de... bem, algo semelhante à raiva. Pode levar semanas e até meses para eliminar isso de seu sistema, um período muito longo durante o qual eles ficam praticamente selvagens.

Eu franzi a testa novamente, meus olhos ficando fora de foco enquanto eu repassava os eventos em minha mente — Sim, ele parecia estar espumando pela boca. Mas então, antes de perder a consciência, eu tive a nítida impressão de que ele estava se acalmando, talvez até encolhendo. Isso faz sentido?

Linsea sorriu para mim e assentiu — Com certeza. Embora não exista cura médica para jokraz – a fúria do Senhor das Sombras – existe uma cura natural na forma de uma Ejaya.

— Oh meu Deus! Ele disse isso! — eu exclamei, me inclinando para frente com entusiasmo — Era como se eu pudesse ouvi-lo - ou pelo menos presumo que fosse a voz dele - falando telepaticamente comigo e repetindo aquela palavra, quase como uma oração, como se ele estivesse em estado de choque. Mas então Tedrick atirou nele. O dragão está bem, certo? Foi apenas um sedativo?

— Ah, sim, ele está absolutamente bem. Acredite, as coisas estariam muito mais tensas agora se Cedros tivesse sido ferido. Seria uma guerra total — Linsea disse de forma tranquilizadora — Mas sim, ele falou telepaticamente com você. Em sua forma de batalha, os Derakeens não podem usar palavras como nós. No entanto, sua presença desencadeou seu processo acelerado de cura e o acalmou. Você é a primeira Ejaya humana.

— Como é? — eu perguntei, incrédula.

Ela riu e assentiu — Você é a Ejaya de Cedros. O simples fato dele estar perto de você, e especialmente em contato físico próximo com você, desencadeia uma resposta fisiológica que o faz secretar muitas endorfinas e uma resposta imunológica que atua como um potente

agente antiviral. Então, em vez de levar semanas ou meses para combater o jokraz, eles se recuperam totalmente em poucos dias, às vezes até em apenas horas, dependendo da extensão da infecção.

— Uau... Ok. Isso é diferente. Acho que é por isso que ele estava me esmagando para conseguir aquele contato próximo — eu murmurei, me lembrando de como aquele abraço de esmagar os ossos não foi particularmente agradável — Mas ainda não estou vendo onde está o problema.

— O problema é que uma Ejaya é única para cada Senhor das Sombras específico. Cedros só pode estabelecer essa conexão com uma única pessoa em todo o universo, e essa pessoa é você — Linsea explicou cuidadosamente — Portanto, o Conselho de Derakeen exige que você cumpra esse papel com Cedros.

Meu estômago embrulhou enquanto eu olhava para a Temern sem acreditar — Exige?

Ela assentiu com uma expressão de desculpas — De acordo com a lei de Derakeen, uma Ejaya não pode recusar o chamado dela ou de seu Senhor das Sombras. Isso significa que eles querem que você vá morar em Dramnac com Cedros e que cuide do bem-estar dele.

— Você só pode estar brincando? — eu perguntei, levantando as palmas das mãos interrogativamente — E se eu recusar? O que eu obviamente quero fazer...

— Se você recusar, eles ameaçam lançar uma guerra contra os planetas membros da OPU — Linsea disse em voz baixa — Então, como você pode imaginar, nós precisamos do seu consentimento, mas não apenas para evitar uma guerra.

— O que mais está em jogo? — eu perguntei, ainda em completo choque.

— Enquanto você estiver em Dramnac, queremos que você também realize uma missão secreta para nós.

Eu congelei por uma fração de segundo, minha indignação atordoada ficou temporariamente em segundo plano enquanto meus instintos de Executora surgiram à tona — Missão? Que tipo de missão?

Linsea sorriu, sabendo que havia despertado meu interesse — A Veladeem Research recebeu as pedras de obsidiana sombrias de contrabandistas anônimos. Nós precisamos descobrir quem eles são, como estão adquirindo as pedras e acabar com seus negócios. Se eles trouxerem essas pedras para planetas penitenciários, eles poderiam libertar os criminosos mais violentos e endurecidos de uma só vez e levá-los para outra galáxia sem que os guardas possam fazer algo a respeito.

Minha testa franziu quando eu balancei a cabeça. Eu pude ver um milhão de maneiras diferentes de usar indevidamente essas pedras. Se elas caíssem nas mãos de uma espécie agressiva, eles poderiam abrir

portais para planetas vizinhos desavisados e cometer genocídios. Piratas, ladrões e traficantes de escravos também poderiam causar estragos com essa ferramenta.

— Certo, isso parece uma missão digna. Mas o que isso significa para Cedros? — eu perguntei — Depois que a missão estiver concluída, eu devo apenas fazer as malas e deixar Dramnac ou devo ficar lá por um período específico de tempo? E o que aconteceu com ele? Quais são as expectativas dele no que me diz respeito?

Eu não precisei explicar quais preocupações me atormentavam.

Mais uma vez, Linsea olhou para mim com compaixão — Essas são todas perguntas muito válidas. No entanto, eu deixarei meu marido respondê-las para você. Ele já discutiu a situação com Cedros e atualmente está negociando com o Conselho de Derakeen.

— Ele é um embaixador, como você? — eu perguntei, genuinamente curiosa.

Ela riu e balançou a cabeça — Não exatamente, embora possamos dizer que muito do seu trabalho acaba tendo importantes ramificações diplomáticas e políticas, principalmente com mundos primitivos.

Eu estreitei os olhos para ela em reação à sua resposta evasiva. Mas antes que eu pudesse investigá-la ainda mais, ela de repente se animou. Seu rosto assumindo uma expressão suave, quase tímida, como o de uma noiva enrubescida, me deixou intrigada.

— Por favor, me dê licença um minuto — Linsea disse, se levantando.

Meus olhos se arregalaram quando ela alisou as penas nervosamente e saiu da sala. Ardendo de curiosidade, eu me inclinei sobre a mesa e estiquei o pescoço para olhar para o corredor pela porta entreaberta. Meu coração derreteu quando a vi estender as mãos para um homem Temern, cerca de uma cabeça mais alto do que ela. Ele tinha penas douradas com asas marrons.

Uma pontada de inveja percorreu meu corpo quando ele gentilmente pegou suas mãos, olhando para ela como se ela fosse a maior maravilha do universo. Ele a puxou para si e eles acariciaram suavemente os bicos um contra o outro antes de se abraçarem. Ela se derreteu em seus braços, suas asas se achatando contra seu corpo enquanto as asas enormes dele a envolviam. Com os olhos fechados com uma expressão de pura felicidade, o homem apoiou a bochecha no topo da cabeça de Linsea. Eu não sabia dizer com certeza, mas poderia jurar que um ou ambos estavam arrulhando.

Com óbvia relutância, o homem – que presumi ser seu marido – a libertou. Ele acariciou seu rosto com infinita ternura, o que provocou em Linsea aquela mesma expressão quase tímida. Depois de esfregar o bico nela uma última vez, ele pegou sua mão e a conduziu em direção à sala onde eu estava sentada.

Eu me recostei rapidamente na cadeira, sentindo-me um pouco culpada por espionar o momento de carinho deles. O que eu não daria para compartilhar esse tipo de conexão com alguém. Eu estava solteira há muito tempo. Não era como se os Executores não tivessem muitos homens excelentes de todas as espécies para escolher, mas nenhum deles mexeu comigo da maneira certa.

— Kaida, por favor, conheça meu marido, Kayog Voln — Linsea disse assim que entraram na sala — Meu amor, esta é Kaida Daigo, a Ejaya de Cedros.

— Senhorita Daigo, é um prazer finalmente conhecê-la — Kayog disse, seus olhos prateados brilhando com gentileza e diversão.

Meu rosto imediatamente esquentou. Embora ele não fosse um leitor de mentes, eu suspeitava fortemente que ele sabia que eu os espionei. Se ele não tivesse me visto, provavelmente sentiria minhas emoções. O sutil alargamento de seu sorriso pareceu confirmar minhas suposições.

— O prazer é meu, Sr. Voln — eu disse enquanto os dois se sentavam nas cadeiras do outro lado da mesa, à minha frente.

— Eu entendo que você trata minha amada pelo primeiro nome — Kayog disse com uma voz doce e alegre — Posso ter a ousadia de pedir o mesmo privilégio?

— Claro, eu também não gosto de formalidades — eu disse com um sorriso, gostando dele instantaneamente — Mas devo dizer que é adorável ver vocês dois trabalhando juntos.

Ambos riram. Kayog lançou um olhar afetuoso para sua companheira e acariciou sua bochecha com as costas da mão. Ele então voltou sua atenção para mim.

— Acredite em mim, Kaida, é um prazer muito raro. Nossas respectivas carreiras nos obrigam a viajar muito, muitas vezes para extremos opostos da galáxia. Mas nós aproveitamos todas as oportunidades para ficarmos juntos.

— Certo. Linsea disse que você não é um embaixador como ela. Posso perguntar o que você faz? — eu perguntei.

Pelo olhar que ele me deu, Kayog não se deixou enganar pela minha tentativa nada sutil de descobrir como diabos ele se encaixava em toda essa bagunça de dragão.

— Eu sou o fundador e agente principal da Agência Prime — Kayog disse.

Meu cérebro congelou — Você é um casamenteiro de alienígenas primitivos?

Eu estremeci assim que as palavras saíram da minha boca. Eu não queria parecer depreciativa ou desrespeitosa. Para meu alívio, Linsea riu enquanto Kayog começou a gargalhar.

— Eu certamente sou isso, entre outras coisas — o Temern disse

com uma voz divertida.

Eu sorri de volta antes de ficar séria rapidamente. Eu lambi meus lábios nervosamente enquanto escolhia cuidadosamente minhas palavras — Olha... uh... eu não tenho certeza de como você se encaixa em toda essa situação. No entanto, embora eu esteja bastante disposta a assumir a missão que Linsea mencionou anteriormente, eu não tenho absolutamente nenhuma intenção de me prender em um casamento de conveniência com algum estranho.

— Uma resposta muito compreensível e razoável — Kayog admitiu, também sério. Ele lançou um olhar curioso para sua companheira — Até onde foi sua discussão antes de eu interrompê-la?

— Seu timing foi perfeito, Kay. Acabamos de chegar à sua parte nisso — Linsea disse.

— Excelente — ele respondeu, voltando-se para mim — Como minha Linsea provavelmente mencionou para você, eu tive discussões com Cedros e com o Conselho de Derakeen. Embora ele esteja muito aberto a qualquer coisa que seja do seu agrado, o Conselho nem tanto. Eles são bastante inflexíveis quanto ao cumprimento de suas leis, já que Cedros é um de seus Senhores das Sombras mais poderosos. Um casamento de conveniência era o único compromisso temporário com o qual concordariam.

— Me forçando-me a bancar a esposa de um estranho? — eu exclamei.

Kayog levantou uma mão apaziguadoramente — Embora seja de fato um casamento legal, neste caso específico, nós anularíamos a cláusula de intimidade. Cedros concordou com isso. Ele apenas pede a paz e a cura que só você pode proporcionar a ele.

Eu nervosamente coloquei uma mecha de cabelo atrás das orelhas, um milhão de pensamentos disparando em minha mente enquanto eu me perguntava por que diabos eu estava considerando isso.

— Ele é um homem muito bom, que você definitivamente vai gostar muito. Quando esse período temporário terminar, suspeito que seja você quem não está disposta a sair.

Eu estreitei meus olhos para ele — Quão temporário isso seria?

Ele me deu uma expressão tímida — De acordo com as regras da Agência Prime, são seis meses. No entanto, eu não vou mentir para você. E já posso dizer com convicção que o Conselho de Derakeen tentará desafiar o seu potencial desejo de partir quando esse tempo acabar.

— Desafiar ou me impedir completamente? — eu insisti.

— Desafiar. Eles não podem coagi-la a ficar — ele especificou.

— Mas eles estão me *coagindo* a casar com ele — eu argumentei — Quando meus seis meses terminarem, ou o tempo que eu levar para completar a missão, eu vou querer ir embora. O problema de Cedros

ainda não será resolvido se ele não conseguir encontrar uma Ejaya substituta.

Desta vez, Linsea interveio com voz gentil — Você está certa. Porém, embora eles exijam que você vá para Dramnac agora, você terá seis meses para construir uma amizade com Cedros. Seis meses para encontrar uma solução que lhe permitirá recuperar a vida que escolheu, ao mesmo tempo que atende às necessidades dele.

— Tipo o quê? — eu insisti.

— Como ele vir até você sempre que precisar de um abraço — Kayog disse com uma voz provocante — Afinal, ele pode abrir portais para praticamente qualquer lugar da galáxia. Você nem precisaria sair de casa.

Eu cocei minha nuca e balancei a cabeça lentamente — Ok, sim, isso pode funcionar. Supondo que ele não apareça precisando de um ‘abraço’ bem no meio de uma missão. Mas do que exatamente estamos falando em termos de abraços?

Kayog riu — Os Senhores das Sombras precisam de contato com sua Ejaya. Normalmente, eles vão te abraçar, esfregar o rosto em você e apenas se aproximar *muito* de você. Embora não haja *absolutamente* nada de sexual nisso, quanto mais direto o contato, mais eficaz ele é.

— Por que parece que você quer dizer que isso deve ser feito com nudez? — eu resmunguei, franzindo a testa.

Kayog sorriu enquanto sua companheira ria.

— Porque é o que ele quer dizer — Linsea disse.

— De fato. Afinal, assim como nós, Temerns, os Derakeens não usam roupas. Então, por enquanto, sugiro que você leve biquínis, shorts curtos e tops curtos para todos os abraços, até que se sinta confortável o suficiente para fazê-lo sem roupas.

Minha testa franziu ainda mais — Você está presumindo que eu vou aceitar.

— Eu sei que você vai aceitar. Eu posso ler suas emoções, lembra?

— Kayog disse presunçosamente — Não olhe para mim, minha querida Kaida. Seu sacrifício nos permitirá evitar uma guerra, fornecerá à OPU um detetive local que possa impedir a proliferação de uma ferramenta perigosa e trazer paz a um homem gentil e protetor de múltiplos reinos. Você terá seis meses para conhecê-lo e encontrar a solução perfeita a longo prazo. Mas depois de conversar com vocês dois, eu posso dizer com absoluta certeza que você não vai *querer* deixar Dramnac ou Cedros... nunca.



Capítulo 3

Cedros

Quatro dias. Quatro longos e dolorosos dias desde a última vez que segurei minha Ejaya... desde que senti seu perfume divino. Cada célula do meu corpo doía de necessidade. Até minhas escamas doíam com a abstinência brutal. Segurá-la em meus braços me deu muita paz, uma paz tão deliciosa, como eu nunca havia sentido antes.

Mas uma humana?

Eu ainda não conseguia entender o fato de que minha Ejaya pertencia a uma espécie diferente. Em toda a história dos Senhores das Sombras, nenhum jamais foi emparelhado com uma extraterrestre.

Porém, alguns dos meus irmãos morreram loucos por nunca encontrarem sua Ejaya.

Será que a deles também era uma humana ou nascida de uma espécie completamente diferente? Eu nem queria contemplar um pensamento tão terrível. Existem infinitos mundos, físicos e etéreos – incontáveis reinos sombrios cuja existência os habitantes dos mundos físicos nem sequer poderiam imaginar. Nenhum Senhor das Sombras poderia explorar todos durante a vida para encontrar sua Ejaya, se ela realmente pudesse ser de qualquer espécie.

Eu só poderia louvar os deuses por finalmente terem colocado minha pequena humana em meu caminho. Eu tinha começado a acreditar que morreria louco, pois havia explorado todas as fases e áreas do mundo fragmentado de Dramnac, nunca encontrando aquela que era destinada a mim.

Ainda me irritava o fato de Kaida ter precisado de alguns dias para encerrar sua vida anterior e arrumar suas coisas antes de vir até mim. Embora razoável, isso prolongou minha agonia. Assim que ela chegasse, eu precisaria de toda a minha força de vontade para não me atirar nela e me deleitar com o êxtase de seu abraço. Ela não era Derakeen. Ela não conhecia os costumes de uma Ejaya. Eu tinha que tomar cuidado para não assustá-la e afastá-la com minhas necessidades constantes.

Embora o atraso de Kaida em vir aqui fosse para que ela não tivesse que sair novamente, ela só se comprometeu a ficar comigo por

seis meses. A saída dela depois disso era simplesmente inaceitável. Eu encontraria uma maneira de ligá-la a Dramnac. Eu tinha pouca esperança de que pudesse fazê-la me amar. Além de não ser nada parecido com seus homens humanos, eu era estranho e socialmente desafiado. Mas eu iria mimar Kaida, cuidar de todas as suas necessidades e fazê-la se apaixonar por Dramnac. Eu só podia esperar que ela não achasse minha aparência muito desagradável.

O Conselheiro Gavyr soltou outro suspiro. A julgar pelo seu andar constante no meu terraço, era como se fosse ele quem aguardava a chegada de sua Ejaya. Como costumava acontecer com os Derakeens de escamas vermelhas, ele tinha um temperamento rápido e impaciente, características estranhas para um Conselheiro. Você pensaria que a idade o teria acalmado, mas aos cinquenta e seis anos ele continuava facilmente irritável. E, no entanto, eu não poderia reclamar neste caso.

Suas exigências rígidas para que minha Kaida se instalasse em Dramnac desempenharam um papel importante em convencê-la a vir até mim. Uma parte de mim se sentiu culpada por ter coagido minha Ejaya a ficar ao meu lado. Mas ela foi criada para mim. Eu pretendia totalmente compensar isso com ela. A qualquer momento, Kayog ligaria para que eu abrisse o portal que a traria até mim.

Em breve, o sol atingiria o seu zênite sobre o planalto flutuante privado sobre o qual eu tinha erguido o meu covil. Como um dos mais poderosos Senhores das Sombras da região de Oddran – se não de todos os Dramnac – eu tinha direito a imóveis de primeira linha. Embora muitos dos nobres e membros ricos da nossa sociedade exibissem frequentemente o seu tesouro com decorações extravagantes, terrenos pavimentados com pedras raras ou gemas, eu mantive o meu elegante, mas principalmente natural. Eu adorava a sensação da grama sob meus pés e a beleza natural do mundo. Eu só podia esperar que minha Kaida sentisse o mesmo.

Mas eu mudarei tudo, se isso a deixar feliz.

Gavyr suspirou novamente e lançou um olhar impaciente para sua braçadeira. Eu mexi minhas asas enquanto tentava pensar em algo inteligente para dizer, para pelo menos entretê-lo com uma conversa. Mas, como sempre, minha língua virou chumbo. Enfim, o que se discutia com um Conselheiro? Pelo menos, seu ritmo o mantinha a uma distância confortável de mim. Todos os Derakeens regulares como ele falhavam em controlar adequadamente suas habilidades de transformação, o que tornava ficar perto deles bastante desagradável.

— Finalmente! — Gavyr exclamou, me assustando — Kayog enviou o sinal. Você pode invocar o portal.

Meu coração saltou. A estranha mistura de empolgação e medo tomou conta de mim. Eu forcei os pensamentos de todas as coisas que

poderiam dar errado para fora da minha cabeça enquanto chamava as sombras para mim. Elas fluíram pelo meu corpo, crescendo em força como uma tempestade no meu peito. O mundo ficou turvo ao meu redor enquanto eu me concentrava no destino. O tecido do mundo se rasgou diante da minha mente, assumindo a forma escura de um vórtice gigante até que o centro se transformou em uma janela através do espaço, o que me permitiu ver minha Kaida ao lado de Kayog.

Eu disparei nele a energia sombria acumulada em meu peito, abrindo um portal gigante alguns metros à minha frente, com a entrada a anos-luz daqui na frente da minha Ejaya. Como sempre que eu abria um portal, ele queimava como se uma parte da minha alma estivesse sendo arrancada. Mas desta vez, eu aceitei o desconforto.

O Temern saiu primeiro do portal, com uma mulher humana que eu não conhecia atrás dele. E então minha Kaida, seguida por um pequeno carrinho flutuante carregando um par de caixotes e uma sacola grande que presumi serem seus pertences.

Pelos Deuses! Seu perfume divino me atingiu com uma violência que me deixou tonto. Minha boca encheu de água, minhas escamas e cada terminação nervosa doíam de necessidade. Para minha vergonha, eu pude me sentir tremendo com o esforço necessário para silenciar minha vontade de correr e abraçá-la. No entanto, qualquer que seja a expressão que Kaida viu em meu rosto pareceu assustá-la quando ela deu o que eu presumi ser um passo involuntário para trás.

Envergonhado, eu fechei os olhos e respirei fundo, apenas para abri-los novamente. Que ideia estúpida! Eu apenas inalei mais seu perfume, exacerbando minha necessidade ardente de tocá-la, de envolver meu corpo ao redor dela. Ela nem era atraente para os padrões de Derakeen. E, no entanto, eu nunca desejei tanto uma mulher.

— Mestre Kayog, aí está você finalmente — disse o Conselheiro Gavyr, seu descontentamento com a espera mal disfarçado.

— Na verdade, Conselheiro Gavyr, acredito que estamos quatro minutos adiantados — Kayog disse com voz alegre — Mas entendo sua ansiedade.

Em circunstâncias diferentes, eu teria me divertido com a maneira habilidosa como o Temern corrigiu o Conselheiro mal-humorado. Mas meu cérebro estava focado em me impedir de me atirar na minha Ejaya como uma fera raivosa.

— Certo — respondeu o Conselheiro Gavyr.

— Conselheiro, Cedros, por favor, conheçam Isobel Biondi, uma sacerdotisa humana reconhecida pela Organização dos Planetas Unidos — Kayog continuou com o mesmo tom despreocupado — Ela oficializará a união humana. E esta é a sua Ejaya, Cedros. Conheça a adorável Kaida Daigo. Kaida, este é Cedros Qhelian e o conselheiro de

Derakeen, Gavyr Strono.

Eu pressionei a palma da mão contra o coração e inclinei profundamente a cabeça, sentindo-me quase tonto ao fazer isso.

— É um prazer conhecê-lo, Cedros — Kaida disse com sua voz doce e musical, causando arrepios na minha espinha.

— É uma honra para toda a vida finalmente conhecê-la, minha Ejaya — eu disse, surpreso por uma única palavra inteligível ter conseguido cruzar meus lábios — Obrigado por consentir em vir até mim.

Seu rosto suavizou-se da maneira mais encantadora e ela quase pareceu tímida por um momento.

— Bem-vinda, Ejaya Kaida — disse o Conselheiro Gavyr, quebrando a magia do momento — Estou satisfeito por você ter feito a escolha certa. É uma grande honra servir um Senhor das Sombras.

Eu me encolhi interiormente e lancei um olhar preocupado para Kaida. Para meu alívio, além de parecer pouco impressionada, ela não parecia ofendida por seus modos arrogantes.

— Bem, se estivermos todos prontos, podemos prosseguir com a cerimônia — Kayog disse com o mesmo entusiasmo. Eu fiz menção de dissipar o portal, mas ele levantou a mão, me impedindo — A menos que mantê-lo aberto seja um esforço para você, não será necessário dissipar o portal. Esta cerimônia é muito breve e apenas uma formalidade para torná-la legal e vinculativa para a OPU.

— Muito bem — eu disse.

— Por favor, fiquem cara a cara e segurem as mãos um do outro — disse a sacerdotisa humana.

Kaida se aproximou de mim com passos determinados e eu a encontrei no meio do caminho. Eu não deveria estar tão surpreso que ela não estivesse nervosa. Afinal, ela era uma Executora da OPU, uma protetora de seu povo, assim como eu. Ela lançou um olhar distraído para a vista deslumbrante de Oddran. Embora isso parecesse admirá-la, Kaida rapidamente voltou sua atenção para mim.

Eu gostei daquilo.

Um raio me atingiu quando ela colocou suas mãos pequenas nas minhas, muito maiores. Minha boca ficou seca e minha garganta esquentou. A câmara de aquecimento localizada nela estava cheia de hidrogênio, pronta para ser acesa quando um ronronar alto de alegria me escapou.

Mortificado, eu cerrei os dentes e engoli em seco para silenciar o som indesejável. Os olhos de Kaida se arregalaram. Eu não sabia dizer se o choque, a confusão ou uma mistura de ambos levaram a essa resposta. Mas pela maneira como seu olhar se fixou em minha garganta, eu já sabia que minhas escamas douradas estavam brilhando devido ao meu desejo reprimido de cuspir fogo em êxtase.

— Perdoe seu Senhor das Sombras — disse o Conselheiro Gavyr com uma voz entediada — Ele ainda está se recuperando do jokraz. A falta de uma Ejaya o tem torturado, e agora ele está lutando para controlar sua resposta fisiológica devido ao alívio esperado que sua presença lhe proporciona. Isso passará em alguns dias.

Minhas escamas queimaram de humilhação pelo Conselheiro ter exposto assim minha fraqueza. Pior ainda, ele fez isso de uma forma tão desdenhosa e arrogante. Um viciado fora de controle não era a primeira impressão que eu queria dar à minha Ejaya humana. Nossas mulheres entendiam bem o estado em que eu estava, mas Kaida não.

Para minha surpresa, em vez de olhar para mim de uma forma preocupada ou desapontada, Kaida olhou feio para o Conselheiro, como se quisesse expressar que sentiu que o comentário dele tinha sido inapropriado — e realmente tinha sido. Ela então se virou para olhar para mim com simpatia. Ela sorriu e apertou suavemente minhas mãos, no que só pude interpretar como encorajamento.

Uma onda de calor encheu meus corações, mesmo quando eles se contraíram com uma emoção de gratidão pela minha Kaida. Ela podia não conhecer o modo das Ejayas, mas claramente tinha a alma de uma delas.

— Estamos reunidos aqui para celebrar a união desta mulher, Kaida Daigo, e deste homem Derakeen, o Senhor das Sombras Cedros Qhelian, no vínculo sagrado do casamento. Essa união deve ser celebrada livremente, com intenções honestas, um compromisso genuíno, e não para ganhos financeiros ou fins enganosos — disse a sacerdotisa — Kaida Daigo, você aceita livre e voluntariamente este homem Derakeen, Cedros Qhelian, como seu marido legalmente casado, para o bem ou para o mal, nos bons momentos e nas dificuldades, na saúde e na doença, até que a morte os separe?

— Eu aceito — Kaida disse, a firmeza de sua voz me agradando imensamente.

— Cedros Qhelian, você aceita livremente esta mulher, Kaida Daigo, como sua esposa legítima, para o bem ou para o mal, nos bons momentos e nas dificuldades, na saúde e na doença, até que a morte os separe?”

— Sim. De todo o coração — eu respondi com muita ansiedade.

— Kayog Voln, você testemunha que esta mulher humana, Kaida Daigo, e este homem Derakeen, Cedros Qhelian, se comprometeram livremente a serem legalmente casados um com o outro de acordo com as leis humanas e galácticas?

— Sim — Kayog disse.

— Pelo poder que me foi conferido pelo Colégio Clerical da Terra e pela Organização dos Planetas Unidos, eu os declaro marido e mulher. Cedros Qhelian, você pode beijar a noiva — disse a Sacerdotisa

Biondi.

Eu sabia o que era um beijo. Eu também sabia que tipo de beijos castos os humanos trocavam no final de seus votos de casamento. Nos últimos dias, enquanto esperava minha Ejaya finalmente vir até mim, eu ensaiei um milhão de vezes como iria impressioná-la com a maneira gentil e respeitosa com que a beijaria. Mas no momento em que ela se aproximou de mim e ergueu o rosto em direção ao meu, a fome ardente que sua mera presença acendeu em mim voltou com força total. No segundo em que nossos lábios se tocaram, todo pensamento racional fugiu da minha mente.

Eu não conseguia me lembrar de tê-la pegado no colo, mas a sensação repentina de seu corpo flexível em meus braços me deixou louco. Eu senti vagamente o suspiro de Kaida contra minha boca enquanto a pressionava contra meu peito. Seus lábios eram macios e quentes sob os meus e despertaram uma chama estranha na boca do meu estômago. Mas uma necessidade maior superou a minha curiosidade sobre esta resposta fisiológica inesperada pela minha Ejaya.

Kaida enrijeceu em meus braços, mas não lutou nem tentou se libertar do meu abraço. Eu quebrei o beijo, esfreguei meu rosto no dela e ao longo de seu pescoço esguio. Macio... tão incrivelmente macio! Eu inalei profundamente seu perfume, o aroma divino fazendo minha cabeça girar. Minha câmara de aquecimento aqueceu e um ronronar rosnado surgiu da minha garganta quando meus hormônios nezaronas começaram a fluir através de mim. Eu me senti bêbado, a dor latejante em minhas escamas e terminações nervosas dando lugar a um formigamento de felicidade.

— Minha Ejaya... — eu sussurrei com uma voz quase dolorida.

Eu precisava libertá-la antes de assustá-la, mas ainda não podia. Um minuto... só mais um minuto e eu faria isso. Para minha surpresa, Kaida passou um braço em volta do meu pescoço e acariciou suavemente meu cabelo com a mão livre. Uma onda de paz tomou conta de mim enquanto eu apertava meu abraço ao redor dela.

— Tudo bem. Você vai ficar bem — Kaida disse com uma voz suave — Eu estou aqui agora.

— Minha Kaida...

Eu pronunciei as palavras na curva de seu pescoço e dei um beijo agradecido em sua artéria palpitante como agradecimento. Reunindo toda a minha força de vontade, eu me forcei a libertá-la. Eu ainda me sentia tonto, bêbado com esse breve gosto do divino. Em vez de se afastar imediatamente de mim, Kaida deu um passo para trás e me deu um sorriso gentil. A preocupação que eu senti desapareceu instantaneamente e eu sorri de volta. Sim, minha pequena humana realmente tinha o coração de uma Ejaya, mesmo que ela

provavelmente não percebesse isso.

Minhas escamas escureceram de vergonha ao ver as outras pessoas presentes olhando para o espetáculo que eu havia acabado de fazer de mim mesmo. O Conselheiro Gavyr parecia excessivamente entediado e irritado. A Sacerdotisa Biondi parecia extremamente desconfortável, mantendo os olhos desviados. Mas Kayog inclinou a cabeça para o lado enquanto lançava um olhar avaliador para mim e Kaida. Embora eu não conseguisse ler sua expressão, eu tive uma impressão forte e distinta de que tudo o que suas habilidades empáticas haviam percebido de nós o agradava.

Isobel Biondi pigarreou e deu alguns passos hesitantes em direção a Kaida e a mim, enquanto estendia uma espécie de tablet — Se vocês dois fizerem a gentileza de pressionar os polegares em suas respectivas caixas de assinatura, podemos completar as formalidades finais e dar-lhes... privacidade.

As bochechas de Kaida ficaram vermelhas e meus olhos se arregalaram em compreensão repentina. É claro que a sacerdotisa humana teria interpretado o meu comportamento como uma libido descontrolada. Eu não conseguia decidir se esse pensamento me divertia ou me fazia sentir ainda mais mortificado. Minha Ejaya pressionou o polegar na caixa apropriada e eu fiz o mesmo.

— Bem, isso conclui tudo — Kayog disse enquanto batia em algo na interface de sua braçadeira, tirando todos nós de nosso sofrimento coletivo — Agora deixaremos vocês dois se conhecerem melhor. Como lembrete, não é necessário um ritual de casamento em Derakeen.

— Seja como for, tenho certeza de que um vínculo ocorrerá entre eles antes que os seis meses acabem — interrompeu o Conselheiro Gavyr em um tom que significava problemas.

— O tempo dirá — Kayog respondeu de forma evasiva.

Ele se virou para olhar o portal com uma expressão de expectativa. Para nossa surpresa, um homem humano apareceu carregando uma caixa de tamanho médio que colocou no carrinho flutuante da minha Ejaya.

— Obrigado, Culvert — Kayog disse de forma amigável ao homem, que acenou com a cabeça em resposta antes de sair pelo portal — Minha querida Kaida, este é o seu dote. Espero que você ache esses itens úteis para tornar sua nova vida aqui mais agradável. Não hesite em entrar em contato comigo se precisar de alguma coisa.

— Obrigada, Mestre Voln, por tudo. Por favor, dê meus cumprimentos a Linsea — Kaida respondeu.

O rosto do Temern derreteu-se em uma expressão terna que imediatamente imaginei ser uma resposta ao nome Linsea. Sua companheira?

— Eu certamente irei. Desejo a você o melhor também, Cedros —

continuou Kayog.

— Obrigado, Kayog.

Depois de se despedir do Conselheiro Gavyr, o Temern e a sacerdotisa humana saíram pelo portal. Ao mesmo tempo em que o dissipai, Gavyr partiu, me deixando finalmente sozinho com minha Ejaya.

Meu olhar imediatamente se fixou nela, meu corpo ainda doía pelo contato prolongado com ela. Kaida se mexeu inquieta e passou os braços em volta da cintura enquanto me olhava com cautela.

— Parece que você quer me devorar — ela disse com uma risada nervosa — Vocês não comem pessoas, eu espero?

Eu engoli em seco e balancei a cabeça diante de sua tentativa óbvia de acalmar a tensão com humor — Me desculpe se meu olhar a deixa desconfortável. Eu quero muito abraçá-la.

Seus olhos se arregalaram levemente — Mas você acabou de fazer isso.

Eu bufei — Eu preciso de mais... muito mais. Os aqrats me infligiram muitos, muitos ferimentos durante aquela batalha, e eu já estava prestes a cair nas mãos do jokraz antes dela. Eu ainda tenho uma grande quantidade de toxinas para eliminar.

— Oh, tudo bem. Hmm... Podemos levar minhas coisas para dentro primeiro e depois você pode me abraçar de novo? — Kaida perguntou.

Eu não sabia como ler a resposta dela. Sua voz não parecia irritada ou resignada, mas também carecia de qualquer tipo de entusiasmo.

— Claro — eu respondi.

Para meu alívio, ela gesticulou de uma forma que colocou a plataforma flutuante em movimento. Embora tivéssemos tecnologia semelhante, eu não tinha ideia de como a dela funcionava. Na verdade, nós quase nunca usávamos as nossas, já que a maioria de nós simplesmente movia objetos com nossas habilidades telecinéticas.

Eu olhei de relance para Kaida enquanto nos aproximávamos das enormes portas de vidro que levavam ao meu covil.

— O quanto você odeia ser minha Ejaya? — eu deixei escapar, imediatamente me culpando por isso.

O queixo de Kaida caiu e seus passos vacilaram quando uma expressão estranha misturada com culpa passou por suas feições — Uau, você é direto.

— Um Senhor das Sombras e sua Ejaya discutem abertamente qualquer assunto. Mas posso tentar me ajustar, se não for o jeito dos humanos — eu respondi.

— Não, está tudo bem. Eu gosto de discussões honestas. Acho que você me pegou de surpresa — ela disse enquanto as portas se abriam diante de nós para a grande cozinha aberta e área de estar. Ela parou

para me encarar — E não, eu não ‘odeio’ ser sua Ejaya. Eu adoro a ideia de que a minha mera presença pode curar alguém e trazer-lhe paz. Mas eu acabei de ser arrancada da minha vida. Eu estou em um planeta estrangeiro, com um completo estranho, que precisa de um contato frequente e muito próximo comigo. Isso é... um pouco opressor.

Um sentimento de culpa tomou conta de mim — Eu entendo. Lamento pelo inconveniente, mas não por te encontrar.

Aquela mesma expressão estranha cruzou suas feições. Seu olhar então percorreu meu corpo antes de se fixar novamente no meu.

— Você está com dor? Você está tremendo — Kaida perguntou com uma voz suave e um pouco preocupada.

— Sim. Eu estou voltando à abstinência.

— Abstinência?! — ela exclamou.

— Eu já usei o hormônio nezarona que você havia produzido antes. Eu preciso de muito mais para combater a infecção — eu expliquei.

Eu me senti nervoso. Falar do meu estado atual só exacerbou meu desconforto. Quanto mais cedo eu acomodasse Kaida, mais cedo eu poderia abraçá-la novamente.

— Esta é a cozinha — eu disse, apontando para ela — Eu raramente a uso, mas a adaptei às suas necessidades. Eu mostrarei como operá-la mais tarde. E ali...

— Cedros, pare — Kaida disse, me assustando. Eu dei a ela um olhar curioso — Você pode me dar um tour mais tarde. Não há razão para você continuar com dor, se simplesmente me abraçar pode te aliviar.

Meu coração deu um pulo e eu quase aceitei a oferta dela antes de me controlar — Isso... pode demorar um pouco. Quero dizer, eu terei que segurá-la por um longo período, não apenas alguns minutos.

— Eu entendo... — ela disse, parecendo um pouco desanimada. Kaida respirou fundo e endireitou os ombros — Bem, é para isso que eu estou aqui. Vamos fazê-lo se sentir melhor. Onde você quer fazer isso?

Meu coração se derreteu de carinho e gratidão pela mulher — Por aqui, minha Ejaya — eu disse, apontando para o meu ninho.

Kaida me seguiu em silêncio, seus olhos se movendo de um lado para o outro enquanto ela observava o interior do meu covil. Para minha alegria, ela pareceu apreciar o que viu. Mas isso teria que esperar até mais tarde. Todo o meu corpo vibrava de antecipação.

Eu abri as grandes portas de madeira primorosamente ornamentadas da minha câmara de nidificação e gesticulei para Kaida entrar.

— Ah, uau! — ela exclamou, parecendo impressionada ao observar

o lugar — Isso é impressionante!”

Meu peito estufou de orgulho com a reação dela. Janelas reflexivas do chão ao teto cercavam a sala circular. Olhando para fora, parecia que estávamos suspensos no ar, o que não era totalmente falso. No alto, uma cúpula de vidro nos dava uma visão desimpedida do céu opalescente e cintilante de Dramnac. Na verdade, ela poderia abrir, permitindo-me voar diretamente para dentro ou para fora do meu ninho. O ninho circular e recuado no centro da sala ocupava mais da metade do espaço.

— Eu construí um espaço nesta parede para você colocar suas coberturas — eu expliquei, apontando para ele — Eu também adicionei esta cadeira aqui, pois entendo que os humanos sempre têm uma em suas câmaras de nidificação.

— Isso é muita consideração da sua parte — Kaida disse, parecendo um pouco nervosa.

— É aqui que nos deitamos — eu acrescentei, lutando para não perder a batalha contra a minha necessidade crescente de abraçá-la.

— Tudo bem — ela disse. Respirando fundo novamente, ela caminhou em direção à cadeira, tirou as coberturas dos pés e as colocou sob ela, depois olhou para o ninho — Eu devo simplesmente entrar?

Eu quase disse sim, antes de franzir a testa para a cobertura de seu corpo. Eu precisava de muito mais contato direto do que isso. Toda coberta de preto, a parte de cima expunha parte do peito e do pescoço em formato de V, mas o tecido escondia todo o resto, até os pulsos. Da mesma forma, a cobertura inferior da mesma cor pendia um pouco frouxamente em torno de cada uma das pernas, até os tornozelos.

Percebendo meu olhar de desaprovação, Kaida fez uma careta e seus ombros caíram.

— Certo, essa parte — ela murmurou.

Para minha agradável surpresa, ela imediatamente removeu a cobertura superior, apenas para revelar uma cobertura inferior menor que escondia os dois montes de seu peito. Para minha consternação, a remoção da cobertura inferior também expôs uma cobertura inferior mais curta. Ambas abraçavam seu corpo como uma segunda pele.

Pelo olhar que eu dei a ela, Kaida imediatamente entendeu minha expectativa de que ela também os removeria. Ela franziu a testa e assumiu uma expressão desafiadora.

— Minha calcinha não vai a lugar nenhum. Isto é o máximo que consentirei em me despir para acomodar sua necessidade de maior contato — Kaida disse com voz firme.

Apesar da minha vontade ardente de discutir, eu segurei a língua e acenei com a cabeça. Isso já era uma melhoria significativa em comparação. Eu finalmente pude ver como minha Ejaya realmente

era. Deuses, ela parecia tão delicada e frágil. Sua pele pálida, quase translúcida em alguns lugares, parecia rasgar facilmente se fosse manuseada mesmo com a menor aspereza. Ela não possuía garras, apenas unhas suavemente arredondadas e nenhuma outra defesa natural visível. Até os dentes dela eram pouco afiados. Kaida parecia uma obra de arte ou peça colecionável mantida em segurança dentro de seu covil, indefesa demais para se defender sozinha.

E ainda assim, ela é uma Executora condecorada da OPU.

Eu gostei da suavidade de seus longos cabelos castanhos escuros, da mesma cor de seus olhos. Eram olhos estranhos, um círculo redondo colorido com uma pupila redonda centralizada em vez de uma fenda vertical como a nossa. Os apêndices também arredondados e abanos que serviam de ouvidos para os humanos pareciam bizarros. E ainda assim, eles eram fofos à sua maneira. Apesar de tudo isso, Kaida tinha um nariz estranho, mas bonito, e lábios muito bonitos que deixariam muitas mulheres de Derakeen com inveja. Suas pernas retas e pés estranhos demorariam um pouco mais para eu me acostumar. Mas no final, a sua aparência perturbadora era irrelevante. Eu não precisava dela como companheira, mas como minha Ejaya. E agora mesmo, eu iria me deleitar com o contato sedoso de sua frágil pele humana contra mim.

Eu estendi a mão para ela. Kaida lambeu os lábios nervosamente e depois veio até mim de boa vontade. Eu a puxei para meu abraço, e um grunhido de felicidade escapou de mim enquanto um calor escaldante inflamava minhas escamas e terminações nervosas em todos os lugares onde sua pele nua entrava em contato comigo.

— Minha Kaida... — eu sussurrei enquanto a pegava no colo e enterrava meu rosto em seu pescoço.

Ela gritou e se agarrou a mim quando eu bati as asas para nos levar até o ninho e nos acomodar no centro. Andar sobre a almofada grossa e macia poderia ser um pouco estranho sozinho. Com nós dois, seria um desastre.

Sem soltar meu abraço, eu me deitei, me envolvendo em torno de seu corpo macio, incapaz de parar os intermináveis gemidos estrondosos que saíam de mim. Kaida se mexeu uma vez, duas vezes e depois se empurrou levemente para trás, o que fez com que meus braços se apertassem instintivamente ao redor dela.

— Você está me esmagando — ela reclamou, empurrando com mais força.

— Oh, me desculpe — eu disse, afrouxando rapidamente meu aperto.

— Está tudo bem, mas você é muito forte — Kaida respondeu em tom conciliatório — Você pode abraçar o quanto quiser, mas tome cuidado com a força com que segura e tente não me sufocar. Eu

preciso respirar também.

Embora envergonhado com o quão imprudente minha ganância me tornou, a pequena risada em sua voz enquanto ela pronunciava essas palavras suavizou a reprovação subjacente muito válida.

— Sinta-se à vontade para me cutucar aqui ou morder meu pescoço se eu te machucar ou esmagar de novo — eu disse no mesmo tom brincalhão, apontando para um ponto sensível do meu lado.

— Tenho certeza de que não vou ter que te mutilar — Kaida respondeu, enquanto se acomodava em uma posição mais confortável contra mim.

Eu me enrolei nela novamente, me certificando de que ela estava bem. Deuses, sua pele era tão macia! Eu sabia que segurar minha Ejaya seria maravilhoso, mas nada me preparou para essa sobrecarga sensorial.

— Minha Ejaya...

— Isso... está te ajudando? Seus hormônios estão fluindo de novo? Sua voz estava quase tímida quando ela perguntou.

— Sim. Isso é maravilhoso. Você cheira como a brisa mais fresca da manhã. Sua pele contra a minha parece a carícia dos primeiros raios de luz quando emerjo da escuridão fria do vazio. Abraçá-la é como abraçar o divino — eu disse, minha voz arrastada nas últimas palavras.

— Uau... Isso é uma coisa muito legal de se dizer a uma mulher.

Sua voz estava baixa, quase um sussurro como a minha. Eu tentei sorrir, mas não sei se ela viu. Minha cabeça estava girando e um torpor crescente tomava conta de mim enquanto nezarona inundava cada vez mais meu sistema. Eu não lutei e deixei minha consciência ser varrida.



Capítulo 4

Kaida

Em circunstâncias diferentes, eu ficaria ofendido se me encontrasse na cama - de calcinha, ainda por cima - com um cara que adormeceu menos de dois minutos depois de nos deitarmos. Ainda era muito estranho ficar seminua com um homem esquisito obcecado em se esfregar em mim. E, no entanto, eu não estava me importando tanto quanto temia.

Claro, eu não era alérgica a abraçar um ótimo espécime de masculinidade musculoso, como ele era. O fato dele ter os lábios mais sexy da galáxia, feições bastante agradáveis – mesmo que seus olhos de dragão me assustassem um pouco – e abdômen esculpido do jeito que eu gostava também ajudava. No início, eu fiquei preocupada com as escamas e os espinhos nos braços. Eu achei que isso seria um inferno com todos aqueles abraços. No entanto, apesar da sua dureza, eles eram bastante flexíveis ao toque.

Cedros cheirava bem, como uma selvageria indomada. Quando sua garganta brilhava, ela difundia o calor mais agradável que me aquecia até os ossos, fazendo meus músculos relaxarem profundamente. Mas acima de tudo, Cedros parecia gentil. Ele tinha uma aura de inocência infantil. Pelo pouco que eu consegui descobrir sobre sua espécie, suspeitei que ele interagia pouco com outras pessoas, o que poderia explicar sua estranheza.

Eu não tinha dúvidas de que quaisquer toxinas com as quais aqueles monstros do laboratório infectaram Cedros o estavam machucando. Na minha linha de trabalho, muitas vezes eu vi a reação de pessoas que sofrem de abuso de substâncias, finalmente conseguindo a sua dose após uma abstinência brutal. Cedros se comportou da mesma forma no minuto em que me segurou. Ainda me confundia que o contato comigo e meu cheiro eram tudo que ele precisava. Embora meu lado compassivo certamente adorasse trazer essa paz a ele, eu não pude negar que isso também acariciou meu ego.

Mas agora, eu precisava deixar a compaixão de lado e atender às minhas próprias necessidades.

Eu me mexi para olhar para Cedros e imediatamente me arrependi.

Eu não sabia dizer há quanto tempo ele estava dormindo, pelo menos por algumas horas. Durante esse tempo, eu cochilei uma ou duas vezes. Mas esta longa imobilidade fez com que meus membros ficassem dormentes. Eles acordaram com uma sensação desagradável de alfinetes e agulhas em meus pés e mãos. Embora irritante, isso não teria sido tão ruim. Mas a mudança de posição também colocou uma pressão indevida na minha bexiga cheia.

Eu estava tentando ignorar isso por um tempo, mas eu cheguei ao meu limite. Fazer xixi na cama gigantesca de Cedros no primeiro dia não estava na minha lista de tarefas, nem hoje nem nunca... Eu comecei a sacudir Cedros para acordá-lo, já imaginando a constrangedora caminhada de pinguim que eu faria para chegar à sala de higiene para evitar fazer uma bagunça.

Bem na hora, Cedros apertou ainda mais meu abraço e se aconchegou ainda mais, adicionando pressão à minha já muito irritada bexiga. Eu gritei e apertei as pernas, mal reprimindo a vontade de sacudi-lo novamente. Se ele apertasse ainda mais, minha bexiga nos daria o dedo do meio e nos mostraria quem manda.

Me sentindo um pouco culpada, eu bati no ponto “sensível” que ele havia me mostrado antes, que correspondia à área geral dos rins de um ser humano. Nada. Eu cutuquei novamente com um pouco mais de força, ainda nada.

Desculpe amigo, mas eu não vou fazer xixi na cama para poupá-lo de um pouco de desconforto.

Desta vez, eu fechei a mão e dei-lhe um soco sólido – não do tipo que causa hematomas, mas forte o suficiente para que ele sentisse.

E como ele sentiu!

Seus olhos se abriram e seu abraço em torno de mim se afrouxou. Suas pupilas dilatadas se estreitaram em uma fenda em seus ardentes olhos laranja enquanto ele me olhava em estado de choque.

— Me desculpe por machucá-lo — eu disse timidamente — mas eu *realmente* preciso fazer xixi.

— Xixi? — ele repetiu.

Embora confuso com o termo, ele estava surpreendentemente alerta para alguém que havia acabado de ser acordado abruptamente por um soco no rim.

— Eu preciso aliviar minha bexiga — eu expliquei.

— Aliviar sua...? Oh! Você tem que urinar! Sim, eu li sobre as necessidades fisiológicas humanas.

Sem perder tempo, Cedros se levantou, me levantando ao mesmo tempo, e bateu as asas, voando a curta distância até o amplo conjunto de portas do lado esquerdo da entrada do quarto. Para minha surpresa, as portas se abriram muito antes de estarmos perto o suficiente para que qualquer tipo de detector de movimento entrasse

em ação.

Mais uma vez, a visão da sala me tirou o fôlego. Assim como no quarto, gigantescas janelas refletoras cobriam a maior parte das paredes, nos proporcionando uma vista deslumbrante do mundo exterior. Como não havia terreno visível nesta parte da casa, parecia que estávamos flutuando nas nuvens.

O quarto possuía uma enorme área de chuveiro em um círculo levemente recuado, ocupando a maior parte do espaço. No lado esquerdo, na única seção de parede em vez de janelas, havia um grande vaso sanitário perto de uma pia flutuante. Ele não tinha encosto nem caixa d'água, mas tinha dois pilares quadrados de cada lado. O design contabilizava espaço suficiente atrás dele para acomodar a cauda de um Derakeen. No entanto, o buraco parecia grande o suficiente para que eu provavelmente pudesse cair nele se não tomasse cuidado. Mais estranho ainda, não havia água dentro dele, mas sim um vazio escuro que me fez pensar instantaneamente se não tentaria me sugar como um buraco de minhoca.

Mas esses pensamentos errantes tiveram que ficar em segundo plano. Assim que Cedros me colocou de pé, eu apertei minhas pernas enquanto a necessidade urgente de fazer xixi voltava com força total. Era como se minha bexiga soubesse que a libertação era iminente e não pudesse mais esperar.

— Obrigada — eu disse a Cedros, minha voz tensa pelo esforço.

Ele sorriu para mim, sua mão ainda apoiada nas minhas costas enquanto ele olhava para mim com expectativa. Eu olhei, me perguntando o que ele estava esperando, e ele apenas olhou de volta para mim. Eu pisquei, pensando comigo mesma que ele não poderia esperar que eu fizesse xixi na frente dele. Ele franziu a testa, parecendo igualmente confuso.

— Você só precisa abaixar a calcinha e se sentar para se aliviar. Eu vou te segurar para que você não caia — ele explicou finalmente, como se estivesse se dirigindo a uma criança sem noção.

— Eu sei usar o banheiro — eu disse, consternada — Mas eu preciso que você saia agora. Eu não vou fazer xixi na sua frente.

— Por que não? — ele perguntou, parecendo genuinamente confuso.

— Porque não. Isso é algo que nós fazemos em particular!

— Mas essa é uma função natural que...

— CEDROS! Eu preciso *muito* fazer xixi agora, e você está me impedindo de fazer minhas necessidades. Por favor, APENAS VÁ!

Se minha bexiga não estivesse me torturando agora, eu me sentiria mal com a expressão magoada em seu rosto, que ele rapidamente escondeu antes de pigarrear.

— Muito bem. Por favor, tome cuidado para não cair. O buraco é

largo. Você encontrará papel de seda na caixa próxima ao depósito de lixo. Basta pressionar a mão em cima — Cedros disse com voz repreendida, apontando para o pilar esquerdo do banheiro.

Sem esperar pela minha resposta, ele se virou e saiu, com os ombros e a cauda rígidos.

A culpa corroeu meu interior. Ele só estava tentando cuidar de mim. Eu pediria desculpas e explicaria mais tarde, depois de resolver meu probleminha.

Mas agora que a porta se fechou, minha bexiga ficou ainda maior. Cada vez que eu tentava abrir as pernas para abaixar meu shorts, ela ameaçava se soltar ali mesmo. Rangendo os dentes, eu enfrentei alguns falsos começos antes de decidir o que fazer. Me posicionando logo acima do vaso sanitário, eu deslizei a cintura do meu shorts o mais baixo possível nos quadris, sem abrir as pernas, e então rapidamente o puxei para baixo enquanto estava sentada no vaso sanitário.

As Cataratas do Niágara saíram de mim instantaneamente. Eu gritei enquanto tentava me segurar no pilar direito para não cair. Eu fechei os olhos e um gemido de felicidade escapou de mim com o alívio total. Quem imaginaria que fazer xixi poderia ser uma experiência tão orgástica?

Isso continuou... e continuou... e continuou. A ausência do som da minha urina batendo na água dentro do vaso me perturbou profundamente. Naturalmente, minha mente estúpida - com meu humor de doze anos - começou a imaginar onde tudo isso iria dar. Uma imagem muito vívida de um pobre grupo de Derakeens vagando pelo vazio, sendo subitamente encharcado por uma chuva dourada inesperada, surgiu em minha mente. Eu ri ao mesmo tempo que estremeci com essa visão. Obviamente, os Derakeens teriam um sistema mais inteligente que esse. Eu teria que perguntar à Cedros como tudo funcionava.

Quando eu finalmente estava terminando de me aliviar, eu bati no topo do pilar de pedra à minha esquerda. Uma tampa se abriu, revelando uma pilha grossa do que à primeira vista parecia ser papel de seda. Eu peguei um e meus lábios imediatamente se separaram em estado de choque. A maldita coisa era tão macia e sedosa que eu realmente me perguntei se Cedros quis dizer literalmente que aquele “papel” era feito de seda. Parecia um crime usar isso para me limpar, mas na verdade parecia ser um lenço de papel.

Eu peguei alguns para cuidar dos negócios, mas nunca tive tempo para isso. Quando eu estava prestes a fazer isso, um som estridente ressoou atrás de mim. Meio segundo depois, eu senti como se tivesse levado um chute na bunda. Uma poderosa rajada de água bateu em mim, me impulsionando para frente. Eu gritei em estado de choque e

medo antes de cair de bruços a um metro de distância.

— Kaida!

A voz abafada e cheia de preocupação de Cedros me alcançou pela porta fechada logo antes dela se abrir. Ele entrou correndo, seu queixo caindo ao me ver. Eu fiquei esparramada no chão, de barriga para baixo, meu shorts enrolado nos tornozelos e minha bunda nua, encharcada de água, olhando para ele. Mortificada, eu olhei para ele por cima do ombro. De todas as posições indignas depois de fazer tanta confusão para não se despir na frente dele! Eu me esforcei para ficar de pé e fiquei ainda mais enrolada em meu shorts. Eu nem tinha uma camiseta comprida para puxar para baixo e cobrir minha modéstia.

— Minha Kaida! O que aconteceu? — Cedros exclamou, vindo em meu socorro.

Ele me levantou com uma facilidade que demonstrava sua tremenda força. Em circunstâncias diferentes, sua expressão confusa e consternada teria sido hilária enquanto seu olhar oscilava entre a privada e eu toda bagunçada.

Eu bati a mão, ainda segurando o papel de seda, na frente da minha vagina. Com Cedros parado na minha frente, minha bunda nua poderia continuar virada para as janelas. E pensar que eu conseguia não fazer xixi em mim mesma e ainda assim acabei com líquido escorrendo entre as coxas e descendo pelas pernas.

— Eu não sei. A privada me atacou com um jato de água — eu disse, a indignação transparecendo em minha voz pela traição da privada.

— Essa foi apenas a água de limpeza! — Cedros exclamou atordoado — Os humanos têm isso. Você os chama de balde... hmmm bede...”

— Você quer dizer um bidê?

— Sim!

— Isso não é um maldito bidê! Poderia muito bem ter sido uma mangueira de incêndio com força total! Estou chocada por não ter me feito voar pelas janelas!

Pelo olhar divertido que Cedros me lançou, ele percebeu que eu estava exagerando um pouco... só um pouco.

— Eu vou ajustá-la para diminuir significativamente a força da água a partir de agora — Cedros disse em um tom conciliatório. Ele lançou um olhar para minha virilha, o que me fez fechar as pernas com ainda mais força e colocar a segunda mão na frente da região inferior — Suponho que você queira privacidade de novo?

— Sim, por favor — eu respondi instantaneamente.

Eu não precisei ler mentes para entender que ele me achava desconcertante. Felizmente, ele não discutiu e simplesmente saiu da

sala. Eu me limpei o melhor que pude e lavei as mãos na pia. Felizmente, meu shorts não estava encharcado, apenas úmido em alguns pontos. Quando eu voltei para o quarto, o alívio tomou conta de mim, não apenas por descobrir que Cedros havia sumido, mas também por ter trazido meus pertences para o quarto.

Vasculhando-os rapidamente, eu consegui uma calcinha nova. Eu olhei para as roupas que havia deixado na cadeira mais cedo e considerei seriamente vesti-las de volta. Por fim, eu decidi contra isso. Cedros não acordou de seu sono curativo por escolha própria. Eu suspeitava que haveria muito mais abraços acontecendo em breve.

Embora eu odiasse ter sido um tanto coagida a assumir esse papel, eu realmente queria ajudar Cedros e pretendia cumprir minha parte no acordo. Quanto maior o contato que eu dava a ele agora, mais cedo poderíamos chegar a uma aparência de normalidade onde ele não precisaria estar constantemente enrolado em mim.

Assim que eu abri a porta do quarto, o mais delicioso aroma de carne cozida me cumprimentou. Meu estômago roncou instantaneamente em aprovação. Eu caminhei pelo corredor extenso e passei por algumas portas antes de chegar à área de estar e cozinha. Ocorreu-me então que a largura impressionante do corredor e a altura insana do teto provavelmente serviam para acomodar o enorme tamanho de Cedros em sua forma de dragão.

Eu adorei a textura levemente áspera da pedra clara que moldava as paredes. Eu não conseguia entender como eles conseguiram cortar lajes tão perfeitamente cortadas e alinhadas perfeitamente. Mas, essa escolha do material fazia todo o sentido. Imagine um Derakeen perdendo a calma e soprando fogo dentro de uma casa feita de materiais tradicionais com maior risco de ser inflamável...

Ao chegar à cozinha e à sala, eu fiquei mais uma vez maravilhada com a beleza estonteante da casa de Cedros. Realmente era como viver em um castelo no céu – o que, tecnicamente, não era falso. As enormes janelas ao redor tornavam o espaço maravilhosamente luminoso e davam a impressão de que era ainda maior do que realmente era.

Porém, Cedros ocupado na cozinha chamou minha atenção. Apesar de toda a sua estranheza, ele era realmente um homem deslumbrante. Com pelo menos dois metros de altura, com o nível certo de músculos salientes em todos os lugares, sem ficar excessivamente volumoso, ele tinha o tipo de estatura imponente que eu sempre achei sexy em um homem. Suas pernas e pés reptilianos, sem falar na cauda, não me incomodavam. Eu vivi e trabalhei ao lado de alienígenas suficientes para apreciar a beleza da estética não humana. E aquele cabelo azul-arroxeadado dele me fez querer afundar meus dedos nele.

Meu ‘marido’ era sem dúvida atraente.

Em um tipo de grelha, Cedros tinha grandes pedaços de carne fritando, embora não parecesse haver nenhuma chama embaixo delas. Ele respondeu a essa pergunta momentos depois, quando seu peito inchou, como se estivesse respirando fundo, e então um fluxo constante de fogo saiu de sua boca. Enquanto as chamas lambiam a carne, ele usava um utensílio longo, tipo um garfo de churrasco, para virar os pedaços para que pudessem cozinhar por todos os lados.

Eu olhei fascinado e incrédulo enquanto algumas chamas passavam por sua mão. Mas ele não vacilou nem reagiu de outra forma. Enquanto minha delicada pele humana já estaria empolada com o calor, a dele parecia totalmente inalterada. Meu suspiro chamou sua atenção para mim.

Cedros imediatamente parou de cuspir fogo na carne para primeiro olhar para mim e depois assumir uma expressão quase tímida. Ele se mexeu e lançou um olhar nervoso para a carne.

— Estou preparando comida para você — ele disse, parecendo envergonhado — Eu li que os humanos deveriam comer uma vez a cada quatro horas ou mais. A superfície de cozimento ainda não está totalmente operacional, então eu improvisei.

— Isso é muito gentil da sua parte. O cheiro está incrível — eu disse, me aproximando.

Seu sorriso radiante retornou. Ele colocou um dos pedaços grossos de carne em um prato limpo na ilha onde a grelha estava embutida e me deu um conjunto de 'utensílios' composto por um garfo de duas pontas e uma faca grande demais e afiada que seu pessoal provavelmente consideraria de tamanho médio.

— Experimente e me diga o que achou — Cedros disse com entusiasmo — Eu marinei a carne durante a noite com os temperos que acredito que mais combinam com os que os humanos usam na cozinha. É carne de *pranar*, uma das favoritas do meu povo. E eu também tenho legumes cortados para você.

Cedros se reprimiu depois dessa enxurrada de palavras, provavelmente mais do que eu já o ouvi dizer de uma só vez desde a minha chegada. Essa aparente timidez dessa montanha de músculos era bastante cativante.

Eu cobicei a carne, minha boca salivando silenciando a vozinha no fundo da minha mente, me avisando que isso poderia ter um gosto ruim. Eu peguei os utensílios enormes. Para minha alegria, a faca cortou a carne como se fosse manteiga. Ela estava bem rosa por dentro, o tom exato de médio que eu gostava. Eu levei um pedacinho aos lábios e me preparei para o impacto.

Meus olhos quase saltaram das órbitas e um gemido arrebatador saiu da minha garganta com a maravilhosa explosão de sabor em minhas papilas gustativas. A carne estava macia e suculenta,

temperada com perfeição. Eu poderia jurar que estava comendo um bife de costela. Cedros sorriu de orelha a orelha, expondo um impressionante par de presas que eu não tinha notado antes.

Ele colocou mais um monte de carne no meu prato, além de uma mistura de vegetais, alguns cozidos no vapor, outros crus em uma salada. Eu o segui enquanto ele colocava meu prato na mesa de jantar circular com cadeiras que não pareciam saber se queriam ser cadeiras normais ou bancos de bar devido às suas alturas estranhas e à falta de encosto.

Mesmo assim, eu comi, meu estômago vazio acolhendo o delicioso sustento. Os sabores estavam bagunçando um pouco minha mente, pois as verduras que lembravam alface tinham gosto de cenoura, as coisas avermelhadas que pareciam vagamente com tomates tinham gosto de pepino, e o vegetal cru parecido com raiz roxa na verdade tinha gosto de tomate cereja.

Depois de algumas mordidas, eu percebi que Cedros estava sentado ao meu lado, olhando para mim com um sorriso bobo. Imediatamente eu me senti constrangida.

— Você não vai comer?

Ele balançou sua cabeça — Nós comemos nossa carne crua, muitas vezes uma presa viva que caçamos em nossa forma de batalha. Embora, quando estamos com pressa – ou não estamos com vontade de caçar – às vezes vamos comprar presas vivas no mercado.

— Ah... Então vocês nunca fazem jantares sociais sentados ao redor da mesa? — eu perguntei, surpresa.

— Não da maneira que os humanos fazem. Nossa forma de batalha nos permite consumir animais maiores, o que nos poupa de ter que comer por dias, talvez até algumas semanas, a menos que nos esforcemos muito durante esse período. Mas nós compartilhamos pequenas porções em ambientes sociais.

— Pequenas porções como o quê? — eu perguntei, fascinada, enquanto dava outra mordida na minha refeição.

— Quaisquer alimentos e bebidas que fermentem rapidamente — Cedros disse com naturalidade — Geralmente podemos comê-las com uma única mordida. Nós servimos bandejas com elas e as pessoas comem as que gostam.

— Vocês servem uns aos outros amuse-bouche indutores de gás durante eventos sociais? — eu disse, meu tom incrédulo mais como uma afirmação do que uma pergunta.

Cedros sorriu. Isso o suavizou da maneira mais incrível — Nós não obtemos ‘gás’ dessa forma — ele disse em um tom divertido — Nós produzimos hidrogênio como subproduto da maioria das coisas que comemos. Ele é armazenado em nossa câmara primária de armazenamento de hidrogênio, na parte de trás do estômago.

Ele esfregou a mão no pescoço e ele brilhou, difundindo um pouco de calor.

— Parte dele é transferido para a câmara de aquecimento ao longo da parte superior do tórax e da garganta. Esta é uma câmara de hidrogênio menor. Nós podemos pré-aquecer o hidrogênio antes de acendê-lo para cuspir fogo ou simplesmente para difundir o calor. Isso é prático para nos aquecer, ou a uma criança. E é ao mesmo tempo reconfortante e uma demonstração de afeto aquecer outras pessoas que abraçamos dessa forma.

— Isso é muito legal — eu disse, genuinamente impressionada, depois de engolir minha garfada — Mas como você acende o hidrogênio?

Ele sorriu e depois puxou a língua para mim. Além de seu comprimento impressionante que despertou pensamentos muito inapropriados em minha mente, sua aparência áspera me lembrou a língua de um felino. Para minha surpresa, ele raspou os dentes superiores afiados e uma pequena faísca brilhou.

— Oh meu Deus! É como uma pederneira!

Ele assentiu — Conforme nós controlamos a quantidade de hidrogênio que liberamos, podemos controlar o tamanho e a intensidade da chama. Então, quando nossas câmaras ficam muito cheias, poderemos expirar pequenas chamas para queimar parte dele.

Eu inclinei a cabeça para o lado e olhei para um de seus braços sobre a mesa — Falando em queimar, sua própria chama acertou seu braço mais cedo enquanto você cozinhava a carne para mim. E ainda assim, você parece ileso. Você é imune ao fogo?

Um brilho de aprovação cruzou seus olhos ardentes — Boa observação. Não, não somos totalmente imunes ao fogo. Nós apenas temos uma alta tolerância e resistência a ele. Essa pequena chama, por alguns segundos, não vai me incomodar em nada. Considerando a frequência com que acidentalmente respiramos fogo, isso poderia ser problemático, como por causa de um espirro forte. Nós incineraríamos as pessoas próximas. Mas se fôssemos expostos durante um período prolongado ao nosso fogo mais concentrado, chegaríamos ao ponto em que ocorreriam danos e queimaríamos.

Embora fascinada por tudo isso, minha mente permaneceu presa ao fato de que eles poderiam acidentalmente cuspir fogo por causa de um espirro poderoso. A julgar pelo súbito ar de confusão de Cedros, meu rosto sem dúvida mostrava o quão assustada eu me sentia agora.

Depois de um instante, seu rosto se iluminou em compreensão e ele começou a rir — Não se preocupe, minha Kaida. Eu não vou cuspir fogo em você. Este foi apenas um exemplo exagerado. Eu quase poderia contar com uma mão quantas ocorrências de pessoas cuspidando fogo acidentalmente em outra ocorreram no século passado. Nós

estamos no controle de nós mesmos. Normalmente, o fogo “descontrolado” ocorre em momentos de extrema emoção, como alguém tendo um orgasmo. E mesmo assim, eles sempre miram longe do companheiro.

Meu rosto esquentou e eu me mexi na cadeira. Eu grunhi em reconhecimento antes de enfiar uma colher grande na boca para esconder meu constrangimento. Eu não era pudica, mas tinha uma imaginação muito vívida. Suas palavras imediatamente despertaram a imagem de como seria a aparência de Cedros quando ele chegasse ao clímax, a cabeça jogada para trás, o rosto dissolvido em um ar de êxtase, com um poderoso fluxo de chamas saindo de sua boca. Naturalmente, tudo isso comigo me contorcendo embaixo dele.

Foda-se minha vida... eu não precisava dessa visão. Especialmente porque eu passaria grande parte do futuro próximo com seu corpo quente e nu enrolado no meu corpo mal vestido. Ainda assim, essa visão tinha algo emocionante e excitante. Você não se tornava uma Executora da OPU sem ser uma viciada em adrenalina.

— Bem, você é um excelente cozinheiro — eu disse, mudando para um assunto mais seguro — Como você aprendeu se não cozinha sua comida?

Cedros estufou o peito com orgulho — Enquanto eu aguardava sua chegada, eu assisti a vídeos e li guias sobre como cuidar das necessidades de um ser humano. Eu esperava que fosse adequado para você.

— Ah, você é muito fofo. Mas você não precisa fazer isso — eu disse, sinceramente emocionada — Assim que sua placa de cozimento estiver funcionando, eu poderei preparar minhas próprias refeições. Não espero que você cuide de mim.

Cedros franziu a testa como se eu tivesse dito algo ofensivo — É meu dever e minha honra. Um Senhor das Sombras atende às necessidades de sua Ejaya, assim como ela cuida dele. Nós devemos ser os melhores amigos, confidentes de confiança e cuidadores dedicados um do outro. Além do meu papel como Senhor das Sombras, meu objetivo principal é cuidar do seu bem-estar e da sua felicidade. Eu esperei toda a minha vida para finalmente ter esse privilégio. Eu pretendo aproveitar plenamente!

Eu fiquei boquiaberta para ele, sem palavras. Como você responde a isso? Que possível contra-argumento você poderia dar a alguém para “privá-lo” do prazer daquilo que considerava um privilégio e uma honra?

— Entendi... — eu disse, por falta de uma resposta melhor.

Tendo quase esvaziado meu prato e me sentindo cheia demais para comer mais alguma coisa, eu larguei meus utensílios. No entanto, eu resisti à vontade de me contorcer sob o olhar de Cedros. Ele continuou

a olhar intensamente para mim por alguns segundos, suas engrenagens girando visivelmente.

— Pela primeira vez na minha vida, eu senti paz por sua causa. Cada momento passado ao seu lado, e ainda mais a segurando em meus braços, a névoa que eu nem tinha percebido que estava sufocando minha mente foi dissipada. O mesmo acontece com a dor física que se tornou uma companheira quase constante, tanto que eu quase nem percebi mais.

Minha garganta apertou quando ele pegou minha mão esquerda e a apertou suavemente. Seus olhos se fecharam imediatamente, uma expressão quase de dor — que eu realmente sabia ser de prazer — descendo sobre suas feições estranhas.

— Nada e nem ninguém neste universo inteiro me fará sentir essa felicidade divina da mesma forma que simplesmente tocar sua mão faz comigo agora — Cedros sussurrou antes de abrir lentamente os olhos para olhar para mim — Nunca poderá haver outra Ejaya para mim. Você é minha única. Eu farei tudo ao meu alcance para garantir que você seja feliz e nunca queira me deixar.

Eu cobri sua mão que segurava a minha com a minha mão livre e me virei para encará-lo, com uma expressão muito séria no rosto — Eu não vou te abandonar, Cedros. Seja qual for o futuro que nos reserva, eu sou sua Ejaya e levo isso a sério. Vamos resolver algo para que ambos possamos ser felizes. Eu prometo.

Aparentemente apaziguado pelo que ele parecia considerar uma concessão minha, Cedros relaxou, sua carranca mais uma vez dando lugar a um sorriso. Ele empurrou o banquinho para trás e me puxou para ele. Eu fui de boa vontade enquanto ele me sentava de lado em seu colo e passava os braços em volta de mim. Eu não queria admitir, mas gostava da maneira como ele esfregava suavemente o rosto na minha nuca enquanto inalava meu perfume. Não havia nada de sexual no gesto, mas ainda assim era incrível saber que eu tinha um efeito tão poderoso sobre alguém, e ser tão desesperadamente desejada.

— Você dá uma sensação tão boa — ele sussurrou, como se fosse para si mesmo.

Eu me aninhei contra ele e gentilmente acariciei seu braço em volta de mim — Qual é a sensação? Essa toxina, quero dizer.

— Quando recém mordido, parece ácido correndo em nossas veias. Arde como se estivesse nos comendo de dentro para fora enquanto se espalha. Torna-se uma dor física e mental excruciante. Por um lado, o veneno está destruindo nossos corpos e, por outro, nossa mente parece estar à beira de uma fratura. E então, nossos corpos praticamente desligam. A toxina entorpece parte de nossos órgãos, desacelerando-os quase até a paralisação.

— Isso parece horrível. Mas você eventualmente será capaz de

revidar, certo? — eu perguntei, meu coração se enchendo de compaixão por ele.

— Eventualmente, sim. Antes de você, eu ficaria enrolado em um estado de semi-coma de agonia por semanas, o ataque mais longo durando cento e oito dias.

— Oh meu Deus! Isso é terrível.

Ele assentiu antes de acariciar minha nuca novamente, seus braços me apertando de uma forma possessiva — Desta vez teria sido igual, talvez até pior. Mas você me salvou. Depois de me atordoarem na fábrica, eles mantiveram você e eu juntos na mesma cápsula médica. Receio ter fraturado duas de suas costelas ao cair em cima de você — ele acrescentou, em um tom tímido.

Eu levantei a cabeça e olhei para ele — Eu tive costelas quebradas?

Ele assentiu mais uma vez — Sim, e uma concussão. Seus curandeiros não lhe contaram?

— Não! Eu não sabia o que diabos aconteceu durante as primeiras vinte e quatro horas, exceto que eles estavam me curando e que eu havia me recuperado completamente! — eu disse, me sentindo um tanto indignada e traída.

— Eu não sei por que eles não te contaram. Mas eu a segurei enquanto a cápsula a curava, o que ajudou muito a me curar do pior da toxina.

— Pelo menos eu fico feliz porque, mesmo inconsciente, eu pude fazer isso por você — eu disse com toda a sinceridade, embora ainda irritada com o sigilo.

No entanto, eu suspeitava fortemente que a tremenda pressão do Conselho de Derakeen tinha desempenhado um papel para os Executores seguirem esse caminho. Eu não me incomodei com a cura que fui capaz de dar a Cedros, mesmo sem saber. Mas odiei ter sido usada dessa maneira sem meu conhecimento. Se eles tivessem me perguntado, eu teria consentido. Eles não precisavam me colocar em coma induzido para evitar me perguntar e o risco de eu recusar.

— Você ajudou muito. O cheiro e o toque de uma Ejaya desencadeiam uma resposta fisiológica que faz nossos órgãos voltarem a funcionar. Isso faz com que o hormônio nezarona inunde nossos corpos, e então é como tocar o divino. Normalmente, depois de um dia vagando no vazio, ou de receber um leve arranhão de um aqrat, só precisamos de contato por alguns minutos, menos de uma hora nos piores casos. Mas eu tenho uma vida inteira para me atualizar. Então, lamento continuar a incomodá-la excessivamente nos próximos dias. Mas prometo que isso diminuirá com o tempo... Bem, a menos que você não se importe.

Eu dei a ele um olhar curioso.

— Segurar sua Ejaya é bom, estando doente ou não. Os Senhores

das Sombras frequentemente as abraçam — ele acrescentou, me dando a mais adorável expressão infantil.

Eu ri — Tenho certeza de que resolveremos isso também, para que você consiga seu carinho.

Ele sorriu e me deu outro aperto afetuoso.

— Estou aqui para ajudá-lo — eu o lembrei, séria — Mas estou feliz que você encontrou sua língua novamente. Você falou pouco antes.

— Meu cérebro estava confuso por causa da toxina — ele disse se desculpando — Fique ciente de que, como a maioria dos Senhores das Sombras, eu sou socialmente desajeitado. Nós somos principalmente solitários até conhecermos nossa Ejaya. Por favor, seja paciente comigo e não tenha vergonha de me avisar se eu estiver agindo de forma estranha ou inadequada. Eu quero aprender e quero agradá-la.

Meu peito aqueceu ainda mais pelo meu dragão. Embora eu amasse um homem grande e forte, eu também tinha uma queda por um nerd ou geek tímido. Cedros estava se revelando uma mistura deliciosa de ambos. E por incrível que pareça, meus instintos protetores também estavam se ativando por ele.

— Não se preocupe com isso. Você está bem. Aposto que você vai me achar ainda mais estranha do que eu jamais poderia pensar de você — eu disse em um tom gentil — Vamos nos ajustar juntos.

Ele sorriu para mim e beijou minha testa.

— Ótimo! Você deve me avisar se tiver alguma outra necessidade que eu não tenha atendido ou adaptações que você exija que eu faça em nosso covil. Eu vi os assentos eleváveis que os humanos colocam em assentos descartáveis. Eu vou adicionar um em nossa sala de higiene para que você não corra mais o risco de cair, pois deseja privacidade. Caso contrário, eu ficarei constantemente preocupado quando você estiver aqui sozinha.

Minhas bochechas queimaram com a lembrança do espetáculo que eu fiz de mim mesma. No entanto, eu acolhi com satisfação a ideia de um assento de vaso sanitário adequado adaptado ao meu traseiro humano, em vez do buraco que parecia querer me engolir.

— Parece um ótimo plano. Contanto que você o levante antes de fazer xixi... — eu acrescentei com um aviso semi-falso em minha voz.

Cedros piscou e me lançou um olhar confuso.

Eu ri — Deixa para lá. Vamos limpar isso e depois você pode me mostrar a casa.

— Sim, minha Ejaya.



Capítulo 5

Cedros

Minha Ejaya gostou da minha refeição! Um milhão de outras receitas sobre as quais eu tinha lido já passavam pela minha cabeça enquanto o orgulho mais bobo me preenchia. Eu encantaria minha Kaida com boa comida – entre outras coisas. Afinal, sua espécie tinha um ditado sobre conquistar o coração de um homem através do estômago. Certamente isso se aplicava às mulheres também?

Enquanto eu limpava a mesa e o balcão, com Kaida fazendo questão de ajudar, eu percebi como era fácil conversar com ela. Claro, ela me confundia às vezes, mas minha língua não ficava presa como acontecia com os outros.

— Eu instalei uma unidade de resfriamento maior aqui para que haja espaço para todos os alimentos que os humanos comem — eu disse, apontando para ela perto do balcão — Normalmente só colocamos bebidas nela, principalmente fermentadas. Como você pode ver, eu a enchi com frutas e vegetais para você, além de mais alguns cortes de carne, alguns dos quais já estão marinados.

— Obrigada. Isso foi muito atencioso da sua parte — ela disse, agradecida.

Satisfeito com sua aprovação, eu fiz um tour pela sala de estar, com a tela gigante e minha vasta biblioteca de peças, que seu povo chamava de filmes.

— Eu costumo me deitar neste sofá para assistir. Você pode inclinar o encosto totalmente para baixo, embora eu normalmente o mantenha em setenta graus — eu expliquei, me sentindo subitamente constrangido quando Kaida começou a navegar em minha biblioteca.

Sua expressão curiosa mudou para surpresa, depois para uma estranha mistura de descrença e diversão enquanto ela lia os títulos.

— Reivindicando Drusha, Pelo Amor de Arlea, Escamas Douradas de Ilze, Uma Ejaya Como Nenhuma Outra... — ela se virou para me lançar um estranho olhar de lado — A maioria desses títulos parece filmes românticos.

Eu mudei de posição, me sentindo envergonhado por um motivo que não conseguia explicar, e cocei as escamas na lateral do pescoço

— Eu... uh... sim. Eles têm um forte foco no romance e no amor. É fascinante para mim ver como as pessoas normais interagem umas com as outras. Dos primeiros namoros entre juvenis aos mais elaborados de adultos... A dinâmica de uma família normal, desde as brincadeiras dos jovens até à relação com os pais... Os eventos sociais em que participam, seja por pura diversão ou como parte do namoro... É fascinante, mas não é algo que eu experimentarei algum dia.

— Então você experimenta isso através dos filmes — ela disse com uma voz suave.

Eu balancei a cabeça.

— Eu gosto mais de temas sobre família. Eu adoro ver como os jovens normais são criados pelos pais — eu disse melancolicamente.

— *Você é normal* — Kaida disse franzindo a testa — Você apenas possui habilidades extras.

Eu sorri, ao mesmo tempo emocionado e divertido com a reação dela — Eu não queria parecer que não acreditava em mim mesmo — eu disse provocativamente — Durante toda a minha vida me disseram que eu sou realmente maior do que um Derakeen comum. Eu não tenho baixa autoestima por causa do que sou.

— Ótimo! E nem deveria — ela disse com firmeza de uma forma que me fez rir.

— Mesmo assim, teria sido bom ver meu covil cheio de vida, como nessas peças — eu disse com naturalidade.

Kaida inclinou a cabeça para o lado — Você quer uma família grande com muitos filhos?

— Eu queria.

— Querida? — ela repetiu, franzindo a testa novamente.

— Eu não posso ter uma, a menos que você se apaixone por mim — eu disse, dando de ombros — A maioria dos Senhores das Sombras permanecem solteiros. Mas para aqueles de nós que conseguem uma companheira, é sempre a sua Ejaya.

— Oh — Kaida disse, parecendo culpada.

— Não se sinta mal, minha Kaida — eu disse — Embora Ejayas geralmente se casem com seu Senhor das Sombras, às vezes acontece que uma Ejaya já está acasalada no momento em que seu Senhor das Sombras a encontra. Algumas Ejayas encontram seus verdadeiros companheiros depois. Não existe nenhuma regra que estabeleça que uma Ejaya e um Senhor das Sombras devam se apaixonar. Ela pode ficar ao lado dele durante o dia e depois ter uma família normal para quem ela retorna todas as noites.

— E o companheiro da Ejaya não se importa que outro homem fique abraçando sua mulher e se esfregando nela durante horas todos os dias? — Kaida perguntou com os olhos arregalados de choque.

Eu ri — Nós não somos ‘outro homem’, e sim Senhores das

Sombras — eu respondi provocativamente — Não há nada sexual nessas interações. Então não, seus companheiros não se importam. Muito pelo contrário. É uma honra para um homem ter uma Ejaya como companheira. Isso eleva muito seu status.

— Uau. Isso é admirável.

Foi a minha vez de inclinar a cabeça e olhar para ela de forma estranha — Admirável? Parece que você discorda.

Ela mudou de posição e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha — Eu não me considero do tipo ciumenta ou controladora, mas se meu parceiro fosse um Ejaya, eu não ficaria bem se ele fosse abraçado do jeito que você tem me abraçado. Mesmo que você não tenha feito nada impróprio, isso é muito íntimo. Só eu deveria segurar meu parceiro dessa maneira.

Eu refleti sobre suas palavras, uma sensação desconfortável se instalando na boca do meu estômago — Então, se você encontrasse um companheiro - humano ou não - você me abandonaria para evitar que ele sentisse ciúmes infundados?

Kaida enrijeceu, seus olhos se arregalaram quando o significado maior de suas palavras ocorreu a ela. Ela mordeu o lábio inferior antes de balançar a cabeça — Quando você coloca dessa forma, de repente fica menos preto e branco. Não, eu não o abandonaria. Mas cara... eu não consigo me imaginar explicando isso para meu namorado ou marido.

Meu sorriso voltou quando o alívio drenou a tensão que crescia em minhas costas — Existe uma solução simples. No dia em que você desejar um companheiro, me escolha.

Os lábios de Kaida se separaram em choque. Eu ri, incapaz de acreditar na minha ousadia. Eu realmente não havia considerado essa possibilidade, mas esse pensamento estava crescendo seriamente em mim. Não lhe dando chance de responder, eu agarrei sua mão e a puxei atrás de mim.

— Deixe-me mostrar o resto da casa. Eu não uso esses outros quartos. Eles são basicamente quartos de hóspedes agora - não que eu receba visitas - e foram feitos para eventualmente se tornarem os ninhos de meus filhos.

Eu rapidamente lhe mostrei os três quartos espaçosos, cada um deles uma versão menor do meu ninho, assim como as outras duas salas de higiene. Eu então a levei para o próximo quarto.

— Como você pode ver, este está vazio no momento. Eu pretendia fazer dele uma sala de jogos para os pequenos. No entanto, você é livre para fazer o que quiser, seja um escritório, uma sala de treinamento ou qualquer outra coisa que desejar.

— Obrigada! Eu certamente poderia usar os dois! — Kaida disse com um sorriso.

— Qualquer coisa que você precisar que não esteja disponível em Dramnac, eu posso abrir um portal em qualquer lugar do universo para buscar para você — eu disse com orgulho.

— Sabe, eu poderia me acostumar com esse tipo de compras de primeira classe — ela disse provocativamente.

— Você certamente pode — eu disse, ao mesmo tempo presunçoso e sério. Eu saí do quarto e mostrei a ela a última porta mais próxima do meu covil. Eu a abri e acenei para ela entrar — Este é tecnicamente o seu ninho.

— Tecnicamente? — ela perguntou, levantando uma sobrancelha.

— Uma Ejaya dorme com seu Senhor das Sombras — eu disse, como se fosse evidente.

— Como companheiros?

— Não, pois eles não acasalam. É apenas para contato, a menos que eles se tornem companheiros — eu expliquei — De qualquer forma, os Derakeens raramente acasalam dentro de seu covil. Meu povo faz isso principalmente durante o voo. Isso também diminui os riscos de queimar coisas na hora do clímax.

— Você solta fogo quando chega ao clímax?

Assim que as palavras saíram dos lábios de Kaida, um tom brilhante de vermelho subitamente subiu por suas bochechas. Foi incrivelmente adorável.

Eu ri e dei de ombros — Eu? Não sei. Eu nunca me acasalei com uma mulher. Mas é comum que homens e mulheres cusпам fogo quando o fazem.

Kaida ficou lá parada, olhando para mim boquiaberta, uma mistura de choque e descrença estampada em seu rosto.

— O quê? Por que você está olhando assim para mim? — eu perguntei, nervoso com sua intensidade.

Minha pergunta pareceu tirar minha Ejaya de seu estado atordoado. Ela balançou a cabeça e desviou os olhos enquanto corava ainda mais — Nada — ela murmurou baixinho — Então, você espera que eu compartilhe sua cama todas as noites?

Eu balancei a cabeça — Sim. A menos que você realmente precise de algum tempo sozinha.

— Entendi.

Eu fiz uma careta para seu tom nada entusiasmado — Isso seria um problema?

Ela balançou a cabeça — Contanto que você não volte a me esmagar, ficaremos bem — ela disse, em um tom levemente provocador.

Eu cocei as escamas abaixo do meu chifre direito e abaixei a cabeça, envergonhado — Eu estava apenas em abstinência. Chega de sufocamento, mas ainda vou te abraçar.

O sorriso divertido, quase terno, que ela me deu despertou em meu peito o calor mais agradável.

— Você é fofo — ela disse em um tom gentil.

— Eu sou? — eu perguntei, atordoado. Eu já fui chamado de muitas coisas, mas nunca de fofo.

— Sim você é. É bastante inesperado, considerando o quão durão e intimidador você parecia quando estava lutando contra aquelas criaturas do portal.

Esse termo “durão” parecia ilógico para mim. Mas eu tinha lido o suficiente na literatura humana para entender que ele tinha um significado lisonjeiro. Eu adorei receber esses elogios da minha Kaida.

— Falando em portais, vamos descer para a cidade. Eu quero mostrar a você sua nova casa — eu disse com entusiasmo.

— Legal! Deixe-me vestir algumas roupas e pegar minha mochila a jato.

— Não! — eu disse em um tom que não admitia discussão — Nada de mochila a jato. Eu vou voar com você em meus braços desta vez.

Ela estreitou os olhos para mim — Isso é apenas mais uma desculpa para me abraçar?

Eu ri — Não, não é, embora este benefício adicional seja bem-vindo. Porém, além de ser mais fácil conversarmos assim, também será mais seguro — eu expliquei — Assim como todas as outras cidades de Dramnac, Oddran é instável. As rupturas podem ocorrer em qualquer lugar e a qualquer momento. Eu devo primeiro te mostrar como reconhecê-las para que você não seja sugada por uma mudança de fase por acidente.

— Ok, esse é um argumento válido — ela disse, parecendo um tanto castigada — Eu volto já.

Eu a deixei ir vestir algumas roupas. Eu realmente não gosto da necessidade dela de ficar vestida. Claro, esse era o jeito de seu povo, mas fazia pouco sentido em Dramnac. Seja vestida ou nua, ela chamaria a atenção como alguém de outro mundo, mas ainda mais por causa de suas roupas. Seus calçados faziam sentido, pois sem eles a maciez de seus pés certamente resultaria em muitos ferimentos. Mas o nosso clima quente tornava as roupas inúteis, se não inconvenientes.

Ah, bem, com o tempo, eu pretendia fazer com que ela não usasse nenhuma, pelo menos dentro do nosso covil. Eu não queria nenhum obstáculo entre nós quando a segurasse, por menor que fosse.

Kaida se vestiu rapidamente. Quando ela saiu do nosso ninho, eu gemi interiormente com a grande quantidade de tecido em que ela se envolveu. Reprimindo a vontade de reclamar, eu peguei sua mão e a levei para o terraço. Pelo menos, as coberturas desagradáveis que me impediam de senti-la completamente, felizmente, não extinguiram seu perfume requintado.

Após pegá-la em meus braços, eu pressionei meu nariz na curva de seu pescoço e respirei profundamente.

Kaida se mexeu em meus braços enquanto ria — Isso faz cócegas!

Eu não me afastei imediatamente, esfregando o nariz em seu pescoço por mais alguns segundos, enquanto ela continuava rindo. Eu finalmente parei e levantei a cabeça para olhar para ela, sem esconder nada da felicidade que estava sentindo naquele instante.

— Eu adoro o som da sua risada — eu disse, meus olhos fixos nos dela — Eu amo como pequenas coisas como fazer cócegas em você encham meus corações de alegria. O simples fato de estar ao seu lado me dá vontade de sorrir. Obrigado por me permitir finalmente experimentar como é a simples felicidade do companheirismo.

A expressão mais estranha passou pelo rosto de Kaida. Por um momento, eu quase entrei em pânico ao ver o ar de tristeza em seus olhos, como se ela quisesse chorar. Mas então ela sorriu, ergueu o rosto em direção ao meu e me deu um beijo doce na bochecha.

— Este é apenas o nosso primeiro dia — Kaida disse com uma voz gentil — Eu vou garantir que você experimente o máximo possível das coisas sociais que perdeu.

Eu sorri, pressionei meus lábios em sua testa e então levantei voo, abraçando-a pela cintura. Felizmente, minha Ejaya não tinha medo de altura. Com os olhos arregalados, brilhando de admiração e empolgação, ela ficou maravilhada com a paisagem surreal de Oddran.

Como um Senhor das Sombras, meu covil ficava entre os planaltos flutuantes mais altos da cidade. Ao nosso redor, incontáveis outros planaltos de tamanhos variados flutuavam em alturas diferentes em um amplo raio ao redor do portal negro abaixo.

— Cada ilha flutuante é propriedade pessoal de alguém? — Kaida perguntou.

— Não. Assim como eu, a maioria dos nobres e os muito ricos possuem planaltos privados, a menos que o planalto seja grande demais para abrigar um único covil. Então pode haver vários proprietários o compartilhando — eu expliquei, apontando para um exemplo abaixo de nós — Está vendo este? São doze famílias que o compartilham, mas aquele planalto tem uma superfície de quase duzentos metros quadrados.

— Certo. Então ter doze famílias no mesmo planalto significa que elas são pobres? — Kaida perguntou.

— Não necessariamente — eu respondi, adorando sua curiosidade genuína pela cidade — Quanto menos pessoas no seu patamar, maior será o seu status. No entanto, a altura do seu planalto é ainda mais importante do que o seu tamanho ou o número de pessoas que o compartilham. Existem vinte e seis níveis, meu covil está localizado no

mais alto, com apenas quatro outros planaltos. O planalto desses doze covis está no décimo sétimo nível. Eles têm um status mais elevado do que aqueles dois covis que compartilham um platô no décimo sexto nível.

— Ok, acho que entendi. Mas isso significa que quem está no topo permanecerá lá para sempre, certo? Não há chances de mais ninguém ascender socialmente - tanto física quanto figurativamente - a menos que alguém venda sua casa?

Eu sorri e balancei a cabeça — Na verdade, o nível mais alto sobe continuamente, embora seja estritamente regulamentado e extremamente caro. As pessoas podem fazer seu planalto flutuar mais alto com poeira de obsidiana sombria. Mas quanto maior e mais alto for o seu patamar, mais poeira será necessária.

Kaida assentiu com compreensão repentina — E como isso exige menos para planaltos cada vez menores, isso dá às pessoas nos níveis mais baixos a oportunidade de tentarem recuperar o atraso.

Eu sorri — Correto. Mas é um processo complexo e potencialmente perigoso. Abusar disso foi o que causou a destruição do nosso mundo. Portanto, embora todos armazenem pó de obsidiana sombria, eles só podem começar a injetá-la na base de seus planaltos durante períodos de tempo específicos e após obterem uma série de licenças exigentes.

Kaida franziu a testa, seus olhos se movendo em todas as direções, antes de pararem em uma família voando do portal negro em direção ao planalto.

— Eu ganho todo o status de ser a mais alta, com a visão menos obstruída, mas isso também parece uma tarefa árdua — minha Ejaya disse pensativa — Quero dizer, é um longo caminho para voar até o vigésimo sexto nível. Isso parece quase um pouco mais de um quilômetro na vertical, sem falar na distância horizontal do portal. Os planaltos mais próximos do portal não deveriam ser os imóveis de primeira linha, já que você tem acesso mais fácil a tudo? Normalmente morar no centro é mais barulhento, porém mais caro por causa de toda a comodidade.

— Um ponto justo, minha Kaida. Mas as pessoas que podem pagar pelos planaltos mais altos também podem comprar pedras de obsidiana sombria marcadas para abrir portais diretamente de e para suas casas. No entanto, a maioria é muito mesquinha para realmente usá-los e, em vez disso, voa para que possam manter sua riqueza e construir seu tesouro.

À medida que nos aproximamos do portal negro, o vórtice aberto cercado pelo maior planalto de Oddran, Kaida começou a compreender as desvantagens dos níveis mais baixos. Além das pessoas voando por toda parte, as mercadorias transportadas manualmente, em dispositivos voadores ou simplesmente por poderes

telecinéticos desordenavam os céus. Quanto mais próximo do portal, menos privacidade você terá e maior será o ruído.

Acima de tudo, embora ela não conseguisse colocar em palavras, Kaida podia sentir algo estranho no ar que nos rodeava. Isso era, na verdade, a instabilidade no tecido mundial. Ela crescia à medida que nos aproximávamos do portal negro.

— O terreno ao redor do portal parece extremamente vasto — Kaida refletiu em voz alta.

— Ele se espalha por muitos quilômetros em todas as direções. No entanto, existem alguns buracos espalhados em seu meio — eu expliquei — Ninguém mora lá. Você encontrará apenas mercadores e empresas comerciais ao longo da circunferência do portal, e algumas fazendas e fábricas atrás deles. Mas quanto mais para o interior você for, você encontrará apenas criaturas selvagens e terras selvagens onde nós ocasionalmente caçamos.

Eu aterrissei em uma das áreas menos movimentadas da rua comercial do setor de mercado. Com muita relutância, eu coloquei Kaida de pé novamente. Eu mantive minha mão em sua cintura e, para minha alegria, ela não rejeitou meu toque.

Todos os olhos estavam fixos em nós, embora as pessoas focassem principalmente na estranha Ejaya que era minha Kaida. Eles nunca tinham visto uma humana em carne e osso antes e, para muitos, eu suspeitava que nem mesmo em uma imagem. Felizmente, eles mantiveram uma distância respeitosa. Minha presença sem dúvida desempenhou um papel nisso. Você não aborda um Senhor das Sombras a menos que tenha assuntos a tratar com ele ou se ele veio até você primeiro. E mesmo assim, eles faziam questão de não invadir nosso espaço pessoal.

Embora fosse principalmente para nos proteger da incapacidade deles de controlar adequadamente seus poderes de transformação, eu acreditava que o medo também desempenhava um grande papel. Você nunca sabia quando o Jokraz assumiria o controle de um de nós. Ninguém em sã consciência iria querer enfrentar um Senhor das Sombras raivosos.

Eu olhei para minha Ejaya com um pouco de confusão — Você não parece perturbada pela atenção que está chamando.

Ela deu de ombros — Como Executora, eu estou acostumada com os moradores locais nos olhando boquiabertos sempre que minha equipe e eu partimos para uma missão. Eu esperava que seu povo ficasse ainda mais curioso com uma extraterrestre em seu meio. Duvido que vocês recebam muitos visitantes.

Eu balancei a cabeça, mais uma vez satisfeito por ela nem de longe ser tão arisca e delicada quanto sua aparência frágil me levava a acreditar.

— De qualquer forma, eu estou de queixo caído — ela disse com um sorriso travesso — Todos eles parecem tão diferentes em suas cores de escamas e formato de chifre. Mas todos eles têm apenas quatro chifres, enquanto você tem oito e mais esse tipo de crista no meio da testa.

Eu sorri enquanto a conduzia em direção a um dos quiosques da feira livre — Observação precisa. Esses quatro chifres extras e minha crista constituem minha coroa sombria. É o que me identifica como um Senhor das Sombras. Você verá alguns outros Derakeens dourados como eu, mas eles terão um par de asas douradas em vez de escuras como as minhas e apenas quatro chifres dourados.

— Isso é muito legal. Eles têm um propósito? — ela perguntou.

Sua curiosidade genuína me agradou muito. Eu não ousei esperar que ela me achasse interessante o suficiente para querer falar sobre o que eu era.

— Sim. Minha coroa amplifica meu controle sobre as sombras e torna mais fácil ver além dos vários caminhos do véu — eu expliquei.

Nós paramos em frente a um quiosque. Ele continha amostras de diversas frutas e verduras que as pessoas costumavam comprar para seus animais de estimação ou para alimentar as presas que pretendiam comer mais tarde.

— Esta loja e as outras duas à direita vendem frutas e vegetais frescos. Sempre que você precisar de alguma coisa, basta vir aqui e selecionar os que você gosta nas quantidades que deseja, e eles entregarão em nosso covil. Não se preocupe com dinheiro. Eles cobrarão diretamente da minha conta.

Kaida imediatamente franziu a testa com o último comentário. Ela abriu a boca para discutir. Um único olhar para meu rosto silenciou qualquer obscenidade que ela estava prestes a dizer. Eu tinha lido o suficiente sobre os humanos para saber que tanto homens como mulheres contribuíam igualmente para a riqueza e as necessidades da sua unidade familiar. Embora Derakeens também fizesse isso em vários aspectos, fornecer *sustento* era, acima de tudo, um dever masculino para nós. Mas acima de tudo, uma das principais formas de compensação de uma Ejaya era ter todas as suas necessidades atendidas por seu Senhor das Sombras, além de uma compensação monetária adicional.

Eu deveria ter especificado isso para Kaida. Eu sempre esquecia que ela sabia muito pouco sobre seu papel, incluindo seus benefícios e deveres, além de me deixar ficar esfregando nela.

Embora surpresos, os comerciantes foram bastante gentis quando eu solicitei que permitissem que Kaida provasse as frutas e vegetais que eu não consegui comparar com alguma versão humana. Para nossa alegria, minha Ejaya identificou muitos de que gostou e os

comerciantes tomaram notas - assim como eu. Eu adorei o entusiasmo e a ousadia com que ela experimentou tudo, até mesmo aqueles que pareciam estranhos para ela. A forma como seu rosto se iluminou quando ela encontrou algo agradável para suas papilas gustativas encheu meu peito de calor. Até agora, eu nunca tive alguém para cuidar, e a alegria de fazer isso por ela excedeu minhas maiores esperanças.

Eu aponte para o caminho esquerdo ao redor do portal negro — Aqui você encontra as lojas de móveis e decoração. Do outro lado, você encontrará os vendedores de presas vivas. Do outro lado do portal, você encontra a maior parte dos negócios comerciais e administrativos, desde construtores a advogados. Como meu covil é o seu covil, eu gostaria que você o redecorasse como achar melhor. Nós podemos dar uma olhada em...

— Com licença, Senhor das Sombras Cedros — uma voz irritantemente familiar chamou atrás de mim.

Eu me virei para encarar o intruso. Chegan, sua companheira e seus dois filhos olhavam para mim com expectativa.

— Desculpe incomodá-lo durante seu tempo com sua Ejaya, meu senhor. Mas eu poderia incomodá-lo por um portal para os Kairns de Alja?

Meu rosto endureceu, minha paciência se esgotando com aqueles nobres mesquinhos sempre em busca de carona — Caso você não tenha notado, o portal negro está bem atrás de você.

Ele recuou levemente com a minha resposta severa. Suas escamas azuis escureceram e ele teve a decência de parecer envergonhado por ser dispensado publicamente dessa forma — Claro, mas com dois filhos inquietos, perambular pelo vazio pode se transformar em uma verdadeira dor de cabeça. Sem falar que isso nos deixará a uma distância de voo não negligenciável do nosso destino. Enquanto que, com a sua ajuda, isso pouparia aos mais pequenos um voo exaustivo.

O fato dele usar sua prole como desculpa só me irritou ainda mais — É para isso que servem as pedras de obsidiana sombria — eu respondi em um tom entrecortado.

Sua companheira Tyvea deu um passo à frente e inclinou a cabeça de uma forma lamentável e submissa, atraindo seu filho para mais perto dela — Você está certo, meu senhor. Infelizmente, acabamos de perceber que já usamos a última marcada. Estávamos prestes a pegar o voo para o outro lado do portal para comprar mais quando notamos sua presença. Nós achamos que era um sinal dos deuses. Mas não se preocupe. Não vamos incomodá-lo mais e vamos buscar mais pedras.

Eu cerrei os dentes, nem um pouco enganado por sua falsa comiseração. Ela era tão mesquinha quanto seu companheiro. Eu não duvidava que se eu pedisse para esvaziarem a bolsa, encontraria um

punhado de pedras lá dentro. De repente, eu percebi que nunca tinha me incomodado em discutir com pessoas assim antes. Normalmente, eu apenas abria o portal a pedido para me livrar de sua presença desagradável, ou fingiria não ouvi-los me chamando e fugiria.

Mas a presença da minha Ejaya estava bloqueando a aura desagradável deles!

Essa constatação me fez notar ainda a completa ausência de náusea que normalmente sentiria agora por estar há tanto tempo no mercado, cercado por tantas pessoas. Nenhuma nebulosidade estava tomando conta da minha mente. Pela primeira vez, eu pude experimentar o que era se sentir normal em um ambiente público.

Eu olhei para minha Ejaya, com o coração cheio de gratidão, apenas para encontrá-la olhando para mim e para os nobres mesquinhos. Imediatamente eu me senti envergonhado. Ela me achava frio e sem compaixão por negar a eles algo que poderia fazer tão facilmente?

Sem pensar, eu convoquei o portal. Eu mal ouvi Chegan e Tyvea multiplicando seus agradecimentos enquanto conduziam sua prole para dentro do portal. Eu o dissipei assim que eles terminaram e olhei para minha Kaida com cautela. Meus músculos abdominais se contraíram de preocupação quando sua carranca se aprofundou enquanto ela me lançava um olhar avaliador.

— Você é gentil demais para o seu próprio bem — Kaida disse pensativa — É verdade que eu não sei quanto esforço teria sido necessário para eles voarem até o outro lado do portal para comprar obsidiana sombria... especialmente para as crianças. Mas me parece que eles estavam apenas sendo preguiçosos e esnobes.

O alívio me inundou enquanto eu balançava a cabeça — Eles estavam realmente sendo esnobes e mesquinhos. Esta é uma das muitas razões pelas quais não nos misturamos com a população em geral. Se pudessem, eles nos usariam como invocadores de portais pessoais em todas as oportunidades. Esse não é o propósito de um Senhor das Sombras. Nós estabilizamos portões, resgatamos os perdidos e matamos monstros.

— Bem, talvez você precise lembrá-los dis...

— Senhor das Sombras Cedros? Posso incomodá-lo um momento?

— uma voz desconhecida disse, interrompendo minha Ejaya.

Eu me virei para olhar, incrédulo, para o homem parado ao lado de uma mulher que eu presumi ser sua companheira. Pela ausência de urgência em seu comportamento, ele não estava aqui pedindo ajuda para uma alma perdida ou para um ataque em andamento. Isso só poderia significar uma coisa.

— Sim? — eu respondi, com minha voz fria.

— Minha companheira e eu precisamos ir para as montanhas

Rodova. Você poderia fazer a gentileza de...

— Certamente, você está brincando? — eu interrompi, a raiva surgindo através de mim.

O homem recuou, visivelmente intimidado pela minha raiva. E ainda assim, ele ergueu o queixo desafiadoramente, se mantendo firme — Usar o portal pode ser inconstante quando se vai para as Terras da Tempestade. Pedras confiáveis são raras e seu custo é proibitivo. Se você pode abrir um portal gratuito para o estábulo de Kairns de Alja para nobres ricos, certamente poderá estender uma cortesia semelhante aos plebeus pobres que viajam por uma jornada muito mais longa e perigosa?

Kaida revirou os olhos e se virou, voltando para o quiosque. Eu suspeitei que fosse para evitar comentários que pudessem ser considerados ofensivos.

Era especificamente por isso que não oferecíamos portais gratuitos. A propósito, outros nos olhavam atentamente, se eu atendesse ao seu pedido – por mais válidos que fossem seus argumentos – muitos mais viriam pedir uma carona grátis. Eu precisava tirar minha Ejaya do mercado.

Ela só se afastou alguns metros de mim, mas a familiar sensação de náusea já estava voltando, instalando-se na boca do meu estômago. Eu queria dizer ao plebeu para cair fora e fingir que não tinha encontrado um Senhor das Sombras hoje. No entanto, isso poderia evoluir para uma longa discussão, e eu não queria dar a impressão de que dava tratamento preferencial aos nobres. Eu devia ter dito a Chegan para ir embora.

Irritado demais, eu convoquei o portal para me livrar deles, com a intenção de pegar minha Kaida imediatamente depois e voar para longe daqui. No entanto, no momento em que o portal sombrio se formou diante de mim, um arrepio percorreu minha espinha. As raízes das minhas escamas formigaram quando eu senti uma fenda instável se formando a uma curta distância à minha direita.

Uma sensação de pavor tomou conta de mim quando minha cabeça virou em sua direção... na direção de Kaida. Olhando distraidamente para as mercadorias nas barracas, ela continuou andando para a direita, segundos antes de desaparecer de vista, engolida pela fenda invisível.



Capítulo 6

Kaida

Palavras não eram suficientes para expressar a extensão do meu aborrecimento. No minuto em que Cedros abriu o primeiro portal, eu sabia que alguns outros vagabundos viriam pedir uma carona grátis. Como Executora, muitas vezes eu estive em uma posição semelhante, onde os civis pensavam em me usar para cuidar de suas vinganças ou problemas pessoais. Eu não conseguia abrir portais, mas eles pensavam que, como eu podia atirar em coisas, eu poderia livrá-los de um vizinho chato ou dos ratos-verme gigantes que infestavam seu porão.

Eu parecia uma maldita assassina ou exterminadora?

O argumento que o homem tinha imposto tão fortemente a Cedros para que ele se sentisse culpado e o levasse a cumprir suas ordens me irritou muito. Se eu tivesse ficado mais um momento, minha língua afiada provavelmente teria me colocado em apuros. Este foi meu primeiro dia em Dramnac. Eu não conhecia a cultura local e não podia me dar ao luxo de alienar a população logo após a minha chegada.

Eu voltei a examinar as mercadorias expostas, esperando secretamente que Cedros lhes dissesse para irem andando. Eu precisava descobrir mais sobre esse negócio de Ejaya. Se eu estava aqui para cuidar dele, isso incluía o direito – se não o dever – de dizer às pessoas que se aproveitavam dele para se foderem? Eu certamente esperava que isso estivesse escrito em algum lugar nas letras miúdas. Eu não teria nenhum problema em fazer isso. Embora eu geralmente fosse gentil, eu poderia ser uma vadia cruel em qualquer dia da semana.

Uma súbita corrente de ar frio me pegou de surpresa. Não era bem uma corrente, pois ela não fluía. Parecia mais como se uma coluna de frio tivesse aparecido do nada perto de mim. Uma sensação estranha, quase de enjoo, tomou conta da minha barriga, e a necessidade urgente de me afastar me dominou.

Querendo me afastar do que quer que isso fosse, eu dei alguns passos à frente. Um formigamento poderoso se espalhou por toda a minha pele e meu estômago revirou como se estivesse em uma viagem

de elevador muito rápida. Em um lampejo de compreensão, eu percebi tarde demais o que estava acontecendo. Minha visão ficou turva, assim como o mundo ao meu redor. Por uma fração de segundo, eu me senti tonta, e então minha visão clareou apenas para eu me encontrar no meio de um espaço escuro.

A fumaça oscilante do que eu só poderia chamar de paredes me dizia que de alguma forma eu havia atravessado o véu e agora estava no vazio entre os mundos. O pânico total que eu esperava que me roubasse qualquer pensamento racional nunca veio. Eu fiquei paralisada, fascinada pelo ambiente estranho. Eu só podia creditar meu treinamento como Executora por manter minha cabeça nesta situação estressante.

Eu não entendia como eu conseguia enxergar nesta completa ausência de luz. E, no entanto, eu podia distinguir claramente o pequeno espaço circular – com aproximadamente três metros de raio – onde eu estava. Oito corredores se ramificavam, indo em todas as direções. Mas mesmo enquanto eu pensava em qual seguir, dois deles desabaram. Os outros mudaram, abrindo caminho para a formação de um caminho diferente e maior.

Eu quase fui até lá, mas lembrar das abominações que enfrentamos no laboratório de pesquisa de Veladeem diminuiu minha vontade. Sem armas ou um mapa claro para sair daqui, fazer uma excursão exploratória sem guia parecia pouco saudável.

Eu dei alguns passos para trás, esperando que isso me tirasse da anomalia em que entrei e voltasse ao mercado aberto.

Nada aconteceu.

Desta vez, uma ponta de medo entrou em meu coração. E se eu me perdesse permanentemente neste vazio? E se alguma coisa viesse até mim de um dos corredores escuros que levava a sabe-se lá onde? E se...?

Mas imediatamente eu reprimi esses pensamentos antes que eles pudessem se agravar e me levar ao pânico. Cedros me encontraria. Não só esse era o trabalho dele, mas eu também era sua Ejaya. Ele moveria o Céu e a Terra – neste caso, todo o maldito Dramnac – para me trazer de volta.

O caminho maior que se abriu depois que os outros dois desabaram pareceu aumentar ainda mais. Então, bem no final, talvez a vinte metros de distância, uma luz brilhou, aumentando a cada segundo. Eu apertei os olhos, tentando ver o que era. Parecia o céu brilhante de Dramnac. Poderia ser uma porta de volta para o mundo real?

Eu segui naquela direção, esperando que Cedros tivesse notado meu desaparecimento ou que alguém que passeava pelo mercado tivesse notado o que havia acontecido comigo. Depois de apenas cinco

metros em direção à porta luminosa, sua luz rapidamente começou a desaparecer. Os quinze metros restantes do meu destino original encolheram diante de mim à medida que os caminhos mudavam, novos corredores se abrindo ao redor, incluindo um acima. Eu apenas fiquei grata por não ter se aberto embaixo de mim, me fazendo cair para a morte ou sabe-se lá o que mais.

Mais uma vez, eu silencieiei o medo que tentava criar raízes à medida que mais corredores se alongavam e outros se encurtavam. Eu quase morri de susto quando a voz de Cedros gritando meu nome de repente ressoou em todos os lugares ao mesmo tempo. Eu não conseguia nem começar a adivinhar de que direção ela veio. Mas a esperança disparou em meu coração. Ele sabia que eu estava perdida no vazio. Ele estava procurando por mim. Eu gritei seu nome de volta. Para minha total consternação, o vazio pareceu engolir o som. Eu quase senti que ele foi apagado a poucos centímetros de mim.

Outra porta iluminada se abriu à minha direita, a apenas dois metros de distância. Por instinto, eu corri por ela ao reconhecer o céu e algumas árvores. Mas assim que eu saí do vazio, meu coração apertou no peito. Em vez do mercado aberto do portal negro, eu aterrissei em uma pequena rocha flutuante coberta de musgo, com não mais de dois metros de diâmetro. Ilhas flutuantes de tamanhos variados - mas nenhuma grande o suficiente para abrigar uma casa - me cercavam. As maiores, que me dariam um pouco mais de segurança, pairavam fora do alcance, muito para cima, para os lados ou para baixo.

Para piorar as coisas, uma forte rajada de vento quase me derrubou do meu pequeno refúgio. Eu gritei de medo e caí no chão, tentando ficar o menor possível para que o vento não me pegasse. Eu não conseguia ver uma única alma. Bem abaixo, pelo menos alguns quilômetros abaixo, pequenos pontos em movimento sugeriam a existência de vida selvagem em potencial vagando por um vale.

Eu não conseguia nem correr de volta para dentro do vazio que me levou a essa armadilha mortal. Qualquer sinal de anomalia desapareceu no minuto em que eu apareci aqui. Gritei o nome de Cedros a plenos pulmões. Embora minha voz ressoasse, não havia ninguém para ouvi-la.

Desta vez, o pânico que eu mantive sob controle enquanto vagava entre os mundos finalmente criou raízes. Eu nunca deveria ter saído do vazio. Lá, Cedros poderia ter me encontrado. Mas agora que eu estava de volta ao mundo real, ele ainda poderia me rastrear? Quem viria a este lugar abandonado e me encontraria aqui?

Meus dentes batiam sob o frio gelado que girava ao meu redor com as rajadas de vento. Eu deveria ter trazido minha mochila a jato. Pelo menos assim eu poderia ter voado até a superfície e talvez encontrado

um abrigo adequado ou alguma vila ou moradia. Eu não deveria ter permitido que meu temperamento me fizesse divagar. Cedros me avisou que anomalias poderiam acontecer a qualquer momento. Se eu tivesse permanecido ao lado dele, isso não teria acontecido. Eu deveria ter...

Um violento som de rasgo, semelhante a um trovão, interrompeu minha série de auto-recriminações. Como se em resposta às minhas orações silenciosas, um vórtice negro gigante se abriu verticalmente cerca de cinquenta metros acima de mim e talvez a cem metros de distância. Assim que ele terminou de se formar, um dragão dourado e azul-escuro saiu dele com um rugido poderoso.

Lágrimas brotaram em meus olhos e meu coração disparou ao reconhecer o ser amado.

— CEDROS! — eu gritei, pulando e ficando de pé.

Eu não achei que ele pudesse me ouvir de tão longe, mas assim que o nome saiu dos meus lábios, sua cabeça se virou em minha direção.

— *Minha Kaida! Eu a encontrei!*

Uma risada chorosa saiu de mim quando eu ouvi sua voz telepática ressoar em minha mente enquanto ele mergulhava em minha direção. Mas ela rapidamente se transformou em um grito aterrorizado quando outra rajada de vento me derrubou. Eu caí na borda da minha pequena ilha, mal me apoiando em uma rocha saliente. No entanto, o musgo que cobria sua superfície me dava pouco ou nenhum apoio.

E então minhas mãos escorregaram.

Eu gritei quando comecei a cair. Foi uma queda curta. Com algumas batidas poderosas de asas, Cedros me alcançou em segundos. Sua enorme pata se fechou em volta do meu corpo quando ele me pegava. Eu não me sentia maior do que uma boneca Barbie na palma da sua mão quando ele me levou até o peito, me cobrindo com a outra mão.

Chorando de alívio e gratidão, eu pressionei minha cabeça contra seu peito largo, ouvindo o bater de seus corações gêmeos. Cedros jogou a cabeça para trás e disparou o mais impressionante jato de chamas sombrias. Naquele instante, eu soube, sem sombra de dúvida, que ele estava expressando um excesso de alegria e alívio por ter me resgatado.

— *Eu a encontrei, minha Ejaya. Você está segura. Não tenha mais medo. Eu a encontrei você* — Cedros repetia para mim com sua voz telepática.

Um som estrondoso mais acima chamou minha atenção. O portal através do qual ele havia chegado pareceu dobrar-se de dentro para fora antes de se estabilizar novamente. Em um nível subconsciente, eu presumi que ele havia redefinido seu destino. Me segurando firmemente contra seu coração, Cedros voou através do portal.

Para minha surpresa, meio segundo depois nós saímos no terraço da casa dele. Ele pousou, o portal se desfazendo atrás de nós com um leve som sibilante.

— *Sinto muito... eu sinto muito, minha Kaida...* — Cedros disse telepaticamente, enquanto seu tamanho diminuía conforme ele saía de sua forma de batalha.

Ainda me segurando, desta vez com os braços em vez das mãos, após voltar à sua forma e altura normais, Cedros me deu um abraço esmagador. Quando sua capacidade de falar voltou, ele multiplicou as desculpas por sua aparente falha.

— Eu nunca quis colocá-la em perigo, minha Ejaya. Eu deveria ter prestado mais atenção. Eu prometo nunca mais ser tão negligente. Eu...

— Pare, Cedros — eu disse, segurando seu rosto entre minhas mãos — Você não foi negligente. Eu causei isso a mim mesma ao me afastar enquanto você lidava com aquelas pessoas.

Um lampejo de raiva cruzou suas feições alienígenas — Eu deveria ter dito a eles para irem embora e manter meu foco em você — ele disse entre os dentes — Ao invés de ver frutas e vegetais, eu deveria ter te avisado sobre o que fazer caso isso acontecesse.

— Ah, querido, por favor, pare de se repreender. Você não fez nada de errado. Eu não o culpo por nada disso — eu disse com uma voz gentil — Foi um acidente. Graças a você ter me avisado sobre essa possível ocorrência, eu não entrei em pânico quando inadvertidamente entrei naquela fenda. Mas o mais importante é que eu não surtei porque sabia que você iria me procurar e que me encontraria. E você encontrou. Você me salvou, Cedros. Você me trouxe para casa, sã e salva.

— Sempre, minha Kaida. Eu *sempre* irei atrás de você e a salvarei — ele disse com fervor, antes de cobrir meu rosto de beijos.

Eu comecei a rir — Isso faz cócegas!

Isso não o impediu. Depois de um tempo, ele me pegou e me levou para a sala de estar. Ele se sentou no sofá enorme e me acomodou em seu colo.

— Se você for pega em outra fenda, não se mova, a menos que tenha uma bússola com você — Cedros explicou — Amanhã, eu não apenas a ensinarei como usá-la, mas também como viajar no vazio — não que você deva fazer isso sozinha. No entanto, ter certeza de que você sabe como encontrar a saída sozinha me dará paz de espírito. Se eu não tivesse te visto entrar naquela fenda, você poderia ter passado muito tempo naquela rocha, já que viajou tão longe.

— Longe? — eu exclamei, atordoada — Eu não fui longe! Eu mal andei cinco metros dentro do vazio.

Cedros sorriu e acariciou meus cabelos — As distâncias são

diferentes no vazio. Lá, cada passo que você dá equivale a pouco mais de quinhentos metros no mundo real. Eu a encontrei a mais de dezoito quilômetros do mercado. Felizmente, você ainda estava na mesma fase de Oddran. Mas se você tivesse mudado para outra dimensão de Dramnac, localizá-la teria sido mais desafiador.

— Ah, uau! Isso é loucura! — eu disse, perplexa — Eu tentei dar um passo para trás no início, esperando que isso me levasse de volta por onde entrei, mas os caminhos apenas mudaram ao meu redor.

Cedros balançou a cabeça — Uma vez dentro, não há como recuar, a menos que você tenha o poder de abrir uma porta através do véu, como a maioria dos Derakeens faz. Você estava em uma fenda instável. Portanto, seus caminhos continuaram mudando, levando a destinos aleatórios. Se você tivesse entrado em uma fenda estável, eles não teriam se movido.

— Como você me encontrou? Eu ouvi sua voz em um determinado momento, mas ela vinha de todas as direções ao mesmo tempo — eu perguntei, fascinada.

Ele se inclinou, seu nariz roçando meu pescoço, e então respirou profundamente. Isso fez cócegas, me fazendo rir novamente. Ele levantou a cabeça para olhar para mim com uma expressão terna que fez coisas engraçadas comigo.

— Eu segui seu perfume divino, minha Ejaya. Como um Senhor das Sombras, eu posso ver qualquer fenda, para onde elas estão indo, de onde vieram e até mesmo o que eram antes de mudarem, no caso das instáveis. Portanto, eu explorei cada uma onde o seu cheiro era mais forte. Mas então ele foi interrompido e eu sabia que você havia saído do vazio. Meu coração quase parou de medo de onde você poderia ter ido.

— Em uma maldita pedra minúscula com ventos loucos tentando me derrubar — eu disse com um estremecimento.

Seus braços se apertaram possessivamente ao meu redor — Nunca saia de uma fenda a menos que você possa ver uma quantidade substancial de terra sólida através da janela. Nós podemos voar, você não.

— Acredite, essa lição foi devidamente aprendida — eu respondi, recusando a pensar no que poderia ter acontecido se eu tivesse ficado ali por muito mais tempo, naquele vento gelado.

— Ainda assim, eu a encontrei saindo nas proximidades de onde essas fendas instáveis teriam levado.

— De quantas você saiu antes de me encontrar? — eu perguntei, genuinamente curiosa.

— Dezesseis — ele respondeu.

— Nossa, você é rápido!

Ele estufou o peito de orgulho — Eu sou um dos maiores Senhores

das Sombras de Dramnac. É claro que sou rápido, especialmente quando se trata de salvar você.

— Eu ainda estou perplexa com como você se orienta lá. Era apenas um monte de corredores sombrios. A maioria deles parecia igual, alguns eram mais largos e outros mais longos. Escolher qual caminho seguir era como um ato de fé.

Ele sorriu com um olhar de comiseração — Na verdade, cada caminho tem uma assinatura clara para guiá-lo. Os caminhos principais funcionam quase como sinais de trânsito para nós. Infelizmente, como humana, você não consegue sentir as fases. Mas se você pudesse, depois de reconhecê-las, você saberia automaticamente que o caminho à esquerda é o destino X, enquanto o caminho à direita é o local Y.

Meu coração afundou — Então, sempre vou me perder lá...

Ele balançou sua cabeça — Talvez não. Como eu mencionei, há uma bússola que nós damos aos nossos filhos e aos Derakeens deficientes que não conseguem detectar fases adequadamente.

— Oh, certo! Você mencionou uma bússola! — eu respondi, com minha empolgação ressurgindo.

— Sim, espero que ela funcione para você. Nós experimentaremos pela manhã, minha Kaida. Mas se isso acontecer com você novamente sem bússola, por favor, fique parada. Se você tivesse permanecido exatamente onde estava, eu a teria encontrado imediatamente. Às vezes, a ruptura pode ser tão breve que você pode ser expulsa dela quando a mudança de fase terminar. Em vez disso, ela mudou com você. Existem pedras para sair de uma fenda, mas é preciso ter cuidado ao usá-las.

— Por quê?

— Porque, se a fenda mudar, você poderá sair por um abismo — Cedros disse com naturalidade.

— Ugh. Todos os portais são tão complicados assim? — eu perguntei, me sentindo desanimada.

— Não. O portal negro é muito confiável, com portas marcadas e estáveis. Você também encontrará portais permanentes em todas as cidades que são igualmente seguros. E também aqueles que nós convocamos, seja com uma pedra obsidiana sombria ou com nossos poderes, também têm um destino claro e confiável.

— Bem, isso é reconfortante — eu murmurei, ainda me sentindo um pouco desanimada.

Cedros riu e beijou minha testa.

Eu sorri, mas minha mente estava presa na minha missão. Eu precisava de uma maneira segura e confiável de explorar o vazio para concluir minha tarefa. Eu olhei para Cedros, pensando em tocar no assunto, mas desisti. Agora não era a hora. Eu não tinha intenção de

esconder nada dele. Na verdade, eu poderia usar um pouco de sua ajuda e conhecimento. No entanto, eu só podia esperar que, uma vez que ele descobrisse, ele não se tornasse um homem das cavernas, excessivamente protetor comigo.



Capítulo 7

Cedros

Meus corações ainda não haviam se acalmado com a provação que minha Ejaya havia acabado de enfrentar. Se ela fosse uma Derakeen, eu teria ficado, na melhor das hipóteses, envergonhado por não tê-la avisado disso. Porém, ela teria sentido primeiro e saído do caminho. Mas minha Kaida era humana. Tão frágil e indefesa quando se tratava de altura.

Eu não consegui segurá-la perto o suficiente para garantir que ela estava realmente em segurança em meus braços. A visão dela caindo daquela rocha flutuante me assombraria para sempre. Se ao menos eu pudesse dar asas a ela... Mas de todas as novas habilidades que eu poderia fornecer a Kaida, se nos tornássemos verdadeiros companheiros, desenvolver um novo par de asas infelizmente não constava da lista.

Ainda assim, o carinho que vinha florescendo em meus corações por minha Ejaya só aumentou ainda mais quando eu mais uma vez beijei sua testa. Ela tinha todo o direito de ficar brava comigo por não ter conseguido protegê-la, mas ela me absolveu totalmente e apenas demonstrou gratidão por eu tê-la salvo... como era meu dever.

Ela era perfeita.

— Diga, como é ser um Senhor das Sombras? — Kaida perguntou, levantando o rosto para olhar para mim enquanto se aconchegava de lado no meu colo.

Eu pensei nisso por um segundo antes de responder — É extremamente gratificante, mas também bastante solitário. Agora eu estou acostumado, mas meus primeiros anos como iniciante foram extremamente difíceis.

— Como assim? — ela perguntou, sua voz cheia de comiseração.

— Eu tinha apenas cinco anos e nunca havia me separado de minha mãe e de meus dois irmãos antes.

— Cinco?! O que aconteceu? Você começou a mostrar seus poderes e eles o enviaram para alguma escola de treinamento de Senhor das Sombras?

Eu ri e balancei a cabeça — Não. Quem dera. Quando os

Derakeens atingem a idade de cinco anos, tanto os meninos quanto as meninas vão para o vazio com uma bússola e comida por trinta dias. Nós devemos permanecer dentro do portal negro por pelo menos dez dias e seguir a Trilha das Sombras. Este é um caminho especial com uma série de faróis que devemos marcar para provar que completamos a jornada. A maioria das crianças sai depois de dez a treze dias. Um Senhor das Sombras permanece por pelo menos dois anos.

Kaida se endireitou e olhou para mim com um olhar incrédulo — O quê?! Dois anos?

Eu balancei a cabeça severamente — Na verdade, eu fiquei três anos. Embora tenha sido difícil, isso me beneficiou. Quanto mais você fica, mais poderoso você fica.

Ela franziu a testa, me dando um olhar avaliador — Então, você *escolheu* ficar tanto tempo?

Eu sorri e balancei a cabeça — Não. Ninguém *escolhe* permanecer tanto tempo na escuridão. Nosso corpo nos diz quando chegar a hora... quando devemos terminar. Normalmente isso coincide com o momento em que nossos chifres de sombra terminam de crescer, embora às vezes você possa permanecer lá por mais algumas semanas depois disso.

— Mas... você era apenas uma criança! Você só tinha comida para trinta dias. Como você comeu? Quem te criou? Quem cuidou de você? — Kaida perguntou, pasma.

— Eu me criei e cacei para comer — eu disse, dando de ombros — Existem reinos inteiros e civilizações complexas no vazio. Eles não seriam considerados espécies tradicionais pelos padrões da OPU, mas são povos organizados. E também há criaturas selvagens das quais se alimentar.

— Os aqrats? — ela perguntou com um estremecimento.

Eu ri — Você só come aqrats por desespero. Eles não só têm um gosto ruim, como também muitas vezes causam dores de estômago ou podem até desencadear jokraz se você comer inadvertidamente um de seus sacos de toxinas.

— Mas como você conseguiria comer um deles? Eles não se transformam em fumaça e se dissipam quando são mortos? — Kaida perguntou, parecendo um pouco confusa — Os pedaços de carne que acertamos com nossas pistolas laser no laboratório de pesquisa simplesmente evaporaram.

— Boa observação, minha Kaida — eu disse com orgulho — Mas isso aconteceu porque eles estavam no mundo físico, onde não deveriam existir. No vazio, eles permanecem inteiros. Felizmente, existem muitas outras criaturas para caçar, a maioria inofensivas e fáceis de capturar para um iniciante.

Kaida se mexeu no meu colo e mordeu o lábio inferior enquanto

refletia sobre minhas palavras — Eu ainda não consigo imaginar uma criança de cinco anos em tal situação. Você deve ter ficado com medo.

Eu dei de ombros novamente — No início, sim. Mas a trilha é bastante segura. Só quando eu fui além é que fiquei com medo, pois este era um território desconhecido. Porém, foi principalmente a solidão que me atormentou. Eu costumava ser muito próximo dos meus irmãos. Eu não tinha mais ninguém com quem brincar ou conversar.

— Nossa! Como os seus pais reagiram? Eles devem ter ficado doentes de preocupação.

— Na verdade não. Quer dizer, qualquer bom pai se preocuparia com o filho, mas eu tinha que interagir com os faróis pelo menos uma vez por mês. Então minha mãe sabia que eu estava vivo.

— Sua mãe? E quanto ao seu pai?

— Ele morreu quando eu tinha três anos — eu disse, com naturalidade.

— Oh! Eu sinto muito! — ela exclamou.

— Está tudo bem, não fique assim. É comum que os Senhores das Sombras sem uma Ejaya morram jovens devido a um caso particularmente virulento de jokraz. Quando um Senhor das Sombras chega perto dos cinquenta anos de idade e ainda não a encontrou ou não está acasalado, nosso povo espera que ele se reproduza com pelo menos uma mulher que tenha o maior controle de sua mudança de fase, para que seu acasalamento possa ser mais tolerável para ele. Foi assim que eu fui concebido. Portanto, eu não conheci realmente meu pai, embora o tenha encontrado algumas vezes.

— Entendi — Kaida disse pensativamente — Honestamente, eu não acho que conseguiria lidar com o desaparecimento do meu filho por três anos assim. Eu provavelmente iria surtar depois de um único dia e correria pelo vazio procurando por ele.

Eu ri e acariciei seu cabelo carinhosamente — Se você e eu tivéssemos filhos, há uma boa chance de que um deles fosse um Senhor das Sombras Superior. Mas já que tenho você, minha Ejaya, eu poderia verificar como está nosso filho ou filha e relatar como ele ou ela está.

Ela estremeceu, balançando a cabeça involuntariamente enquanto refletia sobre minhas palavras — Não sei. Eu realmente acho que não conseguiria lidar com isso. Ainda assim, quando você voltou, deve ter sido uma grande celebração.

Eu balancei minha cabeça — Não exatamente. Minha família se alegrou não apenas por me ver sã e salvo, mas também por haver um Senhor das Sombras oficial em nossa linhagem. Isso elevou seu status. Mas eu não pude comemorar com eles de verdade. A essa altura, a companhia de outras pessoas já havia se tornado desagradável para

mim.

— Porque você perdeu o hábito de socializar?

— Em parte, embora possamos superar isso. Mas foi principalmente o fato de que eles não conseguiam controlar sua transformação.

— Certo. Eu não achei que você já fosse sensível a isso naquela época — Kaida disse timidamente — Eu achei que quanto mais poderoso você ficava, mais intolerável isso se tornava.

— Isso também é verdade. No entanto, eu passei três anos infundindo sombra em todas as células do meu corpo e aprendendo a controlar as fases. Portanto, estar cercado por pessoas que não o faziam era mais do que um incômodo. É como se a sua realidade estivesse sempre prestes a mudar. Como andar ou ficar em pé inclinado, sempre se sentindo prestes a tombar. É bastante nauseante.

— Ugh, parece quando eu estou de ressaca. O que você fez depois? Vocês ainda podiam compartilhar o mesmo teto?

— Não. O Conselho concedeu à minha família um pedaço de terra maior, com espaço suficiente para construir um covil separado para mim, para que a proximidade deles não me incomodasse. Eu morava lá, minha mãe cuidava de minhas necessidades básicas, e eu estudei com um tutor virtual tanto acadêmico quanto de combate.

Uma expressão abalada tomou conta de suas feições estranhas, e ela esfregou meu peito em um gesto reconfortante — Oh, meu pobre Cedros. Deve ter sido tão difícil.

Eu sorri — Não fique tão triste, minha Kaida. Não foi tão ruim. Claro, eu lutei contra a inveja ao ver meus irmãos brincando juntos. Mas principalmente, eu gostava de ficar sozinho. Era mais confortável para mim. De qualquer forma, quanto mais velho eu ficava, mais as pessoas ficavam com medo de mim - como acontece com todos os Senhores das Sombras. Eles constantemente se preocupam que possamos prejudicá-los involuntariamente se nossa raiva for desencadeada. E é por isso que você raramente verá um de nós em público, a menos que esteja acompanhado por uma Ejaya para nos acalmar.

— Apesar da mudança de fase das pessoas ao seu redor? — ela perguntou, inclinando a cabeça para o lado — Você parecia bem antes, apenas irritado com os aproveitadores.

— Eu estava mais do que bem antes, porque você silencia o desconforto. Meu mundo é perfeito com minha Ejaya ao meu lado.

Tomado por uma onda de carinho pela minha pequena humana, eu lhe dei um aperto carinhoso enquanto esfregava meu rosto em seu pescoço, apenas para ficar irritado mais uma vez com todas as cobertas miseráveis que ela vestia. Eu me endireitei e olhei para suas roupas.

— O quê? — ela perguntou, parecendo confusa com meu súbito descontentamento.

Sem responder, eu me liberei das roupas dela. Para minha alegria, ela não hesitou e apenas bufou, me lançando um olhar que dizia que eu estava desesperado. Eu fiquei muito satisfeito com a rapidez com que nos sentimos confortáveis um com o outro nesse aspecto. Eu temia uma batalha difícil.

Ignorando meu aborrecimento com a roupa íntima dela, eu não reclamei disso. Eu eventualmente a convenceria a se livrar dela. Por enquanto, eu a levei para o terraço e me sentei na espreguiçadeira. O sol estava se pondo sobre Oddran e eu queria que minha Kaida ficasse hipnotizada pelas lindas cores que dançariam em nosso céu cintilante. Ela se apaixonaria por este mundo, apesar do começo difícil de hoje.

Meus braços a apertaram possessivamente e eu ronronei de felicidade quando ela se aconchegou comigo de boa vontade. Graças ao meu contato com Kaida, o fluxo constante de nezarona em meu sangue me manteve em alta. Felizmente, não foi nada parecido com o torpor brutal que tomou conta de mim quando ela chegou. Nosso primeiro abraço lidou com o pior das toxinas que me envenenavam.

— Eu achei que nunca ia te encontrar — eu sussurrei, quase mais para mim mesmo — Achei que eu morreria cedo como meu pai, enlouquecendo por causa do jokraz, sem nunca experimentar essa paz divina.

Ela levantou a cabeça para olhar para mim com simpatia e acariciou suavemente minha bochecha — Você me encontrou, da maneira mais inesperada... mas você me encontrou. Embora eu me pergunte como você procurou sua Ejaya. Se você vive isolado e se misturar com outras pessoas o deixa doente, deve ter sido difícil.

Eu balancei minha cabeça — Não, de jeito nenhum. Eu apenas visitava mercados e reuniões sociais. Eu não preciso estar perto da minha Ejaya para sentir sua presença. No minuto em que você entrou no laboratório de pesquisa, eu a senti. Estava escuro no início, mas ficou mais forte à medida que você se aproximava. Isso quase me deixou louco de necessidade, mas também de medo de que os aqrats pudessem fazer mal a você. Mas simplesmente voar sobre uma multidão seria suficiente para saber se minha Ejaya estava lá. E acredite, eu voei sobre cada milímetro de Dramnac em vão, já que você não estava aqui.

— Eu com certeza não estava — ela disse com uma pequena risada — Francamente, este é o último lugar onde eu imaginei que viria. Eu nem pensei que seu mundo ainda pudesse sustentar vida. Mas falando nisso, já que vocês, Senhores das Sombras, não podem sair com outras pessoas, vocês organizam reuniões sociais entre si?

Eu balancei a cabeça — Sim, mas não com tanta frequência. A

maioria dos outros encontraram suas Ejayas, o que lhes permite interagir muito mais com o público.

— Quantos de vocês existem — ela perguntou.

— Apenas vinte e um, o que torna cada um de nós precioso — eu expliquei — Se todos nós morrermos, este mundo acabaria entrando em colapso. A qualquer momento, deve haver pelo menos cinco de nós vigiando os portais enquanto os outros descansam ou se recuperam do jokraz. Costumava ser muito difícil quando poucos de nós encontravam suas Ejayas. Tantos dos meus irmãos ficaram furiosos com as toxinas que restavam apenas oito de nós para garantir a estabilidade dos portais e resgatar os perdidos. Felizmente, já estava bastante recuperado quando eu caí no meu caso mais brutal de jokraz.

— Uau. Não me admira que o seu Conselheiro tenha sido tão inflexível para que eu viesse aqui. Então o que você faz com o seu tempo?

Eu cocei as escamas na lateral do pescoço, me sentindo subitamente constrangido — Eu leio muito e assisto peças... O que vocês chamam de filmes.

Seus olhos brilharam com um brilho provocador — Seus filmes românticos?

Eu balancei a cabeça — Peças românticas e familiares.

— E os livros também são de romance?

Desta vez, eu me mexi inquieto embaixo dela. Pelo que eu li sobre o povo de Kaida, os homens humanos não liam nem gostavam de romance. Será que ela me consideraria não viril o suficiente se eu falasse a verdade para ela?

Um Senhor das Sombras e sua Ejaya são sempre totalmente honestos um com o outro.

Me preparando para a reação dela, eu balancei a cabeça novamente — Sim. Eu adoro ler romances. Eles aquecem meus corações. Eu... gosto de experimentar o amor e a vida familiar indiretamente através dos protagonistas. Você acha que isso é ruim?

Seu rosto se suavizou em um sorriso afetuoso — Não. Eu acho isso muito fofo. Eu gostaria que mais homens aprendessem a apreciar o romance.

Meus corações dispararam com a resposta dela, e especialmente com o fato de que ela parecia estar falando sério. No entanto, sua expressão mudou, assumindo um tom especulativo enquanto ela estudava minhas feições.

— Se você pudesse ter escolhido, você teria se tornado um Senhor das Sombras?

Essa pergunta me surpreendeu. Eu hesitei, parando um momento para pensar sobre isso. Nenhum Derakeen jamais questionou algo assim. Ser um Senhor das Sombras era uma honra suprema. Mas não

uma que eu tivesse escolhido. Conhecendo o tipo de vida que isso me proporcionou, eu teria escolhido isso para mim?

— Eu nunca considereei isso. Mas agora que você pergunta, devo dizer que, se pudesse escolher, eu ainda escolheria esta vida, apesar de suas desvantagens — eu disse com toda a sinceridade — Eu adoro resgatar pessoas. Eu gosto de derrotar os aqrats. Não é a emoção de matar, mas o fato dos meus esforços tornarem o mundo seguro para os outros. É saber que o meu trabalho, e o dos meus poucos irmãos, é a única razão pela qual Dramnac continua a existir e que tanto o nosso povo como o nosso modo de vida podem prosperar. Que outra carreira me permitiria fazer tanto para um bem maior?

Kaida sorriu com tanto carinho e aprovação que eu me senti derretendo por dentro, enquanto meus corações se enchiam do calor mais agradável.

— Eu posso me identificar totalmente. O desejo de proteger os outros, de tornar o mundo um lugar mais seguro é a razão pela qual me juntei aos Executores. Nem sempre é fácil. Às vezes pode ser assustador e solitário, mas cada missão concluída é uma grande recompensa por si só.

Foi a minha vez de estudar suas feições com admiração e descrença — Eu a vi lutar no laboratório de pesquisa, então não duvido de suas habilidades. Mas você parece incrivelmente frágil e indefesa.

Ela bufou e olhou com uma expressão divertida para sua pele macia e pálida — Embora os humanos não possuam todas as características defensivas e ofensivas naturais de espécies como a sua, nós somos muito bons em criar armaduras e armas incríveis. Dito isto, nos meus seis anos como Executora, você é o ser mais perigoso que eu já enfrentei. Na sua forma de batalha, você poderia ter me esmagado como um inseto.

Meus braços se apertaram ao redor dela e eu dei um beijo suave em sua testa — E ainda assim, eu sou a única coisa que você nunca terá que temer, minha Ejaya. Os deuses me abençoaram com você. Minha vida está destinada a proteger a sua.

Kaida abriu a boca para responder, mas um suspiro de choque escapou dela quando uma explosão de luzes coloridas disparou pelo céu noturno, quase como uma onda de choque. Com o sol desaparecendo lentamente entre o horizonte e a linha de fenda onde esta fase de Oddran terminava, o céu brilhante dançava em uma sinfonia de cores até o pôr do sol.

— Isso é hipnotizante... — Kaida sussurrou, sua voz cheia de admiração.

— Este é o seu novo mundo, minha Kaida. Bem-vinda ao lar.



Capítulo 8

Kaida

Eu acordei com uma montanha de músculos e escamas ao meu redor... e uma mão enorme apoiada diretamente na minha bunda. Eu olhei para Cedros, o examinando em detalhes. Por mais alienígenas e dracônicas que fossem suas feições, e por mais intimidante que fosse a carranca quase permanente que sua testa escamosa lhe dava, eu achava Cedros muito lindo. Seu corpo era incrível. Seu peito musculoso e abdômen esculpido eram de dar água na boca. E aqueles lábios incrivelmente humanos? Até mesmo agora, eu estava lutando contra a vontade de me inclinar até eles e chupar aquele lábio inferior carnudo.

Tecnicamente, ele é meu marido. Seria perfeitamente legítimo para mim apreciá-lo.

Eu reprimi esse pensamento rapidamente. Cedros era um grande romântico, e ainda por cima virgem. Se o sexo entre nós fosse bom, ele provavelmente se convenceria de que estava apaixonado por mim. Considerando toda a sua opinião sobre um Senhor das Sombras se casando com sua Ejaya, ele ainda acreditaria que isso era uma prova de que estávamos destinados. Por mais que eu gostasse dele – e eu realmente gostava – eu não queria enganá-lo.

E, no entanto, aqui estou eu, ficando excitada apenas por estar deitada em seus braços.

O que eu precisava era de um banho frio para tirar minha mente da sarjeta e me preparar para aprender a navegar pelo portal negro. Para meu alívio, Cedros não resistiu quando eu me desvencilhei cuidadosamente de seu abraço para ir até a sala de higiene.

Eu estava aqui há apenas vinte e quatro horas, mais da metade das quais eu passei seminua, aconchegada com Cedros. E ainda assim, eu não pude negar os efeitos do nosso contato. Ele não se contorcia e tremia mais. Sua fala não estava mais arrastada ou lenta como quando nos conhecemos. Não era tão perceptível naquela época, mas com o passar do dia e da noite, a diferença tornou-se evidente. Até o rosto dele parecia mais relaxado, quase mais jovem.

Pensar que minha mera presença estava fazendo isso por ele ainda

me confundia. Eu resisti à tentação de acariciar seus cabelos sedosos e azul-arroxeados e caminhei silenciosamente até a sala de higiene.

Eu me sentei cautelosamente no vaso sanitário para me aliviar. Embora Cedros tenha consertado a resistência do bidê para mim ontem à noite, e apesar de eu tê-lo testado antes de dormir, eu ainda me preparei para outro possível ataque da mangueira de incêndio. Provavelmente demoraria um pouco até que eu superasse aquela primeira experiência traumática.

Tudo correu bem e eu rapidamente me despi para entrar no chuveiro. Mais uma vez, a beleza da vista daqui me deixou sem fôlego. Eu me perguntei como reagiria se um Derakeen sobrevoasse ali fora. Mesmo que eles não pudessem ver o interior, graças às janelas refletivas, eu provavelmente ainda ficaria paranoica pensando que eles poderiam ver tudo.

Eu peguei o sabonete, agradavelmente surpresa com seu aroma levemente adocicado, nem frutado nem floral, mas não o que eu esperaria de um homem. Como eu nunca tinha percebido aquele cheiro em Cedros, me perguntei se ele o havia adquirido especificamente para mim. Eu fiz espuma e comecei a ensaboar meu corpo. Eu não sabia do que diabos ele era feito, mas fazia minha pele formigar da maneira mais agradável.

Depois disso, eu usei minha fiel escova para as costas, minha mente vagando de volta à minha missão. Eu precisava encontrar o momento certo para discutir o assunto com Cedros. Como que convocado por esse pensamento, meu marido abriu repentinamente a porta e entrou na sala de higiene, me assustando.

— Que porra é essa?! O que você está fazendo aqui? — eu exclamei, quase quebrando a escova no rosto na pressa de cobrir os seios com o braço direito e a vagina com a mão esquerda — Achei que tivéssemos combinado que você não entraria enquanto eu estivesse aqui?

Embora ele não tenha parado de avançar, seus passos vacilaram, assim como seu sorriso — Mas você está tomando banho, não usando o assento de dejetos — Cedros respondeu, parecendo um pouco confuso.

— É a mesma coisa! — eu disse, o tom da minha voz subindo um pouco.

Ele parou, franzindo a testa — Mas nós somos casados. Casais humanos tomam banho juntos. É um ritual de união. Não é? — Cedros argumentou.

— Casais reais sim! Mas *nós* não somos!”

Uma onda de culpa me atingiu no estômago quando ele se encolheu, o olhar magoado em seu rosto rapidamente escondido. Ele girou os ombros, as engrenagens girando enquanto ele parecia lutar

contra pensamentos conflitantes.

— Mesmo que não sejamos um casal ‘de verdade’, os humanos tomam banho juntos o tempo todo em grandes corpos de água — ele insistiu.

— Nós *nadamos* juntos, com trajes de banho. Não nus! — eu retruquei, incapaz de acreditar que estávamos tendo essa conversa seriamente comigo tentando esconder minhas partes íntimas.

Para minha consternação, seu olhar se concentrou em meus seios parcialmente escondidos, depois na minha mão tentando cobrir minha vagina. Então seus olhos se arregalaram como se ele compreendesse repentinamente.

— Eu não vou te abraçar nua, se é isso que te preocupa. Eu sei que você não quer isso — Cedros disse em um tom tranquilizador.

Eu revirei os olhos e bufei de desânimo — Não é isso, Cedros. Você simplesmente não deveria me ver nua. Os humanos só se despem na frente de seus amantes... ou de médicos, para tratamento médico.

Seu queixo caiu e ele me lançou um olhar muito estranho, como se me achasse mais que bizarra – o que provavelmente era o caso. Depois de um instante, ele deu de ombros.

— Me desculpe. Este costume humano é bastante incompreensível para mim — ele disse, parecendo envergonhado. Ele coçou as escamas abaixo do chifre direito, olhou para a porta fechada atrás dele, como se estivesse se perguntando se deveria ir embora, e depois se voltou para mim com uma expressão avaliativa — Bem, eu vi você nua agora. Então... podemos tomar banho juntos, já que eu já sei como você é?

Eu fiquei boquiaberta para ele, incrédula — Não! Quero dizer, claro, você me viu, mas isso não é motivo para continuar me olhando!

— Mas qual é o problema? Você vê a mim e a todo mundo nus o tempo todo — ele argumentou, parecendo um pouco irritado.

— As mulheres não andam por aí com os seios de fora. Nós...

— Isso não é verdade — ele interrompeu com força — Em suas praias, as mulheres humanas costumam andar com os seios à mostra.

Eu gemi de exasperação — Certo. *Algumas* mulheres fazem isso. Mas *eu* não!

Um milhão de expressões diferentes passaram pelo rosto de Cedros. A última realmente me incomodou. Eu não conseguia definir bem, mas a tristeza subjacente gritava uma sensação de rejeição, decepção e sonhos destruídos. Me ocorreu então que Cedros provavelmente fantasiou durante anos sobre como seria ter uma Ejaya. Mas eu continuava estourando sua bolha por causa de coisas que não faziam sentido para ele.

Na verdade, qual era o problema dele ver meus seios? Cedros e seu povo não viam a nudez como os humanos. Eu não tinha vergonha do meu corpo e confiava nele para não me atacar aleatoriamente por

falta de autocontrole. Então por que eu estava fazendo tanta confusão?

— Me desculpe por ter te chateado. Eu achei que era um ritual humano normal que ajudaria em nosso vínculo. Eu vou sair.

Outra onda de culpa tomou conta de mim ao ver sua expressão derrotada e abatida quando ele se virou para sair da sala.

— Cedros, espere! — eu gritei.

Ele olhou para mim interrogativamente por cima do ombro. Eu respirei fundo e soltei meus braços, expondo tudo.

— Como você disse, você já viu como eu sou. Você pode muito bem ficar — eu disse com um sorriso duro.

Eu não sabia que resposta esperava, mas não que ele me olhasse com um rosto desprovido de qualquer expressão, seu olhar ardente e intenso.

— Não. Você não está falando sério. Eu posso ver que você realmente não me quer aqui. Vou deixá-la em paz.

Com isso, ele saiu e fechou a porta atrás de si.

— Que merda — eu murmurei baixinho.

Eu odiava causar qualquer tipo de incômodo a ele. Esse negócio de choque cultural estava se revelando ainda mais complicado do que eu esperava. Porém, foi ingênuo da minha parte esperar que tudo corresse bem, contanto que eu o deixasse me abraçar por alguns minutos todos os dias. Eu rapidamente me lavi e me sequei.

Mais uma vez, eu encontrei o quarto vazio quando saí da sala de higiene. Enquanto eu ia escolher o que vestir, meu olhar pousou no presente de casamento de Kayog. Primeiro, a bússola Derakeen mais estranha que, segundo Cedros, Kayog adaptou especificamente para mim. Em segundo lugar, a mochila a jato mais elegante, sofisticada e avançada da galáxia. E por último, uma viseira ridiculamente bonita. Embora eu soubesse o que fazer com a mochila a jato, os outros dois presentes me deixaram perplexa. Cedros deveria me mostrar como usá-los no vazio esta manhã.

E isso só aumentou minha culpa em relação a esta situação.

Eu levei um bom tempo me vestindo enquanto tentava descobrir meu próximo passo. Nos próximos seis meses, Cedros e eu teríamos que morar juntos. Além de toda a besteira política que me coagiu a vir aqui, eu tinha me comprometido a ser a melhor Ejaya que pudesse ser para ele. Cedros estava se esforçando para me agradar. É verdade que ele precisava de mim, mas isso não significava que eu não pudesse encontrá-lo no meio do caminho.

Depois de tomar várias decisões, eu saí do quarto vestindo um top tubinho sem sutiã e uma saia boêmia com fenda na altura da coxa. Tudo preto, obviamente...

Eu encontrei Cedros sentado na sala de estar, com um ar profundo

de concentração enquanto lia intensamente em seu tablet, com a testa franzida. Na ilha da cozinha, a comida estava pronta para ser preparada para mim. Assim que percebeu minha presença, Cedros quase pulou em pé, com uma expressão arrependida no rosto.

— Por favor, aceite minhas desculpas novamente — ele disse em tom arrependido — Eu não achei que entrar na sala para tomar banho fosse errado. Eu preciso me lembrar que você não é uma Ejaya Derakeen. Com elas, não existem tantos limites. Eu *estou* me esforçando muito para aprender seus métodos. Por favor, seja paciente comigo. Eu farei melhor.

Eu fui até ele e ele pareceu surpreso quando eu peguei suas mãos nas minhas — Por favor, não se desculpe. Você não fez nada de errado. Eu é que deveria pedir desculpas a você.

— O quê?

— Nós somos espécies diferentes, com culturas e costumes muito diferentes. Você está se esforçando para ler sobre os humanos para tentar me agradar, e eu continuo reclamando disso e daquilo porque não é o jeito do *meu* povo — eu disse, me sentindo envergonhada — Você e eu podemos não ser um casal tradicional, mas ainda temos uma forma exclusiva de relacionamento e convivência. Isso não pode funcionar se apenas uma pessoa estiver fazendo concessões e tentando encontrar a outra pessoa no meio do caminho, o que você tem feito. Eu preciso fazer a minha parte também.

— Eu não me importo de fazer concessões, minha Kaida. Eu quero que você seja feliz — ele argumentou.

— Mas aí você perderá a si mesmo e sua própria identidade no processo. Isso inevitavelmente o deixará infeliz, e a mim também, a longo prazo — eu retruquei gentilmente enquanto apertava suas mãos — Nós temos um ditado na Terra: Quando em Roma, faça como os romanos.

Ele inclinou a cabeça para o lado com uma expressão curiosa — Que significa?

— Significa que é ilógico que eu me estabeleça em seu mundo e espere continuar vivendo minha vida de acordo com meus hábitos humanos — eu expliquei — Significa que, quando eu estiver em Dramnac, eu preciso fazer como os Derakeens fazem, em vez de repreendê-lo para você agir como um humano. E começa com isso.

Eu soltei as mãos de Cedros, alcancei a borda inferior do meu top e comecei a levantá-lo.

— Não! — Cedros exclamou, suas grandes mãos fechando em volta dos meus pulsos, me parando — Você não precisa fazer isso.

— Derakeens andam nus — eu respondi calmamente — Eu posso não estar pronta para descobrir tudo ainda, mas posso pelo menos encontrá-lo no meio do caminho.

Ele apertou meus pulsos com mais força e balançou a cabeça com uma expressão quase triste — Não, minha Kaida. Eu não quero que você faça nada contra a sua vontade, ou que a deixe desconfortável, só para me agradar.

Eu sorri e gentilmente o forcei a soltar meus braços — Viu? Você dizer isso só me faz querer fazer ainda mais. Muitas coisas são desconfortáveis na primeira vez, mas depois de fazer isso, você percebe que não é grande coisa e supera isso. Você me abraçar pela primeira vez foi muito estranho porque você era um estranho para mim. Agora, eu não me importo. Na verdade, eu prefiro aproveitar, já que você não me sufoca mais. Você é ótimo para abraçar.

A forma como as escamas douradas de Cedros escureceram de repente, assumindo uma cor quase bronze, me fez cair na gargalhada. Ele estava tão adoravelmente fofo quando olhou para mim com uma expressão satisfeita e envergonhada. Sua garganta brilhava, e um pouco daquele calor reconfortante que eu tanto amava irradiava dela.

— Me agrada muito saber que você gosta de me abraçar, minha Ejaya.

— Eu gosto — eu disse com toda sinceridade — Então, ficar nua perto de você vai ser desconfortável no começo, mas, eventualmente, eu vou superar isso também. A nudez é inofensiva e natural em Dramnac. Quaisquer que sejam as circunstâncias que me trouxeram aqui, eu me comprometi a ser uma Ejaya adequada para você. Eu deveria ser a pessoa com quem você pode ser você mesmo e com quem você pode falar e interagir livremente, sem preocupação, vergonha ou restrição. Eu não quero que você não fale ou aja da maneira que lhe é natural, por medo de que eu possa ficar ofendida ou chateada. Se eu não gostar de alguma coisa, eu te direi. OK?

Uma emoção poderosa cruzou suas feições. Pela forma como sua garganta se movia, eu suspeitei que ele estava tentando engolir as emoções avassaladoras que o percorriam.

— Sim, minha Kaida.

— Então lá vai — eu disse com uma voz alegre, arrancando minha blusa com um movimento rápido — Aqui estão os seios humanos de uma mulher. Nada demais...

E realmente não era. Mesmo com ele cobiçando descaradamente meus seios nus, o esperado constrangimento e vergonha nunca vieram. Eu não sabia se minha preparação mental antes de sair do quarto ou sua expressão fascinada e desprovida de luxúria explicavam isso.

Ele inclinou a cabeça para um lado e para o outro enquanto os examinava com um sorriso cheio de admiração — Eles são bem grandes. Eles são pesados? — ele perguntou com naturalidade.

Eu bufei — Grandes? Essa é a primeira vez — eu disse, mais para mim mesma. Eu gostava de dizer que eram tamanho C, mas

dependendo do modelo do sutiã, às vezes o B caía melhor — Pelos padrões humanos, os meus são medianos. E não, eles não são pesados. Mas para mulheres com seios muito maiores, o peso pode causar fortes dores nas costas.

— Entendi. Eu entendo que as mulheres humanas alimentam seus filhos com eles. O seu contém leite agora?

Meus olhos quase saltaram das órbitas, e então eu ri enquanto me recuperava do choque — Oh Deus não! Definitivamente não há leite aqui. Eu não dei à luz. As mulheres humanas só começam a produzir leite quando estão perto de dar à luz um bebê e continuarão lactando enquanto amamentarem. Tecnicamente, você pode induzir a lactação mesmo sem gravidez, mas isso requer algum esforço.

— Oh — Cedros disse, seu rosto demonstrando sua decepção.

Eu pisquei, surpresa com sua reação inesperada — Não era isso que você queria ouvir.

Ele me deu um sorriso tímido — Bem, eu estava curioso para saber qual era o gosto do seu leite.

Meu queixo caiu e eu olhei para ele, incrédula — Você queria provar meu leite materno?!

Desta vez, foi ele quem ficou surpreso com a minha reação — Sim claro. Por que eu não faria isso? Eu também estava bastante curioso para saber como o seu leite fermentado poderia ser eficaz para reabastecer nossos sacos de hidrogênio.

Sem palavras, eu continuei olhando para ele. Mas ele ainda estava muito focado nos meus seios para perceber.

— Eu estou surpreso por eles não serem funcionais, devido ao seu tamanho — Cedros refletiu em voz alta — Eu presumi que os seios das mulheres eram grandes por causa de todo o leite que continham. Os seus parecem tão firmes e empinados que eu esperava que fossem duros. Mas eles sempre ficam macios contra mim quando eu a abraço.

— Uau! Firmes e empinados! Obrigada! Esse é o melhor elogio que você pode fazer a uma mulher sobre seus seios — eu disse com uma risadinha.

Ele sorriu e levantou a mão em direção ao meu seio direito, mas se conteve antes de tocá-lo — Me desculpe! — ele disse, me dando um olhar preocupado.

Eu sorri novamente — Está tudo bem, você pode tocar.

Um grande ‘Que porra é essa?!’ disparou na minha cabeça enquanto as palavras saíam dos meus lábios. Eu não conseguia acreditar que tinha dito a ele para ir em frente e apalpar meu seio.

— Tem certeza? — ele perguntou hesitante.

Eu deveria ter aproveitado a oportunidade para me retratar, mas a esperança em sua voz e em seu olhar me fez concordar.

— Sim você pode. Vá em frente.

Eu já tive meus seios tocados no passado, mas ter Cedros apertando o esquerdo como se fosse uma buzina de palhaço quase me fez cair na gargalhada.

— Tão macio e mole — ele disse melancolicamente, me fazendo rir.

Eu não conseguia me lembrar de alguém me tocando de uma forma menos sexy. Até mesmo um médico me fazendo um exame de mama não parecia tão estranho... mas de uma forma engraçada. Embora definitivamente não houvesse nada de infantil em Cedros, a maneira inocente como ele me explorava era cativante. Enquanto ele me apalpava, eu me sentia como uma bola anti-stress em sua mão.

E então, embora sua expressão permanecesse curiosa, seu toque mudou. Ele cobriu meu seio com a palma da mão, apertando-o levemente antes de esfregá-lo suavemente. Sua segunda mão pousou em meu outro seio, segurando-o enquanto seu polegar circulava minha aréola. O que começou como uma exploração lúdica assumiu um rumo diferente quando uma chama inesperada acendeu em minha barriga.

Para minha consternação, a ponta dos meus mamilos endureceu. As pupilas verticais de Cedros se arregalaram quando ele se inclinou para frente, percebendo a mudança.

— Eles estão endurecendo. O que está acontecendo? — Cedros perguntou.

Envergonhada, eu peguei seus pulsos e gentilmente afastei suas mãos de mim — Não é nada. Às vezes isso acontece quando você mexe em nossos mamilos.

— Mas por quê? — ele insistiu, genuinamente curioso — Isso é...

Ele parou de falar abruptamente, com as narinas dilatadas e os olhos arregalados. Quando sua cabeça se abaixou e ele olhou para minha virilha antes de respirar fundo, nenhuma palavra poderia descrever a extensão da mortificação que eu senti.

Ele olhou para mim com choque e descrença — Você está excitada? Meu toque a despertou?

Meu rosto estúpido ficando vermelho como uma beterraba era toda a resposta que ele precisava. O mais incrível ar de admiração desceu sobre suas feições. Ele olhou para a mão, para o meu seio e depois para o meu rosto, com as narinas dilatadas o tempo todo. Naquele instante, eu desejei poder invocar um portal e desaparecer daqui.

— Ok, chega de pegar em peitos por hoje — eu disse, olhando para a comida no balcão, ansiosa para mudar de assunto.

Mas Cedros estava longe de terminar.

— Você *está* excitada, correto? — ele insistiu.

Eu cruzei os braços sobre o peito, agora me sentindo constrangida com minha nudez parcial — Você não deveria fazer perguntas como

essa.

— Por que não? E por que você está envergonhada?

— Porque simplesmente esse não é o tipo de coisa que discutimos abertamente — eu disse.

— Então você não vai responder? Essa é outra regra humana? Uma que eu deveria deixar em paz?

Eu fiz uma careta para ele, ao mesmo tempo impressionada e irritada com a maneira nada sutil com que ele estava me lembrando que eu havia me comprometido a permitir que ele se expressasse abertamente comigo, como faria com uma Ejaya Derakeen.

Eu soltei um suspiro e olhei para ele com tristeza — Sim, os seios são erógenos. Quando tocados suavemente da maneira certa, isso pode excitar uma mulher.

Um sorriso admirado esticou seus lábios — Eu não consigo acreditar que meu toque a despertou.

Esse comentário me surpreendeu. Eu fiz uma careta e olhei para ele interrogativamente — Por que você não consegue acreditar?

Foi a vez dele parecer surpreso — Eu tenho escamas, chifres, cauda, pernas digitígradas e feições dracônicas. Eu não me encaixo exatamente nos critérios de atratividade da estética humana — ele disse com naturalidade.

Minha carranca se aprofundou — É verdade, mas isso também não faz de você pouco atraente. Cada espécie tem sua própria forma de beleza.

Ele assentiu, mas ainda não parecia satisfeito — Tocá-los da maneira certa é a única coisa necessária para desencadear essa resposta? Quero dizer, você responderia da mesma maneira, não importa o quão repulsivo você possa achar a pessoa que está tocando em você?

— Oh não! A excitação não é apenas uma coisa física. Muito disso é emocional. Alguém que não acho atraente não me excitaria. Você pode não ser humano, mas eu ainda acho que você é um homem muito atraente.

Por uma fração de segundo, enquanto eu pronunciava essas palavras, me perguntei se Cedros estava procurando elogios. Mas seu choque genuíno apagou qualquer dúvida de que ele realmente pensava que eu não poderia me sentir atraída por ele.

Ele sorriu para mim e estufou o peito — Suas palavras me agradam muito, minha Ejaya. Eu também acho muito atraente, o que não achei possível com uma humana. Eu gosto de como meu corpo responde a você. E agora entendo por que os homens humanos gostam de seios. Eles são maravilhosos, mesmo quando não são funcionais, como os seus.

Oh meu Deus!

Eu mal reprimi a vontade de colocar a palma da mão no rosto. Como diabos eu deveria responder a isso? Felizmente, Cedros me poupou de mais constrangimento ao pegar minha mão.

— Venha, minha Kaida. Vamos alimentá-la.

Aliviada, eu o deixei me guiar até o balcão, onde ele começou a preparar minha refeição.



Capítulo 9

Cedros

Kaida me achou atraente. Meu toque a excitou. Até mesmo agora, o aroma da sua necessidade permanecia no meu nariz. Tinha um cheiro ainda mais divino do que seu perfume de Ejaya. Nunca antes eu senti um desejo tão poderoso de extrusão do meu comprimento. Kaida me excitou... realmente me excitou.

E Kayog disse que nós somos compatíveis...

Quando ele confirmou que Kaida viria e se estabeleceria em Dramnac comigo, eu não esperava nada além de um relacionamento platônico entre Ejaya e Senhor das Sombras entre nós. Eu nunca me imaginei ficando sexualmente atraído por uma humana. Mas isso mudou. Agora eu queria mais... queria tudo com a minha Kaida. Eu precisava encontrar mais oportunidades e maneiras de deixá-la excitada novamente. Eu precisava ler sobre os rituais de namoro humano para fazer com que sua atração por mim crescesse ainda mais.

No entanto, eu não podia permitir que minha mente vagasse enquanto nos levava até o portal negro. Apesar de sua coragem inegável, Kaida ficou levemente tensa em meus braços quando entramos no que parecia ser uma poça escura e rodopiante de fumaça no centro da cidade. O frescor familiar e a sensação de formigamento percorreram minhas escamas quando pousamos no vazio.

— Uau! — Kaida exclamou em voz baixa quando viu o centro principal do portal negro.

O vasto espaço – um tanto circular – possuía vários portais grandes revestindo suas paredes sombrias. E entre eles, longos corredores levavam a ainda mais portas.

— Este é o centro principal do portal negro — eu expliquei — Cada um desses portais leva a um destino específico. Ao contrário da fenda em que você ficou presa ontem, esses portais e caminhos nunca mudam. Nós, Senhores das Sombras, garantimos isso.

— Eles parecem estáveis em comparação com onde eu estava, mas como saber para onde eles levam? — ela perguntou, parecendo preocupada — Tudo o que eu vejo são vórtices negros revestindo a

parede. Pelo menos, naquela fenda, eu pude ver o que havia do outro lado.

Eu balancei a cabeça — Dava para ver o outro lado porque o destino ficava a uma distância muito curta. Esses portais a levam para muito longe. Somente um Senhor das Sombras é poderoso o suficiente para ver o outro lado. Mas há marcas em todos os portais que nós tecemos. Seus olhos humanos simplesmente não conseguem vê-las. Coloque a viseira que Kayog lhe deu.

Kaida obedeceu, colando os dois pequenos discos magnéticos em cada lado das têmporas. Ela então pressionou simultaneamente seus centros para ativá-los. Um raio azulado e translúcido saiu de cada disco, curvando-se diante de seus olhos e conectando-se no meio, formando uma espécie de óculos holográficos. Kaida engasgou, seu rosto brilhando de admiração.

— Isso é tão foda! Eu consigo ver agora. Parecem runas brilhantes feitas de chamas sombrias — ela disse com uma voz animada — Mas eu não consigo ler o que elas dizem.

— Certo. A viseira apenas melhora a sua visão para que você possa ver as coisas que nós vemos. Não houve tempo para atualizá-la o suficiente para integrar um tradutor que pudesse funcionar sem interferir em suas demais funções. Mas a bússola vai resolver isso — eu expliquei — Esfregue o polegar sobre a interface central para ativá-la e aponte a bússola para o portal.

Kaida fez o que eu instruí.

— Oh meu Deus! Fantástico! As runas mudaram para letras normais. Aqui diz ‘Planícies de Kolvar’!

Eu sorri, satisfeito em ver que funcionava perfeitamente — Está correto. Qualquer outro portal para o qual você apontar exibirá seu nome em seu visor. Mas você deve olhar para o portal que está mirando com a bússola ou pode obter um texto sobreposto.

— Ok, isso faz sentido — Kaida disse, girando para olhar para cada um dos portais enquanto apontava a bússola para eles — Por que o texto fica amarelo em alguns deles?

— Boa observação, minha Ejaya — eu disse com orgulho — Isso significa que o destino do portal não está em terreno sólido ou tem muito pouca superfície de pouso. Portanto, você deve voar através desse portal ou estar pronta para fazê-lo assim que sair do outro lado.

— Ah merda. Bem, é bom saber. Eles deveriam ter deixado em vermelho.

Eu balancei minha cabeça — Não, o vermelho é para destinos perigosos ou restritos. Os Derakeens só entram nesses portais se estiverem prontos para a batalha ou com um grupo de caça. Você *nunca* deve entrar em um deles. Não há razão para você fazer isso. Você não vai querer enfrentar aqrats sozinho.

— Justo — ela disse em um tom de repreensão.

Eu sorri, aliviado por ela não ter discutido — O centro principal possui os principais destinos na região de Oddran, assim como portas de entrada diretas para outras grandes cidades e regiões de Dramnac. Mas para locais mais específicos dentro dessas regiões, basta seguir o caminho próximo a esse portal e você encontrará portais muito menores ao longo desse corredor.

— Ah, isso é muito legal! — ela disse animadamente — Mas também parece que eu poderia vagar por um bom tempo procurando por um específico.

Eu ri — Você poderia vagar por dias sem ver todos eles. Você pode até acabar explorando o mesmo repetidamente porque alguns nomes podem ser bastante semelhantes.

Eu ri de sua expressão horrorizada.

Ela olhou para mim antes de dar uma olhada avaliativa na bússola — Certamente essa coisinha pode me ajudar?

Eu balancei a cabeça — Sim, minha Ejaya, pode. Se você souber o nome do destino que deseja ir, você poderá falar na interface, digitá-lo ou selecioná-lo no mapa holográfico. Eu evitaria o mapa por enquanto, pois você não conhece bem as regiões. Isso pode ficar muito confuso. Vá em frente e experimente. Leve-nos ao portal de Mehuro. O comando é ‘definir destino’ seguido do nome do lugar para onde você quer ir.

Com os olhos brilhando, Kaida sorriu para mim e levou a bússola aos lábios — Definir destino: Mehuro”, ela disse com voz firme.

A bússola brilhou e a agulha luminosa apontou para a nossa direita. Zumbindo de empolgação, Kaida imediatamente começou a caminhar naquela direção, nos levando a um dos grandes caminhos entre dois portais. Nós caminhamos cerca de cinquenta metros antes de chegar ao portal menor.

— Bem aqui! — ela disse com orgulho, apontando para o portal — E é um destino seguro. O texto é azul.

— Muito bem, minha Kaida — eu disse com aprovação — Agora, como você voltaria para casa?

Seu rosto caiu. Ela mordeu o lábio inferior enquanto ponderava, depois voltou resolutamente para o centro principal. Ela olhou para os vários portais ao nosso redor antes de lançar um olhar para cima, para a névoa negra rodopiante acima de nossas cabeças.

— Não precisamos voar através daquele ‘teto de sombra’ lá em cima, assim como fizemos quando chegamos? — ela perguntou.

Eu balancei a cabeça — Isso é realmente o que a maioria de nós faz. Mas se você ficar presa sem uma mochila a jato, ou para aqueles de nós que não podem voar - seja por causa de um ferimento ou qualquer outra deficiência - existe uma maneira alternativa. Cada

cidade possui um portal permanente pelo qual você pode sair e que o levará ao seu mercado. Você só precisa falar para sua bússola Mercado de Oddran aqui. Mas em qualquer outro centro principal da cidade, você poderia simplesmente dizer ‘mercado’ para produzir o mesmo resultado para aquela cidade, se você não souber o seu nome.

Ela seguiu essas instruções, nos levando ao portal do mercado, e nós o atravessamos.

— Oh, eu reconheço este lugar — ela exclamou, aliviada — Eu consigo ver as barracas de frutas que estávamos olhando ali, à nossa esquerda. Mas eu não tinha visto o portal de lá.

— Os quiosques o escondem. Agora você sabe como voltar para a cidade por conta própria — eu expliquei, enquanto a conduzia até a locadora bem ao lado do portal — Aqui, você pode alugar uma plataforma flutuante para transportar mercadorias ou transportar você mesma até nosso covil.

— Oh! Caso eu não esteja com minha mochila a jato comigo, certo? — Kaida perguntou.

— Correto. Eles são muito seguros. Você pode usar a menor. Ela possui uma grade de proteção ao redor para evitar que você caia pelas laterais, o que não deve ser um problema. Nós não temos ventos fortes aqui. Depois de chegar ao seu destino e desembarcar, ela retornará automaticamente aqui por conta própria. Para isso também você não precisa se preocupar com créditos. Eles vão cobrar da minha conta.

Kaida franziu os lábios novamente. Eu achava engraçado que ela parecesse incomodada por eu pagar por ela. Essa era outra coisa da qual eu precisaria tratar. Eu tinha mais créditos do que poderia usar, já que quase nunca gastava minha generosa compensação de Senhor das Sombras. Gastar com o quê? Eu tinha tudo que precisava em casa. Eu caçava minha comida e não tinha ninguém para mimar.

Ou melhor, eu ‘costumava’ não ter ninguém para mimar.

Meus corações incharam só de pensar em todas as maneiras que eu queria mimar minha Ejaya. Mas primeiro, nós precisávamos prosseguir com seu treinamento.

— Vamos voltar para dentro do portal. Eu quero levá-la a algumas de nossas áreas mais instáveis para que você possa praticar a detecção e evitar fissuras — eu disse.

— Sim por favor! Eu prefiro evitar que o que aconteceu ontem se repita — Kaida disse, franzindo o rosto.

Nós entramos novamente no portal negro através do portal e eu instruí Kaida a nos levar para as Terras da Tempestade no sul do continente. Com uma confiança impressionante, ela se dirigiu corretamente ao portal seguindo sua bússola. No meio do caminho, nós encontramos Rovain, um dos meus irmãos Senhores das Sombras, trabalhando na estabilização do portal do Vale Jaeliant com suas

chamas sombrias.

— Legal! — Kaida sussurrou enquanto admirava meu irmão.

Meu peito inchou de orgulho ao observar meu veterano. Com quase cinquenta anos, Rovain estava entre os mais velhos Senhores das Sombras vivos. Graças a Trinit - sua Ejaya - ele provavelmente viveria uma vida média em Derakeen de 175 anos.

Assim como eu faria agora!

Seus chifres sombrios brilhavam com a energia etérea que reuniam e que ele canalizava através das chamas sombrias e de suas mãos. Das palmas das mãos, ele disparava algo tipo um feixe de energia arroxeadado, preenchendo as lacunas e fraquezas do portal, como alguém remendaria as fissuras e rachaduras na fundação de um edifício.

— Você consegue fazer isso? — Kaida perguntou em voz baixa, como se tivesse medo de perturbar Rovain.

— Claro — eu disse, um pouco ofendido por ela precisar perguntar.

Por outro lado, seu tom soou menos como uma pergunta duvidosa do que como um desejo de confirmação.

Rovain terminou de estabilizar a seção em que estava trabalhando antes de se virar para olhar para nós. Eu senti o leve empurrão de sua consciência contra a minha quando ele me deu uma saudação telepática. À medida que diminuímos a distância com ele, ele saiu de sua imponente forma de batalha. Não era apenas para ficar na nossa altura, mas também para que Kaida não fosse excluída da conversa que teríamos, já que ela não tinha habilidades telepáticas.

Ainda...

Ela desativou o visor para que ele pudesse ver claramente seu rosto.

— Irmão — Rovain disse com sua voz profunda e retumbante — É um prazer vê-lo tão bem acompanhado.

— É uma bênção dos deuses — eu disse, passando um braço possessivo em volta da cintura de Kaida enquanto olhava para ela com orgulho.

Para minha alegria, ela se inclinou ao meu lado e eu gentilmente esfreguei minha bochecha no topo de sua cabeça.

— Kaida, este é o Senhor das Sombras Ancião Rovain, um veterano que eu tenho a honra de chamar de mentor e amigo. Rovain, esta é minha Ejaya, Kaida Daigo da Terra.”

— Bem-vinda a Dramnac, Kaida. É uma bênção ver que eu tenho uma nova irmã. Você não poderia ter sido criada para um Senhor das Sombras mais merecedor do que Cedros.

Kaida corou e deu um sorriso amigável a Rovain — É uma honra conhecê-lo também. Eu não sabia o que esperar quando cheguei aqui,

mas Cedros tem sido muito charmoso comigo desde a minha chegada.

— Como deveria ser! — Rovain disse com força antes de se voltar para mim — Meus corações dispararam por você, meu irmão. Sua derrota para o Jokraz teria sido uma tragédia. Mas eu falei para você não perder a esperança.

Eu balancei a cabeça em concessão — Você falou. No entanto, quem poderia imaginar que minha Ejaya viria de outro mundo para mim?

— Os deuses trabalham de maneiras misteriosas. Foi o destino — ele olhou para a bússola nas mãos de Kaida — Vejo que você a está ensinando como navegar no vazio. Sábio. Este é um novo modelo?

— Ele foi modificado especificamente para compensar sua visão humana. Ela não consegue ver fissuras, mudanças de fase ou os escritos nos portais sem ela.

— Entendi. Isso seria realmente problemático.

— É por isso que eu a estou levando para as Terras da Tempestade para praticar como evitar fendas instáveis — eu expliquei.

— Ótimo! — ele exclamou antes de se virar para Kaida — Não desanime se você tiver dificuldades para evitá-las. Nossas crianças levam muito tempo e elas têm habilidades de mudança de fase. Todos os dias eu recupero uma dúzia delas que se perderam no vazio. Apenas continue praticando. Se você precisar de uma parceira, minha companheira ficará mais do que feliz em fornecer treinamento adicional assim que Cedros retornar ao trabalho.

— Obrigada — Kaida disse com uma gratidão genuína que refletia o que eu sentia por meu amigo — Tudo isso é um pouco intimidante. Mas Cedros tem sido um professor brilhante até agora. Saber que é normal ter dificuldades com as fendas tornará as coisas mais fáceis para meu ego superdotado quando eu falhar. E eu adoraria conhecer sua companheira. Ter outra Ejaya com quem aprender será ótimo.

— Eu vou providenciar isso — Rovain disse — Apenas fique preparada, pois agora que Cedros tem você para protegê-lo do desconforto da proximidade de outras pessoas, minha Trinit insistirá para que vocês dois se juntem a nós nos inúmeros eventos sociais para os quais ela continua me arrastando.

Kaida começou a rir da maneira sofrida com que ele disse a última frase. Eu também não pude evitar um sorriso. Eu tinha sentimentos confusos sobre essa perspectiva. Alguma apreensão, mas também muita emoção por finalmente vivenciar tudo o que havia perdido. Eu só podia esperar que os aproveitadores não tornassem isso desagradável.

— Estou ansiosa por isso! — Kaida respondeu com um sorriso brilhante.

— Bem, eu preciso voltar ao trabalho — Rovain disse — Fique

avisado que você deve evitar o setor Vessant. Os Lelvianos estão em peregrinação novamente e os aqrats têm perambulado pelas proximidades. Elros tem estado bastante ocupado lidando com eles.

Eu balancei a cabeça com uma carranca — Parece que eu estarei muito ocupado amanhã quando o substituir.

— Lutando? — Kaida disse, com um toque de preocupação na voz.

— Mmhmm. Lutando e procurando peregrinos perdidos. Considerando que são criaturas do vazio, os Lelvianos são péssimos em navegar nele — eu disse em um tom brincalhão antes de ficar sério enquanto Kaida continuava franzindo a testa — Não se preocupe, minha Ejaya. Eu voltarei. Nós lutamos contra aqrats o tempo todo.

— Mas você esteve muito doente. Você entrou em fúria — ela argumentou.

— É verdade. Mas agora eu tenho você. Você me trouxe de volta do abismo em apenas algumas horas, em vez de semanas ou meses — eu disse em um tom tranquilizador — Além disso, isso me dará uma desculpa para abraçá-la mais.

Rovain bufou enquanto Kaida balançava a cabeça para mim.

Eu lancei um olhar avaliador para Rovain — Dito isto, você parece tenso, irmão.

Ele assentiu — Eu estou, mas não se preocupe. Estou quase terminando aqui. Trinit chegará nos próximos trinta minutos. Então eu vou abraçar e abraçar muito.

Desta vez, Kaida e eu rimos.

— Muito bem, irmão. Nos vemos mais tarde — eu disse.

Ele assentiu, sorriu para minha Kaida e depois voltou à sua forma de combate para retomar o trabalho.

Nós chegamos às Terras da Tempestade, assim chamadas devido aos relâmpagos frequentes que rasgavam o céu e à eletricidade que carregava o ar ao nosso redor. Ninguém vivia aqui, mas várias empresas com grandes necessidades de energia aproveitavam estes recursos nas partes mais estáveis daquela região. Minha Ejaya e eu fomos direto para a área mais instável para ela praticar como evitar fendas.

Dizer que ela teve dificuldades seria um grande eufemismo.

Depois de duas horas, ela continuava entrando direto nelas ou congelando enquanto debatia que direção seguir, até ser engolida pela fenda em expansão. Sua expressão abatida toda vez que eu vinha buscá-la era adorável. Mas apesar de tudo isso, minha Kaida era uma boa esportista e uma ótima aluna. Ela começou a cronometrar quanto tempo eu levava para resgatá-la, fazendo disso um jogo em que ela tentava durar mais tempo sem ser sugada por uma fenda, e em que eu a tirava de lá o mais rápido possível.

Eu não conseguia me lembrar de ter me sentido tão feliz e

despreocupado antes. Enquanto eu a treinava, imagens minhas ensinando pequenos híbridos humano-Derakeen a evitar ou sair de fendas não paravam de passar diante dos meus olhos. Um desejo poderoso me atingiu enquanto inúmeras perguntas disparavam em minha mente. Eu poderia fazer com que Kaida compartilhasse esse desejo?

— Eu já a torturei o suficiente por um dia, minha Ejaya — eu disse com uma voz gentil após um dos incontáveis resgates — Você merece uma pausa. E então devo levá-la para casa para alimentá-la.

Ela riu e olhou para mim como se eu tivesse dito algo fofo — Normalmente, eu pediria mais uma rodada, mas acredito que já me perdi o suficiente por um dia.

— Me dê um segundo para me transformar, minha Kaida, e eu lhe mostrarei mais algumas belezas do seu novo mundo.



Capítulo 10

Kaida

Eu nunca deixaria de me surpreender com a transformação de Cedros em sua forma de dragão. Além da grandiosidade do visual em si, eu sempre me sentia tão pequena e vulnerável perto dele – e eu realmente era. Cedros era um dragão impressionante, apesar de ficar quase sempre de pé, e não de quatro.

Mais uma vez, ele me pegou com sua pata enorme, depois me segurou com as duas mãos, minhas costas pressionadas contra seu peito. Assim que ele levantou voo, um enorme portal se abriu diante de nós no ar. A mesma sensação de enjoo com a qual eu estava começando a me acostumar fez meu estômago revirar enquanto passávamos por ele. Nós emergimos um segundo depois sobre uma vasta planície.

Ao contrário de Oddran, ela não tinha uma infinidade de planaltos flutuantes. Se não fosse o horizonte desaparecendo em um brilho mais escuro onde a região desaparecia no vazio, eu acreditaria estar em um mundo normal. Uma longa falésia rochosa emoldurava um dos lados do vale, terminando em uma cascata e um rio. Ao longo do vale, os rebanhos corriam soltos. Alguns pareciam ter seus refúgios escavados na face do penhasco, enquanto outros desapareciam dentro da floresta a oeste.

No entanto, apesar da falta de ilhas flutuantes, uma série de grandes anéis obstruía o céu em uma área.

— *Contemple os Cairns de Alja* — Cedros falou telepaticamente comigo — *Nós usamos esses anéis para o nosso esporte nacional, Vayarka. Nós ativamos plataformas flutuantes próximas para o público assistir. Mas muitas pessoas também se instalam à beira do precipício.*

Ele voou mais perto do chão para que eu pudesse ver melhor a flora e a fauna exóticas. Embora as criaturas tivessem algumas semelhanças vagas com alguns animais selvagens da Terra, não havia dúvida de que não estávamos mais no Kansas.

— *E este é o Recinto de Feiras de Alja* — Cedros disse enquanto sobrevoávamos o que claramente parecia um parque de diversões, a uma curta distância do rio — *Há comidas, jogos, passeios,*

entretenimento musical e visual – o que acredito que os humanos chamam de concertos e shows. Este é um local muito popular onde são realizados a maioria dos grandes eventos. Trinit adora vir aqui.

Eu conseguia imaginar Cedros e eu tendo um encontro duplo com Rovain e Trinit na feira. A imagem de Cedros ganhando um ursinho gigante para mim em um dos jogos de feira me fez rir. Eu não conseguia me lembrar da última vez que tive esse tipo de encontro com alguém. Eu prometi a Cedros que faria com que ele experimentasse todas aquelas coisas sociais que ele nunca fez antes, mas agora eu temia ser pega no meu próprio jogo.

— Há muitos jogos e competições esportivas realizadas no rio e na cachoeira Mogodan. O mais idiota, porém mais popular, é voar até a cachoeira em meio à água corrente. Isso sempre resulta em muitas asas rasgadas ou ossos quebrados — Cedros continuou, parecendo não impressionado.

Para minha vergonha, eu o adicionei imediatamente à minha lista de “imperdíveis”. Eu adorava esportes radicais - assistir, não participar. Havia algo de fascinante em observar pessoas fazendo coisas completamente estúpidas só porque podiam... Era especialmente ótimo quando elas de alguma forma conseguiam fazer isso ilesas. Sim, eu tinha uma boa dose de curiosidade mórbida em mim.

Cedros voou até o planalto no topo do penhasco e pousou. Talvez a cinquenta metros da área aberta na borda, uma série de pomares e arbustos de frutas silvestres se espalhavam quase até onde a vista alcançava. O doce aroma de várias frutas maduras encheu o ar.

Depois de me colocar de pé, ele voltou à sua forma normal.

— Todas as frutas que você vê aqui são comestíveis — ele disse, apontando para os pomares — A maioria dos adultos mistura o suco às bebidas fermentadas ou à carne crua para adicionar sabor. Mas as crianças as comem como sobremesa ou guloseima.

— Elas certamente cheiram bem — eu disse, com água na boca.

— Ótimo! Eu vou fazê-la provar algumas. Quando não há eventos esportivos, muitas vezes as pessoas vêm aqui simplesmente para relaxar ou fazer piqueniques em família. E nós estamos prestes a ter o nosso. Espere.

Seus chifres sombrios brilhavam com um brilho interno arroxeadado e um imenso poder parecia emanar de seu peito segundos antes de um grande portal se abrir ao nosso lado.

— Espere aqui. Eu volto já.

Ele pulou para dentro do portal assim que falou essas palavras, sem esperar pela minha resposta. Ardendo de curiosidade, eu aguardei ansiosamente seu retorno, o que levou apenas alguns segundos. Cedros voltou carregando um grande contêiner que parecia ter duas seções,

uma delas com temperatura controlada. Ele dissipou o portal enquanto colocava o recipiente na grama.

Cedros abriu o lado esquerdo do caixote, retirando um grande tecido xadrez dobrado.

— Normalmente, nossas toalhas de piquenique são de cor sólida, geralmente combinando com a cor da grama, areia ou pedras onde nos instalamos. Mas eu vi humanos usarem toalhas xadrez vermelhas e brancas ou azuis e brancas. Por isso eu mandei fazer uma azul para nós, para que você se sentisse mais em casa — Cedros explicou enquanto a estendia no chão.

— Ah, isso é incrivelmente gentil da sua parte — eu disse, profundamente emocionada — Você não precisa se esforçar assim por mim.

— Claro que preciso. Eu *adoro* cuidar de você. Eu esperei minha vida inteira por esse prazer. Você não vai me negar.

A maneira teimosa com que ele disse isso me fez rir — Se você insiste!

— Eu insisto! — ele disse com um aceno firme.

Ele puxou um pequeno quadrado azul-escuro que parecia feito de espuma. Assim que ele o colocou no tapete, ele começou a se desdobrar e a inflar, formando uma almofada impressionante. Ela poderia facilmente servir como assento ou travesseiro grande.

— Sente-se, minha Ejaya — ele disse, indicando a almofada.

Eu agradeci, observando com grande interesse enquanto ele retirava uma série de pequenas tigelas da mesma seção do recipiente, colocando-as na esteira à minha frente.

— Eu voltarei em breve — ele disse, se levantando.

Com um poderoso bater de asas, ele se dirigiu ao pomar, onde pegou uma série de frutas antes de retornar para mim. Com impressionante destreza, ele descascou e cortou algumas delas com as garras, separando-as cuidadosamente nas várias tigelas. Algumas ele espremeu, uma gosma grossa e de aroma doce saindo da fruta para o pequeno recipiente.

— Agora, você pode provar — ele disse com um sorriso cheio de dentes.

Da seção refrigerada do recipiente, ele tirou um monte de pequenos frascos cheios de vários líquidos, alguns transparentes, outros grossos, outros parecidos com iogurte ou creme. Ele também tinha pães e carnes crocantes. Durante a meia hora seguinte, ele me fez provar uma mistura de tudo, combinando certas carnes com certas frutas, diluindo algumas das frutas pegajosas em um frasco, que eu engoli em um ou dois goles. Enquanto as frutas com os pães crocantes davam vontade de comer várias geleias nas torradas, os pequenos drinks eram o destaque para mim. Alguns deles pareciam doses de

licor de frutas, outros como smoothies ou iogurtes. Embora eu não gostasse muito de álcool, eu conseguia me imaginar ficando viciada em algumas dessas doses.

Enquanto eu saboreava essas guloseimas – algumas das quais ele também consumia, principalmente as fermentadas – Cedros perguntou sobre meu passado. Com o álcool afrouxando minha língua, eu compartilhei sem restrições.

— Eu cresci na colônia de refugiados de Iliat — eu disse melancolicamente — Quando eu tinha três semanas de vida, um desastre natural destruiu quase um terço do meu planeta Loros. Muitas pessoas morreram. E dos que sobreviveram, muitos nunca se reuniram com seus parentes, como foi o meu caso.

— Você foi separada de sua família? — ele perguntou em um tom simpático.

Eu balancei a cabeça — Eu não me lembro de nada disso, pois era muito jovem. De acordo com meus registros, a equipe de resgate me ouviu gritar no terceiro andar de um prédio de apartamentos. Metade do prédio foi destruída e desabou no chão. Aparentemente, eu estava bastante desidratada, mas estava guardada em segurança no berço. Eles se perguntaram se meus pais estavam na metade da residência que desabou ou se simplesmente não conseguiram subir para me resgatar.

— Sinto muito, minha Kaida. Eu não tive a intenção de trazer à tona um assunto doloroso para você — Cedros disse, parecendo culpado.

Eu sorri e dei um tapinha nas costas de sua mão de forma tranquilizadora — Tudo bem. Não é como se eu tivesse alguma lembrança real disso. Eu era uma recém-nascida, literalmente com alguns dias de idade, e muito jovem para ter sido registrada nos Arquivos Galácticos. Em teoria, eu nem existia — eu disse com uma risada — Como ninguém reivindicou o desaparecimento de uma recém-nascida com minha descrição, e a correspondência de DNA com seu banco de dados não rendeu nada, eles me enviaram para a colônia.

— Você já tentou procurar seus pais desde então? — ele perguntou com uma voz suave.

Eu tomei uma dose de algo que me fez pensar em uma mistura de manga, kiwi e vodka — Eu tentei. Infelizmente, eu tinha poucas informações para me basear e não encontrei nada que correspondesse, mesmo remotamente, à minha situação. Acredito que meus pais morreram durante o desastre, mas eu nunca terei certeza.

— É por isso que você se juntou aos Executores? Para ter mais recursos para rastrear seus pais?

Eu ri — Não, não foi. Embora eu inicialmente tenha pensado nisso.

As colônias são muitas coisas, mas não são um paraíso onde alguém *queira* viver. Há poucas perspectivas, muita pobreza e, especialmente, muito crime. Eu sempre tive uma mente curiosa, então a escola foi uma fuga maravilhosa para mim. Eu gostava de ler e estudar, o que me rendeu boas notas. Isso, por sua vez, me proporcionou melhores condições de vida por meio das bolsas que incluíam cama quentinha e três refeições diárias.

— Fico aliviado em ouvir isso. Mas é terrível que os jovens enfrentem a possibilidade de passar frio e fome — Cedros disse franzindo a testa.

Eu dei de ombros — É terrível, mas ainda é uma triste realidade em muitos mundos. Eu simplesmente sabia que queria sair de Iliat. Eu me recusei a passar o resto dos meus dias ali, estagnada. Felizmente, a OPU ofereceu alguns programas de treinamento para aqueles que se qualificaram nos testes de habilidades que realizavam anualmente.

— Teste de habilidade? — Cedros perguntou, inclinando a cabeça para o lado.

Eu balancei a cabeça — Eles testaram tudo, incluindo nosso Q.I., habilidades físicas e psíquicas. Como humana, eu tive menos opções do que algumas outras espécies. Mesmo assim, quando eu tinha dezesseis anos, eu me qualifiquei tanto para os programas científicos quanto para os programas de manutenção da paz.

— Por que você escolheu a manutenção da paz? — ele perguntou, surpreso.

— Por mais que eu amasse a ciência, aonde esse programa me levaria era muito incerto. Com o programa de manutenção da paz, eu sabia exatamente qual currículo seguir para conseguir uma das funções que desejava. Além do fato de sempre ter sido atlética, eu já tinha visto muita violência e crime nas colônias. Eu não queria mais ficar indefesa diante desse tipo de merda. Eu queria ajudar a trazer ordem e segurança para outras pessoas como eu.

— E ainda assim, você deixou a colônia — ele afirmou com naturalidade, sua expressão meramente curiosa, desprovida de qualquer condenação.

— Sim. O programa acabou exigindo que eu deixasse Iliat, pois eu ganhei mais bolsas de estudo e mais avanços. Quando surgiu a oportunidade de me tornar uma Executora, eu não pude deixar passar. Com a força de manutenção da paz da OPU, eu protegeria as pessoas oprimidas e ameaçadas em toda a galáxia.

— Isso correspondeu às suas expectativas? Você gosta disso? — Cedros perguntou.

Eu sorri para ele — Sim. Eu absolutamente amo isso. Às vezes pode ser difícil e angustiante. Mas saber que eu faço a diferença, que levo felicidade, justiça e segurança aos necessitados é a maior recompensa

que eu poderia pedir ou querer.

Foi a vez dele de sorrir para mim. Cedros se inclinou para frente e acariciou meu rosto com um brilho de aprovação em seus olhos ardentes.

— Eu entendo perfeitamente a chama que a move. É o mesmo para mim, embora os nossos deveres sejam bastante diferentes — ele disse com uma voz gentil — Nós temos a aplicação da lei aqui também, mas nada tão perigoso e em grande escala quanto o que vocês fazem. Presumo que assim que nossa ‘lua de mel’ terminar, você retomará suas funções de Executora?

Eu lambi meus lábios nervosamente, grata por essa abertura perfeita que ele estava me dando para confessar tudo.

— Você está certo, embora tecnicamente eu já esteja de volta ao trabalho — eu disse cuidadosamente.

Suas sobrançelas escamosas se ergueram — Já? Como assim?

Eu mudei de posição na almofada e levantei o queixo — Houve dois motivos para eu vir para Dramnac. O primeiro e mais importante era curar você e agir como sua Ejaya — ele assentiu, seu olhar atento me perfurando — Mas eu também vim aqui em uma missão para a OPU.

Desta vez, ele enrijeceu e franziu a testa, com uma pontada de suspeita entrando em seus olhos — Você tem uma missão em Dramnac para a OPU? O Conselho está ciente disso?

Eu nervosamente coloquei meu cabelo atrás da orelha e dei de ombros com minha ignorância — Disso eu não sei. Mas eu não jurei segredo, então presumo que eles estejam cientes. Eu não posso completar esta missão sem a colaboração da população local. E eles certamente não responderão às minhas perguntas sem que eu explique meu propósito.

Alguma tensão desapareceu dos ombros de Cedros — Entendi. Qual é a sua missão?

— A OPU quer que eu descubra algumas coisas para evitar novos incidentes como o da Veladeem Research. Quem são os mercenários que adquirem pedras de obsidiana sombria? Como eles estão adquirindo essas pedras? Eles têm um contato ou vendedor aqui? Eles já têm estoques que devemos confiscar? E como podemos impedi-los de adquirir mais pedras?

Sua testa franziu ainda mais com cada uma das minhas palavras. Para meu alívio, nenhuma raiva transpareceu. Em vez disso, Cedros franziu os lábios enquanto balançava a cabeça lentamente.

— Todas perguntas excelentes e uma missão muito válida e importante. Na verdade, perturbou a mim e aos meus irmãos Senhores das Sombras o fato de nosso Conselho não ter solicitado tal investigação — Cedros disse pensativo.

— Sêrio? Eles tocaram no assunto? — eu perguntei, entrando instantaneamente no modo detetive.

Ele assentiu — Sim. No ano passado, nós tivemos que limpar vários incidentes semelhantes àquele em que você e eu nos conhecemos no laboratório de pesquisa. A maioria eram pequenos inconvenientes onde um portal era deixado aberto, levando a um local aleatório, de um prédio vazio a um campo aberto. Em alguns casos, havia aqrats ou outras bestas das sombras perambulando que tivemos que eliminar.

— Alguma vítima?

— Infelizmente, em algumas ocasiões, sim — ele disse com uma voz apologetica.

— Derakeens? — eu insisti.

— Não. Em alguns casos, as vítimas eram humanos. Mas nós também encontramos espécies desconhecidas para nós e animais.

— Onde estão seus restos mortais? — eu perguntei, me animando.

— Nós os deixamos lá — ele disse, parecendo surpreso com a pergunta.

— Vocês os deixaram?!

— Claro. Por que os traríamos aqui? Seu povo deveria encontrá-los e dar-lhes qualquer ritual de vida após a morte que considerem adequado.

— Mas você não quis investigar? — eu retruquei.

Perplexo, ele inclinou a cabeça para o lado, me lançando um olhar estranho — O que poderíamos investigar que nos obrigasse a levar seus restos mortais? A causa de suas mortes era evidente. Tudo o que podíamos fazer era erradicar as feras e fechar o portal para que não ameaçassem mais a população local.

— Ok, tudo bem, entendi. Mas você não quis descobrir quem abriu aquele portal e por que isso aconteceu?”

Ele hesitou antes de balançar a cabeça — Não. Inicialmente, não quisemos. Portais acidentais são uma triste realidade em Dramnac. Uma variedade de razões pode criar um. Normalmente, o invocador irá dissipá-lo. Se não puderem fazê-lo, eles são obrigados por lei a recorrer a um Senhor das Sombras ou Mestre do Portal para lidar com isso.

Meus ombros caíram — Oh. Então você sabe quem abriu esses portões.

Mais uma vez, ele hesitou antes de balançar a cabeça novamente — Nem todos eles. Como eu disse, as pessoas são obrigadas por lei a pedir ajuda. Mas nem todo mundo faz isso. Frequentemente, portais acidentais ocorrem porque eles fizeram algo que não deveriam. Dependendo da natureza do delito, a punição pode ser bastante severa, principalmente se causar a morte de inocentes.

— Bem, isso parece uma base sólida para vocês iniciarem uma

investigação! — eu exclamei.

Ele me deu um sorriso indulgente que, em circunstâncias diferentes, poderia parecer condescendente — Sim. Normalmente, isso teria sido motivo para uma investigação. Infelizmente, um Derakeen não convocou os portais que causaram esses incidentes letais. Pelo menos, não temos motivos para acreditar nisso.

— O que você quer dizer? — eu perguntei, surpresa.

— Lembra como eu disse que se você for pega em uma fenda, para não se mover porque eu posso rastrear a origem e o destino de uma mudança de fase? — Cedros perguntou.

Eu balancei a cabeça.

— Bem, o mesmo se aplica a um portal. Eu posso dizer onde ele se originou e para onde leva, apenas olhando para ele. Se eu estiver perto o suficiente de um portal ativo, eu posso ter uma noção de quantas pessoas passaram por ele e em que direção elas viajaram.

— Ah, uau! Isso é foda!

Eu ri, ainda achando aquela expressão boba — A principal razão que os Conselheiros nos deram para não investigarmos é que não temos agentes da lei galácticos para enfrentar tal empreendimento e nem saberíamos por onde começar. De qualquer forma, quando chegamos à origem, todos já tinham ido embora.

— Certo, mas é por isso que ter os restos mortais das vítimas teria ajudado. A identidade delas poderia nos dar uma trilha a seguir, presumindo que fossem os invocadores — eu argumentei.

— Ponto justo. Mas não pensamos nisso na época. Mas a escalada dos incidentes está se tornando um problema para nós — Cedros disse — Além do fato de que esses portais estão nos sobrecarregando com aqrats combatentes vagando por outros mundos, eles representam uma séria ameaça local. Neste momento, as feras do vazio estão saindo do mundo. Mas e se os invocadores começarem a enviar feras de fora do mundo para Dramnac?

— Merda, eu não pensei nisso — eu disse, me culpando por isso.

— Eu irei ajudá-la em tudo o que puder para cumprir sua missão, minha Kaida — Cedros disse com uma voz solene — É de grande importância para a sua organização e para o meu pessoal que isso seja resolvido.

— Sério? Você vai ajudar?

— Claro — ele respondeu, como se isso fosse evidente.

— Você é incrível! — eu exclamei, me jogando em seus braços.

Ele começou a rir e me puxou para seu colo, imediatamente esfregando o rosto em meu pescoço. Suas escamas me fizeram cócegas novamente, me fazendo rir.

— Eu vou listar todos os incidentes que me levaram a lutar fora do mundo e pedirei aos meus irmãos que façam o mesmo — Cedros

ofereceu.

— Isso seria fantástico! Alguma chance de incluir horários, datas, origem e destino dos portais? Bem, o que se lembrarem, é claro.

— Sim, minha Kaida. Nós forneceremos tantos detalhes quanto pudermos lembrar.

— Oh! — eu exclamei, tomada por uma ideia repentina — Algum dos portais levou às minas de obsidiana sombria ou se originou delas?

Ele balançou sua cabeça — Não nos incidentes com o qual tivemos que lidar. Mas existem muitos portais acidentais abertos durante o processo de mineração. É por isso que sempre há um Senhor das Sombras por perto e pelo menos alguns Mestres dos Portais no local o tempo todo.

— Ok, parece um bom lugar para começar. Alguma chance de eu dar uma olhada? — eu perguntei, esperançosa.

— O acesso à mina de obsidiana sombria é estritamente regulamentado. Mas eu poderei levá-la no meu próximo dia de folga — Cedros ofereceu — No entanto, eu devo dizer-lhe que nenhum Derakeen *escolheria* doar pedras de obsidiana sombria, muito menos para alguém de outro mundo. Elas são valiosas demais e perigosas demais nas mãos erradas.

— Eu não duvido de suas palavras, mas pessoas de outro mundo estão de alguma forma colocando as mãos nelas. Isso precisa ser interrompido. E isso significa olhar para todas as possibilidades, até mesmo as mais improváveis — eu retruquei em um tom gentil.

— Concordo. Eu tenho fé em você, minha Ejaya. Eu farei tudo ao meu alcance para garantir que você tenha sucesso nessa empreitada.

Eu sorri e bati de brincadeira nas pequenas pontas ósseas arredondadas que se projetavam de seu queixo — Se você está tentando me fazer gostar de você, Cedros Qhelian, você está fazendo um ótimo trabalho!

— Ótimo! Minha missão de conquistá-la está funcionando.

Eu ri e me aninhei contra ele enquanto ele apertava seu abraço e beijava minha testa.



Capítulo II

Kaida

Acordar nos braços de Cedros, nua, exceto pela calcinha, estava se revelando um exercício hercúleo de força de vontade. Apesar de seu corpo ridiculamente quente, por mais estranho que fosse, a maneira gentil, mas possessiva, com que ele sempre me segurava, mexia seriamente com minhas partes femininas. Eu passei a noite inteira tendo sonhos perversos com ele. E agora, sua agitação me acordou bem no meio de um momento bastante tórrido, me deixando com todo tipo de tesão.

Cedros me rolou de costas. Deitado de lado, com a palma grande apoiada possessivamente ao meu lado, ele me encarou com uma intensidade perturbadora. Minha boca ficou seca e meu estômago embrulhou enquanto eu esperava com grande expectativa pelo que ele faria. Seus olhos ardentes pareciam brilhar enquanto estudavam minhas feições. O silêncio completo apenas tornou sua postura mais sinistra e mais emocionante. Eu quase esperei que ele mostrasse os dentes para mim e afundasse selvagememente suas presas em minha garganta.

Ele não mostrou os dentes, mas se inclinou para frente. Com vontade própria, meus lábios se separaram, esperando pelo beijo que eu desejava com uma violência alucinante. Eu levantei meu rosto em direção ao dele. Para minha consternação, Cedros inclinou a cabeça para o lado, beijando a artéria que pulsava em meu pescoço. Ele então começou a esfregar o rosto ali e ao longo da curva do meu ombro antes de seguir um caminho até meu peito.

Meus dedos afundaram em sua crina macia, minha respiração ficou presa na garganta enquanto seu rosto pairava sobre meu seio esquerdo. Só de imaginar como seria a textura áspera de sua língua em meus mamilos já endurecidos, me fez latejar de necessidade. Com um movimento muito lento, seu polegar acariciou a lateral da minha barriga. Sua garganta começou a brilhar, o calor suave emanando dela fez minha pele explodir em arrepios. Ainda olhando para meu mamilo, com o rosto tão próximo que eu podia sentir sua respiração soprando sobre ele, Cedros sorriu.

Ele virou levemente a cabeça para me olhar de lado, seu sorriso assumindo um tom presunçoso que instantaneamente fez minhas bochechas queimarem.

— Você está excitada de novo, minha Kaida. E eu nem toquei nos seus seios.

Eu me encolhi, me sentindo ao mesmo tempo mortificada e irritada.

Sim, gênio! Eu estou com tanto tesão que poderia montar no seu rabo, se não no seu pau. Em vez de apontar o óbvio, por que diabos você não está fazendo algo a respeito?

Naturalmente, eu não disse nada disso em voz alta e voltei a um mecanismo de defesa humano idiota.

— Você não devia apontar isso — eu disse, franzindo a testa para ele.

— Por que não? Me enche de orgulho saber que eu a excito — ele disse com naturalidade.

— Eu estava apenas tendo um sonho molhado — eu disse, odiando o tom defensivo da minha voz — Isso acontece.

Suas sobranceiras escamosas se ergueram enquanto seu sorriso ampliava — Sonho molhado? Isso significa um sonho erótico?

Meu rosto ficando ainda mais vermelho era toda a resposta que ele precisava. Ele riu, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

— Esses sonhos eram sobre mim? Sobre nós?

— Cedros!

Sua brincadeira desapareceu e uma expressão séria, quase severa, tomou conta de suas feições. A mudança repentina em seu comportamento me surpreendeu.

— O que, Kaida? É uma pergunta simples. Uma para a qual ambos sabemos a resposta. Por que você insiste em dar tanta importância a algo tão simples? Eu a excitei. Seu corpo e seu cheiro não são tão ariscos com os fatos. Por que é tão difícil para você simplesmente admitir que fantasiou conosco? Eu fantasio com você dia e noite. Me lisonjeia e me honra saber que eu acendo seu fogo. Por que você me nega seu reconhecimento? Eu quero você e espero um dia fazer você queimar por mim. Viu? Eu disse isso e o mundo não acabou.

Eu fiquei sem palavras, me sentindo ao mesmo tempo envergonhada e excitada por esse lado assertivo de Cedros que nunca havia experimentado totalmente antes. Por mais que eu odiasse ser pega, neste caso, eu não consegui nem contestar nenhuma de suas declarações. Eu estava sendo ridiculamente pudica. Mas você não abandona uma vida inteira de hábitos da noite para o dia.

— Sua excitação me acordou. Você gemeu meu nome. Você tem alguma ideia do que isso fez comigo?

Eu poderia ter tentado imaginar se suas palavras e a maneira quase

rosnante com que ele as pronunciou não tivessem aumentado o latejar entre minhas coxas. Como se sentisse o efeito disso sobre mim, Cedros se virou para olhar minha virilha, com as narinas dilatadas. Seus dentes cerrados, quase de raiva. Para minha surpresa, ele se inclinou e lambeu meu mamilo esquerdo. A sensação áspera de sua língua em minha protuberância dura fez com que uma flecha de fogo explodisse na boca do meu estômago. Um gemido estrangulado escapou de mim e meus dedos dos pés se curvaram enquanto um arrepio percorria meu corpo.

Cedros levantou a cabeça para me encarar — Eu sou seu Senhor das Sombras e você é minha Ejaya. Não há nada que não possamos dizer um ao outro ou fazer juntos. Livre-se de suas restrições humanas irracionais. Elas não têm lugar entre nós. Se você quiser alguma coisa, é só dizer.

Antes que eu pudesse dar uma resposta adequada, Cedros bateu as asas, apenas o suficiente para voar para fora da cama e ir até a entrada da sala de higiene. Ele lançou um olhar para mim por cima do ombro.

— Eu preciso me preparar e ir para o portal negro. Você deve encontrar todo o sustento necessário na unidade de resfriamento. Trinit chegará em algumas horas. Avise-a se precisar de alguma coisa.

Com isso, ele entrou na sala de higiene. O som do chuveiro chegou aos meus ouvidos momentos depois. Mas tudo que eu conseguia pensar era em como ele me deixou molhada. Minha mão encontrou seu caminho dentro da minha calcinha. Eu esfreguei meu clitóris enquanto ouvia a água escorrendo no outro cômodo. Eu podia ver como ele estava acariciando suas escamas, escorrendo entre os sulcos profundos de seu corpo musculoso, imaginando que eram minhas mãos e minha língua nele.

Eu mordi a língua para silenciar os gemidos que queriam sair da minha garganta enquanto o prazer crescia dentro de mim. Minha mão livre beliscou e acariciou o mamilo que ele lambeu, tentando reacender a sensação intensa que ele provocou com aquele único movimento de língua. Imaginar como seria a sensação entre minhas coxas me fez chegar ao limite. Eu mal consegui enterrar o rosto no travesseiro para abafar o som do meu grito de êxtase.

Eu continuei esfregando minha mão até que a onda de prazer começou a diminuir. O tempo todo, eu esperei que Cedros voltasse para dentro do quarto, me encontrasse nesta posição comprometedora e me devastasse. Mas como era de costume, assim que ele terminou de tomar banho, ele voou para fora da casa pela abertura do teto da sala de higiene e desapareceu dentro do portal que convocou no ar.

Abatida e irritada comigo mesma e com essa miséria que eu mesmo criei, eu me forcei a sair da cama. Depois de um banho rápido,

eu me vesti. Enquanto eu estava me esforçando para revelar tudo na frente de Cedros, eu ainda não estava pronta para fazer isso com estranhos, mulheres ou não.

Eu me sentei à mesa da cozinha para tomar café da manhã enquanto enviava um pedido detalhado a Tedrick. Esses outros incidentes de que Cedros havia falado me dariam um ponto de partida. Muitos desses arquivos provavelmente eram confidenciais e bem acima do meu nível salarial. Mas não havia como a OPU não ter documentado cada um deles. Se eles queriam que eu resolvesse essa bagunça, era melhor soltarem a língua e liberarem alguns arquivos na minha direção.

Enquanto eu aguardava uma resposta, eu entrei na rede de conhecimento Dramnac e li tudo que pude sobre obsidiana sombria, tanto em pedra quanto em pó. As minas também exerciam um fascínio especial para mim. Eu mal podia esperar para dar uma olhada lá pessoalmente. Eu agradei silenciosamente aos poderes acima por ser uma Ejaya de um Senhor das Sombras. Só isso já abriu inúmeras portas para mim. Como uma civil normal, eu precisaria solicitar um horário para poder entrar nas instalações e poder minerar.

Todo cidadão de Dramnac podia minerar durante quatro horas, uma vez a cada duas semanas. Como isso se aplicava apenas às linhagens legais do planeta, eu duvidava que me qualificasse para uma vaga. Eu pensei em apresentar um pedido às autoridades municipais de Oddran, mas desisti. Eu não queria arriscar que um burocrata excessivamente zeloso me impedisse de entrar até que as coisas pudessem ser resolvidas.

Estas restrições visavam controlar o mercado de obsidiana sombria e impedir que as pessoas tentassem aumentar o seu nível de patamar muito rapidamente. Pelo que eu pude ler, esculpir obsidiana sombria era um processo lento e meticuloso para evitar queimar sua energia ao ativar portais acidentais. Com muito cuidado e paciência, o minerador extirpava pequenas pedras que caberiam na palma da mão de uma criança.

Um minerador profissional poderia extrair uma média de dez pedras em sua janela de quatro horas, junto com uma pequena bolsa de pó de obsidiana sombria. Um civil normal que fizesse o trabalho sozinho receberia cerca de metade. Portanto, os ricos geralmente contratavam um minerador profissional para trabalhar nas minas em seu lugar durante seu período. Mas, assim como Cedros tinha explicado, considerando a quantidade de obsidiana necessária para fazer os seus planaltos flutuarem ainda mais alto, fazia sentido que eles tentassem maximizar o seu potencial de extração nas minas.

Uma sombra no limite da minha visão chamou minha atenção. Meus lábios se abriram de surpresa ao ver uma linda Derakeen verde-

esmeralda pousando no terraço externo. Ela parecia bastante pequena – para os padrões de Derakeen – o que a colocava no mesmo nível que eu. Seus olhos dourados brilharam com ternura quando eu fui recebê-la.

— Saudações, minha irmã — a mulher disse, estendendo ambas as mãos para mim.

— Olá! Você deve ser a Trinit? — eu disse, gostando dela instantaneamente.

Eu segurei suas mãos e, embora surpresa, não resisti quando ela me puxou para um abraço. Aparentemente, Cedros fez um bom trabalho ao me treinar nesse aspecto. Felizmente, ela não esfregou o rosto em mim. Isso teria sido extremamente estranho. No entanto, sua garganta brilhava, enviando um calor incrível pelo meu peito enquanto ela me dava um abraço de irmã. Era uma loucura como isso era reconfortante e afetuoso.

— Eu sou de fato a Trinit — ela disse em uma voz cantante enquanto me soltava — Meu Rovain não parava de falar sobre você. Ele disse que você parecia muito doce e que era bonita, apesar de sua aparência estranha.

Meu queixo caiu. Eu pisquei, atordoada por tamanha honestidade brutal — Aparência estranha? — eu repeti.

Ela assentiu — Eu nunca tinha visto uma humana antes. Rovain me contou sobre seu rosto achatado, seu corpo sem escamas e o segmento que faltava em suas pernas. Eu achei que você andaria muito rígida com essas pernas retas. Mas sua marcha é incrivelmente fluida e elegante. Estou impressionada. E sua pele é tão macia. Aposto que Cedros está constantemente se esfregando em você. Você deve ser maravilhosa para abraçar à noite.

— Uau, vocês realmente não têm problema em falar o que pensam — eu disse, incapaz de decidir se estava mais divertida do que pasma.

Seus olhos se arregalaram e ela inclinou a cabeça para o lado, me lançando um olhar curioso — É claro que falamos. Nós somos sempre honestos entre nós.

— Caramba... Entre — eu disse, gesticulando para ela me seguir para dentro — Todos os Derakeens são tão diretos assim?

Ela balançou a cabeça — Não. Apenas Senhores das Sombras e Ejayas... ou melhor, apenas nós somos totalmente abertos um com o outro.

Quando ela se acomodou no sofá, ela me lançou um olhar avaliador enquanto franzia os lábios. Eu me preparei para o que viria a seguir.

— Por que você está usando essas coberturas? — ela perguntou com curiosidade genuína — Você não fica com calor ou desconfortável com elas?

— Não — eu disse, enquanto me acomodava ao lado dela — Como humana, este é um hábito para toda a vida para mim. Além disso, nós não temos escamas como Derakeens para proteger nossa pele macia.

— Entendo. Isso é lamentável. Sinto muito por Cedros.

Minhas costas enrijeceram, gostando cada vez menos daquela honestidade brutal — Por que sente muito?

— Seus costumes humanos o estão privando do pleno contato de que ele necessita. Isso é bastante injusto com ele.

Meu rosto perdeu todo o calor e eu levantei o queixo desafiadoramente — Eu não o privo. O fato de eu não ficar nua pela casa o dia todo não significa que eu não tire a roupa para ele quando ele precisar de contato.

Ela inclinou a cabeça novamente, desta vez olhando para mim como se eu fosse uma esquisita — Você está ofendida — ela disse, parecendo surpresa.

— Sim, um pouco. Você acabou de me conhecer e já está fazendo julgamentos severos sobre minhas interações com Cedros — eu disse, irritada com a atitude defensiva em minha voz.

Ela sorriu para mim de uma forma estranhamente maternal, seu rosto se suavizando — Não é um julgamento severo, Kaida, e certamente não pretendo ofendê-la. As palavras só são mesquinhas se forem ditas de maneira inverídica ou por maldade. Sua reação defensiva me diz que Cedros já tocou no assunto.

— Sim ele tocou. E eu estou trabalhando nisso.

— Isso é tudo que alguém pode pedir. Eu não pretendo compreender o quão difícil deve ser para você ser arrancada do seu mundo e jogada neste. Você herdou o importante papel de uma Ejaya, e muito disso entra em conflito com tudo o que sua cultura lhe ensinou.

Eu coloquei as mãos no colo, tentando me acalmar — Parece bastante opressor. Eu quero ser uma boa Ejaya para Cedros, mas eu nem entendo direito o papel. E o choque cultural é muito para assimilar.

Trinit me lançou um olhar simpático e assentiu lentamente. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas pareceu mudar de ideia, optando por outra coisa.

— Você sabe por que Senhores das Sombras e Ejayas são tão honestos um com o outro? — ela perguntou.

Eu balancei a cabeça, muito curiosa sobre isso.

— É porque, em muitos aspectos, os Senhores das Sombras são como jovens. Enquanto eles cresciam, eles não desenvolveram os filtros que nós normalmente desenvolvemos à medida que crescemos, entre outros. Eles têm a franqueza e a ousadia dos pequenos. Eles falam abertamente sobre o que pensam e sentem e fazem as perguntas

que surgem em suas mentes no momento em que pensam nelas. Mas não confunda isso com ingenuidade ou imaturidade. Eles são adultos responsáveis. Eles simplesmente nunca desenvolveram os artifícios e a ilusão que adquirimos quando imersos em interações sociais.

— Entendi — eu disse, pensativa.

— Entendeu — Trinit perguntou sem condenação ou provocação — Como todo Senhor das Sombras sem um par, Cedros viveu a maior parte de sua vida isolado. Sua chegada finalmente permitiu que ele saísse de sua concha. Através de você, e graças a você, a verdadeira personalidade dele pode finalmente emergir. As interações dele com você desempenharão um papel importante na definição do quanto ele se abrirá. Não o atrapalhe com seus costumes humanos.

Mais uma vez eu me irritei com isso — Eu não o atrapalho!

— Não voluntariamente, tenho certeza. Mas seu desconforto com a franqueza me diz que você provavelmente já fez isso mais de uma vez. Por exemplo, você disse a ele que ele não deveria dizer ou perguntar certas coisas porque seria impróprio?

Minhas bochechas praticamente explodiram em chamas — O que você quer dizer? — eu perguntei, a atitude defensiva retornando à minha voz — Eu devo deixá-lo fazer o que quiser?

— Sim — ela disse, como se fosse evidente — Você só deve recusá-lo se acreditar que isso é ruim para ele ou se isso a deixar muito desconfortável. Seu propósito como Ejaya é mantê-lo saudável e fazê-lo feliz com todos os meios necessários.

— Bem, andar nua me deixa desconfortável — eu retruquei.

Ela me deu um sorriso indulgente — Sim, é verdade, porque é o seu jeito humano. Eu não descarto a realidade do seu desconforto. Porém, minha irmã, me responda isso. E daí se você estiver nua? Isso não significa nada para nós, Derakeens. Isso não causará danos a você enquanto estiver dentro de seu covil e dará a Cedros o que ele tanto precisa. Fornecer a ele contato total com você deve ser sua prioridade número um, para mantê-lo física e mentalmente saudável e forte. O que você perde ao conceder isso a ele? E o que você ganha o negando?

Eu odiava o quão estúpida ela me fazia sentir por colocar as coisas dessa maneira — Nada. Eu não ganho e não perco nada — eu admiti — Mas como eu disse, eu estou trabalhando nisso.

— Ótimo. Mas então eu vou perguntar a mesma coisa sobre comunicações abertas com ele.

Eu a encarei.

Ela riu — Não me olhe assim, Kaida. Eu não estou te atacando. Eu apenas quero lhe dar uma perspectiva diferente, de uma Ejaya experiente, nascida em Dramnac, para uma novata. Algumas perguntas podem ser desconfortáveis e alguns tópicos, embaraçosos. Mas quanto mais cedo você abandonar suas inibições, mais cedo você

desenvolverá um forte vínculo com seu Senhor das Sombras. Você nunca terá um amigo mais próximo e leal no universo do que Cedros, como Rovain é o meu.

Eu coloquei meu cabelo atrás da orelha direita antes de bater um dedo no lábio inferior enquanto ponderava suas palavras.

— Eu posso perguntar que tipo de conversas ou perguntas Rovain fez que você considerou desconfortável?

— Quando ele me pediu para ser sua companheira — Trinit respondeu sem hesitação.

Eu recuei, atordoada pela resposta inesperada — Por quê? Você já tinha outra pessoa?

Ela balançou a cabeça — Não. Eu era solteira quando Rovain e eu nos conhecemos. Ele tinha quarenta e um anos e eu vinte e oito. Já era tarde para um Senhor das Sombras encontrar sua Ejaya. Nós nos tornamos amantes depois de uma semana, e ele me pediu em casamento seis meses depois. Como eu não estava apaixonada por ele, eu recusei. Foi muito difícil rejeitar o seu pedido, pois eu sabia o quanto ele queria uma família. Mas nisso eu tive que ser fiel a mim mesma.

— Ugh, isso deve ter sido muito estranho. As coisas ficaram tensas entre vocês depois? — eu perguntei.

— Oh não! De jeito nenhum. Ele sabia que havia uma boa chance de eu recusar. Mas ele queria que eu soubesse que, se algum dia eu considerasse isso, ele adoraria que nos acasalássemos.

— Seu caso acabou depois disso? — eu perguntei, um pouco atordoada.

— De jeito nenhum. Nós continuamos como antes por pouco mais de oito anos. E então ele completou cinquenta anos.

— Por que eu sinto que uma grande reviravolta está chegando? — eu disse, ardendo de curiosidade.

Trinit riu — Eu não chamaria isso de uma grande reviravolta. Mas algo me forçou a tomar uma decisão. Veja bem, quando um Senhor das Sombras solteiro completa cinquenta anos, espera-se que ele tente se reproduzir com qualquer mulher voluntária cuja presença seja tolerável para ele. Porém, para aqueles que, como Rovain, possuem uma Ejaya, não há restrição quanto a com quem eles podem acasalar.

Ela deixou as palavras pairarem entre nós por um momento, me deixando resolver o problema.

E então eu entendi.

— Oh nem ferrando! Por favor, não me diga que você precisa ficar sentada no quarto com eles enquanto eles estão fazendo isso, para que sua presença possa diminuir o desconforto para ele?! — eu exclamei, horrorizada.

Ela assentiu — Essa é *exatamente* a expectativa... Embora

geralmente eu voe ao lado deles, já que a maioria dos acasalamentos ocorre durante o voo. Mas a ideia de testemunhar ele tentando engravidar várias mulheres e ao mesmo tempo tornar as coisas mais fáceis para ele me deixou louca. Portanto, eu disse a ele que se ele ainda me quisesse, eu me casaria com ele.

— No final, isso a fez perceber que estava apaixonada por ele — eu disse com um sorriso.

Trinit riu — Não. Eu ainda não estou apaixonada por ele. Rovain não é minha alma gêmea. Mas eu o amo e nunca conheci ninguém que amasse igual ou mais. Rovain é meu melhor amigo, um amante maravilhoso, um pai incrível para nossos filhos e ele me faz muito feliz.

— Oh. Hmm... Ele sabe?

Ela riu novamente — Claro que sim. Eu te disse, não há segredos entre uma Ejaya e seu Senhor das Sombras. Ele sabe que eu não estou apaixonada por ele, mas ele me ama, e o amor que tenho por ele é suficiente. Ele está feliz. Isso é tudo o que importa.

— Uau — eu disse, me mexendo inquieta na cadeira — É comum que Ejayas e Senhores das Sombras sejam amantes?

— Sim, muito comum. Mas não é obrigatório. Esta é uma das coisas que você deve recusar se não se sentir confortável com isso.

— Mas... eles não são todos virgens antes de conhecer uma Ejaya? — eu perguntei, o calor subindo pelas minhas bochechas.

— Sim, todos eles são.

— Bem, isso não é praticamente uma garantia de que eles se apaixonarão por sua Ejaya? Parece um pouco cruel, é como enganá-los, se você não está apaixonada por eles — eu disse, escolhendo as palavras com cuidado.

Pelo sorriso sábio que ela me deu, Trinit não se deixou enganar pelo que eu quis dizer — Oh, minha querida irmã, um Senhor das Sombras sempre se apaixona por sua Ejaya. Nenhuma outra mulher no universo pode fazê-lo sentir o que sentimos. Quer você case com Cedros ou não, ele já está apaixonado por você. O sexo não aumentará ou diminuirá os sentimentos dele por você. Se você o deseja, então divirta-se. Negar a ele - e a si mesma - é apenas um castigo para vocês dois. Não pense demais ou complique demais as coisas. Aborde sua vida em Dramnac com Cedros com a mesma franqueza e ousadia de uma jovem. Fique ao lado de Cedros e deixe que ele fique ao seu lado.

— Caramba. Você certamente me deu muito em que pensar. Mas é ótimo finalmente conversar com alguém que entende qual deve ser o meu papel — eu disse timidamente — Falando nisso, eu tenho uma pergunta para você. Quanto eu posso dizer quando se trata da forma como os outros interagem com Cedros?

Seus olhos se arregalaram de surpresa ao ouvir minha pergunta —

Não tenho certeza do que você quer dizer.

Eu contei o incidente de mercado com os aproveitadores pedindo portais.

— Oh, Deuses! Diga a essas sanguessugas mesquinhas para caírem fora. Quando se trata do bem-estar de seu Senhor das Sombras, a palavra de uma Ejaya é a lei. Seja tão cruelmente protetora com ele quanto achar apropriado. Ninguém irá desafiá-la. Esse é seu direito e seu dever.

— Eu estou adorando o som disso — eu disse com um sorriso maligno.

Trinit riu em aprovação.

— Diga, você tem uma carreira ou ser Ejaya é uma função de tempo integral? — eu perguntei.

— Eu tenho uma carreira. Eu sou educadora de jovens, o que me torna a mentora perfeita para você. Uma das minhas especialidades é prepará-los para a Trilha das Sombras. Falando nisso, eu vim aqui para te dar um treinamento de fendas. Levante-se, minha querida. É hora de você se perder no vazio.



Capítulo 12

Cedros

Minha cabeça girou eu quando abri o portal para casa. A toxina mais virulenta corria em minhas veias após lutar contra os aqrats e outras criaturas diabólicas do vazio. As raízes das minhas escamas queimavam como mil fogos. Eu queria arrancá-las da minha carne. Depois de apenas alguns dias de felicidade com minha Kaida, eu tinha esquecido o quão insuportável era a toxina dos aqrats.

Rovain estava certo ao me alertar sobre o quão perigoso o setor Vessant havia se tornado. Os peregrinos atraíram um número absurdo de feras, muitos deles ficando gravemente feridos. Levaria pelo menos mais alguns dias para rastrear e erradicar todas as ameaças itinerantes na área. Mas agora não era hora de pensar nisso. De qualquer forma, eu não conseguia me concentrar o suficiente para isso.

Eu saí do portal no terraço do meu covil. As grandes portas de vidro estavam abertas. O cheiro de carne escaldante chegou até mim, mas meu cérebro apenas registrou o aroma divino de Kaida. Através da névoa da minha dor, ela me atingiu como uma pedra na cabeça. Meus joelhos vacilaram e um grunhido quase cruel saiu da minha garganta quando uma fome raivosa tomou conta de mim.

Batendo minhas asas, eu corri para capturar minha salvação. Eu mal processei a presença da mulher Derakeen verde sentada em um banquinho.

— Ah merda! — Kaida sussurrou, com os olhos arregalados de choque e uma ponta de medo quando eu desci sobre ela.

Ela deu dois passos para longe da placa onde estava preparando sua refeição antes que eu a agarrasse. Na minha necessidade debilitante, eu quase a esmaguei em meus braços, meus instintos protetores me controlando no último minuto. O som mais estranho saiu da minha garganta, parte gemido, parte ronronar e parte rosnado enquanto eu esfregava meu rosto no dela.

A sensação e o cheiro dela imediatamente fizeram minhas glândulas acelerarem. Meus hormônios nezarona começaram a correr em minhas veias, amortecendo um pouco a dor. Mas era muito pouco, um mero gotejamento. Eu precisava de mais... muito mais.

Através da neblina da dor, eu percebi que as roupas miseráveis que ela usava eram a causa. Com vontade própria, minhas garras dispararam e, com um rugido selvagem, eu rasguei o tecido desagradável em pedaços. Eu ouvi vagamente um suspiro distante, mas meu próprio gemido estrangulado de êxtase ao contato de sua carne nua contra a minha o enterrou. Meus joelhos tremeram novamente e eu lutei para evitar que meus olhos rolassem para a nuca.

Com as comportas totalmente abertas, minha nezarona correu por mim, me deixando tonto. Minha pele formigou e minha cabeça girou. Me sentindo bêbado, eu comecei a sair cambaleando da cozinha.

Uma voz feminina familiar riu atrás de nós — Pelos deuses! Alguém está com sérias necessidade! — a mulher disse divertida — Eu vou deixar vocês dois com isso, então. Vejo você de manhã para o próximo treino, Kaida!

Ao mesmo tempo em que ela bateu as asas para sair, a voz de Kaida chamando meu nome perfurou meu torpor.

— Cedros! A comida vai queimar! Deixe-me pelo menos tirá-la da placa! Cedros!

Eu acenei com a mão em direção à placa de cozinha, meus poderes telecinéticos jogando de lado o que quer que estivesse cozinhando de cima dela e sobre o balcão.

— Mas... isso... ugh...

O que quer que Kaida quisesse dizer, ela aparentemente desistiu. De qualquer forma, eu não estaria em condições de responder. Eu a levei para o meu ninho, meio correndo, meio voando. Assim que pousamos na almofada, eu me enrolei em minha Ejaya, esfregando meu corpo e meu rosto nela. Eu não conseguia chegar perto o suficiente dela. Eu acabei descansando meu rosto entre seus seios, onde seu perfume divino era forte. Me sentindo tonto, eu adormeci ao som de seu coração batendo e da carícia suave de seus dedos delicados em meu cabelo.



Uma sensação vibrante me trouxe de volta à consciência. Eu quase abri os olhos, mas permaneci imóvel quando percebi que os dedos de Kaida traçavam suavemente os sulcos dos meus músculos abdominais. Fazia um pouco de cócegas, eventualmente arrancando um sorriso de mim.

— Você está acordado — Kaida sussurrou, sem parar o movimento de sua mão em mim.

Eu abri os olhos para olhar para ela — Eu estou agora. Me desculpe por ter te agarrado tão brutalmente e danificado suas coberturas — eu sussurrei de volta, timidamente.

Ela sorriu — Foi uma entrada bastante dramática, da qual minhas pobres roupas infelizmente não vão se recuperar. Mas está tudo bem. Eu pude ver que você estava com dor.

— Eu estava. E você tornou tudo melhor — eu disse, meu olhar preso em seus dedos ainda desenhando linhas entre meus músculos — Eu gosto quando você me toca. Eu gostaria de poder te tocar também.

Kaida franziu a testa com minhas palavras — Você me toca o tempo todo — ela argumentou.

Eu balancei minha cabeça — Eu te abraço e me aninho com você, mas não te toco. Eu gostaria de te explorar, você toda, como quando você me deixou tocar seus seios — eu disse melancolicamente.

Em vez da explicação esperada sobre por que seria impróprio fazer isso de acordo com os padrões humanos, Kaida sustentou meu olhar com uma expressão ilegível.

— Eu não vou te impedir — ela disse com uma voz suave.

Eu enrijei, meu olhar fixo no dela para ter certeza de que entendi corretamente o que ela quis dizer — Mas... isso não vai te incomodar? Isso não vai te deixar desconfortável?

— Se isso acontecer, eu lhe direi.

Eu hesitei por mais um segundo, meus dedos tremendo de antecipação. Eu levantei minha mão e cuidadosamente comecei a percorrer seus traços, desde suas sobranceiras delicadas, até a ponta de seu nariz empinado, até seus lábios carnudos e a curva suave de suas bochechas. Ela permaneceu imóvel, seu corpo relaxado enquanto me observava e eu a explorava.

Pelos Deuses! Sua pele era incrivelmente macia sob minha mão. Eu nunca imaginei que pudesse ficar tão viciado nisso. Para mim, um toque sensual sempre envolvia a dureza flexível das escamas e seu suave raspar na palma da minha mão. A sensação das minhas escamas provavelmente era estranha para ela. Ela gostava ou isso a irritava?

Eu estava me preparando para fazer a pergunta quando minha mão deslizando sobre seu seio provocou um desejo completamente diferente. Incapaz de resistir, eu me inclinei e lambi seu mamilo. Kaida estremeceu. Eu olhei para ela, minha mão em concha em seu seio enquanto meu polegar tocava o mamilo endurecido e entorpecido.

— Você gostou quando eu lambi? Podemos contar qualquer coisa um ao outro, minha Ejaya — eu acrescentei, quando suas bochechas ficaram rosadas e ela pareceu hesitar.

Ela respirou fundo e depois assentiu — Sim, é muito bom.

Eu sorri, satisfeito com a resposta de Kaida e orgulhoso dela por

abandonar cada vez mais suas ilógicas inibições humanas. Eu abaixei minha cabeça para lamber seu mamilo mais uma vez, amando sua textura estranha contra minha língua.

— Minha língua é muito áspera? — eu perguntei.

Ela balançou a cabeça — Não. Na verdade, é maravilhosa — minha Ejaya disse com uma risada nervosa.

Eu sorri presunçosamente, antes de voltar minha atenção para seus seios, os lambendo, beliscando e acariciando até que a respiração de Kaida acelerou. O cheiro crescente de sua excitação fez com que meus músculos abdominais se contraíssem e meu comprimento se esforçasse para sair. O aroma delicioso me atraiu para baixo, minha boca salivando enquanto eu beijava e acariciava até sua região pélvica.

Um ronronar estrondoso saiu da minha garganta quando eu inalei profundamente seu almíscar. Kaida emitiu um som estranho que me fez olhar para ela. Eu balancei a cabeça diante do constrangimento em seu rosto.

— Deixe-me adivinhar... Pelos padrões humanos, você não deve inalar a excitação de outra pessoa — eu disse provocativamente.

O rosto de Kaida ficou vermelho, me fazendo rir — Eu presumi que isso se aplicasse a praticamente qualquer cultura civilizada — ela respondeu defensivamente — Quero dizer, eu não vi ninguém andando pelo portal negro cheirando as virilhas de pessoas aleatórias.

— Mas você não é uma pessoa aleatória. Você é minha Ejaya — eu disse com um grunhido possessivo em minha voz — Cada um dos seus aromas, em todos os seus tons, são meus para desfrutar. E o aroma requintado da excitação que eu despertei dentro de você é meu prêmio, minha recompensa. Você não vai negar isso para mim.

Eu esperava que ela discutisse ou murmurasse alguma coisa em resposta à minha afirmação. Em vez disso, Kaida mordeu o lábio inferior, seus olhos escureceram enquanto o cheiro de sua necessidade ficava ainda mais potente, preenchendo minhas narinas.

Um desejo violento surgiu através de mim. Por instinto, eu abri suas pernas e enterrei meu rosto entre suas coxas. Kaida engasgou, uma de suas mãos fechando em torno de um dos meus chifres sombrios. Eu esfreguei meu rosto em todo o sexo dela enquanto respirava fundo novamente. Um grunhido faminto retumbou em meu peito enquanto eu lentamente a lambia de baixo para cima. O sabor de seu lubrificante natural amortecendo o tecido fino e irritante que cobria seu núcleo quase me deixou louco de necessidade.

Um raio de luxúria explodiu em minha virilha e eu separei minhas escamas pélvicas, liberando meu comprimento. Eu sibilei de prazer e dor por finalmente ter sido libertado de meus limites, meu eixo orgulhosamente ereto. Com essa pressão aliviada, eu voltei minha atenção para o meu prêmio. Antes que eu pudesse me conter, eu cortei

o fio fino de tecido que segurava a calcinha de Kaida.

Minha Ejaya engasgou novamente, desta vez com uma pitada de protesto que se transformou em um gemido quando minha língua mais uma vez passou por seu núcleo, desta vez desimpedida. Queridos Deuses! O gosto dela quase me fez derramar minha semente. Eu queria passar o tempo admirando a aparência incomum do sexo de uma mulher humana, mas minha necessidade de saboreá-la e devorá-la era grande demais.

Eu a lambi com ganância, me deleitando com o som de seus gemidos em meus ouvidos, sua intensidade aumentando cada vez que eu focava minha atenção no pequeno nó ingurgitado acima de sua fenda. Eu chupei, como minhas leituras sobre humanos sugeriram. A resposta imediata de Kaida, suas mãos apertando meus chifres enquanto sua pélvis se erguia em direção ao meu rosto, fez outra onda de luxúria correr para minha virilha.

Retraíndo minhas garras, eu deslizei dois dedos dentro de sua abertura feminina. Ela estava quente e escorregadia de excitação enquanto suas paredes internas se contraíam ao redor deles. Sem diminuir a atenção em seu clitóris, eu comecei a fazer amor com Kaida com a mão, as pontas dos dedos logo encontrando o sensível feixe de nervos dentro dela.

Minha Ejaya de repente gritou e seu corpo se contraiu e me pegou de surpresa. Minha cabeça se ergueu, meus dedos ainda entrando e saindo dela enquanto eu admirava a expressão de pura felicidade em seu rosto. Deuses, ela era de tirar o fôlego em toda a sua natureza sobrenatural. Com a pele vermelha, os olhos bem fechados, os lábios entreabertos, Kaida tremia com os últimos tremores de êxtase. E fui eu, Cedros Qhelian, quem deu tanto prazer a esta mulher.

Quando ela voltou à realidade, eu subi em cima dela, segurando meu peso com um braço. Eu segurei seu rosto com minha mão livre, meu polegar acariciando seus lábios. Para minha surpresa, ela o levou para dentro da boca e chupou suavemente. O gesto inesperado ressoou diretamente na minha virilha. Meu eixo estremeceu em resposta.

Kaida enrijeceu, seus olhos se arregalaram quando ela percebeu que meu comprimento exposto estava pressionando sua barriga. Embora eu ansiasse por me acasalar com ela e apesar da minha necessidade de encontrar minha própria libertação, eu não a pressionaria a nada.

— Calma, minha Kaida. Eu não vou tentar me acasalar com você — eu disse com uma voz suave, enquanto tirava meu polegar de sua boca para acariciar sua bochecha em um gesto reconfortante — Seu cheiro, seu gosto e seu prazer me excitaram. Manter meu eixo confinado era doloroso. Me dê alguns momentos e eu amolecerei.

Uma expressão estranha passou por suas feições. Eu me inclinei e

pressionei meus lábios nos dela. Para minha alegria, Kaida respondeu imediatamente, fechando os braços em volta de mim. Quando sua boca se abriu e sua língua provocou a minha entrada, eu obedeci, me sentindo ao mesmo tempo curioso e nervoso. Eu nunca tinha beijado ninguém daquele jeito.

Deuses! Até a língua dela era macia enquanto girava em torno da minha, provocando, saboreando, explorando. Eu não precisei que Kaida me dissesse que meu desempenho foi desajeitado. O fato dela não parecer se importar e isso não diminuir seu entusiasmo me deixou à vontade e até me encorajou. Porém, cedo demais, Kaida encerrou o beijo. Suas mãos acariciando minhas costas deslizaram para meu peito para me afastar suavemente.

No começo, eu pensei que ela queria que eu simplesmente saísse de cima dela, mas em vez disso ela me guiou de costas. Para minha surpresa, minha Ejaya fez o que eu vinha fazendo com ela desde que nos conhecemos. Ela esfregou o rosto no meu, passando os lábios pelas minhas bochechas, olhos, nariz e lábios antes de enterrar o rosto no meu pescoço. Eu ronronei de prazer enquanto as mãos de Kaida percorriam meu corpo e ela continuava a se esfregar em mim.

Um arrepio poderoso percorreu meu corpo quando sua língua macia e úmida começou a traçar as linhas dos músculos do meu peito em um caminho descendente em direção à minha barriga. Quando sua mão deslizou em direção ao meu eixo, eu peguei seu pulso, a assustando.

— O que você está fazendo, minha Kaida? — eu perguntei em um tom ofegante.

Ela levantou a cabeça para me olhar diretamente nos olhos — Retribuindo — ela disse, como se fosse evidente.

Uma necessidade ardente irrompeu em minha região pélvica, fogo líquido queimando profundamente em minha barriga ao pensar na boca de Kaida em meu sexo. Eu engoli em seco enquanto tentava silenciar meu desejo instintivo de dizer a ela para prosseguir.

— Você não precisa fazer isso, Kaida. Nenhuma dívida é devida. O prazer que eu lhe dei foi concedido gratuitamente enquanto eu saciava minha própria curiosidade — eu sussurrei.

— Eu sei que não preciso. Eu só quero — ela disse com naturalidade — Eu estou tão curiosa sobre você quanto você estava sobre mim.

Minha garganta esquentou, o brilho quente irradiando enquanto meus corações se enchiam de alegria com sua resposta — Eu amo que você esteja falando abertamente o que pensa e seus desejos. Adoro que você esteja começando a perceber que não deve haver constrangimento, segredos ou restrições entre nós.

Ela mais uma vez me lançou um olhar estranho enquanto refletia

sobre minhas palavras — Você sabe que está certo. É bom poder dizer apenas o que penso e quero, sem me preocupar com modos ou ser julgada.

— *Nunca*, minha Kaida. Nunca entre nós. Eu quero conhecer você por inteira, quem você é de verdade, e que você me conheça por inteiro, sem barreiras.

Ela sorriu daquele jeito maravilhoso que fazia seus olhos brilharem — Eu estou realmente começando a gostar de você, Cedros Qhelian.

— É bom mesmo, Kaida Daigo. Eu pretendo te deixar louca por mim — eu disse com uma ousadia que nunca percebi que possuía.

Ela riu e esfregou a mão na minha barriga como alguém bagunçando o cabelo de uma criança malcriado. O gesto atraiu seu olhar para meu eixo, ainda meio ereto. Toda a diversão desapareceu de sua expressão, e ela olhou para mim em choque, para não dizer horror. Uma sensação de pavor tomou conta de mim e eu preendi a respiração, esperando para ouvir quais pensamentos estavam passando pela cabeça dela. Eu li o suficiente sobre os homens humanos para saber que nós compartilhamos muitas semelhanças, mas também diferenças significativas. Minhas cristas e pontas a estavam assustando?

— Droga, Cedros... Você é enorme! — Kaida sussurrou.

Eu pisquei, esperando um tipo de comentário completamente diferente — Enorme? Grande demais para uma humana? Para você? — eu perguntei com cuidado.

Kaida olhou em minha direção, parecendo quase traumatizada, antes de voltar sua atenção para meu eixo. Ela engoliu em seco e deu de ombros, parecendo incerta.

— Bem, nós esticamos, então isso eventualmente caberia. Mas caramba... — ela murmurou, soando como se estivesse falando mais consigo mesma do que me respondendo.

Ela estendeu a mão em direção ao meu eixo, passando timidamente as pontas dos dedos em sua lateral. Um inferno irrompeu na minha barriga e eu mal consegui silenciar um gemido.

— Oh meu Deus! Você está pré-lubrificado?! — Kaida exclamou, balançando a cabeça em minha direção.

— Sim — eu balancei a cabeça enquanto a olhava com cautela, incapaz de decidir se ela achava que isso era bom ou ruim.

— Bem, isso vai ser útil — ela murmurou, mais uma vez parecendo que estava falando sozinha.

Meus músculos abdominais se contraíram novamente quando sua mão envolveu mais decisivamente meu eixo, minha circunferência era grande demais para que seus dedos se fechassem completamente em volta de mim. Embora sua mão se movesse para cima e ao redor de meu comprimento, ela não estava me acariciando, mas sim

examinando e estudando com grande fascínio. Apesar da minha excitação ardente, as reações dela também me fascinavam. Uma infinidade de expressões passou por seu rosto, desde curiosidade até uma mistura de admiração e confusão.

Meu eixo tinha muitas saliências, espelhadas em cada lado, duas grandes na parte inferior e quatro médias no meio, e uma série de menores emoldurando meus espinhos dormentes, que ela apenas presumiria serem uma fileira de saliências circulares no lado transversal. Mas eles eram muito mais.

Eu respirei fundo quando Kaida finalmente começou a me acariciar. Ninguém jamais havia tocado aquela parte mais íntima de mim antes. Claro, eu já me dei prazer no passado, mas isso... isso era diferente de tudo que eu já havia experimentado antes. Sua mão se movia para cima e para baixo, seu polegar dando uma massagem extra maravilhosa em minhas cristas. Mas foi a maneira como ela torceu o pulso quando alcançou a cabeça, seu aperto aumentando de uma forma requintada, antes de me acariciar de volta, que me fez ofegar em pouco tempo.

Eu tinha acabado de fechar os olhos para me render ao prazer que minha Ejaya estava me dando quando ela engasgou e tirou a mão de mim. Meus olhos se abriram e eu olhei para ela confuso. Mas Kaida estava olhando para mim em estado de choque.

— O que é isso? O que está acontecendo? — ela perguntou.

— São apenas minhas cristas. As medianas incham durante a relação sexual para aumentar as sensações da mulher e para expor suas bordas internas mais sensíveis para melhorar minhas próprias sensações — eu expliquei, minha voz rouca por ter meu prazer crescente interrompido de forma tão brutal — As cristas menores começarão a ondular depois.

— Uau, uau! Ok, isso é perverso — Kaida disse.

Para meu alívio, ela não prolongou minha tortura e me envolveu com a mão mais uma vez, retomando seus cuidados. Eu fechei os olhos novamente e gemi de alegria enquanto chamadas líquidas giravam em minha região inferior. À medida que o prazer aumentava, minha câmara de aquecimento esquentava e minha língua coçava com o desejo de acender uma faísca para que eu pudesse cuspir fogo. Mas então um inesperado calor úmido se instalou na ponta do meu eixo, forçando meus olhos a abrirem novamente. Antes que eu pudesse entender qual era a causa, Kaida olhou para mim com uma expressão estupefata.

— Oh meu Deus! Você tem gosto de manga! — ela exclamou.

— Eu tenho gosto de...?

Eu não terminei minha frase. Kaida abaixou a cabeça, engolindo a metade superior do meu eixo em sua boca como se estivesse morrendo

de fome há dias. Eu me sentei com um grito, com um prazer quase insuportável enquanto sua cabeça balançava avidamente sobre mim. Uma mão agarrando o cobertor que cobria nosso ninho, a minha mão livre encontrou o caminho para o cabelo de Kaida. Eu precisei de toda a minha força de vontade para não direcionar o movimento de sua cabeça, nem agarrar seus cabelos macios com uma força dolorosa.

Deuses! Eu poderia morrer de prazer naquele instante. O hidrogênio aquecido encheu minha câmara, clamando para ser queimado. Meus músculos se contraíram e meu corpo ficou tenso quando eu estava quase terminando. Simultaneamente, as pontas ao longo dos lados superiores do meu eixo foram expelidas, o inferno da boca de Kaida em sua superfície excessivamente sensível, me fazendo gritar.

Eu senti Kaida se afastando de mim no momento em que meus espinhos começaram a ondular — Não! — eu gritei, minha mão fechando sobre a dela para impedi-la de se afastar — Por favor, não pare. São apenas meus espinhos. Eles não vão te machucar. Por favor... não pare!

Eu joguei minha cabeça para trás com um silvo de prazer quando minha Kaida obedeceu, acelerando o movimento de sua mão em mim. Um fluxo ininterrupto de gemidos grunhidos estava saindo de mim, meus quadris subindo em contraponto à mão dela me acariciando enquanto eu me preparava para liberar. Sua boca se fechando sobre meu eixo, e seus dentes roçando minhas pontas ondulantes me destruíram.

Minha coluna vertebral se contraiu violentamente e um vulcão entrou em erupção em minhas entranhas, seu fogo abrasador percorrendo meu corpo. Meu rugido poderoso morreu em uma torrente de chamas sombrias enquanto a felicidade líquida saía de mim. Meus olhos rolaram para a parte de trás da minha cabeça enquanto minha Kaida continuava a balançar freneticamente sobre mim, sua mão ainda trabalhando em mim, extraíndo até a última gota da minha semente. Eu desabei na almofada no minuto em que esgotei o hidrogênio quente da minha câmara de aquecimento.

Atordado, eu permaneci inerte, meu corpo tremendo enquanto esperava a sala parar de girar. Ao me recompor, eu voltei a me concentrar em Kaida, que havia se acomodado em cima de mim. Eu a abracei, um braço em volta de suas costas e a mão do outro apoiada em seu traseiro nu. Ela estava olhando para mim com uma expressão estranha, mas suave, misturada com algo semelhante a diversão.

— Agora sabemos — ela disse suavemente.

Eu pisquei, sem saber o que ela queria dizer — Sabemos o que, minha Kaida?

— Você sopra chamas sombrias quando chega ao clímax — ela

respondeu provocativamente — Que bom que sua casa é à prova de chamas. Foi uma erupção impressionante.

Eu ri, minhas escamas escurecendo de vergonha. Pela forma como ela mexeu as sobrancelhas quando disse a palavra “erupção”, eu pude adivinhar que ela não estava apenas se referindo às minhas chamas sombrias.

— Claramente sim. Porém, é melhor chamas sombrias do que fogo. Elas não deixam manchas escuras nas paredes — eu disse, antes de esfregar meu rosto em seu nariz — Obrigado por este presente inesperado, minha Kaida. Não há palavras suficientes para dizer o quanto você me faz feliz.

Ela abriu a boca para responder. Pela ternura em seu rosto, eu suspeitei que ela estivesse prestes a retribuir, mas depois fechou a boca. Eu não achei que ela estava se contendo. Minha Kaida ainda não sabia como expressar o que estava sentindo. Eu não me importei. Nós tínhamos muito tempo. Ela era minha, e antes que nossos seis meses terminassem, Kaida seria minha verdadeira companheira.

Eu sorri e reivindiquei seus lábios em um beijo possessivo. Sua resposta apaixonada confirmou o que eu sabia em meu coração. Ela era minha.



Capítulo 13

Kaida

Sentado à mesa da cozinha com minha camiseta enorme e a parte de baixo do biquíni, eu me debrucei sobre os arquivos que Tedrick me enviou sobre vários incidentes no portal das sombras. Eu fiquei perplexa com o fato da OPU ter conseguido esconder alguns dos casos terrivelmente trágicos que ocorreram. Embora eu entendesse por que eles queriam manter isso em segredo, isso me fez pensar que outros segredos terríveis eles estavam escondendo da comunidade galáctica.

Por mais que eu desejasse que os nossos líderes pudessem mostrar mais transparência, eu já era Executora há tempo suficiente para saber como o excesso de conhecimento levava ao pânico e à agitação. Se amanhã as pessoas descobrissem que um portal aleatório poderia se abrir do nada em seu quintal, e que criaturas de pesadelo poderiam sair dele para dizimar seus entes queridos, as coisas ficariam complicadas muito rapidamente. Aqueles que mergulhassem na toca do coelho da paranoia seriam problemáticos. Mas eram os oportunistas que mais me preocupavam. Se a notícia se espalhasse, indivíduos obscuros surgiriam da toca para se juntar à corrida para conquistar portais.

Como se convocado por esse pensamento, o trovão abafado da abertura de um portal me fez levantar a cabeça do laptop. Pelas grandes portas do pátio, eu vi Cedros emergir do vórtice negro. Meu coração acelerou e um sorriso imediatamente se instalou em meu rosto. Ainda me deixava perplexa a rapidez com que eu desenvolvi uma grande paixão pelo alienígena que eu podia chamar de meu marido.

Cedros era doce, engraçado e muito fácil de conviver. Ninguém nunca se esforçou tanto para me agradar. E nem era forçado. Meu dragão adorava genuinamente cuidar de mim e me fazer feliz. Cada vez que eu sorria, fosse qual fosse o motivo, ele sorria também - até brilhava - como se essa simples demonstração do meu estado de alegria ecoasse dentro dele. Cedros não era um Empata, mas você poderia pensar que ele era apenas pela maneira como respondia às minhas emoções.

Eu pulei da cadeira, me livrando rapidamente da minha camiseta enorme para ir cumprimentá-lo. Além do fato de que eu não me importava mais de me exibir nua na presença dele, eu fiquei bastante viciada na sensação de suas escamas e de seu corpo duro contra minha pele nua. Eu já podia ouvir o ronronar estrondoso que ele fazia e como suas escamas raspavam suavemente meu pescoço e ombros. Meus dedos dos pés se curvaram em antecipação enquanto eu corria para as portas do pátio.

Eles se separaram diante dele e ele abriu os braços para mim. Seu sorriso brilhante, a ternura cheia de felicidade em seus olhos, enquanto ele olhava para mim, me viravam de cabeça para baixo. Cedros sempre me olhou como se eu fosse o tesouro mais maravilhoso do universo. Eu nunca me senti tão querida e amada - para não dizer adorada - em toda a minha vida. As palavras de Trinit sobre como Cedros se apaixonaria por mim se repetiram na minha cabeça enquanto eu me jogava em seus braços. Eu não duvidei nem por um minuto que ele estava realmente a caminho disso.

— Minha Kaida — ele sussurrou, me pegando antes de esfregar seu rosto no meu.

Eu envolvi minhas pernas em volta de sua cintura, minhas mãos afundando em seus cabelos, enquanto ele se acomodava em minha bunda para me segurar. Bem na hora, ele começou a ronronar enquanto suas escamas faziam cócegas em meu pescoço. Eu ri, o que o fez rir também. Ele levantou a cabeça para olhar para mim, um mundo de afeto transbordando em seus olhos ardentes. Ele se inclinou para frente e reivindicou minha boca. Eu respondi alegremente ao seu beijo, meus lábios se abrindo para aprofundá-lo.

Eu nunca me cansaria da aspereza de sua língua enquanto ela se enroscava na minha. Todas as vezes, isso me lembrava de como era a sensação entre minhas coxas há quatro dias. As coisas definitivamente mudaram entre nós desde aquele momento. Embora não tivéssemos repetido isso, agora tomávamos banho juntos, nos beijávamos regularmente como amantes e nos deliciávamos com carícias íntimas ocasionais. Era apenas uma questão de dias até levarmos as coisas para o próximo nível.

Uma coisa era certa: Cedros esperaria que eu desse um sinal claro para levar as coisas adiante. Como a maioria dos homens, eu poderia dizer que ele estava constantemente com tesão. E, no entanto, ele nunca fazia nenhum movimento, a menos que eu lhe desse um sinal indiscutível de que estava de bom humor, ou se o cheiro inegável da minha excitação o avisasse que eu estava ansiosa por alguma coisinha.

Isso me incomodou no início, considerando que Cedros estava constantemente me enchendo o saco para expressar abertamente meus desejos. No entanto, novas conversas com Trinit durante nossos

treinamentos matinais me esclareceram. Como Ejayas juram fazer tudo ao seu alcance para agradar seus Senhores das Sombras, estes últimos evitavam colocá-las em uma situação difícil com certas coisas, como sexo. A menos que acreditassem claramente que ela poderia estar interessada, eles não a colocariam em uma posição em que ela se sentisse obrigada a consentir ou se sentisse horrível por recusar.

Eu já sabia que havia um consentimento definitivo meu vindo em sua direção. No entanto, eu gostei desta lenta construção da tensão sexual entre nós. Seria ainda mais agradável quando percorrêssemos o caminho inteiro.

Supondo que aquele pau enorme dele não me divida ao meio.

Sua mão percorrendo minhas costas me fez sentir alguns arrepios. Eu gemi baixinho, querendo mais. Para meu desgosto, em vez de ficar mais ousado, Cedros rompeu o beijo.

— Por que você insiste em usar esse pedacinho de tecido? — ele perguntou suavemente, sua voz desprovida de condenação, mas cheia de confusão enquanto puxava o pequeno cordão do meu biquíni.

Eu olhei entre nós para a parte de baixo do biquíni preto que eu não tirei depois de tirar a camiseta, depois olhei novamente para Cedros.

— Porque eu não me sinto confortável sentada com a bunda nua em todas as superfícies desta casa — eu disse em tom de zombaria.

— Por que não? — ele perguntou com curiosidade genuína.

— Caso você tenha esquecido, minha região inferior não é como a do seu povo. As partes íntimas dos Derakeens estão protegidas dentro de seus corpos, mas não as minhas. Eu prefiro não me preocupar com em quais bactérias eu posso me sentar ou se alguma criatura de Dramnac esquisita está tentando rastejar dentro da minha vagina para tirar uma soneca enquanto eu estou trabalhando.

Cedros começou a rir — Ponto justo — ele admitiu — Eu não posso negar o apelo de querer entrar no calor acolhedor de sua... vagina.

Ele silenciou meu suspiro chocado com um beijo e esfregou o rosto no meu nariz. Eu adorava um senso de humor travesso. E meu Cedros estava saindo lindamente de sua concha tímida e desajeitada a cada dia que passava. Como Trinit havia previsto com tanta precisão, agora que ele tinha uma Ejaya, sua verdadeira personalidade estava finalmente emergindo – e eu estava adorando cada pedacinho disso.

— Eu tenho presentes para você, minha Kaida — Cedros disse com orgulho, mudando de assunto. Ele gesticulou com a cabeça para algo atrás dele — Infelizmente, eu não posso ficar muito tempo. Eu pedi a Elros que me cobrisse por uma hora, mas as coisas ainda estão um pouco aquecidas no setor Vessant.

— Um presente? — eu perguntei, esticando o pescoço para olhar

por cima do ombro dele.

Eu estava tão ocupada beijando meu homem que não notei a plataforma suspensa carregada com enormes mercadorias embrulhadas que o seguiram para fora do portal.

— Presentes — ele retificou, enfatizando o plural. Ele beijou a ponta do meu nariz antes de me colocar de pé novamente — Você estava precisando de uma mesa de trabalho adequada, tela de vídeo, projetor holográfico e sua academia pessoal.

Eu gritei e bati palmas como uma estudante antes de correr para a plataforma para olhar mais de perto.

Cedros riu — Leve a plataforma para o seu quarto. Eu tenho outra para buscar. Depois eu posso configurar tudo para você.

— Sim senhor! — eu disse com uma saudação antes de ordenar que a plataforma flutuante me seguisse.

Cedros balançou a cabeça para mim e entrou novamente no portal. Eu mal cheguei à grande sala que ele colocou à minha disposição quando o ouvi voltar. Durante a meia hora seguinte, eu fiquei zumbindo ao redor dele como uma criança excessivamente animada, fazendo-o rir enquanto habilmente preparava tudo para mim, já que ele não me deixava ajudar. Aparentemente, você não trabalhava na montagem de seus próprios presentes.

A altura da mesa fodona podia ser ajustada com comandos vocais, incluindo predefinições configuráveis. A tela de vídeo de alta resolução e grande escala deixaria até mesmo os executivos de mais alto escalão do QG dos Executores babando de inveja. Embora impressionantemente grande, minha cadeira era macia e confortável. Descobrir que eu poderia facilmente girar nela fez Cedros rir e colocar a mão no rosto quando eu fiquei bêbada e tonta por girar demais.

Quando ele montou uma academia doméstica completa com equipamentos de resistência e aeróbica, eu não pude deixar de ficar impressionada.

— Você é fantástico em configurar essas coisas. Eu estaria arrancando os cabelos, tentando entender as instruções e fazendo uma bagunça completa — eu disse.

As escamas de Cedros escureceram enquanto ele me dava um sorriso tímido, quase culpado — Bem, na verdade eu pratiquei primeiro — ele confessou — Eu não queria me envergonhar na sua frente sendo totalmente ignorante.

Eu comecei a rir e fui beijar sua bochecha — Você é incrivelmente adorável — eu disse, derretendo diante de sua doce honestidade — Nenhum homem humano jamais teria admitido isso.

Ele me lançou um olhar curioso — Por quê? Isso é outra coisa que os humanos não deveriam dizer?

Eu balancei minha cabeça — Não, são apenas homens humanos

sendo bobos. Eles têm esse ego inflado e a necessidade de mostrar que são “o homem competente e viril no comando”, mesmo quando não sabem que porra estão fazendo. Na verdade, essa característica tende a aparecer especialmente quando eles não têm noção de alguma coisa. E quanto mais eles se atrapalham, mais eles vão fingir que entenderam.

Cedros franziu o rosto — Isso parece terrivelmente improdutivo.

— Isso, meu querido, é um eufemismo. Irritante pra caralho é muito mais preciso. Especialmente quando você está perdido no meio de lugar nenhum, e você está com fome, e precisa terrivelmente fazer xixi, e o Senhor Homem Macho se recusa a pedir informações porque, por algum motivo idiota, ele acha que pedir ajuda prejudica sua masculinidade. e virilidade — eu disse, revirando os olhos.

Cedros riu — Parece que você estaria melhor com um homem de Derakeen então. Nós... *eu*... não tenho esses problemas.

Eu ri da maneira descarada com que ele piscou os olhos para mim ao dizer isso, um comportamento que ele começou a copiar de mim.

— Eu devo concordar — eu disse com uma piscadela.

Ele sorriu para mim e retomou seu trabalho. Em pouco tempo, ele tinha tudo instalado e funcionando.

— Eu tenho um último presente para você — ele disse, com os olhos brilhando — Espero que você goste!

— Tenho certeza que sim — eu disse, morrendo de curiosidade.

Desta vez, ele abriu o portal diretamente para dentro do meu quarto, em vez de voltar para o terraço, embora o tenha feito perto da porta. Me mexendo inquieta, eu esperei impacientemente por seu retorno, minha imaginação correndo solta quanto à natureza do presente.

Eu não era uma garota materialista. Eu não precisava de nada sofisticado e não exigia muita manutenção. Mas eu adorava surpresas e presentes em geral. Poderia ser algo tão simples como um saco de ursinhos de goma. Tendo crescido como órfã em uma colônia pobre, eu não era mimada com frequência. Portanto, o menor dos gestos me comovia profundamente. Isso me dizia que outra pessoa tinha pensado em mim, que gostava de mim o suficiente para querer fazer algo de bom por mim, simplesmente porque se importava.

E Cedros era mestre em me mostrar o quanto ele se importava.

Meu coração deu um pulo quando ele saiu do portal. No entanto, meu entusiasmo desapareceu instantaneamente quando eu vi a expressão de desculpas em seu rosto.

— Sinto muito, minha Kaida. Mas a surpresa terá que esperar. Uma nova onda de aqrats está fervilhando no setor Vessant. Eu estou sendo requisitado.

— É claro! — eu exclamei, caminhando até ele — Faça o que for preciso para manter as pessoas seguras. Eu posso esperar. Tenha

cuidado e volte para mim inteiro.

— Sempre, minha Ejaya.

Ele beijou meus lábios e entrou novamente no portal. Suspirando de preocupação, eu me virei para minha nova mesa. No entanto, enquanto fazia isso, um movimento no limite da minha visão me fez virar a cabeça para trás, em direção ao portal em colapso. Quando o vórtice escuro desapareceu, eu olhei ao redor da porta, especialmente no canto superior esquerdo da parede, perto do teto. Eu poderia jurar que algo saiu do portal e voou para cima em um borrão.

Não vendo nem ouvindo nada, eu dei de ombros e voltei minha atenção para conectar todos os meus novos equipamentos à rede. Mas depois de dez minutos inteiros, a impressão crescente de ser observada me perturbou. Eu continuei olhando ao redor da sala e pelas grandes janelas, mas não vi nada. Eu até parei de me mover algumas vezes, mantendo a respiração superficial para ver se conseguia captar algum som... em vão. Em algum momento, um arrepio poderoso percorreu minha espinha.

Não é à toa que eu estou com frio, sentada aqui com meus seios para fora.

Eu fui para a cozinha, onde havia descartado minha camiseta quando Cedros chegou. Quando eu estava prestes a colocá-la, eu vi o borrão novamente, desta vez desaparecendo na parede ao lado da mesa. Por instinto, eu joguei minha camiseta naquela direção. Meu coração quase pulou do peito quando, por uma fração de segundo, eu vi um par grande e arroxeados de olhos brilhantes e uma boca larga e cheia de dentes. Eu gritei, tropeçando para trás antes de correr em direção ao quarto.

Algo havia entrado na casa pelo portal. Não um aqrat, mas outra coisa. Algo furtivo e com uma boca grande o suficiente para cortar minha cabeça com uma mordida de seus dentes de adaga.

Eu precisava pegar minha pistola laser se quisesse sobreviver à fera.

Outro borrão passou por mim antes que a visão de horror se materializasse diante de mim. Flutuando quase dois metros acima do chão, a criatura sombria parecia ser simplesmente uma cabeça redonda com olhos roxos brilhantes e uma boca de gato de Cheshire. Incontáveis tentáculos de sombra a cercavam com pontas brilhantes de onde emanavam o que pareciam ser gavinhas elétricas.

Eu gritei novamente. Levada pelo meu impulso e sabendo que eu não poderia me virar e ter esperança de escapar, eu mergulhei embaixo dela e fiquei de pé novamente para continuar correndo em direção ao quarto. Ao fazer isso, ela estendeu um de seus tentáculos para mim a uma velocidade vertiginosa. Eu senti o choque elétrico logo abaixo das omoplatas antes que a criatura desaparecesse

novamente. No entanto, a dor debilitante do tipo taser que eu esperava nunca veio. No máximo beliscou um pouco, mas nem de longe o suficiente para machucar ou causar desconforto. Eu só podia presumir que tive sorte e que o tentáculo da fera não conseguiu fazer contato adequado comigo.

E eu não vou dar outra chance a ela.

Eu corri para dentro do nosso quarto e fui direto para o armário. A criatura me deu um choque mais algumas vezes no processo. Como da primeira vez, nenhum deles infligiu dor real. Isso se qualificou mais como um forte formigamento, na melhor das hipóteses. Em vez de me tranquilizar, minha imaginação hiperativa acelerou. Talvez o raio da criatura não fosse para eletrocutar, mas sim me infectar com só Deus sabe o quê. Seria algum tipo de parálítico de ação lenta? Era alguma toxina semelhante à dos aqrats que fez Cedros ficar furioso?

Com o coração batendo forte, eu empurrei os pensamentos terríveis para o fundo da minha mente enquanto me atrapalhava com a caixa contendo minhas armas. Eu gritei quando o comprimento de um tentáculo sombrio deslizou pelas minhas costas. Um formigamento poderoso permaneceu por um momento enquanto minha cabeça balançava em todas as direções na minha vã tentativa de localizar meu perseguidor.

O desgraçado estava brincando comigo. Embora uma parte de mim se regozijasse por ele ainda não ter arrancado metade do meu rosto, o meu lado paranoico estava inventando explicações para esse comportamento estranho que eu não gostava nem um pouco. Muitas criaturas diabólicas brincavam com suas presas antes do banquete. Algumas faziam isso porque o medo acelerava o sistema hormonal de seu alvo, inundando seu sistema com o que seu predador desejava. Outras faziam isso para permitir que qualquer veneno ou toxina que estivessem injetando taticamente em suas vítimas agisse de uma forma que tornasse mais fácil digeri-las mais tarde. Eu suspeitei que meu perseguidor se enquadrasse na última categoria. Ele era rápido o suficiente para que pudesse ter me matado há muito tempo, se essa fosse a sua intenção.

Eu finalmente peguei minha pistola laser, a ajustei para letal e depois tirei meu uniforme de combate da caixa. Com meus olhos ainda examinando o cômodo em busca de qualquer borrão que pudesse revelar a localização da criatura, eu rapidamente me movi em direção à parede de vidro da sala, praticamente pressionando minhas costas contra ela para ter certeza de que ela não poderia me atacar por trás. Com a arma levantada, eu lutei com meu traje, tentando vesti-lo. Se eu fosse ser encontrada morta, mutilada por alguma besta das sombras, com certeza não seria com meus seios para fora e minha bunda exposta com minha calcinha de biquíni.

Por fim, eu notei o borrão se aproximando de mim. Sem hesitar, eu disparei várias vezes contra ele, mas errei quando ele desviou, sua forma sombria aparecendo brevemente antes de desaparecer novamente. Ainda lutando para vestir meu traje, eu decidi correr até a sala de higiene e me trancar lá dentro. Atirando aleatoriamente para o teto, grata pelas paredes de pedra parecerem tão imunes ao fogo do laser quanto às chamas de dragão, eu corri.

Eu quase mergulhei dentro da sala, batendo a porta atrás de mim. Sem parar, eu coloquei os pés dentro das pernas da calça, puxando a cintura para cima para fechar o fecho magnético. Felizmente, anos de prática tornaram tudo mais fácil, apesar da pistola ainda estar na minha mão direita. Eu estava enfiando meu braço esquerdo no colete do meu traje de combate quando a criatura se materializou a menos de um metro à minha frente. Dois de seus tentáculos se enrolaram na parte pendurada do meu colete, puxando-o e jogando-o no meio da sala.

Eu gritei, pensando que meu coração iria ceder de medo, mas consegui atirar na cara daquela coisa de pesadelo. Ela se transformou em sombras vaporosas. Por uma fração de segundo, eu quase gritei em vitória, esperando que a fumaça escura desaparecesse e se dissipasse como aconteceu com os aqrats quando disparamos neles no laboratório de pesquisa. Mas o vapor sombrio mais uma vez se uniu, recuperando sua forma. Desta vez, a fera parecia muito zangada.

Abrindo a porta, eu saí correndo de lá, rezando para que todos os poderes divinos não me deixassem morrer dessa maneira. Se eu conseguisse pegar minha mochila a jato no armário do terraço, talvez tivesse uma chance. Era algo arriscado, pois a criatura era muito rápida, mas eu não cairia sem lutar.

E ainda assim, segundos depois de sair da sala de higiene e voltar para o quarto, eu caí quando um tentáculo se enrolou em meu tornozelo, o levantando. O enorme colchão que ocupava dois terços do quarto correu em minha direção. Eu caí de cara na almofada macia, absorvendo o impacto da minha queda. Apesar do meu pânico, eu imediatamente rolei de costas, com a pistola levantada para atirar na fera, mesmo que parecesse ineficaz.

Eu nunca tive a oportunidade de disparar.

Dois dos tentáculos da criatura envolveram meus pulsos, prendendo-os no colchão, enquanto um terceiro arrancou a arma da minha mão, jogando-a para longe. Mais tentáculos prenderam minhas pernas e meu abdômen, me deixando indefesa. Eu gritei o nome de Cedros aterrorizada enquanto a fera rastejava em direção ao meu rosto, o som estridente da minha voz quase enterrando o barulho da minha arma caindo no chão. Os olhos roxos e brilhantes da criatura quase me hipnotizaram quando ela abriu sua boca enorme e cheia de

dentes a centímetros do meu rosto.

Eu gritei o nome de Cedros novamente, seu lindo rosto brilhando diante da minha mente, enquanto o arrependimento e a perda me inundavam. Um número louco de pensamentos e memórias passou pela minha cabeça. Dois pensamentos dominaram. Primeiro, eu falhei com Cedros como Ejaya. Porque eu me deixei ser morta, ele sofreria e morreria ainda jovem. E segundo, eu tinha desperdiçado nosso pouco tempo juntos me apegando a costumes humanos tolos e repressivos. Se ao menos eu pudesse voltar. Se apenas...

Justo quando eu pensei que a criatura iria arrancar meu rosto com seus dentes de adaga, ela arrancou a maior língua preto-arroxeadada que eu já tinha visto e lambeu meu rosto. Eu congelei, assim como meu cérebro, quando a criatura mostrou os dentes para mim antes de me soltar e voar de volta para o teto.

Eu fiquei ali deitada, olhando para a criatura, que não havia desaparecido de vista, incapaz de processar o que havia acabado de acontecer. A porta do quarto, quase aberta, me tirou do meu torpor. Eu gritei de surpresa, meu susto se transformando em alegria quando eu vi Cedros.

— KAIDA! Eu ouvi seu grito. O que-?

Ele parou de falar, levantando a cabeça e arregalando os olhos em choque.

— Um monstro entrou pelo seu último portal e me atacou — eu exclamei, apontando para a criatura e tentando rastejar para fora da cama em direção a ele.

Para minha consternação, a criatura ficou invisível novamente. E ainda assim Cedros estava olhando atentamente para alguma coisa, o descontentamento dando lugar à postura quase enfurecida que ele tinha quando chegou.

— Nero! O que você está fazendo aqui? — ele perguntou em tom severo para o que parecia ser um espaço vazio perto do teto — Eu não disse para você esperar?

Meu queixo caiu quando a criatura saiu do modo furtivo, seu rosto aterrorizante assumindo uma... Era uma expressão de culpa?

— Desça aqui — Cedros ordenou, apontando para seus pés.

A criatura que ele chamava de Nero obedeceu, lançando um breve olhar em minha direção antes de pairar aos pés de Cedros. Ela estendeu alguns tentáculos em direção às suas pernas escamosas, acariciando-as suavemente. Cedros afastou a perna, ainda olhando severamente para a criatura. Eu estava em choque demais para encontrar palavras.

— Não é comigo que você tem que se desculpar. É para a Kaida. Você a assustou porque não podia esperar — ele acrescentou, apontando para mim.

Nero olhou para ele e depois para mim. O brilho de seus olhos — que havia diminuído quando Cedros começou a castigá-lo — cresceu em intensidade novamente. Ele começou a flutuar em minha direção. Eu gritei e voltei.

— Saia de perto de mim! — eu gritei.

Nero parou, seus tentáculos brilhando com eletricidade enquanto olhava para Cedros.

— Está tudo bem, minha Kaida. Nero não é um monstro. Ele é um habitante das sombras. Ele pode ser insuportavelmente travesso, mas não é uma ameaça. Os habitantes das sombras são amigos leais e protetores poderosos no vazio.

— Ele me perseguiu pela casa e me eletrocutou com seus tentáculos — eu argumentei fracamente, entendendo o que tinha acontecido.

— Ele estava apenas brincando com você. É assim que ele faz cócegas nas pessoas — Cedros disse.

— Cócegas... — eu repeti, lutando para aceitar a enorme quantidade de emoções que assolavam dentro de mim.

Eu nunca desejei tanto que Cedros me abraçasse. Mas Nero estava pairando entre nós, parecendo extremamente ansioso para vir em minha direção. Ele parecia assustador com seus olhos grandes e redondos e os dentes afiados enchendo sua boca de Gato de Cheshire. Seus esforços para assumir uma expressão fofa, inofensiva e carente só o fizeram parecer ainda mais predatório.

— Por que ele veio aqui? — eu perguntei finalmente. — Ele era a surpresa?

Cedros assentiu, estufando o peito com orgulho — Nero concordou em ser seu companheiro. Um habitante das sombras é a coisa mais próxima que temos em Dramnac que pode ser comparada a um animal de estimação. Eu li que os humanos amam animais de estimação, às vezes até mais do que outros humanos ou seus próprios parentes.

Eu pisquei — Você me deu um habitante das sombras como animal de estimação? — eu perguntei incrédula, embora fosse mais uma afirmação. Eu retive a parte “aterrorizante e apavorante” da minha pergunta.

— Sim! Você vai amá-lo. Nero é muito melhor do que aquelas estranhas criaturas felinas que os humanos adotam o tempo todo. Francamente, isso me confunde. Claro, eles parecem bonitos e fofos. No entanto, pelo que eu li, eles são bastante desagradáveis, eles esperam que você os sirva e atenda às suas necessidades. Eles são mesquinhos com seu carinho, só o oferecem quando estão com vontade, exigem quando querem sua atenção e são bastante rudes quando decidem que querem ficar sozinhos. Alguns humanos até insinuaram que os gatos estão tramando o fim da raça humana. Por

que vocês adotam tais criaturas?

Eu não pude deixar de rir de sua descrição bastante precisa — Os gatos não estão planejando nossa morte. Eles apenas parecem que estão. Apesar de suas muitas falhas, os gatos *são* lindos e fofinhos. Quando estão brincalhões e afetuosos, eles são a melhor coisa do mundo.

Cedros acenou com a mão em desdém — Mas sempre depende do humor deles no momento, e eles não vão te proteger do perigo. O Nero aqui está sempre com vontade de brincar e te dar um carinho. Mais importante ainda, ele é um lutador extremamente feroz. Lembra daquele choque com o qual ele estava fazendo cócegas em você? Quando usado em combate, ele é poderoso o suficiente para quebrar pedras. Ele pode rasgar um aqrat membro por membro em menos de dez segundos. Seu veneno é três vezes mais potente que o deles. Se alguém a ameaçar, não viverá o suficiente para perceber o terrível erro que cometeu.”

— Uau, ok. Ele parece durão — eu disse, lançando um novo olhar avaliador para Nero — Ele entende tudo o que você está dizendo? Porque ele parece estar ouvindo com muita atenção.

Cedros balançou a cabeça — Ele não fala nem tem uma linguagem avançada como nós. Mas ele entende muitos comandos, pode comunicar coisas como perigo ou nos dizer para seguirmos para que ele possa nos mostrar algo de interesse, seja porque é bonito, importante ou que requer nossa atenção imediata – como resgatar alguém em perigo. Neste momento, ele sabe que eu estou tentando apaziguá-la em relação a ele. Ele não sabe o que estou dizendo, mas está esperando por um sinal de que você perdoou a travessura dele.

Eu estreitei meus olhos para ele — Que tipo de sinal?

Cedros sorriu de forma provocadora — Ele quer um abraço.

Ele começou a rir da minha expressão horrorizada. Eu me considerava uma garota muito durona, mas abraçar aquela bola de tentáculos sombria e cheia de dentes era uma tarefa difícil.

— Deixe-me mostrar a você — Cedros disse com um ar de divertida simpatia — Até mim, Nero.

Ele falou as palavras com uma voz gentil, enquanto estendia a mão para o habitante das sombras. O rosto da criatura se iluminou, seus olhos brilharam e sua boca assustadora se esticou ainda mais em uma forma de pesadelo que imaginei ser um sorriso. Ele correu em direção a Cedros, seus tentáculos envolvendo todo o peito, braços e chifres enquanto Nero esfregava o rosto na sua bochecha. Por mais que essa visão tenha me assustado, também me emocionou.

Cedros riu baixinho e afetosamente enquanto acariciava a esfera que servia como cabeça e corpo de Nero. Ele sorriu para mim de uma forma melancólica.

— O pai de Nero, Gola, cuidou de mim quando eu era jovem, durante meus três anos no vazio — ele disse — Ele era um pouco mais velho do que Nero é atualmente. Ele me impedia de ir a áreas perigosas quando minha capacidade de ver o que havia além de um portal ainda não estava desenvolvida o suficiente. Embora eu me sustentasse, sempre que ele ia caçar, Gola sempre me trazia parte de suas presas.

— Isso foi gentil da parte dele. Ele...?

— Morreu? Não. Gola ainda está por aí. Assim como eu, ele se tornou adulto e tem responsabilidades. Nós nos vemos de vez em quando, mas ele tem uma companheira e uma prole para cuidar e um covil para proteger dos predadores.

— Certo, isso faz sentido — eu disse, olhando para Nero com cautela.

— Nero pode fazer por você o que o pai dele fez por mim. Eu não quero atrasar sua missão, mas também não posso deixá-la caminhar sozinha pelo vazio. Com o Nero, eu ficarei tranquilo. Ele irá protegê-la.

Essa foi uma notícia extremamente boa. O habitante das sombras ainda me assustava, mas eu não era uma covarde. Cedros me disse que eu estava segura. Continuar a resistir seria basicamente rejeitar Nero apenas por causa de sua aparência. Eu respirei fundo e fui em frente.

— Nero, até mim.

Seus grandes olhos roxos quase dobraram de tamanho, assim como seu brilho, testemunhando sua surpresa – que eu acreditei ser agradável. Ele se desembaraçou de Cedros e correu em minha direção com tanta velocidade que eu pensei que ele fosse me derrubar de costas no colchão. Para meu alívio, ele em uma fração de segundo e se envolveu em mim da mesma forma que fez com Cedros.

Nero esfregou sua bochecha contra a minha, seus tentáculos me apertando suavemente. As pontas elétricas tocaram minha pele várias vezes, no que pareciam pequenos beijos, a maioria dos quais fazia cócegas. Em segundos, eu estava rindo e me derretendo pela estranha criatura.

Cedros sorriu para nós — Vocês dois logo se tornarão melhores amigos. Mas por enquanto, vá, Nero. Eu preciso que minha Ejaya me abraçe para me livrar da toxina que me consome por dentro.

Nero me soltou enquanto Cedros me ajudava a sair da cama e me puxava para seus braços. O habitante das sombras deu um choque em nossas bochechas no que acredito ser um beijo de despedida, então eu senti uma corrente de ar frio, como se fosse uma mudança de fase, e ele desapareceu.



Capítulo 14

Kaida

Ficando ao lado de Cedros, eu finalmente notei os novos arranhões que ele ganhou lutando contra a última invasão de aqrats. Embora ele não estivesse demonstrando isso, eu o conhecia o suficiente para reconhecer a tensão em seu corpo que mostrava sua dor quando ele foi pegar minha pistola descartada.

— Então, devo me preocupar com Nero pregando peças em nós no meio da noite? — eu perguntei enquanto me livrava das calças do meu traje de combate.

Cedros riu — Não. Nero voltou ao vazio.

— Aquela corrente de ar frio que sentimos antes dele desaparecer? — eu perguntei para confirmar.

— Sim. Ele pode facilmente voltar ao vazio. Sair é um pouco mais exigente para ele, principalmente se for para um destino desconhecido — Cedros explicou enquanto trazia minha arma de volta ao seu recipiente — Ele foi caçar e se alimentar. Ele estará de volta pela manhã.

— Ótimo! Eu não preciso de um ataque cardíaco no meio da noite.

Ele bufou, seus olhos escurecendo quando ele olhou para mim. O calor em seu olhar fez meu estômago revirar.

— Espere aí, eu já volto — eu disse, correndo para a sala de higiene para recuperar meu colete que Nero havia arrancado de mim antes.

Quando eu voltei para o quarto, o olhar de Cedros ainda pesava sobre mim. Eu coloquei meu uniforme de volta no lugar antes de me virar para ele, minha boca ficando seca sob sua intensidade. Ele franziu a testa para a parte inferior do meu biquíni. Normalmente, eu só o removia agora, quando íamos dormir. Tecnicamente, ele só precisava de um abraço para ajudá-lo a se curar, mas isso poderia demorar até tarde da noite.

Sem fazer um escândalo, eu o retirei, me sentindo quase intimidada pela expressão de Cedros.

— Você está encarando — eu disse finalmente.

— Seu corpo é surpreendentemente agradável aos olhos — ele

disse com naturalidade.

Minhas sobrançelas se ergueram — Surpreendentemente?

Ele assentiu — Eu pensei que nunca acharia uma humana atraente.

— Caramba. Sério? — eu perguntei, sem saber como lidar com isso.

— Você tem pernas retas, peito inchado, rosto achatado, não tem chifres, nem cauda e nem escamas. E ainda assim...

Eu ri em descrença. Se ele não tivesse demonstrado abertamente sua atração por mim anteriormente, eu poderia ter ficado ofendida, apesar da verdade factual de sua avaliação crítica.

— Droga, você com certeza sabe como lisonjear uma mulher — eu disse provocativamente, enquanto me aproximava dele.

Ele sorriu — Eu falo sério, e não maliciosamente. Sua aparência é estranha para um Derakeen. E ainda assim, tudo em você é tão harmonioso, tão suave e delicado. Você é uma obra de arte. Eu não consigo parar de olhar para você, minha Kaida. Você é um banquete para os olhos — ele disse, me puxando para seu abraço.

Eu derreti contra ele, meu coração enchendo até explodir enquanto ele ronronava de alegria enquanto o contato comigo acelerava seus hormônios para curá-lo.

— Uau, você tem as melhores respostas. Ninguém nunca disse nada tão doce para mim. Ninguém me vê como você.

— Porque eles são cegos — ele disse suavemente, batendo as asas para nos levar ao centro da imensa cama.

Em vez de me abraçar e esfregar em mim, como ele fazia depois de uma batalha, Cedros começou a me beijar e acariciar. Embora a palma da mão dele percorresse meu peito, seu toque não era ousado. Ele era terno, respeitoso e amoroso. Eu nunca me cansaria de beijá-lo. Eu adorei que, apesar de ser bifurcada, sua língua não era estreita como a de uma cobra, mas quase semelhante em formato e tamanho à de um humano. Sua textura mais áspera contra a minha me dava uma sensação extra que sempre me deixava molhada em segundos.

Cedros rompeu o beijo e finalmente enterrou o rosto no meu pescoço. Eu inclinei minha cabeça para trás, fornecendo melhor acesso enquanto ele mordiscava e lambia os pontos que sabia serem sensíveis, me fazendo tremer. Ele emitiu um rosnado ronronante e suas mãos se tornaram um pouco mais possessivas comigo.

Ele respirou fundo e levantou a cabeça para olhar para mim — Eu amo como você fica excitada por mim. O cheiro do seu desejo me deixa louco. Eu também quero você, minha Kaida.

Meu estômago revirou e eu lambi os lábios nervosamente. O fato dele ainda acariciar distraidamente meu corpo tornava difícil me concentrar.

— O que você está dizendo? — eu sussurrei — O que você está me

perguntando?

Ele sorriu e abanou a cabeça — Eu não estou pedindo nada, minha Ejaya. Mas eu posso me oferecer para aliviar sua necessidade, se você desejar.

— Você nunca precisa esperar pela minha permissão para isso. A menos que estejamos em público, se você me deixou excitada, então eu quero que você faça algo a respeito — eu disse, chocada com o quão libertador era poder falar abertamente sobre meus desejos sem me sentir envergonhada.

A fenda de suas pupilas se alargou por uma fração de segundo antes de estreitar novamente enquanto ele olhava para mim com incerteza.

— Você tem certeza, minha Kaida? Eu não quero presumir e...

— Se você ficar animado e eu realmente não estiver com vontade, apesar da minha excitação, eu prometo que vou te contar — eu disse, o interrompendo — Mas as chances disso acontecer são muito pequenas, a menos que eu esteja com TPM.

— TPM? — ele perguntou, confuso.

— Faz parte do ciclo reprodutivo da mulher humana. Durante alguns dias todos os meses, nós sangramos.

— Oh, seu ciclo menstrual! Sim, eu li sobre isso. Por que você não quer que eu acalme sua excitação durante o seu ciclo? É porque você estará de mau humor?”

Eu comecei a rir e balancei a cabeça. Meu Deus, ele era insuportavelmente fofo — Não. É só porque é um pouco confuso, e os homens geralmente são bastante estúpidos e ficam enojados com isso.

Ele franziu a testa, parecendo perplexo — Mas por quê? É apenas um pouco de sangue por alguns dias. Eu li que as mulheres humanas ficam extremamente excitadas durante esse período, que o sexo é ainda mais agradável para elas e que os hormônios que você libera durante o orgasmo podem ajudar a reduzir as cólicas menstruais e as dores de cabeça. Se você copular na água ou na sala de higiene, não haverá bagunça. Eu não vejo nada além de benefícios para as mulheres. Por que seus homens não iriam querer isso?

— Sabe, se você está tentando me fazer gostar de você, você está realmente fazendo um ótimo trabalho — eu disse, mais uma vez impressionado com o quão simples tudo sempre era com ele.

— Meu objetivo é agradá-la, minha Kaida. Seu prazer é meu.

Eu balancei a cabeça, ficando séria — Mas o seu prazer também deveria ser meu. Você pode sentir o cheiro da minha excitação. Eu não consigo cheirar ou ver a sua. Eu só posso adivinhar pela maneira como você olha para mim. Você fala sobre todas as maneiras que deseja me agradar, mas e você? O que *you* quer? O que *eu* posso fazer para agradar você?

— O que eu quero é simples, minha Ejaya. Eu quero você, você toda, para sempre. Eu quero que você seja a primeira e, espero, a única mulher com quem me acasalarei. Eu não quero fazer isso com estranhos para fins de reprodução quando chegar aos cinquenta anos. Eu quero encher este covil com filhos que você me daria. Eles teriam as melhores características de ambas as nossas espécies e me permitiriam realmente ser pai e ter a família que eu sempre sonhei. Eu quero adormecer todas as noites abraçando você e acordar em seus braços todas as manhãs pelo resto dos meus dias. Eu não ver você ir para outro homem e família todos os dias. Mesmo sabendo que é um tiro no escuro, eu quero que você se apaixone por mim tanto quanto eu já estou apaixonado por você. Você é tudo para mim.

Minha garganta se contraiu, as palavras me falharam enquanto uma série de emoções me dominavam. Eu acaricieei sua bochecha. Ele fechou os olhos com um sorriso, sua mão muito maior cobrindo a minha, pressionando-a contra seu rosto antes de reabrir lentamente os olhos. Eles ardiam com um amor e uma ternura infinitos que me viraram de cabeça para baixo.

— Eu posso não estar apaixonada por você agora, mas não duvide que eu te amo. Nenhum homem jamais foi tão maravilhoso comigo quanto você — eu disse com toda sinceridade — Eu não sei o que o futuro nos reserva, mas espero me apaixonar por você e lhe dar a família que você deseja. Quanto a ser a sua primeira, não poderia haver maior honra para mim. Você ficaria chocado em saber o quanto tenho fantasiado sobre nós dois desde que cheguei aqui, e ainda mais desde que demos prazer um ao outro. Mas temo que isso só vai te machucar ainda mais se eu acabar ficando com outra pessoa.

Ele balançou a cabeça e beijou o interior da minha palma antes de olhar para mim — Não, minha Kaida. Isso não vai me fazer sofrer mais. De qualquer maneira, eu vou me machucar. Mas o medo do futuro não deve nos impedir de aproveitar o presente. Você não está apaixonada por mim e, ainda assim, me fez mais feliz desde a sua chegada do que nas últimas três décadas. Mesmo que você acabe escolhendo outro homem, isso não apagará a alegria que compartilhamos. Eu guardarei para sempre as memórias que estou criando atualmente com você. E pretendo fazer o máximo que puder, enquanto puder.

Meus olhos passaram entre os dele, querendo avaliar a honestidade de suas palavras — É realmente assim que você se sente?

— Sim — ele disse, com a voz firme e o olhar inabalável.

Eu passei a mão pelo seu peito musculoso e pelas suas costas antes de me pressionar ainda mais contra ele — Então vamos parar de perder tempo e construir mais memórias. Deixe-me ser sua primeira.

Cedros enrijeceu, arregalando os olhos — Você não precisa fazer

isso, Kaida.

— Eu *quero* fazer isso, homem bobo. Você já esqueceu quantas vezes você me excitou? Faça amor comigo, Cedros. Eu quero você.

A pura alegria, desejo e amor em seu rosto me virou de cabeça para baixo. Ele não me atacou com uma impaciência brutal. Como sempre acontece com Cedros, seu toque foi cuidadoso e reverente enquanto prestava homenagem a cada centímetro do meu corpo com as mãos, lábios e língua. Quando sua boca pousou em meu mamilo dolorido, eu tentei deslizar meus dedos por seus cabelos, mas ele agarrou meus pulsos e os prendeu no colchão perto do meu rosto, me assustando.

— Fique! — ele ordenou, sua voz de comando e expressão severa ressoando diretamente em minhas partes femininas.

Por trás do doce, às vezes desajeitado e muitas vezes tímido Cedros, escondia um macho dominante que fazia meus dedos dos pés enrolarem e meus joelhos tremerem. Eu lambi meus lábios nervosamente, minhas paredes internas latejando enquanto eu obedecia. Satisfeito, ele soltou meus pulsos e voltou sua atenção para meu seio. Cada movimento de sua língua áspera alimentava a chama que crescia na boca do meu estômago.

Eu me entreguei a ele enquanto ele mudava sua atenção para meu outro mamilo, suas mãos acariciando meu corpo e suas garras raspando suavemente a carne ao redor da minha pélvis. Ele descobriu o quão sensível era toda a área logo abaixo do meu umbigo, especialmente nas laterais.

Meu estômago se agitou e eu agarrei o cobertor quando sua cabeça finalmente deslizou para baixo. Um gemido suave me escapou quando sua respiração se espalhou pelo meu sexo, o calor de sua câmara de aquecimento irradiando sobre minha região inferior. Ele respirou profundamente e um poderoso ronronar estrondoso emanou dele. Mais uma vez, meu estômago revirou quando Cedros deslizou as mãos atrás das minhas panturrilhas. Eu preendi a respiração em antecipação quando ele abriu minhas pernas antes de me abençoar com a sensação divina de sua língua em meu clitóris.

Para minha consternação, Cedros me virou de bruços. Eu engasguei de surpresa, apenas para gemer de alegria quando seu peso pousou em cima de mim. O calor que irradiava de sua garganta penetrou nas minhas costas, profundamente nos meus músculos, descendo até os ossos. Imediatamente eu me senti relaxada, quase tonta com uma sensação avassaladora de bem-estar enquanto Cedros beijava e acariciava minhas costas.

Um arrepio após o outro percorreu meu corpo sob o calor mágico de sua garganta e peito enquanto ele descia, beijando minhas costas. Cedros lambeu e depois mordeu minha bunda, fazendo minhas pernas

tremem enquanto um raio de fogo disparava entre minhas coxas. Ele amava meu traseiro – de cuja redondeza eu tinha bastante orgulho. Com suas grandes caudas cobrindo a parte traseira de seus colegas de Derakeen, ele nunca prestou atenção no traseiro das outras pessoas. O fato do meu ser “macio e liso”, como ele gostava de dizer com tanta eloquência, só o tornava ainda mais irresistível para ele.

Mas ele não ficou lá muito tempo, retomando sua jornada pelas minhas pernas e até meus pés antes de me virar de volta. Desta vez, enquanto ele lambia o caminho de volta, eu sabia que o momento que eu estava desejando estava próximo. O leve raspar de suas escamas contra a parte interna das minhas coxas quando ele me abriu para se acomodar entre elas deixou cada uma das minhas terminações nervosas em alerta máximo.

E então sua boca finalmente se fechou sobre o meu sexo. Eu gritei, minhas costas arqueando sobre a cama com a explosão de prazer que uma única lambida em meu clitóris inchado desencadeou. Sua exploração gentil do meu corpo e o efeito calmante do calor de sua câmara de aquecimento me embalaram em um mar de bem-estar onde eu não percebi o quão dolorida e carente eu havia me tornado.

Com apenas alguns movimentos de sua língua, Cedros já me fez chegar ao limite. Sentindo meu clímax iminente, o provocador desviou sua atenção do meu pequeno nó. Seus dedos mergulharam dentro de mim, entrando e saindo, me esticando enquanto ele beijava e beliscava minha pélvis. Meus quadris se moveram em resposta ao seu toque enquanto eu perseguia a conclusão que ele estava me negando. Eu sabia que ele estava atrasando para me preparar ainda mais para recebê-lo. No entanto, em minha necessidade desesperada, eu comecei a implorar descaradamente. Eu nunca vocalizei totalmente o que queria, me contentando em sussurrar uma litania de “por favor” entre dois gemidos.

Pernas tremendo, meu estômago se contraindo de necessidade enquanto eu oscilava no limite, eu estava prestes a desobedecer sua ordem de ficar parada e esfregar meu clitóris para me levar ao limite quando sua boca finalmente se fechou mais uma vez sobre ele. Eu decolei como um foguete. O orgasmo poderoso que me abalou parecia como se uma bomba tivesse acabado de detonar dentro de mim.

Cedros continuou a lamber e chupar minha pequena protuberância enquanto inseria um terceiro dedo. Sua mão se moveu freneticamente, me esticando ainda mais. Ele nunca me deu a chance de me recuperar totalmente. Enquanto eu descia, outro orgasmo estava se acumulando com Cedros curvando os dedos dentro de mim. Com uma precisão mortal, ele esfregou meu ponto G com cada movimento de sua mão, me fazendo ver estrelas novamente.

Tremendo da cabeça aos pés com os tremores de felicidade, eu só

percebi que Cedros havia subido em cima de mim quando seu peso pousou em meu peito. Ainda meio atordoada, eu abri bem as pernas para ele. Um arrepio de medo e antecipação percorreu minha espinha quando senti a umidade de seu eixo pré-lubrificado expelindo contra minha coxa.

Cedros não se forçou imediatamente. Ele reivindicou meus lábios primeiro em um beijo profundo e apaixonado. Desta vez, ele não se rebelou quando comecei a acariciá-lo. Enquanto nossas línguas se misturavam, ele esfregou suavemente seu comprimento contra minha fenda, me fazendo pulsar com a necessidade de ser preenchida. Quando ele interrompeu o beijo e seu olhar ardente se fixou no meu, eu sorri e balancei a cabeça, sabendo que ele estava buscando meu consentimento final.

Ele sorriu de volta com infinita ternura e recuperou minha boca em outro beijo profundo enquanto sua cabeça começava a pressionar minha abertura. Meu Deus! Cedros era enorme. Eu sabia que seria um ajuste apertado, mas não tanto. Considerando que ele mal conseguiu entrar um centímetro antes de meu corpo se rebelar, eu estava começando a me perguntar se ele conseguiria entrar.

Apesar de sua lubrificação natural, de como ele me molhou e das estocadas cuidadosas e superficiais com que Cedros tentava me penetrar, dificilmente estávamos fazendo qualquer progresso que valesse a pena mencionar. Além de ficar cada vez mais desconfortável para mim, estava ficando visivelmente mais difícil para ele se conter.

Cedros me fez chegar ao clímax duas vezes. Ele ainda não havia encontrado sua libertação. Como virgem, eu esperava que ele tivesse ainda menos controle. O fato dele não ter cedido ao que devia ser uma fome ardente para ele e ter ido com tudo foi quase um milagre. Mas se ele fizesse isso, provavelmente me machucaria. O desconforto deu lugar à preocupação quando Cedros cerrou os dentes e começou a tremer em meus braços devido ao esforço visível que ele fazia para se controlar.

Logo quando eu ia sugerir chupá-lo para aliviar a pressão, os chifres sombrios de Cedros brilharam. Suas escamas de repente esfriaram contra minha pele febril, e o brilho dourado de sua garganta assumiu um tom mais escuro e arroxeadado enquanto gavinhas sombrias giravam ao seu redor.

— O que é...?

Minha pergunta perplexa terminou em um suspiro atordoado quando minhas mãos em suas costas caíram através dele, e seu peso sobre mim desapareceu quando ele ficou vaporoso. Eu afastei minhas mãos, me perguntando o que diabos estava acontecendo. Mas antes que o pensamento pudesse se formar totalmente, Cedros se materializou novamente.

Eu joguei minha cabeça para trás contra os travesseiros e gritei com a plenitude impossível do pênis de Cedros totalmente embainhado dentro de mim. Ele também jogou a cabeça para trás, sibilando, os olhos fechados e os dentes cerrados. Eu me senti esticada até o limite, meu corpo sem saber como lidar com a invasão repentina. Cedros enterrou o rosto no meu pescoço, tremendo ainda mais do que antes. Eu não sabia se a causa era a dor ou uma necessidade insuportável de começar a se mover dentro de mim. De qualquer forma, eu fiquei grato por sua imobilidade atual, que me deu a chance de me ajustar à sua circunferência insana.

— Eu sinto muito pela dor, minha Kaida — Cedros sussurrou na curva do meu pescoço, com a voz tensa.

— Tudo bem. Foi inteligente — eu sussurrei de volta, acariciando seu cabelo.

Embora esse método tenha sido realmente criativo, eu teria gostado de receber um aviso primeiro. Ainda assim, felizmente estava feito. Da maneira normal, provavelmente teríamos levado horas e provavelmente teríamos desistido muito antes disso.

À medida que a dor inicial daquele trecho brutal desapareceu, minhas paredes internas se contraíram ao redor dele, persuadindo-o a agir. Exibindo um controle alucinante para um virgem, Cedros começou a entrar e sair de mim de forma comedida, com estocadas lentas no início. A cada movimento, ele emitia um gemido de dor, os olhos fechados, o rosto contraído e a mão apertando o cobertor. Mas eu sabia que um prazer insuportável provocava essa reação... O mesmo prazer insano que as incontáveis cristas de seu pênis alienígena estavam me dando.

Cada movimento esfregava meu ponto sensível, enviando ondas elétricas de prazer através de mim. Quando suas cristas médias se distenderam dentro de mim, criando um atrito ainda maior, eu gritei o nome de Cedros, minhas unhas cravando em suas costas. Ele emitiu um grito rosnado que enviou uma onda abrasadora de luxúria em meu núcleo.

Ele levantou a cabeça e disparou um breve fluxo de chamas sombrias no teto antes de acelerar o ritmo. O medo e a emoção do desconhecido misturaram-se com as ondas de prazer que se abateram sobre mim quando Cedros começou a mudar. Ele não estava entrando em sua forma completa de batalha, mas seu corpo ganhou mais massa, seu rosto assumiu características mais dracônicas e seu pau já impossivelmente gigantesco parecia ter ficado mais grosso. Seus olhos e chifres sombrios brilhavam enquanto ele emitia grunhidos quase animalescos.

Isso me aterrorizou, liquefez meu interior com luxúria e me fez implorar por mais. E ele deu muito mais.

Abrindo mais minhas pernas para acomodar seu tamanho aumentado, Cedros abriu suas asas quando começou a meter em mim, entrando mais forte, mais profundo. Apesar da brutalidade com que ele agora reivindicava meu corpo, eu me contorcia embaixo dele, minha pélvis levantando-se para encontrá-lo, impulso após impulso. Meus gemidos de êxtase se misturaram com seus grunhidos selvagens enquanto ele me destruía com voracidade selvagem. Quando as pontas transversais do seu pau entraram em ação, ondulando contra o meu ponto G, uma luz brilhante explodiu diante dos meus olhos.

Eu senti como se tivesse sido arrancada do meu corpo sob a violência do meu clímax. Minhas paredes internas apertaram o pau de Cedros. Ele rugiu, com a garganta e os chifres brilhando, antes de jogar a cabeça para trás e disparar uma longa torrente de chamas sombrias. Ao mesmo tempo, eu senti sua semente ardente disparar poderosamente dentro de mim. Em vez de acalmar sua paixão, aquela primeira liberação pareceu levá-lo a um frenesi.

Sem nunca se afastar de mim, Cedros me pegou nos braços e sentou-se sobre as patas traseiras. Me segurando em um abraço quase contundente, ele bombeou dentro de mim com uma fúria imprudente enquanto falava palavras ininteligíveis em Derakeen, intercaladas com grunhidos guturais. Entre disparos de fogo, ele esmagava meus lábios em beijos famintos e possessivos. Pela forma como suas asas se abriam e fechavam, eu suspeitei que ele estava lutando contra o impulso instintivo de voar durante o nosso acasalamento. Mas outro orgasmo brutal que me varreu acabou com qualquer tentativa de pensamento racional.

No momento em que Cedros cedeu, eu tinha perdido a conta de quantos orgasmos ele tinha arrancado de mim, ou quantas vezes ele disparou sua semente quente em minhas entranhas destruídas. Eu permaneci desossada em seus braços enquanto ele nos virava e me colocava em cima dele. Eu percebi vagamente que ele não tinha saído de mim. Quando ele envolveu suas asas em volta de mim, eu senti um par de cristas inferiores de seu pênis inchando dentro de mim, nos prendendo juntos.

Com a cabeça apoiada em seu peito largo, me rendendo ao doce chamado do esquecimento, a última coisa que eu ouvi sobre as batidas estrondosas de seus corações gêmeos foram essas palavras suaves.

— Eu te amo, minha companheira.



Dizer que Cedros era uma máquina de sexo seria um grande

eufemismo. Eu dormi pouco naquela noite e acordei com um bis esta manhã. Se ele não tivesse que ir trabalhar hoje, eu provavelmente teria passado o dia deitada de costas ou empalada em seu pau enquanto ele me metia por baixo.

O fato dele saber dar um nó me pegou de surpresa, e ainda mais que ele só o usou antes de adormecermos. Mas então eu percebi que ele só fez isso pela intimidade que criava, não pelos benefícios reprodutivos. De qualquer forma, meu implante anticoncepcional tornou tudo inútil. Mas eu gostei bastante de ficar ligada a ele dessa forma.

Mesmo quando terminamos de tomar banho juntos, eu me preparei para outra rodada quando Cedros me puxou para seus braços. Eu passei meus braços em volta de seu pescoço e minhas pernas em volta de sua cintura enquanto ele me dava um beijo profundo e envolvente. Para meu alívio e decepção, meu homem não expeliu. Depois da exaustiva maratona de sexo que acabamos de ter, minha pobre vagina estava muito dolorida e precisava de um alívio... mesmo enquanto latejava de antecipação.

A vadiazinha!

Mas Cedros me carregou para fora do chuveiro e depois começou a me secar. Ele nunca se preocupou em fazer isso para si mesmo, deixando suas escamas secarem durante o voo.

— Eu odeio ter que te deixar. Receio ter ficado viciado em você, minha Kaida — Cedros disse timidamente, enquanto esfregava suavemente a toalha em minhas pernas.

— A ausência torna o coração mais afetuoso — eu disse carinhosamente — É apenas por algumas horas.

— Eu tenho dois corações, minha companheira. Isso torna tudo mais insuportável.

Eu ri e dei um tapinha em seu peito de uma forma encorajadora — Você é um homem forte. Você sobreviverá.

— Só porque preciso — ele disse com um suspiro sofrido.

Eu sorri e esfreguei meu nariz em seu rosto antes de beijá-lo. Mas mesmo enquanto eu fazia isso, suas palavras se repetiam em minha mente.

Foi a terceira vez que Cedros se referiu a mim como sua companheira. A primeira vez foi antes de eu adormecer na noite passada. A segunda vez foi esta manhã, enquanto fazíamos amor novamente, e a terceira vez agora. Eu não sabia o que fazer a respeito ou se deveria tocar no assunto. Não havia dúvida em minha mente de que aqueles eram lapsos não intencionais. Mas também refletiam seu desejo mais profundo e declarado, e provavelmente a maneira como ele já me considerava.

Era uma coisa perigosa. E, no entanto, isso realmente não me

incomodava. Muito pelo contrário, na verdade. Eu estava me apaixonando pelo meu dragão. Por mais ridiculamente enorme que fosse seu pau, ele fez minha vagina cantar árias a noite toda. Eu não duvidei nem por um segundo que Cedros tivesse me arruinado para qualquer outro homem. O fato dele querer que eu fosse a primeira só estava jogando um jogo maluco com a minha mente. Eu não estava apaixonada por Cedros – pelo menos não ainda – mas a ideia de alguma vadia Derakeen se esfregando nele, se contorcendo embaixo dele na esperança de lhe dar um filho, me deixou furiosa.

Não é de admirar que Trinit tenha decidido se casar com Rovain.

Se eu tivesse que bancar a babá para permitir que Cedros transasse com outra garota, eu cometeria um assassinato. Nós ainda estávamos muito cedo nesse relacionamento para que eu pudesse assumir qualquer tipo de compromisso sobre o futuro, mas eu já podia ver o que estava se formando.

Kayog disse que eu nunca iria querer deixá-lo.

Malditos Temerns e suas avaliações precisas...

— Eu voltarei em breve, minha Kaida. Não se assuste quando Nero aparecer. Ele provavelmente passará algum tempo com você durante o treinamento com Trinit para que vocês possam se conhecer melhor.

— Ok, parece bom. Te vejo mais tarde.

Ele me deu um último beijo apaixonado antes de levantar voo, a cúpula de vidro da sala de higiene se abrindo para deixá-lo sair. Eu olhei melancolicamente para ele enquanto ele circulava pelo céu brilhante e opalescente, sem dúvida para secar o corpo, antes de invocar um portal e desaparecer através dele.

Com um suspiro, eu fui para o quarto vestir algumas roupas básicas para o meu treino com Trinit e tomei um café da manhã rápido. Depois eu me acomodei na mesa do meu computador para continuar cruzando os incidentes que Tedrick me enviou com os eventos sobre os quais Cedros e seus irmãos Senhores das Sombras me forneceram relatórios.

Não demorou muito para perceber que cada incidente correspondia ao de Dramnac. Mas a OPU não detectou todos os acontecimentos de Dramnac. Com base nos destinos dos portais aleatórios não detectados relatados pelos Senhores das Sombras, a anomalia se abriu no meio do nada, o que explicava por que ninguém na aliança galáctica havia notado isso – ou pelo menos mencionado isso.

Em metade dos incidentes registrados pela OPU não foi encontrado absolutamente nada. Todos eles correspondiam àqueles lugares ou áreas isoladas onde os Senhores das Sombras haviam eliminado as feras errantes antes que pudessem fazer qualquer vítima. Em um quarto dos outros incidentes, eles encontraram cadáveres mutilados dos pobres coitados que estavam no lugar errado, na hora errada. Eles

pertenciam a indivíduos aleatórios de várias espécies, sem nada em sua história ou conexões conhecidas que pudessem sugerir qualquer tipo de envolvimento ou atividade obscura.

O último segmento de incidentes levou a locais que apresentavam sinais visíveis de batalha, desde locais chamuscados onde tiros de laser atingiram até marcas de garras cruéis nas paredes e no chão, claramente pertencentes a aqrats. Essas cenas implicavam um nível inegável de preparação militar. Nem mesmo um exame forense completo dessas áreas conseguiu fornecer qualquer tipo de DNA ou fibra que pudesse nos fornecer uma pista para rastrear aqueles que lutaram ali.

Quem quer que estivesse por trás disso não era um mercenário de baixo escalão tentando ganhar dinheiro rápido. Nós estávamos lidando com um grupo de indivíduos muito organizado e profissional. Infelizmente, eu consigo pensar em alguns cartéis criminosos galácticos com a capacidade e o desejo de aproveitar essa “oportunidade”.

A parte mais frustrante foi que as origens dos portais do lado galáctico e seus destinos no vazio eram completamente aleatórios. Mas por quê? Os invocadores estavam perseguindo algo que os levou a esses locais variados antes de abrirem o portal? Eles estavam se movendo deliberadamente para esconder seu rastro e enviar pessoas como eu que os estavam rastreando em uma busca inútil? Será que seus portais eram instáveis e, portanto, levavam aos lugares mais estranhos?

Eu balancei a cabeça, irritada. Cedros disse que as pedras de obsidianas sombrias abriam portais seguros e estáveis. Será que os invocadores de fora poderiam estar usando elas da maneira errada? Uma coisa era certa, eles não foram acidentais. A prova do combate indicava que essas pessoas vieram preparadas. Era uma droga eu ter tão pouco com o que trabalhar.

Uma brisa fresca e uma sensação de formigamento me tiraram dos meus pensamentos profundos. Eu virei minha cabeça em direção à porta e vi um borrão agora familiar. Dessa vez, em vez de mexer com minha cabeça e me perseguir, Nero saiu furtivamente - embora eu suspeitasse que fosse apenas ele se materializando no mundo real ao cruzar o véu.

Com a boca fechada em uma linha quase invisível e seus grandes e brilhantes olhos roxos, ele quase poderia ser considerado fofo – um rosto Chibi meio fofo. Isto é, supondo que você não tivesse fobia de tentáculos. Mas no minuto em que ele me viu, a boca de Nero se abriu naquele sorriso cheio de dentes que ocupava metade de seu rosto. Meus instintos de sobrevivência gritavam para eu dar o fora, mas eu mantive minha bunda na cadeira e sorri.

— Olá, Nero — eu disse com uma voz gentil.

Considerando isso um convite, seu sorriso assustador se alargou enquanto ele voava em minha direção. Eu me preparei para o impacto, mas mais uma vez ele gentilmente envolveu seus tentáculos em volta do meu pescoço, ombros e cintura, mas não de forma restritiva. Ele esfregou sua bochecha contra a minha, e eu me encontrei derretendo pela estranha criatura.

Apesar de seu óbvio amor por abraços, Nero não poderia ser mais diferente de Cedros. Em vez do raspar suave das escamas na minha pele, me esfregar em Nero era como abraçar uma nuvem ou um travesseiro de espuma muito macio. Ele me deu aqueles “beijos” com as pontas elétricas de seus tentáculos antes de se esgueirar por toda a minha mesa.

Os quarenta e cinco minutos seguintes foram em grande parte improdutivos. Nero pode não ser um gato, mas com certeza compartilhava algumas de suas características mais desagradáveis. Enquanto eu tentava trabalhar, ele estacionava seu corpo do tamanho de uma bola de praia bem em cima do meu teclado ou batia na frente do meu monitor, bloqueando minha visão. Sempre que ele se sentia brincalhão ou inquieto, ele se acomodava no topo da minha cabeça ou no meu ombro e batia um ou mais de seus tentáculos em meu rosto, como um gato faria com seu rabo. Felizmente, ele não pesava quase nada. Naturalmente, ele tentou me fazer cócegas inúmeras vezes.

Eu não conseguia nem ficar brava com isso. Você não poderia odiar alguém que lhe dá afeto livremente. Ele estava crescendo em minha concepção, com tentáculos e tudo.



Capítulo 15

Cedros

Nos três dias seguintes, eu levei Kaida para visitar os vários locais de Dramnac onde ocorreram os incidentes. Por causa do meu trabalho, eu só conseguia dedicar algumas horas por dia a essa empreitada. Mas hoje era meu dia de folga e eu planejei algumas coisas para minha Ejaya.

Eu não queria mais chamá-la assim. Evitar chamá-la de minha companheira era quase uma tortura. Eu constantemente tinha que me lembrar de não fazer isso. Isso escorregou dos meus lábios algumas vezes e Kaida não pareceu se importar. A ideia estava crescendo nela ou ela estava apenas fingindo não ouvir para evitar ter que lidar com isso?

Eu queria mantê-la. Eu *precisava* mantê-la. Isto não era mais apenas um Senhor das Sombras dependendo de sua Ejaya. Eu a amava. Eu estava loucamente apaixonado por ela. O acasalamento com ela apenas confirmou e fortaleceu o que eu vinha sentindo. Kaida temia tal resposta da minha parte, se fôssemos até o fim. Mas isso não se compara a outros Senhores das Sombras e suas Ejayas.

Muitos que se casaram se amavam, mas não estavam apaixonados, como Rovain e Trinit. Eles eram casais felizes, mas o Senhor das Sombras não teria ficado arrasado se sua Ejaya tivesse encontrado um companheiro diferente. Kaida era minha alma gêmea. Disso eu não tinha dúvidas. Não poderia haver outro homem para ela, e especialmente nenhuma outra mulher para mim. A simples ideia de acasalar com qualquer outra pessoa para fins de reprodução me deixava enjoado.

Se Kaida me trocasse por outro, eu seria o primeiro Senhor das Sombras a desafiar o costume de se reproduzir com mulheres aleatórias aos cinquenta anos.

Mas isso não será necessário.

Kaida era minha e eu era dela. Pela maneira como ela respondia a mim - tanto quando estávamos acasalados quanto durante nossas interações normais - eu pude ver que ela estava se apaixonando por mim. Kayog disse que nós éramos uma combinação perfeita. Eu não

me preocuparia com isso e deixaria a natureza seguir seu curso. Este era o destino.

O que não significava que eu não pudesse dar um empurrãozinho no destino na direção certa.

Segurando minha Kaida pela mão, eu a conduzi passando por meu irmão Senhor das Sombras, Elros, que estava de plantão hoje na mina de obsidianas sombrias. Ele acenou para nós em saudação e piscou para Kaida. Ela deu-lhe um sorriso amigável, quase afetuosos, enquanto eu a conduzia para dentro.

Eu adorei que minha Ejaya estivesse estabelecendo uma química instantânea com meus irmãos. Senhores das Sombras e suas Ejayas formavam uma grande família. Eles eram os irmãos e parentes dos quais fomos privados enquanto crescíamos. Eu estava preocupado que o fato dela ser de outro mundo tornaria mais difícil estabelecer uma conexão conosco, considerando o quanto nossas mentalidades diferiam em tantas coisas.

Mas minha Kaida era perfeita.

— Uau! — Kaida exclamou ao observar a caverna gigante — Parece que acabamos de entrar em um geodo gigante de obsidiana!

— Essa seria uma comparação precisa, se os geodos tivessem muitos corredores e recantos para se perder, assim como sombras deslizando sobre seus minerais — eu disse provocativamente.

Ela franziu o rosto, olhando para a queda profunda na borda onde estávamos — Parece que eu deveria ter trazido minha mochila a jato. Você nunca me deixou brincar com ela.

Eu ri — Haverá tempo para isso — eu prometi. Me inclinando, eu pressionei meus lábios em sua orelha — Afinal, ainda não acasalamos durante o voo — eu comecei a rir quando ela engasgou de vergonha. Não dando a ela a chance de me castigar pela minha ousadia, eu a peguei como uma noiva — Venha, minha Ejaya. Vamos dar uma olhada mais de perto.

Eu nos levei pela caverna cheia de várias pessoas extremamente focadas em suas tarefas de mineração. Cada minuto, cada segundo era precioso se eles quisessem extrair o máximo de obsidiana possível antes que o tempo acabasse. Eu permaneci a uma distância respeitável delas para evitar distrações indesejadas.

— Essa é uma estalactite impressionante — Kaida disse, enquanto eu circulava em torno de um enorme pedaço de mineral pendurado no teto como um pingente de gelo gigante.

— Realmente. Esta é uma grande dor de cabeça que o Conselho está tentando resolver — eu expliquei — O mau planejamento causou isso, com as pessoas desgastando a obsidiana onde quer que achassem que teriam mais sucesso. As faces desta estalactite estão muito mutiladas. Você teria que raspar muito antes de poder chegar às

superfícies lisas necessárias para esculpir uma pedra de obsidiana sombria adequada.

— Oh! E como as pessoas têm um tempo limitado aqui, elas não querem desperdiçá-lo alisando as pedras para outra pessoa — ela disse, com os olhos arregalados de compreensão.

— Exatamente. Mas também, o solo ao redor e abaixo dela foi escavado. Você precisaria voar para trabalhar nela, o que tornaria seus movimentos muito instáveis, danificando a pedra.

— Elas não poderiam ficar em uma plataforma flutuante ou algo assim? — Kaida argumentou.

Eu sorri — Sim. Modelos específicos de plataforma flutuante foram recentemente autorizados para uso aqui. O tipo de ferramentas que as pessoas podem trazer para cá são rigorosamente monitorados para evitar abusos e acidentes infelizes.

— Mas parece que isso ainda não convenceu as pessoas a tentarem a sorte com a estalactite — ela disse em tom de brincadeira.

— Certamente não. Você ainda perderia seu tempo não conseguindo nada além de poeira. Embora ela tenha seu propósito, você deseja principalmente pedras boas. O Conselho está considerando atribuir uma hora extra a quem consentir em explorar exclusivamente a estalactite.

— Oooh, isso parece um bom incentivo — Kaida exclamou.

— É mesmo. Quando o fizerem, as pessoas lutarão por essas vagas. E eu já posso dizer que os mineradores vão cobrar extra para trabalhar lá.

— Sério? Acho que existem manipuladores de preços em todos os mundos — ela murmurou.

Eu ri — Sim, mas também servirá para desencorajar seus clientes, para que eles possam usar seu próprio tempo para dedicar essa hora extra.

Eu aterrissei em um afloramento de obsidiana a poucos metros de Hezin, um dos principais Mestres Mineradores de Dramnac que atualmente trabalha para um nobre. Seu foco era lendário. Contanto que permanecêssemos discretos, nossa presença não o perturbaria.

— Viu como é fino o corte? — eu sussurrei para Kaida, apontando para o laser de Hezin, cortando um pequeno pedaço de obsidiana da face da mina.

— Por que tão pequeno? — ela sussurrou de volta.

— Você só pode cortar o tamanho de uma pedra de portal real por vez. Primeiro, para controlar a quantidade que as pessoas colhem, mas também porque pedaços menores têm menos risco de provocar uma ruptura acidental, e principalmente uma ruptura grave.

— Uma grave? — ela perguntou.

— Uma que abriria um portal para uma área infestada por feras do

vazio — eu expliquei — É por isso que sempre há um Senhor das Sombras por perto. Esta mulher aqui e aquele homem ali embaixo são ambos Mestres dos Portais. O trabalho deles é fechar qualquer brecha acidental no minuto em que ela for aberta.

— Isso acontece com frequência? — Kaida perguntou enquanto olhava abertamente para a mulher que vagava lentamente pela caverna, pronta para intervir ao primeiro sinal de problema.

— Portais ruins são raros. Eles exigem que alguém tente cortar um pedaço enorme. Ou algo muito pesado teria que cair sobre um pedaço de obsidiana sombria já desgastado. Mas pequenas rupturas — basicamente mudanças de fase — são frequentes — eu disse — Considerando que as pessoas têm que denunciar todas as fendas que abrem acidentalmente aqui, elas são bastante cuidadosas. Se isso acontecer com muita frequência, elas poderão perder seus privilégios de mineração e ser forçadas a fazer um curso de treinamento em mineração bastante caro ou a contratar um Mestre Minerador para trabalhar em seu lugar.

— Ugh, brutal — Kaida disse, antes de morder o lábio inferior, com as engrenagens girando — Este lugar parece praticamente sob controle. Há muitos olhos e supervisão aqui para que alguém conduza seus negócios obscuros diretamente da mina. Quem mais provavelmente abrirá portais acidentais? E eu não estou falando de criar uma mudança de fase, mas um portal real que um estrangeiro possa ver e entrar?

— Além dos Senhores das Sombras, as únicas outras pessoas capazes de abrir portais sem pedras são os Mestres dos Portais, assim como o Escriba Ancião — eu disse.

— Eles cometem erros com frequência? — Kaida perguntou, se animando.

Eu bufei e dei a ela um olhar de desculpas — Não, minha Kaida. Eles são mestres e anciões por uma razão. Porém, seus aprendizes erram o tempo todo. Leva anos para conquistar seu título profissional. Mas...! — eu acrescentei rapidamente quando ela ficou muito animada — Assim como aqui, os aprendizes ficam sob estrita supervisão durante o treinamento. Sempre há um Mestre do Portal por perto.

Kaida olhou para mim como se eu estivesse conspirando contra ela, o que me fez rir.

— Eu ainda gostaria de conversar com esses mestres — ela murmurou, seu rosto assumindo uma expressão teimosa.

— Como vocês, humanos, dizem, seu desejo é uma ordem — eu disse com uma reverência formal.

Kaida me deu um tapinha brincalhão e me deixou levá-la de volta para fora da mina. Embora eu pudesse abrir com segurança um portal

para o Conclave dos Escribas de dentro da mina, era procedimento padrão nunca abrir um portal de lá, não apenas para evitar que pessoas aleatórias entrassem fora dos horários alocados, mas também para evitar qualquer confusão se outro incidente havia ocorrido.

Eu o abri bem em frente ao Conclave dos Escribas, localizado em seu enorme platô no décimo segundo nível – imóveis de primeira linha que muitos consideravam desperdiçados em tal instituição, em vez de residências. Kaida se deleitou com o enorme edifício semelhante a uma fortaleza, feito de pedras bege semelhantes às do meu covil, mas com muito menos janelas. Estátuas de um Derakeen homem e uma mulher, esculpidas diretamente na pedra, emolduravam a imponente porta da academia.

Suas pesadas portas de metal sempre ficavam abertas durante o dia. Alguns aprendizes, parados no gramado do lado de fora, olharam surpresos ao ver um Senhor das Sombras ali, mas também com inveja pela facilidade com que eu dispensei meu portal. A curiosidade deles então mudou para minha companheira quando eu a coloquei de volta no chão antes de pegar sua mão possessivamente para levá-la para dentro. Eu queria passar meu braço em volta de sua cintura, mas parecia muito ousado naquele cenário.

Apenas alguns passos depois, o Diretor Aldyr saiu correndo de seu escritório. Sua expressão acolhedora e diferente não fez nada para esconder sua curiosidade sobre o que poderia trazer um Senhor das Sombras e uma humana ao seu estabelecimento.

— Bem-vindo Senhor das Sombras Cedros, e sua adorável companheira. Eu sou o Diretor Aldyr Semyer. Como posso ajudar?

— Saudações, Diretor Aldyr. Esta é minha Ejaya, Kaida Daigo. Ela trabalha como Executora na Organização dos Planetas Unidos e está investigando o aumento de portais “acidentais” convocados por pessoas de fora. Ela tem algumas perguntas para você e seus aprendizes.

Seus olhos se arregalaram em choque e ele lançou um olhar intrigado para minha Ejaya — É um prazer conhecê-la, senhorita Daigo!

— O prazer é todo meu, diretor — ela disse com um sorriso educado.

— Por favor, deixe-me levá-los ao meu escritório, onde podemos discutir isso com mais facilidade — ele disse, seus olhos prateados brilhantes contrastando fortemente com suas escamas azul-escuro.

Aos cento e três anos de idade, Aldyr era bastante jovem para ocupar uma posição de tanto prestígio. Mas ele tinha uma reputação estelar, não apenas como Mestre do Portal, mas também como mentor de jovens aspirantes. Muitas dessas mentes estavam à espreita, tentando obter alguma informação sobre o que nos trouxe até aqui.

O considerável escritório do Diretor demonstrava seu status. Uma ampla estante se alinhava na parede traseira atrás de sua mesa. Ao longo da parede esquerda, três pedestais exibiam respectivamente uma estátua representando uma seção irregular de obsidiana sombria das minas, uma versão gigante de uma pedra de obsidiana sombria marcada pairando alguns centímetros no ar e uma exibição holográfica de um portal animado, ocasionalmente dobrando sobre si mesmo. No lado oposto, grandes portas de vidro davam para uma varanda com vista para um pátio onde aprendizes treinavam com seus mestres.

Kaida olhou com curiosidade para o que os pedestais exibiam.

— Elas representam as três disciplinas ensinadas aqui no Conclave — o Diretor Aldyr disse em resposta à sua pergunta tácita — Nós treinamos os Mestres Mineradores que as pessoas contratam nas minas, embora muitos cidadãos venham para algum treinamento pessoal ocasional para melhorar suas próprias técnicas. Nós também ensinamos aos jovens Escribas como marcar perfeitamente as pedras de obsidiana para que os consumidores cheguem sempre em segurança ao destino pretendido gravado na pedra. E então, nós orientamos os futuros Mestres dos Portais, tanto para abrir quanto para fechar portais para serviços de resgate e emergência, assim como para aliviar o fardo dos Senhores das Sombras de manter todos nós seguros.

— Eu não sabia que vocês treinavam os mineradores também. Qualquer pessoa pode se tornar aprendiz em alguma dessas áreas? — Kaida perguntou, enquanto Aldyr gesticulava para que nos sentássemos nos bancos em frente à sua mesa.

Com nossas caudas e asas, era comum que poucos assentos tivessem encosto. Kaida se acomodou no banco da esquerda – o banco era largo demais para ela – e eu sentei ao lado dela. Em circunstâncias diferentes, eu teria ficado com ciúmes da maneira como ela estudou o rosto reconhecidamente bonito do homem mais velho. Mas ela estava se concentrando nos chifres dele. Ela abriu a boca, hesitou e me lançou um olhar incerto de lado.

Eu sorri e voltei minha atenção para o direto — Minha Ejaya está curiosa sobre seus chifres.

Aldyr riu e Kaida corou enquanto olhava de lado para mim, o que só me fez rir também.

— Eu não queria ser rude. Eu não pude deixar de notar que você e os outros aprendizes têm seis chifres — ela disse com cuidado — Além dos Senhores das Sombras que têm oito, acredito que todo mundo só tem quatro.

Aldyr sorriu para ela — Está correto. E não é nada rude perguntar sobre coisas que você não sabe ou não entende. A resposta para isso também responde à sua pergunta anterior. Não, nós não aceitamos

qualquer pessoa que se inscreva em nossos programas. Os candidatos precisam ter seis chifres ou pelo menos uma crista crescente — ele disse, apontando para a forma escura no meio da testa, entre seus chifres.

A dele era muito menor que a de Cedros, mas também era de obsidiana, enquanto os cidadãos “comuns” só tinham uma área vazia ali. Seu quinto e sexto chifres combinavam com os chifres sombrios menores que os Senhores das Sombras possuíam logo acima de suas orelhas.

— Suponho que isso lhe conceda alguns poderes adicionais? — Kaida perguntou.

Aldyr assentiu, com um brilho de aprovação em seus olhos prateados — Sim. Nós somos Kwesars, a maneira educada de dizer Senhores das Sombras fracassados.

Eu fiz uma careta e dei ao diretor um olhar severo. Nós sempre achamos ofensivo quando as pessoas humilhavam os Kwesars com comentários tão insensíveis.

Ele riu e me lançou um olhar divertido — Está tudo bem, Senhor das Sombras Cedros. Se não conseguirmos rir de nós mesmos, então estamos levando a vida muito a sério.

Embora eu entendesse seu significado e intenção, suas palavras não me acalmaram — Você não deveria menosprezar o que as pessoas mesquinhas dizem. E muito menos, normalizar isso através do humor. Essas palavras nunca deveriam ter sido ditas ou o pensamento sequer passar pela cabeça de alguém em primeiro lugar. Você é o que os Deuses pretendiam que você fosse: um presente para o nosso povo. Os serviços que só você pode fornecer são essenciais para o bom funcionamento da nossa sociedade. Você não ‘fracassou’ em nada.

Uma expressão estranha se instalou no rosto de Aldyr — Estou corrigido, Senhor das Sombras Cedros. Suas palavras honram a mim e a todos os outros Kwesar.

— Elas são apenas a verdade, Diretor — eu disse com uma voz mais gentil.

— É por isso que elas nos honram tanto — ele rebateu, depois se virou para minha Kaida, que nos olhava um pouco confusa — Você conhece a Trilha das Sombras que os jovens Derakeens devem percorrer quando atingem a idade de cinco anos?

— Sim. Cedros me contou sobre sua jornada — Kaida respondeu.

— Bom. Kwesars como eu são crianças que não saíram do vazio em dez dias porque começamos a abraçar as sombras. Mas nossa transformação estagnou em algum momento. Como você pode ver, eu tenho meus dois chifres de sombra menores e um terço da minha crista. Demorou treze meses até eu descobrir que eles não cresceriam mais e que era hora de eu deixar o vazio — Aldyr explicou com uma

voz gentil.

— Então você se desenvolveu o suficiente para ter maior poder do que o resto da população, mas não o suficiente para ser um Senhor das Sombras — Kaida concluiu.

— Exatamente. Primeiro, apenas Derakeens com escamas douradas têm potencial para se tornar um Senhor das Sombras. O resto de nós só pode esperar se tornar Kwesars. Cerca de dez por cento de todas as crianças que entram na Trilha das Sombras permanecerão lá por algumas semanas — Aldyr continuou — Cada dia passado no vazio aumenta sua afinidade com as sombras e seu controle sobre suas habilidades de transformação. No entanto, a menos que permaneçam durante pelo menos seis meses, as suas competências não serão suficientemente fortes para se tornarem Mineradores. Você precisa de um mínimo de nove meses para um Escriba e mais de um ano para um Mestre do Portal.

— Uau, isso é fascinante! — Kaida disse — Você acolhe as crianças no minuto em que elas saem do vazio?

Eu sorri, adorando o quão fascinada minha Ejaya estava sobre os costumes do meu povo. Embora isso ajudasse em sua investigação, eu também poderia dizer que ela estava genuinamente curiosa pela maneira como ela estava inclinada para frente em sua cadeira, absorvendo cada uma de suas palavras.

— Não. Os Kwesars voltam para os pais e são criados normalmente. No entanto, eles passam por testes de qualificação em faixas etárias específicas para avaliar sua adequação à função escolhida e terão aulas do currículo geral que apoiam essa escolha.

— Função escolhida? Achei que o tempo passado no vazio determinava isso? — Kaida argumentou.

Eu sorri para minha companheira — Nós ainda temos livre escolha, minha Kaida. Embora eu tenha emergido do vazio com a coroa de um Senhor das Sombras, eu tecnicamente poderia ter escolhido me tornar um Escriba, um comerciante, um artista ou qualquer outra profissão que me agradasse. Isso já aconteceu? Não baseado nas histórias que eu li. Mas ainda seria nossa escolha.

— Isso mesmo — Aldyr disse — Considerando quão poucos Senhores das Sombras existem em um determinado momento e quão essenciais são seus papéis, caso alguém optasse por não seguir essa vocação, certamente haveria alguma pressão para tentar fazê-lo mudar de ideia, mas nenhuma coerção. Com os Kwesars, embora eles não possam escolher uma profissão acima da sua afinidade com a sombra, eles poderiam optar por uma carreira com menos requisitos, mas que poderiam realizar com um grau de sucesso muito mais elevado.

Kaida assentiu em compreensão — Porque eles são mais poderosos do que se tivessem cumprido o requisito mínimo.

— Exatamente. A maioria dos Kwesars que mal passaram doze meses no vazio tornam-se Escribas, embora tenham poder suficiente para serem Mestres dos Portais. Por terem o mínimo necessário, muitas vezes eles se esforçam para abrir portais estáveis ou com a precisão de seu destino, e demoram muito mais para fechar portais maiores para destinos distantes.

— Ah, entendi — Kaida disse, se animando. Eu quase podia ouvir os pensamentos disparando em sua mente agora que ela achava que tinha uma possível trilha — Você diz que a escolha é deles, mas será que um Kwesar poderia ser forçado a se especializar em uma área com requisitos mais baixos? Existem Mestres dos Portais que insistem em invocar portais mesmo que ocasionalmente surjam em lugares aleatórios e às vezes perigosos?

Aldyr riu e balançou a cabeça — Não, senhorita Daigo. Embora tenha acontecido o oposto, quando tivemos que convencer alguém a seguir uma profissão de nível superior, o contrário nunca acontece. Sua reputação impacta diretamente sua empregabilidade e as taxas que você pode cobrar por seus serviços. As pessoas querem gratificação instantânea. Elas não ficarão paradas por dez minutos enquanto você se atrapalha em tentativas fracassadas de invocar um portal. E elas não vão contratá-lo para marcar pedras se você for muito lento ou se os destinos marcados estiverem errados.

Os ombros de Kaida caíram e meu coração se partiu pela minha mulher — Certo. Isso faz sentido.

Aldyr inclinou a cabeça para o lado com ar de simpatia — Lamento não estar lhe dando o tipo de resposta que você procurava. Mas estou confuso sobre como essa linha de questionamento ajudaria no seu caso específico — Ele lançou um olhar um pouco confuso em minha direção antes de se virar para ela — Achei que o seu Senhor das Sombras disse que você estava tentando descobrir mais sobre os forasteiros abrindo portais para o nosso mundo. Eu presumi que você queria me questionar sobre a invocação de portais usando pedras de obsidiana.

— Sim, mas primeiro eu preciso saber como eles conseguiram as obsidianas sombrias — Kaida explicou — Nenhum estrangeiro viaja mais para Dramnac desde a Fragmentação. A mudança de fase em todo o seu planeta basicamente enviaria qualquer nave que se aproximasse para o equivalente a um buraco de minhoca, e eles acabariam só Deus sabe onde. A Fragmentação ocorreu há muitas décadas. Esses incidentes só começaram a ocorrer há um ano. Isso significa que quem quer que sejam os invocadores forasteiros, eles provavelmente colocaram as mãos nas pedras nos últimos doze a vinte e quatro meses. Mas como? Como eles entraram em contato com Derakeens ou Dramnac?

Aldyr esfregou as pontas ósseas do queixo com uma expressão pensativa. A mesma pergunta me atormentava e só podia haver uma maneira disso ter ocorrido.

— Então você entende o problema, diretor? — eu perguntei — Um Derakeen abriu inequivocamente o primeiro portal que lhes deu acesso. As minas são vigiadas com muita atenção e ocupadas o tempo todo para um humano entrar em um portal acidental e ninguém perceber ou relatar isso. Além dos Senhores das Sombras, as únicas pessoas capazes de abrir portais são seus colegas e alunos.

Sua testa franziu — Realmente. No entanto, nós também ficamos de olho neles. Nenhuma convocação, escrita ou mineração é permitida, a menos que um Mestre esteja presente para lidar com qualquer acidente. E eles acontecem *muito*, principalmente no início do treinamento de um novato. Mas nenhum jamais foi levado para fora do mundo. Nós não temos esse tipo de poder sombrio. E você sabe que teríamos avisado tanto os Senhores das Sombras quanto o Conselho se um portal acidental tivesse trazido pessoas de fora do mundo para Dramnac.

Eu suspirei e balancei a cabeça em concessão — Sim, vocês avisariam.

— O que nos traz de volta à estaca zero. Está faltando alguma coisa — Kaida disse, parecendo desanimada. Ela lançou um olhar pelas portas de vidro onde os aprendizes estavam convocando e depois lançou um olhar avaliador para Aldyr — Como os novatos treinam exatamente? Neste momento, esses aprendizes parecem estar usando obsidiana sombria.

Aldyr se animou — Ah sim! Mineradores e Escribas Iniciantes começam com ônix. Para os Mineradores, trata-se apenas de primeiro desenvolver sua técnica e precisão de corte sem desperdiçar a preciosa e cara obsidiana sombria. Para os Escribas, é para permitir que eles aprimorem suas habilidades em reunir as sombras e canalizá-las com precisão em uma pedra delicada antes de passar para a coisa real.

— Certo, obsidiana sombria é cara. O Conclave gostaria de evitar desperdiçá-las com iniciantes — Kaida disse pensativamente.

— Pelos Deuses! Nós não fornecemos a obsidiana sombria aos nossos alunos — o Diretor exclamou, como se minha Ejaya tivesse dito algo ultrajante – e disse mesmo — Nós estaríamos falidos em um mês ou só conseguiríamos treinar uma pessoa de cada profissão por vez. Os alunos devem fornecer suas próprias pedras. No minuto em que as crianças retornam do vazio como Kwesars, seus pais começam a estocar pedras para quando entrarem no Conclave.

— Ah, uau! Mas e se eles não tiverem pedras suficientes para continuar o treinamento? — Kaida argumentou.

— Então eles compram mais ou interrompem seus estudos até

adquirirem mais durante seus respectivos turnos nas minas — eu respondi suavemente.

Kaida franziu a testa, seu descontentamento deixando Aldyr e eu surpresos — Basicamente, o que você está dizendo é que as crianças ricas conseguem um caminho rápido para uma carreira, mas os plebeus e as pessoas mais pobres podem se arrastar indefinidamente antes de terminarem?

— Não necessariamente — eu disse em um tom apaziguador — É verdade que os nobres podem comprar mais pedras e contratar mineradores altamente qualificados para maximizar a sua coleia durante o seu tempo nas minas. Mas eles também consomem muito mais para as suas viagens de lazer e para elevar o nível dos seus planaltos. Mais importante ainda, quantas pedras você precisa para dominar sua profissão se resumem a habilidades individuais. Alguém com maior poder sombrio que se tornar um Escriba ou Minerador provavelmente precisará de muito menos pedras.

— Isso mesmo — Aldyr interrompeu — Seu poder sombrio terá um papel importante na velocidade com que você aprende, mas também em seus talentos naturais — nenhum dos quais tem algo a ver com a riqueza da família do aprendiz. Algumas pessoas são simplesmente mais talentosas do que outras. Na verdade, este grupo tem um punhado de superestrelas de meios humildes. Seu progresso literalmente deixa os nobres para trás comendo poeira de sombras.

— É bom saber que isso não os prejudica — Kaida disse, embora não totalmente apaziguada — Bem, acho que já tomamos bastante do seu tempo, Diretor. Muito obrigada por dedicar seu tempo para me esclarecer.

— Foi um prazer, senhorita Daigo. Não hesite em voltar a qualquer momento se tiver mais perguntas. Eu terei prazer em ajudá-la no que puder — Aldyr disse calorosamente.

Depois de nos despedirmos, eu levei minha Ejaya para fora do Conclave. Ela tentou parecer corajosa, mas sua decepção era palpável. Aldyr de fato era sua melhor esperança de encontrar algum tipo de trilha. Nem mesmo eu conseguia pensar em onde ir para levar sua missão adiante.

— Vamos dar um tempo em todas essas coisas sérias, minha Kaida — eu disse com uma voz suave, segurando seu rosto entre minhas mãos — Eu gostaria de leva-la você a um lugar que não visito há muito tempo e que você conheça alguém especial.

— Claro — Kaida disse, se animando de curiosidade — Quem é esse?

— Isso é uma surpresa — eu disse, sorrindo para ela.

Eu a peguei em meus braços, beijei seus lábios e levantei voo. Eu abri meu portal no ar. Eu geralmente fazia isso quando estava em uma

área pública para evitar que pessoas aleatórias próximas entrassem nele, acidentalmente ou não. Isso acontecia especialmente quando meu destino era um local especial ou a residência particular de alguém.

Eu voei através do portal, desfazendo-o atrás de mim assim que saímos do outro lado. Meus corações deram um pulo e um fluxo avassalador de emoções surgiu dentro de mim ao ver os três Derakeens adultos no planalto abaixo. Eles estavam sentados à mesa do terraço enquanto bebiam bebidas fermentadas, e conversavam animadamente. Depois de todos esses anos, eles ainda seguiam o ritual de reunião no décimo primeiro e no vigésimo segundo dia de cada mês.

— Cedros, quem são essas pessoas? — Kaida sussurrou quando comecei minha descida.

— Minha mãe e meus irmãos — eu disse, com a garganta quase apertada demais para falar.

Como se tivesse ouvido minhas palavras, minha mãe ergueu os olhos de repente. Sua expressão chocada chamou a atenção dos meus irmãos. Seus queixos caíram quando todos se levantaram de seus assentos para me ver pousar a poucos metros de distância deles, como era padrão para os Senhores das Sombras.

— Cedros! — minha mãe exclamou, sua voz tremendo enquanto ela me olhava incrédula.

— Saudações, mãe — eu disse enquanto colocava Kaida de pé com cuidado — Há quanto tempo. Você está ainda mais bonita do que nas minhas lembranças.

Seus lábios tremeram e seus olhos se encheram de lágrimas enquanto ela abraçava sua cintura. Meu irmão e minha irmã passaram o braço em volta dela enquanto me olhavam com carinho.

— Eu queria apresentar a vocês minha Ejaya, Kaida Daigo, uma Executora humana da OPU — eu disse, com minha voz ainda instável — Kaida, esta é minha mãe Oshtara Kendriz, minha irmã mais nova Caldri e meu irmãozinho Roldren.

— É uma honra conhecer todos vocês — Kaida disse, parecendo tão emocionada quanto minha família.

Eu acariciei sua bochecha e dei alguns passos hesitantes em direção à minha família. Eles enrijeceram, chocados com esse comportamento incomum.

— Você não vai me abraçar, mãe? Eu tenho uma Ejaya agora. Não há problema em me tocar — eu a lembrei suavemente.

Uma expressão atordoadada desceu em suas feições antes de dar lugar à admiração quando a compreensão surgiu nela. Um sorriso lento esticou seus lábios e então algo pareceu estalar dentro dela. Ela começou a correr e se jogou em meus braços.

Tendo herdado a altura de meu pai, eu era mais alto que minha mãe. Eu facilmente a peguei e enterrei meu rosto em seu pescoço. Um tsunami de emoções se abateu sobre mim enquanto eu inalava profundamente o amado perfume materno que me foi negado por décadas.

— Meu bebê! Meu bebê lindo! Achei que nunca mais iria te abraçar. Meu Cedros!

Lágrimas rolaram pelo meu rosto enquanto ela cobria meu rosto com beijos e me segurava em um abraço esmagador que não combinava sua estatura delicada. Deuses, como eu senti falta dela... senti falta deles... senti falta disso. Vir vê-los no passado e ser forçado a ficar à distância tornou-se uma tortura para todos nós. Portanto, nós recorreremos a falar apenas por meio de comunicadores. Mas isso...

Minha irmã reclamando por sua vez finalmente convenceu minha mãe e eu a nos separarmos relutantemente. Eu abracei Caldri e Roldren, cada um deles me dando abraços igualmente poderosos e carregados de emoção.

Mas ver minha mãe puxar minha Kaida nos braços me virou completamente de cabeça para baixo. Minha Ejaya, minha companheira perfeita... Ela me deu tudo: amor, felicidade e minha família de volta.



Capítulo 16

Kaida

Atordoada a princípio pelo abraço inesperado de sua mãe, eu me derreti em seus braços e retribuí. Minha garganta já contraída, ao assistir ao comovente reencontro entre Cedros e sua mãe, apertou ainda mais. Eu nunca soube como era um abraço maternal. Oshtara não me abraçou apenas com os braços, mas também com a cauda.

Ao contrário de Cedros, ela não esfregou o rosto no meu – o que teria sido estranho – mas apenas a têmpora contra a minha, me marcando com seu cheiro. Enquanto sua cauda ainda me segurava contra ela, Oshtara segurou meu rosto com as duas mãos e examinou minhas feições como se eu fosse uma maravilha que a enchia de admiração.

— Obrigada, Kaida. Obrigada, minha filha. Você me devolveu meu filho e preencheu o vazio no meu coração de mãe. A cada ano que passava sem ele ter uma Ejaya, eu me preparava mentalmente para o fato de que perderia meu primogênito para uma morte prematura. Mas os Deuses responderam às minhas orações. Eles atravessaram as estrelas e trouxeram você para meu Cedros. Você é uma bênção para meu filho, para nossa família e para o povo de Dramnac. Bem-vinda ao lar, minha filha.

Eu pisquei rapidamente para conter as lágrimas que ameaçavam jorrar dos meus olhos. Eu nunca fui reivindicada assim. Enquanto crescia, eu fui apenas uma dos muitos órfãos que aumentavam o fardo da colônia em dificuldades.

— Obrigada pela recepção calorosa, Sra. Kendriz. Ser a Ejaya de Cedros é uma grande honra. Ele tem sido maravilhoso comigo — eu disse, com minha voz tremendo de emoção.

— Tsc tsc! Nada de formalidades entre nós. Você pode me chamar de Mãe ou Oshtara — ela disse com falsa severidade.

Eu ri e dei a ela um olhar tímido. Eu lambi meus lábios nervosamente, me perguntando se seria tão ousado a ponto de dar a ela o nome que eu queria.

Ela ofereceu...

— Obrigada... Mãe — eu disse com uma risada nervosa.

A maneira como ela sorriu para mim, assim como os olhares de aprovação que seus filhos me lançaram, confirmaram que eu tinha feito a escolha certa. Cada um dos irmãos de Cedros me deu um abraço forte, me fazendo sentir incrivelmente bem-vinda e à vontade.

Durante algum tempo, nós ficamos sentados à mesa do pátio, tendo uma conversa animada. Nós bebemos um pouco de álcool e misturas de frutas semelhantes às que Cedros me fez experimentar durante nosso piquenique. O tempo todo, Oshtara tocava constantemente Cedros, como se quisesse se assegurar de que ele estava realmente aqui. E seus irmãos estavam se divertindo contando anedotas embaraçosas sobre ele enquanto crescia.

— Cedros costumava me segurar por uma perna e me pendurar na borda do planalto porque eu tinha comido suas guloseimas — Roldren disse com um sorriso perverso — Como meu voo ainda era duvidoso naquela época, eu gritava para minha mãe vir me salvar.

Cedros franziu o rosto, olhando de brincadeira para seu irmão enquanto suas escamas escureciam com uma ponta de vergonha — Ele estava fazendo isso de propósito. Ele nunca roubava comida ou coisas da Caldri, sempre as minhas. Muitas vezes eu o pegava espionando nossa mãe enquanto ela preparava nossos lanches, para que ele pudesse roubar os meus.

Eu ri — Então ele comia o dele e o seu?

— Não — Roldren disse, impenitente e até orgulhoso — Eu queria especificamente o dele e deixava o meu para trás.

Eu suspirei — Oh, meu Deus, mas por quê?!

— Porque ele era meu irmão mais velho. Eu queria ser como ele. Comer suas guloseimas e pegar suas coisas me fazia parecer mais com ele... na minha cabeça — Roldren disse dando de ombros.

O rosto de Cedros derreteu e ele se inclinou sobre a mesa para beijar a testa do irmão antes de se recostar. Roldren lhe deu um sorriso afetuoso. Então sua expressão assumiu um tom travesso.

— Mas também era apenas para irritá-lo — Roldren acrescentou em tom de provocação — É dever do irmão mais novo irritar os mais velhos.

Todos nós começamos a rir, e Cedros soltou de brincadeira um pequeno fluxo de chamas sombrias para seu irmão, que fez uma careta para ele.

— Cedros sempre teve um apetite prodigioso quando era jovem — Oshtara disse com um sorriso melancólico — Não é surpreendente ver o quão grande e alto ele cresceu. Seu pai era igualmente grande... em todas as frentes. E com um apetite bastante saudável... também em todas as frentes.

Eu quase engasguei com a bebida ao ouvir essas palavras. Cedros bufou enquanto sua família me olhava com surpresa. Oshtara de

repente virou a cabeça na direção de Cedros e seus olhos se arregalaram levemente antes de me lançar um olhar especulativo. Uma expressão estranha passou por suas feições nobres, então um sorriso ainda mais estranho apareceu em seus lábios.

— Você acasalou com meus Cedros? Seu corpo humano é tão pequeno. Se meu primogênito compartilha a circunferência de seu pai, temo que vocês não encaixem — Oshtara disse com um ar de preocupação solidária.

Eu queria que o chão se abrisse debaixo de mim e me engolissem inteira, enquanto Roldren e Caldri também olhavam para mim com a mesma expressão compassiva.

— Sim, mãe. Minha Kaida e eu somos perfeitamente compatíveis. Os humanos são bastante adaptáveis — Cedros disse com naturalidade.

— CEDROS! — eu exclamei, olhando para ele com incredulidade.

Ele olhou para mim com a expressão mais inocente — O quê? É uma preocupação válida. Eu estou apenas assegurando o seu bem-estar.

Antes que eu pudesse encontrar uma resposta politicamente correta, Roldren entrou na conversa.

— É realmente reconfortante — Roldren disse, parecendo aliviado — Há rumores de que os Senhores das Sombras são implacáveis em sua atenção e têm uma resistência fenomenal.

Caldri assentiu — É perfeitamente compreensível — ela concordou em um tom razoável — Afinal, eles têm décadas de abstinência forçada para recuperar o atraso.

Essa foi a gota d'água. Eu precisava dar o fora dali para pôr fim a essa conversa. Eu pulei do banco e joguei o cabelo por cima do ombro.

— Se vocês me derem licença por um segundo, esta bebida deliciosa está afetando minha bexiga. Eu preciso usar a sala de higiene por um momento.

Antes que eu pudesse dar um único passo, Cedros envolveu minha cintura com a cauda e me puxou para ele. Ele então me pegou e me jogou em seu colo.

— Não, você não quer. Você está apenas tentando fugir — Cedros disse com uma risada na voz. Ele esfregou o rosto no meu pescoço e depois me beijou — Estamos brincando com você porque seus modos humanos pudicos são divertidos demais.

Os outros começaram a rir enquanto eu olhava boquiaberta para todos eles, incrédula.

— A vermelhidão do seu rosto é maravilhosa, minha filha — Oshtara disse com uma risada.

Eu pisquei e então me dei conta. Eu virei minha cabeça na direção de Cedros por cima do ombro para encará-lo — Oh meu Deus, você os

envolveu nisso! Você disse a eles telepaticamente!

— Eu disse — ele confessou sem qualquer vergonha — Eles nunca teriam acreditado em mim de outra forma.

Eu fiz uma careta para ele — Eu pensei que você tinha dito que apenas os Senhores das Sombras e suas Ejayas eram tão diretos e abertos um com o outro?

— Direto? — Caldri repetiu, recuando levemente de surpresa — Isso não se qualifica como direto para nós. Supõe-se que Senhores das Sombras e Ejayas sejam abertos uns com os outros sobre tudo, especialmente sobre seus sentimentos pessoais em todas as suas interações, já que a harmonia e a unidade entre eles são primordiais para o sucesso de seu relacionamento. Mas o acasalamento é uma função natural para todos.

— Certo, mas ninguém quer ouvir sobre o acasalamento dos pais — eu exclamei, esperando que eles concordassem comigo.

Para minha consternação, todos olharam para mim como se eu fosse a estranha.

— Por que não faríamos isso? — Roldren perguntou — O acasalamento é a razão de estarmos aqui. Quem melhor do que nossos pais para nos ensinar sobre isso? Os pais humanos não explicam os rituais de acasalamento aos seus filhos para garantir que tenham uma vida sexual saudável?

Eu murmurei algo sobre como era “a conversa”, que era o pesadelo de todos os pais.

Pelo olhar que eles me deram, eles claramente achavam os humanos estranhos, se não ilógicos. Eles estavam certos, mas velhos hábitos são difíceis de morrer.

Eu olhei para Cedros novamente — Eu vou dormir no meu próprio quarto esta noite com dez camadas de roupas.

Ele começou a rir e mais uma vez balançou a cabeça — Não, minha Kaida, você não vai. Ou eu vou arranhar sua porta enquanto faço sons chorosos durante a noite. E direi ao Nero para fazer cócegas em você.

Sua família riu um pouco mais.

— Tudo bem, chega de provocações com a Kaida por hoje — Caldri disse, com pena de mim — Vamos ver o quão enferrujado você ficou no Vayarka, irmão mais velho.

— Sim! Mal posso esperar para me gabar de como eu derrotei um Senhor das Sombras no Vayarka! — Roldren exclamou.

Um sorriso predatório surgiu no rosto de Cedros — Eu estou prestes a mostrar por que o mais velho é sempre o melhor, seja um Senhor das Sombras ou não! — ele me deu um beijo apaixonado antes de se levantar e me sentar em seu banquinho ao lado de sua mãe — Prepare-se para ficar surpresa, minha co... Ejaya.

Eu sorri, fingindo que não tinha percebido que ele quase me chamou de companheira novamente. Roldren foi buscar alguma coisa enquanto seu irmão e sua irmã começaram a voar. Momentos depois, uma série de anéis apareceu no céu a uma curta distância acima do nosso planalto. Os três irmãos iniciaram uma espécie de dança acrobática aérea que parecia envolver voar através dos anéis quando seu centro se enchia com um campo de energia colorido enquanto os outros tentavam impedi-lo, ou evitá-lo quando ele mudava para uma cor diferente enquanto seus rivais tentavam forçá-lo a passar por ele. Eu não entendi direito, mas eles pareciam estar se divertindo muito.

O peso do olhar de Oshtara sobre mim desviou minha atenção de seus filhos. Ela estava estudando minhas feições com uma expressão suave. Naquele instante, eu soube, sem sombra de dúvida, que Caldri havia deliberadamente atraído seus irmãos para me deixar com sua mãe para que pudéssemos conversar. Eu engoli em seco, nervosa, me perguntando o que essa conversa implicaria.

— Quando eu soube que meu Cedros finalmente encontrou sua Ejaya, meu coração se alegrou. Mas então o pavor tomou conta de mim quando eu ouvi que você era humana — ela disse com naturalidade — Eu não sabia o que isso significaria para ele. Você entenderia seu papel? Você seria capaz e, especialmente, estaria disposta a cumpri-lo? Você seria capaz de se adaptar aos nossos costumes e ao nosso mundo? Essa preocupação me atormentou até o momento em que vocês dois passaram por aquele portal.

— Você não está mais preocupada? — eu perguntei, me sentindo irracionalmente nervosa com a resposta dela.

Ela sorriu e balançou a cabeça — Não, eu não estou. Meu Cedros está loucamente apaixonado por você. Não sei se você está apaixonada por ele, mas posso ver que você tem um amor genuíno por ele. Cedros sempre foi um jovem bem-humorado e brincalhão. Mas eu nunca o vi tão feliz. E é tudo por causa de você.

Meu rosto esquentou de vergonha — Eu realmente não mereço tanto mérito. Eu simplesmente deixei ele me abraçar, e ele sentiu aquela sensação feliz por causa dos hormônios — eu disse com uma risada nervosa.

— É mais do que isso, e você sabe disso — Oshtara disse com naturalidade — O mérito de tudo isso é seu. Reconheça suas conquistas, minha filha. Não há necessidade de ser humilde com a verdade. Mas eu preciso te perguntar uma coisa. Existe alguma chance de você considerar meu Cedros como seu companheiro?

Eu me mexi inquieta na cadeira e coloquei o cabelo atrás da orelha enquanto escolhia as palavras com cuidado — Tudo é possível. Como você disse, eu amo muito Cedros. Nós nos reunimos recentemente e estamos nos conhecendo. Mas com o tempo, eu posso considerar isso,

sim.

— Mas? — Oshtara insistiu — Eu sinto que algo a está incomodando. Talvez eu possa aliviar algumas preocupações para você? Eu sei que acabamos de nos conhecer, mas você é uma filha para mim agora. Espero que você se sinta confortável para discutir comigo qualquer coisa que a preocupe, como faria se eu mesmo tivesse dado à luz você.

Eu lhe dei um sorriso trêmulo, com as emoções me dominando novamente com a atenção maternal que ela estava me concedendo — Este mundo é muito diferente do que eu estou acostumada. Certamente terei muitas perguntas sobre isso. Mas há um tópico sobre o qual acredito que você, melhor do que ninguém, possa me esclarecer.

— Pergunte à vontade, minha filha. Eu terei prazer em fornecer todas as informações que puder — ela disse com um sorriso encorajador.

— Eu me preocupo com nossos filhos, se Cedros e eu algum dia nos tornarmos companheiros — eu confessei timidamente.

Oshtara franziu a testa levemente, uma ponta de preocupação brilhando em seus olhos verdes claros — Por quê? Você não deseja tê-los?

— Oh não! De jeito nenhum! Eu cresci órfã. Eu sempre sonhei com uma família própria, com muitos filhos correndo por aí, cercada pelo amor de ambos os pais — eu disse com paixão — Mas Cedros é um Senhor das Sombras. Isso significa que há uma boa chance de pelo menos um de nossos filhos também ser um. Como você deixa seu filho de cinco anos se defender sozinho no vazio por meses ou até anos? E se ele ficar com medo, com frio ou com fome? E se algo ruim acontecer e ele gritar pela mãe e pelo pai, mas não houver ninguém por perto para salvá-lo? E se...?

— Pare, Kaida. Não é assim. Sim, enviar seus filhos para o vazio em busca da Trilha das Sombras é sempre um desafio monumental tanto para eles quanto para os pais — Oshtara disse com uma voz suave, mas firme, me interrompendo — Quando duas semanas se passaram e meu primogênito não voltou, eu sabia. Um dos meus corações se alegrou enquanto o outro se partiu. Eu senti muita falta dele, dos seus abraços, das suas risadas, das suas travessuras, do seu cheiro... Ele foi meu primeiro filho e sempre foi muito carinhoso. Este simplesmente era o seu destino.

— Mas como você lida com isso? Como você não enlouquece e vai atrás dele para ter certeza de que ele está bem? — eu insisti.

— Por mais assustador que possa parecer para você, a Trilha das Sombras é extremamente segura. Nenhuma criança *já* se perdeu ou morreu durante sua jornada. Este teste não é uma escolha cultural

que nós impomos aos nossos jovens. É um passo fisiológico e espiritual natural no crescimento de um Derakeen. Nós precisamos mergulhar no vazio. É isso que consolida nossas habilidades de mudar de fase. Da mesma forma que a lagarta sente a necessidade irresistível de formar uma crisálida para sua transformação, nós, Derakeens, sentimos o chamado do vazio.

Eu balancei a cabeça, um pouco - mas muito pouco - de tensão drenando dos meus ombros ao ouvir suas palavras — Entendo o que você está dizendo e é um grande alívio saber que nenhuma criança morreu por causa disso. No entanto, eu ainda não entendo como um pai, especialmente uma mãe, pode suportar esse tipo de separação.

Oshtara sorriu e acariciou minha bochecha — Isso é porque você está pensando como uma humana. Seu povo não deixa o ninho dos pais em algum momento?

— Claro, mas não aos cinco anos! — eu exclamei, um pouco indignada — Eles são apenas bebês!

— Os *humanos* são apenas bebês aos cinco anos. Não os Derakeens. Ao completarem cinco anos, nossas crianças podem perseguir e caçar presas, lutar e escapar de predadores, voar a velocidades superiores a duzentos e cinquenta quilômetros por hora e mudar de fase para sair de uma situação perigosa. Eles não são indefesos.

— Uau, tudo bem. Nossos pequeninos definitivamente não podem fazer isso — eu admiti, repreendida.

Ela me deu um olhar simpático — Isso não torna as coisas mais fáceis. Eu mantive o meu filho mais novo durante toda a sua juventude, mas quando eles deixaram o meu covil, aos vinte e quatro anos para Roldren e aos vinte e seis para Caldri, foi igualmente difícil. Durante a Trilha das Sombras, nós recebemos check-ins mensais dos pequenos. Nós incorporamos um rastreador no braço deles caso algo aconteça. Os Senhores das Sombras também exploram regularmente a Trilha e o vazio mais profundo para mantê-los sob vigilância distante. E também há habitantes das sombras que vagam pelos diferentes reinos onde os futuros Kwesars e Senhores das Sombras passarão seus anos de evolução. Eles são extremamente protetores com eles.

— Parece que vocês implementaram muitas salvaguardas para manter as crianças seguras — eu admiti, bastante impressionada.

— Sim. Nos amamos nossos pequenos e fazemos o que devemos para protegê-los durante sua jornada — Oshtara disse com orgulho — É inegável que quando um deles retorna como Senhor das Sombras, é difícil não poder mais segurá-los e beijá-los como exige o coração de nossa mãe. Mas você aprende a lidar com isso. Existem muitas maneiras estabelecidas agora de mantê-los como parte da família e mostrar-lhes amor.

— Essa é a outra parte com a qual eu realmente teria dificuldade

— eu confessei — Cedros me contou como ele estava em uma casa separada da sua e observando seus irmãos brincarem juntos enquanto ele tinha que permanecer distante.

— Isso é verdade, mas *você* não teria esse problema — Oshtara disse ansiosamente.

— O quê? Por quê? — eu perguntei, surpresa.

— Porque, ao contrário de mim, você é uma Ejaya. Thenzi, o pai de Cedros, não podia ficar perto de mim porque não tinha uma Ejaya. *Você* é a Ejaya de Cedros. O que significa que ele poderá criar seus próprios filhos porque terá você como companheira para silenciar o desconforto dos pequenos.

— Certo, mas isso não resolverá o problema de nossos filhos Senhores das Sombras. Quando eles voltarem do vazio, eles não serão mais capazes de nos suportar — eu argumentei.

— A principal função de um Senhor das Sombras é estabilizar as mudanças de fase — Oshtara disse presunçosamente — Com você dando paz a ele, Cedros terá o foco para equilibrar as fases que seus outros descendentes poderiam gerar em torno de suas pequenas Sombras. Pergunte a Rovain e Trinit. Seu segundo filho é uma Sombra e vive feliz em seu covil com seus outros irmãos.

— Nossa! Eu não sabia que isso era uma possibilidade. Certamente isso coloca as coisas sob uma perspectiva diferente — eu disse, atordoadada.

— E uma melhor, eu espero. Estou ansiosa para que você e Cedros me tornem avó pela primeira vez — ela brincou.

Eu comecei a rir de sua declaração nada sutil. Eu gostava genuinamente de Oshtara, e sua estratégia óbvia para me vincular ao filho dela me deu muito que pensar.



Três semanas depois de me apresentar à sua família, Cedros e eu entramos em uma rotina muito confortável. Embora ele não tivesse mencionado seu desejo de que fôssemos companheiros novamente, tecnicamente e não oficialmente nós éramos. Além de compartilhar a cama dele – e fazer amor como coelhos em todas as superfícies da nossa casa – nós multiplicamos os passeios românticos, desde mais piqueniques e idas à feira até assistir a peças de teatro, eventos esportivos e concertos. Passar uma noite na casa de Rovain e Trinit com seus quatro filhos foi revelador.

Faltando pouco mais de quatro meses para eu decidir se ia ficar ou partir, não havia pressa. Mas eu já tinha uma boa ideia de onde minha

mente estava inclinada. Cedros personificava tudo o que eu poderia desejar em um homem, e a forma como sua família me acolheu tornou tudo ainda mais perfeito. E pensar que eu sempre me preocupei em acabar com uma sogra do inferno!

No entanto, enquanto meu vínculo cada vez mais profundo com Cedros excedia todas as minhas esperanças e sonhos mais loucos, a minha missão estava se revelando um desastre total e completo. Eu não tinha nada. Nenhuma trilha real a seguir e apenas uma série de especulações malucas. Em meu desespero, eu comecei a caminhar pelo vazio com Nero como meu cão de busca e guarda-costas.

Eu concluí que não encontraria nada no vazio estável através do portal negro. Muitas pessoas percorriam os vários caminhos principais. Os bandidos que praticavam negócios obscuros sempre faziam isso nos lugares mais improváveis e longe de olhares indiscretos. Os principais lugares em que eu consegui pensar foram as mudanças de fase. Todo mundo se esquivava delas ou dava o fora delas rapidamente se fossem pegos por uma.

Essa teoria foi a primeira pista sólida que eu consegui com alguma ligação comum entre vários incidentes. A princípio não era óbvio, porque muitos dos “portais acidentais” criados em Dramnac se originavam de locais completamente aleatórios espalhados por várias cidades e continentes. Ou melhor, eles pareciam aleatórios antes de eu ter a mudança de fase como denominador comum. Quando eu os cruzei com esse fator, de repente, eu percebi que cada local estava nos pontos mais instáveis de cada uma dessas áreas.

Ok, isso não se qualificava como uma grande descoberta. A maior instabilidade e a fragilidade do véu nesses setores podem ter sido a causa de alguém ter feito algo totalmente inocente e ter desencadeado a ruptura acidental. No entanto, uma investigação mais aprofundada também demonstrou que esses incidentes correspondiam ao momento dos picos de instabilidade do *calendário* daquela área específica, mas não necessariamente ao pico real em termos de instabilidade naquele dia.

Assim como o meteorologista da Terra previa com mais ou menos precisão neve, trovoadas ou tornados, os cientistas de Derakeen emitiam avisos diários, semanais e mensais sobre as áreas menos seguras e esperavam maiores flutuações de mudança. Os incidentes registados correspondiam perfeitamente ao calendário anual que marca quais regiões tiveram em média o maior número de rupturas em um determinado mês.

Parecia muito calculado e deliberado para ser uma coincidência, especialmente porque em algumas ocasiões o portal acidental se abriu em um dia em que as flutuações eram bastante fracas em comparação com a grave instabilidade de alguns dias depois, onde nada aconteceu.

Se essas ocorrências fossem realmente casuais, então algo não estava certo.

Por esse motivo, Nero e eu começamos a perseguir mudanças de fase na área onde eu suspeitava que o culpado estaria à espreita. Isso não rendeu muitos resultados, além de eu sentir um arrepio com todas as brisas geladas anunciando uma fenda próxima e passar uma quantidade absurda de tempo vagando na escuridão. Pelo menos, eu consegui dar o meu mínimo de passos diários.

Nós estávamos nesse exercício de futilidade nas últimas horas, vagando pelos caminhos em constante mudança de uma fenda instável, quando Nero de repente enrijeceu. Ele virou abruptamente para a esquerda, olhando para um dos corredores maiores da nossa fenda atual. Seus olhos e as pontas de seus tentáculos brilhavam em um roxo mais brilhante, o que eu percebi que significava que ele estava se infundindo com uma quantidade maior de sombras e sondando o vazio.

Para minha surpresa, Nero começou a inchar, quase dobrando de tamanho, antes de envolver quatro de seus tentáculos em volta de mim. Meu suspiro de surpresa se transformou em um grito quando ele pairou um pouco mais alto e meus pés pararam de tocar o chão. Ele então correu para frente, me carregando a uma velocidade vertiginosa. Nosso ambiente ficou turvo e eu senti o formigamento familiar em minha pele ao passar para uma fase diferente.

Nero cobriu minha boca com um de seus tentáculos enquanto diminuía a velocidade até parar. Com o coração batendo forte, eu balancei a cabeça, entendendo que ele queria que eu permanecesse em silêncio. Embora o ambiente ao meu redor tivesse ficado claro novamente, havia um brilho estranho, semelhante ao de um sonho. Eu levei um segundo para entender que Nero tinha nos escondido em sua aura furtiva.

Espantada, eu olhei incrédula para os três Derakeens – dois homens e uma mulher – parados no centro da fenda. Embora eu não pudesse ver claramente seus rostos desta posição, os chifres de sombra menores nas laterais de suas cabeças os marcavam inequivocamente como Kwesars. A propósito, eles estavam amontoados, eles não tinham entrado em uma mudança de fase por engano e não estavam tentando voltar para fora. Eu sabia, sem sombra de dúvida, que eles eram o que eu estava caçando todas essas semanas.



Capítulo 17

Kaida

A mulher de escamas azuis vasculhou sua bolsa de tamanho médio pendurada em seu quadril e recuperou um pequeno pedaço de obsidiana sombria. Ela parecia menor e de formato mais irregular do que as pedras obsidianas sombrias usadas para invocar portais. Ela também pegou um conjurador: uma versão menor e mais elegante de um quebra-nozes do tamanho de um cortador de unhas. Ele permitia quebrar uma pedra de obsidiana sombria marcada para abrir um portal para o destino inscrito na pedra.

Os dois homens – um verde e um dourado – se afastaram levemente dela e assumiram uma postura preparada. Enquanto isso, a mulher colocou a pedra estranha no conjurador e a quebrou. O familiar som de trovão ressoou, embora abafado pela curta distância entre a tríade e nós. O som não foi carregado no vazio.

Um grande portal se abriu diante deles. Embora parecesse estável, a sua criação pareceu desestabilizar ainda mais a fenda. Os caminhos que se conectavam ao centro em que estávamos estavam desmoronando ou se remodelando. Muitos tornaram-se mais baixos, os seus becos sem saída sombrios aproximaram-se de nós e muitos abriram uma janela para o mundo real.

Eu me esforcei para ouvir o que a tríade estava dizendo, mas suas reações físicas e a comemoração do homem verde confirmaram que a convocação produziu o resultado que eles esperavam. Era um portal perfeito, o destino próximo o suficiente para que eu pudesse vê-lo como se estivesse espiando por uma porta aberta. O pico de uma montanha roxa ao longe - cujo nome eu não conseguia lembrar - identificava aquele destino como próximo de um de seus principais marcos.

— A apenas alguns metros de distância — o homem disse com entusiasmo — Você está ficando muito boa!

A mulher sorriu para ele. E então, juntos, eles trabalharam para dissipar o portal. A compreensão me ocorreu enquanto eles lutavam para fechá-lo. Eles eram aprendizes de Escriba, testando as inscrições que realizaram em pedras de obsidiana sombria de má qualidade que

nunca teriam obtido a aprovação de seus mentores. Lembrar a facilidade com que Cedros dispensou seus portais com um movimento distraído de seu pulso destacou ainda mais a lacuna de poder entre suas diferentes classes. Certamente os Mestres dos Portais teriam tido muito mais facilidade.

Eu apertei suavemente um dos tentáculos de Nero como agradecimento. Ele apertou ainda mais meu abraço e esfregou sua bochecha contra a minha. Essa era a pista que eu precisava. Eu continuei observando em silêncio enquanto eles se revezavam quebrando uma das pedras que haviam marcado. Cada uma produzia resultados variados, desde quase perfeitos até fracassos completos.

Eu estava pensando se deveria ligar para Cedros através da minha braçadeira. Como eu não conseguia me comunicar telepaticamente com ele como ele conseguia comigo, nós passamos a usar braçadeiras com um sistema de comunicação que me permitia contatá-lo o tempo todo. A lembrança de Nero me perseguindo pela casa naquele primeiro dia ainda me traumatizava. O homem dourado quebrando uma de suas últimas pedras tirou essa escolha de mim.

Os aprendizes xingaram, todos os três mudando para sua forma de batalha – que era muito menor que a de Cedros. O portal se abriu para uma área escura banhada por uma névoa arroxeadada e repleta de um enxame de aqrats. Pelo que eu pude vislumbrar através do vórtice rodopiante, eles estavam brigando pela carcaça de alguma enorme criatura do vazio. Mas a visão e o cheiro de presas frescas chamaram a atenção deles.

Em uníssono, pelo menos duas dúzias de aqrats correram em direção ao portal. No meio da mudança, os três aprendizes começaram a cuspir fogo – chamas normais, não sombrias como Cedros usava – nas feras que se aproximavam no vórtice. Simultaneamente, eles pareciam tentar fechar o portal. Sem hesitar, eu usei a chamada de emergência para Cedros na minha braçadeira.

— Não! — eu sibilei em um sussurro, quando senti o formigamento de Nero começando a nos tirar de lá — Me solte! Cedros está chegando.

Ele hesitou por um segundo, mas eu, ativando o escudo de energia em minha braçadeira enquanto agarrava minha pistola, forçou seus tentáculos a me soltarem. Isso quebrou a aura furtiva que nos escondia de vista. O homem dourado nos notou, choque e horror descendo sobre suas feições agora totalmente dracônicas, no momento em que ele estava desaparecendo de vista. Quase ao mesmo tempo, o outro homem e a mulher também desapareceram.

Eu percebi meu terrível erro quando os aqrats irromperam do portal para o centro da fenda. Com a mudança de fase dos Kwesars para fora daqui, as feras mudaram seu foco para Nero e eu. Eu nunca

pensei que os aprendizes fossem fugir e me deixar para trás para enfrentar essa bagunça. Mas, eles não sabiam que eu estava aqui até já estarem no meio do processo.

Eu abri fogo contra os aqrats, mas Nero ativou seu modo de fera insanamente durão. O tamanho do habitante das sombras quadruplicou em um piscar de olhos, seus tentáculos brilhando com uma luz roxa quase ofuscante, enquanto a eletricidade estalava em suas pontas. A potente energia estática deixou meus cabelos em pé, e um arrepio percorreu minha espinha quando ele emitiu um rugido aterrorizante que nem mesmo o vazio conseguiu amortecer.

Relâmpagos roxos saíram das pontas de seus tentáculos, atingindo pelo menos uma dúzia de aqrats. Aqueles que tiveram a infelicidade de serem atingidos no rosto nem perceberam o que os matou. Suas cabeças explodiram como melancias maduras. Outros acabaram com enormes feridas abertas ou membros decepados. Mas mesmo com mais deles se pressionando no pequeno espaço, Nero agarrou eles e os feridos com seus tentáculos, rasgando-os ao meio sem esforço, como se fossem um pedaço de papel. Ele os descartou como lixo enquanto mastigava a cabeça de outro com uma mordida de sua boca insanamente enorme.

Mal se passaram vinte segundos e ainda assim os cadáveres já estavam se acumulando. As coisas estavam acontecendo tão rápido que eu senti como se estivesse me movendo em câmera lenta enquanto atirava nas criaturas. Eu estava virando minha pistola em direção a um punhado de aqrats correndo em direção a um caminho próximo aberto para o mundo exterior quando Cedros irrompeu de uma das paredes sombrias do vazio, já em sua forma de batalha.

No tempo que eu levei para disparar mais dois tiros, Cedros já havia avaliado a situação. Ele fechou o portal com um aceno de mão enquanto esmagava duas criaturas que tentavam sair para o mundo real com sua cauda. A batalha terminou em um piscar de olhos, com Nero agarrando o último aqrat, segurando-o indefeso em seus tentáculos e depois comendo-o vivo em quatro grandes mordidas.

Eu engoli em seco, me sentindo um pouco assustada ao olhar para sua expressão enlouquecida e quase selvagem. A esfera que era sua cabeça e seu corpo cresceu mais do que dois terços do meu corpo. Ele olhou para mim da cabeça aos pés com seus brilhantes olhos roxos, depois para Cedros, antes de se voltar para os cadáveres no chão.

Antes que eu pudesse dizer ou fazer qualquer coisa, Cedros me pegou em seus braços, enquanto voltava à sua forma normal. Atrás dele, Nero pairava sobre as feras caídas, seus tentáculos abertos enquanto gavinhas elétricas saíam de suas pontas para rastejar sobre os restos. Segundos depois, os cadáveres começaram a desmoronar, transformando-se em carcaças de aparência mumificada antes de

desaparecerem na fumaça.

— Minha Kaida, você está ferida? — Cedros perguntou, afastando-se de mim apenas o suficiente para me examinar em busca de qualquer sinal de ferimento.

Eu balancei a cabeça distraidamente, esticando o pescoço para olhar para Nero por cima do ombro — O que ele está fazendo?

— Tem certeza de que não está ferida? Algum deles a arranhou ou injetou a toxina em você? — ele insistiu.

— Não. Eu estou bem. O que Nero está fazendo?

— Kaida, se a toxina...

— Cedros, eu estou bem! — eu exclamei, o interrompendo — Pare de se preocupar. Agora, por favor, me diga o que ele está fazendo.

Apesar do óbvio desejo de insistir, Cedros cedeu e lançou um olhar para Nero — Ele está sugando sua força vital remanescente para reabastecer as reservas de energia que ele gastou.

— Oh — eu disse, olhando para o habitante das sombras com admiração enquanto ele terminava de drenar os últimos cadáveres — Ele salvou minha vida. Eu tomei uma decisão estúpida e ele me salvou.

— O que aconteceu aqui? — Cedros perguntou em um tom severo.

Eu recapitulei rapidamente o que havia testemunhado. Quando eu contei a ele sobre a saída dos aprendizes daqui, ele perdeu o controle.

— Eles a abandonaram?! — ele gritou, demonstrando raiva pela primeira vez desde que eu o conheci.

— Não! Não foi assim. Eles não sabiam que eu estava aqui. Quando os aqrats apareceram, eu chamei você e saí da camuflagem de Nero para ajudá-los a lutar. O homem dourado me viu quando estava desaparecendo. Como esta é uma fenda instável, duvido que eles pudessem ter voltado aqui para me ajudar, mesmo que quisessem.

Embora minhas palavras o acalmassem um pouco, elas definitivamente não apaziguaram sua fúria.

— Ainda assim, eles criaram esta situação perigosa e fugiram — Cedros sibilou, antes de apontar um dedo furioso para o portal aberto para o mundo real pelo qual os aqrats tentaram passar — Este portal leva para outro mundo. Se você não tivesse me chamado e impedido que eles atravessassem, os aqrats estariam vagando por aquela terra e dizimando inocentes!

— O quê?! Mas... eu consigo ver lá fora! Achei que pessoas comuns como eu só poderiam ver o outro lado de um portal se o destino estivesse próximo?

— Isso é verdade com um portal comum. Mas você pode ver do outro lado de um portal mestre, um portal infundido com uma energia tremenda. Você não viu o terraço do meu covil através do primeiro portal que eu enviei para você e Kayog no dia em que você se mudou

para Dramnac para ficar comigo?

Eu balancei a cabeça — Certo. Eu tinha esquecido disso. Mas eles são aprendizes...

— Eles não construíram este portal — Cedros explicou, se virando para olhar para ele — O portal que eles abriram desestabilizou ainda mais a fenda e causou um aumento de energia nesse caminho específico.

— Então foi assim que ocorreram aqueles terríveis acidentes em outros mundos — eu disse pensativamente.

Como se convocadas pelas minhas palavras, duas crianças Ordosianas surgiram do outro lado do portal. As espécies semelhantes a Nagas – consideradas primitivas pelos padrões galácticos, só deveriam ser expostas a outros mundos sob diretrizes estritas. O fato do portal ter sido aberto em uma área onde seus filhos frequentavam indicava que eles estavam invadindo suas terras sagradas. A ideia do massacre que poderia ter acontecido se os aqrats tivessem passado fez meu estômago embrulhar.

As duas crianças viraram a cabeça para a esquerda, sem dúvida tendo sido chamadas por alguém. A menor com escamas pretas apontou o dedo para nós – embora mais provavelmente para o portal. Para minha surpresa, uma mulher humana negra e alta apareceu. Assim que eu vi as escamas douradas adornando seu pescoço e braços, eu soube quem era a mulher. Eu tinha ouvido falar da bagunça na Grande Caçada. Ela pegou o pequeno Ordosiano com escamas pretas. Ele imediatamente envolveu a cauda de cobra que lhe servia de pernas em volta da cintura de sua mãe, enquanto ela empurrava o filho mais velho para trás de forma protetora, seus olhos examinando o portal com uma expressão preocupada.

Cedros imediatamente o dissipou.

— Porra — eu murmurei baixinho — Eu vou precisar avisar a OPU. Os Ordosianos não aceitarão esta intrusão de forma gentil. Mas primeiro precisamos ter outra conversa com o Diretor Aldyr — eu disse com uma voz áspera enquanto olhava para o chão perto da área onde os aprendizes haviam invocado os portais.

— Concordo. Você conseguiria reconhecer os culpados? — Cedros perguntou.

Eu fiz uma careta — Não tenho certeza, para ser sincera. Eu não consegui dar uma boa olhada em seus rostos, pois eles estavam de lado para mim. O que eu vi diretamente estava em sua forma de batalha. E o vazio abafou demais suas vozes para que eu pudesse ouvi-las claramente.

Eu caminhei a curta distância até onde os aprendizes estavam inicialmente e me agachei para pegar alguns dos fragmentos quebrados das pedras que eles usaram. Eu os coloquei em uma sacola

de evidências antes de voltar para Cedros.

— Porém, eu tenho uma boa ideia de como restringi-los. Eu estava brincando com uma teoria que acabou não sendo nada absurda — eu disse — Vamos conversar com o diretor Aldyr sobre seu novo grupo surpreendentemente talentoso, que está aprendendo muito mais rápido do que o normal.



As escamas azul meia-noite do Diretor adquiriram uma tonalidade mais opaca enquanto ele empalidecia, me ouvindo contar o incidente que eu testemunhei. Embora desanimado, a ausência de choque genuíno e a preocupação em seu rosto confirmaram que isso não era novidade para ele.

— Você sabia o que seus alunos estavam fazendo — eu acusei, minha voz desprovida de agressão.

O diretor se levantou de seu banco, circulou em torno de sua mesa e foi até a porta do terraço de seu escritório, olhando para os aprendizes treinando. Eu não o pressionei para responder, sabendo que ele responderia em seu próprio tempo.

— A pobreza é uma coisa difícil, senhorita Daigo — ele finalmente disse em tom de conversa, ainda de costas para nós enquanto continuava olhando para fora — Você é nova em nosso mundo. Embora meu povo possa parecer feliz e bem ajustado a você, nós temos nossos desafios, como a maioria das sociedades organizadas.

Ele se virou para olhar para mim, seus olhos prateados brilhando contra o tom mais escuro de suas escamas.

— Eu conheço muito bem os desafios da pobreza. Eu era órfã em uma colônia de refugiados dominada pelo crime. Se não fosse pelas oportunidades de ter uma vida melhor que a escola e as boas notas me deram, eu também estaria morta ou seria uma criminosa — eu disse severamente.

— Então você entende por que esses aprendizes imprudentes recorreram a medidas desesperadas — Aldyr disse em um tom passional — Este programa é caro e demorado. Para muitos dos nossos alunos, finalmente começar a trabalhar profissionalmente é a salvação que as suas famílias esperam desesperadamente para finalmente conseguirem sobreviver. Não há nada mais devastador do que um aprendiz promissor ser forçado a desistir porque não pode pagar um minerador para lhe dar as pedras de qualidade que necessita para a sua formação.

— Tenho empatia por tudo isso. Mas existem regras de segurança

por uma razão! — eu interrompi — Inocentes morreram porque seus alunos tentaram economizar. E você não disse nada!

— Espere! — ele exclamou veementemente — Nós não sabíamos que nossos alunos eram a causa. Eles não têm o tipo de poder necessário para abrir um portal para outro mundo. Francamente, pelo seu próprio relato dos acontecimentos de hoje, eu duvido que os aprendizes que você viu tenham percebido toda a extensão do que estava acontecendo e como um portal dentro de uma mudança instável poderia causar o aumento de energia necessário para isso. Até você viu o portal e não percebeu que ela levava para outro mundo até que o Senhor das Sombras Cedros lhe contou.

— Isso pode ser verdade, mas o que eles fizeram ainda foi irresponsável. Claro, a fenda acabaria desabando, mas se aquela janela fosse para o nosso mundo, meus irmãos e eu teríamos ficado presos limpando aquela bagunça. Eu não ficaria surpreso se seus alunos fossem a causa do número anormalmente alto de aqrats itinerantes com os quais tivemos que lidar no setor Vessant. E você permitiu isso — Cedros rebateu.

— Como todos os outros diretores antes de mim — Aldyr retrucou — Eu poderia mentir para você, fingir que não sabia e deixar os aprendizes assumirem a responsabilidade. Foi isso que os meus antecessores fizeram quando alunos foram expulsos do programa por terem sido apanhados usando pedras de qualidade inferior. Observe que eu disse *inferiores*, não *inadequadas*. Mas eu me recuso a continuar me escondendo da verdade. Nunca foi segredo nos círculos internos que os aprendizes de Escriba frequentemente treinam com pedras não regulamentadas. Até o Conselho sabe.

— O quê?! — Cedros exclamou — O Conselho está ciente dessas práticas?

— Claro que estão. Alguns de seus próprios descendentes fizeram isso — Aldyr disse com uma expressão de desgosto. Ele passou a mão pelos chifres antes de voltar a se sentar atrás de sua mesa na nossa frente — É tudo um jogo político e econômico estúpido em que os aprendizes, especialmente os plebeus, são apanhados. Nós pedimos repetidamente o direito de normalizar o uso de pedras defeituosas para treino. Nós já supervisionamos sua convocação. Se eles tivessem feito o que você testemunhou anteriormente aqui no Conclave, um dos Mestres dos Portais mentores teria dissipado rapidamente o portal. Ninguém teria sido ferido, especialmente estrangeiros.

— Então por que diabos você não faz isso? — eu perguntei, confusa.

— O Conselho se recusa a legalizar isso — Aldyr vociferou.

— Mas por quê? — eu insisti, perplexa — Faz sentido não desperdiçar material premium para fins de treinamento, se houver

uma alternativa mais barata, porém segura.

— Economia — Cedros respondeu com desprezo — Isso aumentaria significativamente o valor das pedras defeituosas, ao mesmo tempo que diminuiria a escassez de pedras de obsidiana sombria adequadas. Enquanto as pessoas tiverem de fazer malabarismos entre usá-las para transporte ou gastá-las para a formação dos seus filhos, os preços permanecerão elevados. Mas se cada família não tivesse mais de desperdiçar o seu estoque de pedras boas para a educação, elas começariam a acumulá-las e os seus preços cairiam vertiginosamente.

— E essa é apenas uma das preocupações deles, uma preocupação absurda — Aldyr continuou — Claro, o preço das pedras de obsidiana sombria cairia, mas isso significa simplesmente que a demanda aumentaria à medida que mais pessoas pudessem comprá-las e usá-las, em vez de serem forçadas a perambular pelo portal negro para economizar créditos. Mas a verdadeira razão é que eles querem desacelerar a capacidade das pessoas de elevarem seus platôs.

— O que? — eu perguntei, me perguntando o que isso tinha a ver.

— Pedras defeituosas são geralmente transformadas em pó de obsidiana sombria, que é usado para elevar o planalto onde seu covil foi construído — Cedros explicou — Por apresentarem defeitos, geralmente gera-se uma grande quantidade de resíduos. Mas não com uma pedra adequada. Um mestre de pedra habilidoso moerá perfeitamente cada parte de uma boa pedra. Se elas se tornarem mais acessíveis e mais facilmente disponíveis, os plebeus serão capazes de adquirir grandes quantidades de poeira rapidamente e elevar seu status mais rapidamente.

A raiva tomou conta de mim, sem dúvida refletindo em meu rosto — E como você precisa de menos poeira para subir em níveis mais baixos, os nobres querem evitar que a plebe os alcance. Então eles criam escassez desnecessária e preços altos.

— Sim — Aldyr disse com um suspiro cansado.

— Seja como for, o que seus alunos fizeram foi errado e causou mortes. Isso precisa ser relatado. É preciso que haja consequências e, mais importante, isso precisa parar — eu disse com voz severa.

Essa era a parte do meu trabalho que eu odiava. Não havia dúvida em minha mente de que os aprendizes não tinham intenção de fazer mal. Eu também acreditava que, se soubessem, eles teriam parado ou tomado maiores medidas de segurança. Eles lutavam por um futuro e condições de vida melhores para suas famílias. Se fossem expulsos agora ou enfrentassem consequências criminais, isso apenas perpetuaria o círculo de pobreza e dificuldades para eles e para os seus entes queridos. No entanto, por causa de suas ações, pessoas morreram. Isso não poderia simplesmente ser varrido para debaixo do

tapete.

— Eu concordo — o Diretor Aldyr disse, me surpreendendo, pois eu esperava uma grande resistência dele — Eu espero plenamente que você ou os Senhores das Sombras escrevam um relatório ao Conselho. Eu vou fazer o mesmo. Só para vocês saberem, eu lutarei para evitar que esses aprendizes sejam expulsos. Embora suas ações possam ter sido o gatilho, essas mortes foram acidentes, acidentes que eles nem sabiam que haviam causado. E eu lutarei para que o treino seguro com pedras defeituosas seja a nova norma, mesmo que isso me custe a minha posição. Por enquanto, eu terei uma conversa séria com todos os aprendizes de Escriba.



Capítulo 18

Cedros

No mês que se seguiu a essa importante descoberta, os nossos relatórios coletivos ao Conselho criaram uma grande agitação, agravada ainda mais pelo descontentamento da OPU. Descobriu-se que um número muito maior de aprendizes – e Mestres Escribas – usava pedras defeituosas para invocar portais. Os primeiros o faziam para agilizar o treinamento a um custo mais acessível, e os segundos para economizar no consumo de pedras para necessidades pessoais.

Embora Kaida – com a confirmação de Nero – tenha identificado os três aprendizes que encontrou no vazio, nenhuma acusação criminal foi feita contra eles. A principal razão para isso? Muitas outras pessoas também foram identificadas ou confessaram que também faziam isso regularmente. Metade do atual grupo de aprendizes de Escribas e Mestres Escribas teria sido encarcerado ou banido da profissão. O fato de vários deles serem nobres ou seus descendentes esfriou enormemente a ânsia de qualquer um de processá-los.

Eu tinha sentimentos confusos sobre isso. Assim como a minha Kaida, eu achava que era injusto que não fosse encontrada justiça para as vítimas. Por outro lado, além do fato dos Escribas parecerem estar genuinamente inconscientes das consequências, seria impossível identificar quem foi responsável por cada incidente.

No entanto, com tudo isto se tornando público, a população em geral exigiu uma revisão profunda das políticas das obsidianas sombrias. A legalização do uso de pedras defeituosas – que os nobres e o Conselho temiam e tentavam tanto impedir – provavelmente aconteceria. As inúmeras medidas de segurança apresentadas pelos seus proponentes eram sólidas. Mas o mais importante é que isso ajudaria muito na pacificação da OPU.

Nós não dependíamos ou estávamos em dívida com eles de forma alguma. Afinal, a menos que eles dominassem um método de criação de portais próprios, eles não teriam como chegar a Dramnac sem a nossa ajuda. No entanto, desde que eu encontrei Kaida, meus outros irmãos Senhores das Sombras que ainda não haviam encontrado suas Ejayas estavam buscando interações mais próximas com pessoas de

outros mundos, e especialmente com humanos. Kayog sugeriu uma potencial colaboração especial entre a Agência Prime e os Senhores das Sombras. Mas isso só seria possível se Dramnac estivesse em boa posição política junto à OPU. Nem preciso dizer que os meus irmãos e eu estávamos exercendo uma pressão considerável sobre o Conselho.

Infelizmente, todo esse drama não deixou minha Kaida mais perto de descobrir quem eram os mercenários. Ela comparou isso a procurar um grão de sal em uma tigela de açúcar – uma tarefa absurda. Seus superiores pareciam concordar. Quando eles arquivaram essa missão, minha mulher considerou isso um fracasso pessoal. Apesar de eu e seu empregador termos dito que não era esse o caso, ela continuou pensando que poderia ter feito mais.

Mas ela tinha...

Além de novos incidentes terem sido quase totalmente interrompidos e o número de casos de aqrats itinerantes ter diminuído pela metade, a investigação de Kaida forneceu novas pistas. Ela havia enviado aos Executores os fragmentos restantes das pedras defeituosas que os aprendizes usaram na Fenda. A análise realizada pelos seus cientistas não só indicou que eles ainda continham energia residual, mas que também poderia ser reproduzidos artificialmente... até certo ponto.

Eles teorizaram que os mercenários recuperaram alguns fragmentos em um portal acidental e tentaram recriá-los. Conversas adicionais com o pessoal do Laboratório da Veladeem Research apoiaram ainda mais essa teoria, já que as pedras criadas artificialmente pelos Executores se assemelhavam significativamente àquelas que o mercenário havia vendido.

Uma equipe especializada foi designada para identificar todas as empresas e organizações com capacidade e interesse em tentar reproduzir tais pedras. Este era um empreendimento grande demais apenas para minha Kaida. Por mais que ela se irritasse por ter essa investigação repassada a outra pessoa, ela se consolou com o fato de que eles ainda a manteriam informada sobre qualquer progresso que fizessem.

Nesse meio tempo, minha Ejaya retomou seu trabalho regular como Executora. No início, o fato dela voltar para seu mundo me aterrorizou. E se isso a lembrasse de como a vida e os costumes eram diferentes fora daqui? E se isso a deixasse com saudades de casa o suficiente para afastá-la daqui? E se ela conhecesse outro homem?

Eu havia fornecido a ela dois estoques de pedras de obsidiana sombria. Um abria um portal diretamente no QG dos Executores, a anos-luz daqui, e o outro a trazia de volta para cá, no terraço do nosso covil. Embora isso visasse dar a ela uma sensação de liberdade de movimento, eu fazia questão de invocar seus portais de ida e volta

para o trabalho. Muitas vezes eu entrava no portal com ela e fazia uma demonstração de beijo de despedida, para que nenhum de seus colegas de trabalho tivesse dúvidas de que ela era minha. Era mesquinho e em grande parte infundado, pois sua paixão e afeição por mim pareciam se aprofundar a cada dia. No entanto, até que ela se compromettesse conosco e se unisse a mim como minha companheira, eu continuaria me sentindo inseguro.

Eu estava lendo um pouco mais sobre humanos, especialmente sobre namoro. Para minha consternação, eu descobri que o primeiro livro em que estava me concentrando, *O Cuidado e Alimentação de Humanos*, era na verdade um antigo guia Delveniano de “cuidados com animais de estimação”. As espécies avançadas acreditavam que os humanos eram criaturas primitivas que eram animais domésticos bons, limpos, fáceis de treinar e de baixa manutenção. Por que, pelos Deuses, eles ainda teriam aquele livro em circulação e traduzido em vários idiomas? Aparentemente, porque eles o usavam como um manual educacional e um conto de advertência para estudantes de xenopolítica e qualquer pessoa cuja profissão envolvesse o primeiro contato com espécies primitivas.

Este novo livro, *O Cavalheiro Romântico: Um Guia de Namoro Humano*, foi considerado um best-seller na Terra e em muitas colônias humanas. Alguns de seus rituais pareciam desnecessariamente confusos e inúteis, como trilhas de pétalas de flores. Outros pareciam pouco práticos, como os jantares à luz de velas. Apenas três dias antes, eu devorei um shajen completo em minha forma de batalha. A criatura herbívora era algo comparável a um búfalo. Eu não sentiria fome por algumas semanas. Por mais que Kaida adorasse que eu pudesse levá-la às compras em qualquer lugar da galáxia em um piscar de olhos, ela não era tão materialista. E o fato de eu não querer que ela usasse roupas anulava o objetivo principal das compras.

Nós regularmente nos aninhávamos quando assistíamos a “filmes” românticos ou admirávamos o deslumbrante pôr do sol de Dramnac. Nós não fazíamos passeios românticos, mas fazíamos muitos voos juntos, principalmente comigo a carregando. Embora eu apreciasse a mochila a jato de alta tecnologia que Kayog tinha dado à minha companheira, eu preferia segurá-la em meus braços. Eu já tinha encontrado um “animal de estimação” para ela e regularmente levava guloseimas de outros mundos, incluindo morangos mergulhados em chocolate. Na verdade, qualquer coisa de chocolate me rendia pontos importantes com minha companheira. Essa foi uma das melhores sugestões do livro.

O banho de espuma parecia bom, mas nós não tínhamos uma banheira. Eu estava mais do que disposto a construir uma em nosso covil, mas eu pretendia experimentar uma alternativa esta noite para

ver como minha Kaida reagiria a isso. A massagem também parecia um bom plano. Além do efeito relaxante, isso faria minha mulher se sentir bem, além de me dar uma desculpa para tocá-la. No entanto, para isso também, eu quis dar um toque especial que tornasse uma experiência única.

Eu verifiquei os martelos de massagem uma última vez. E pensar que eu cheguei tão perto de fazer uma grande bagunça quando fui adquiri-los. Em vez disso, eu quase comprei um par de clavas usadas pelas ginastas rítmicas humanas. Estes eram aquecidos e mais confortáveis para proporcionar as melhores massagens nos pés e nas pernas. Quando Kaida e eu assistimos ao remake de um filme humano extremamente antigo - e um tanto triste - chamado *Lanternas Vermelhas*, ela se perguntou repetidamente como seria a massagem nos pés que a concubina favorita recebeu. Ela descobriria esta noite!

Falando nisso, Kaida sairia do trabalho a qualquer momento. Eu tinha dado a ela uma pedra especial marcada, dizendo-lhe para se juntar a mim quando terminasse, pois caso contrário eu poderia me atrasar para buscá-la. Ela não me questionou. Afinal, nós íamos regularmente aos Cairns de Alja nas noites de sexta-feira, seja para assistir a uma partida de Vayarka, fazer uma atividade na feira ou apenas sair com minha família ou algum outro casal Senhor das Sombras-Ejaya no pomar no planalto. Um de nós chegando cedo nos permitiria garantir um bom lugar para assistir ao jogo ou fazer um piquenique.

Mas eu tinha um plano muito diferente em mente.

Eu verifiquei pela última vez se não havia esquecido nada, inclusive utensílios. Me sentindo animado e nervoso, eu fui até a Caverna dos Espíritos para preparar tudo. A formação natural – embora levemente auxiliada por arquitetos – contava com diversos pequenos aposentos que proporcionavam total privacidade aos casais. Eles precisavam ser reservados com antecedência, o preço era muito razoável e acessível uma vez por ano. No entanto, qualquer visita adicional no mesmo ano tornava-se extremamente cara para desencorajar aqueles que simplesmente a usassem como uma escapadela romântica regular.

Momentos depois de terminar de arrumar a mesa, meu comunicador tocou. Uma rápida olhada na interface da minha braçadeira exibiu uma mensagem de Kaida, informando que ela estava a caminho. Considerando a grande distância percorrida, a mensagem foi enviada há pelo menos alguns minutos, o que significava que ela estaria aqui a qualquer momento.

Com os corações batendo forte, eu abracei a lateral da caverna, me escondendo na escuridão para que ela não me visse quando chegasse. Minha visão noturna perfeita me permitia enxergar sem luz. A pedra

levaria minha Kaida bem na entrada desta caverna específica, banhada pela luz do dia de Oddran.

Como se convocado por esse pensamento, um portal se abriu com um som trovejante e abafado. Pela janela, eu observei minha linda mulher se despedir de seus colegas antes de entrar. Como todos os não-Senhores das Sombras, ela não conseguia ver o outro lado do portal como eu. Então, quando ela emergiu deste lado, Kaida enrijeceu ao se encontrar neste local inesperado, em vez dos Kairns de Alja.

Com os lábios entreabertos em confusão, ela tentou espiar dentro da escuridão antes de lançar um olhar incerto por cima do ombro para o portal. Minha pobre mulher sem dúvida se perguntou se eu acidentalmente lhe dei a pedra errada. Não querendo arriscar que ela saltasse de volta para o vórtice, eu o desfiz com um movimento da minha mão.

Kaida virou a cabeça em minha direção quando minha garganta e meu peito brilharam enquanto eu enchia minha câmara de aquecimento com hidrogênio. Eu respirei um fluxo suave de chamas sombrias no teto, começando a meio metro na frente dela. Instantaneamente, os microorganismos – parecidos com cogumelos que o revestiam – acenderam-se em uma onda. Era como se um tapete de pérolas brilhantes se desenrolasse no alto, iluminando o espaço.

Minha mulher suspirou, seus olhos se arregalando de admiração. Eu estendi a mão para ela. Com os olhos ainda se movendo de um lado para o outro, ela se aproximou com passos lentos, pegando minha mão distraidamente enquanto absorvia a aura sonhadora que as luzes brilhantes haviam dado ao espaço.

— Bem-vinda à Caverna dos Espíritos, meu amor — eu disse com uma voz suave, a atraindo para mim.

— Esta é a Caverna dos Espíritos? — ela exclamou, finalmente focando sua expressão atordoada em mim.

Eu enrijei, surpreso por ela saber disso — S-sim. Você já ouviu falar dela?

Ela me lançou um olhar estranho, que se transformou em uma expressão zombeteira — Você não é o único lendo sobre a outra espécie estranha do nosso casal.

Eu bufei — Derakeens não são estranhos. Os humanos são.

— É o que você diz — Kaida respondeu provocativamente, antes de beijar meus lábios — Eu vejo agora por que seu povo vem aqui para trocar votos de casamento — ela continuou melancolicamente — É de tirar o fôlego.

Eu engoli em seco, a tensão crescendo em minhas costas por ela saber o propósito principal deste lugar. Claro, os casais muitas vezes vinham aqui apenas pela experiência mágica de passar bons momentos juntos. Mas a maioria vinha aqui para selar o noivado ou

trocar votos formalmente. Eu pretendia fazer isso durante a noite para ver como ela reagiria a essa possibilidade. Afinal, não havíamos discutido sobre ela se tornar minha companheira há meses, desde aquela primeira vez.

Para meu alívio, Kaida não parecia perturbada por eu tê-la trazido aqui, mas sim bastante ansiosa para descobrir o que eu havia planejado para nós. Eu agradeci de bom grado. Guiando-a pela mão, eu soprei mais chamas sombrias, iluminando o resto do espaço.

— Oh meu Deus! Isso é impressionante! — minha mulher exclamou quando o resto do amplo corredor em que estávamos andando se iluminou.

O corredor se abria para um espaço íntimo de quatro metros quadrados com vista para um rio roxo claro. O mesmo brilho sonhador banhava a sala com uma luz perfeita. No centro, uma mesa de pedra repleta de comida nos esperava.

— Sente-se, minha Kaida — eu disse, puxando o banco de pedra para ela, a almofada macia em cima o deixando confortável.

Ela se acomodou, seu lindo rosto dividido em um largo sorriso. Eu liguei uma música humana suave e romântica em um dispositivo portátil. Minha mulher não conseguia decidir se queria se deleitar com as diversas iguarias ou com o espetáculo do rio borbulhante. O fato de eu colocar pequenas porções de tudo em seu prato a forçou a prestar atenção na refeição que eu havia preparado para ela.

— Como você conseguiu tudo isso? — ela perguntou, uma expressão gananciosa tomando conta de suas feições — E como você sabia que esses são todos os meus favoritos? Quero dizer, como você sabe o que são?

Eu estufei o peito, me sentindo presunçoso — Simples, minha Kaida. Eu ouço quando você fala. Eu memorizo e anoto quando você não olha, depois pesquiso. Sua colega, Maeve, ajudou bastante.

— Maeve?! Quando? Como? — Kaida exclamou, atordoadas.

— Eu identifiquei as espécies e os planetas que preparavam os pratos que você gostava, mas não sabia a localização deles. Ela não só me forneceu os nomes dos melhores restaurantes para cada refeição, como também as coordenadas específicas para que eu pudesse acessá-las diretamente.

Os olhos de Kaida se arregalaram tanto que pareciam prestes a saltar de sua cabeça — Minhas nossas! Quer dizer que você realmente foi a cada planeta para conseguir isso?!

Eu dei a ela um olhar levemente ofendido — É claro! Você achou que eu me contentaria com algo além do melhor para a minha Ejaya?

— Você é louco! — ela sussurrou, admiração e descrença gravadas em seu rosto.

Eu sorri — Por você, sim.

Ela piscou os cílios e baixou o olhar com um sorriso suave e um pouco envergonhado enquanto suas bochechas esquentavam. Sempre aquecia meu peito ver aquele tipo de timidez dela, especialmente considerando o quão selvagens ela e eu ficávamos à noite.

— Você é realmente doce demais para o seu próprio bem — ela disse, cortando uma das carnes estranhas à sua frente.

Eu já havia experimentado alguns pratos cozidos de Kaida no passado. Eu nunca me acostumaria com o que eu considerava o sabor carbonizado da carne, os temperos estranhos e o preparo. Apenas me dê minha carne crua e ensanguentada.

Observar minha mulher comer coisas que ela amava sempre me deixava louco. As caretas que ela fazia, seus gemidos de alegria ou apenas a maneira como ela lambia o garfo para sentir o último gostinho eram simplesmente hilários. Eu nunca me cansaria de cuidar dela. Se os Deuses quiserem, um dia eu também estarei sustentando nossos filhos.

Nós conversamos amigavelmente enquanto ela comia e eu bebia bebidas fermentadas. Eu não pude evitar outra risada quando Kaida finalmente desistiu. Cheia demais para comer outra mordida, ela lançou um olhar miserável para a abundância de comida que restava.

— Não fique triste, minha Kaida. Podemos levar o resto para casa para você comer mais tarde — eu disse, divertido. Eu me levantei e comecei a guardar tudo de volta nos recipientes com temperatura controlada — Não! Você não precisa ajudar com isso. Sua única tarefa agora é se livrar dessas roupas incômodas.

A surpresa deu lugar à compreensão quando ela olhou para o rio.

Eu balancei minha cabeça com um sorriso — Não. Nós ainda não vamos entrar na Água Dançante. Primeiro, vamos visitar a Câmara dos Suspiros.

— A Câmara dos Suspiros? — ela perguntou com curiosidade, enquanto descartava suas roupas.

Eu sorri — Você descobrirá em breve.

Ela olhou para mim, sabendo que eu estava brincando com ela deliberadamente. Depois que ela terminou de dobrar as roupas em cima da mesa, Kaida me deixou carregá-la até a beira do planalto. Seu olhar passou entre os martelos redondos e o frasco que eu segurava em minhas mãos e a água borbulhante abaixo do planalto.

— O que você vai fazer com isso? — ela perguntou cautelosamente.

Meu sorriso se alargou — Você vai ver.

— Você é insuportável — ela choramingou.

— E você é muito impaciente. Aproveite o momento, minha Kaida.

Ela me deu outro olhar sinistro — Você sabe que eu sou curiosa. E... Ah! Eu não tinha notado isso! — ela exclamou, notando

finalmente a escada no final da parede esquerda da caverna, logo antes da queda de dois metros até a água.

— Mal posso esperar para ver o que você acha — eu disse, descendo as escadas.

A parede em frente ao patamar me forçou a virar à esquerda, revelando uma grande sala natural sob a área onde estávamos sentados.

— Que diabos é isso? — Kaida perguntou em um sussurro admirado.

— A Câmara dos Suspiros — eu disse com orgulho enquanto olhava para a sala — O solo é na verdade uma membrana orgânica que cresce naturalmente neste ambiente. Ela requer condições muito específicas para prosperar. Abaixo dela, há rochas vrojianas, uma espécie de mistura híbrida de rochas vulcânicas e obsidiana sombria. O calor das rochas ilumina a membrana e o vapor preso abaixo dela faz com que ela ondule assim. E esse som suave de assobio que você ouve são os suspiros de parte do vapor escapando pelas bordas.

— Ok, isso é muito legal! Isso não foi mencionado nas coisas que li sobre a Caverna dos Espíritos.

Eu dei a ela um sorriso indulgente — Isso porque nem toda Caverna dos Espíritos possui uma Câmara. Como você está prestes a descobrir, a membrana não é a única que suspira aqui.

Os olhos de Kaida se arregalaram e depois arderam. Ela lançou um olhar avaliador para a sala, claramente tentando imaginar que tipo de coisas perversas eu tinha em mente. Eu sorri e a coloquei no chão. Seus lábios se separaram em resposta à sensação quente da membrana ondulante abaixo de nós.

— Hmmm, isso é bom — ela sussurrou, olhando para o chão em movimento.

— E está prestes a ficar melhor — eu respondi em um tom igualmente abafado, minha voz cheia de promessas.

Eu coloquei os martelos no chão, coloquei um pouco do óleo de massagem nas palmas das mãos e comecei a aplicá-lo nela. Kaida abriu a boca, provavelmente para perguntar o que eu estava fazendo, mas eu a silencieei com um beijo. Ela se derreteu, permitindo que eu fizesse o que queria. Pelos Deuses! Sua pele sem escamas já era naturalmente macia, mas com o óleo tornou-se como a seda mais fina.

Quando o primeiro gemido saiu de sua garganta enquanto eu acariciava seus seios, eu não pude evitar uma risada. Eu nunca me cansaria de quão receptiva minha mulher permanecia ao meu toque depois de todos esses meses, e apesar de quão insaciável eu permanecia.

Rompendo o beijo com muita relutância, eu virei Kaida, meus lábios traçando um caminho pelas costas dela segundos antes de

minhas mãos aplicarem óleo nela. O objetivo não era deixar sua pele mais lisa para uma massagem, mas sim aumentar os benefícios e efeitos da membrana sobre ela.

Como era meu costume, eu a mordisquei por trás. Eu nunca me cansaria daqueles montes sedutoramente macios, assim como seus seios. Quando eu cheguei aos tornozelos dela, finalmente eu forcei Kaida a se deitar. Sua reação às ondas quentes e ondulantes em suas costas nuas foi imediata. Um gemido gutural escapou dela. Com os lábios entreabertos, ela fechou os olhos com uma expressão feliz.

Eu não conseguia decidir se o orgulho ou a luxúria queimavam mais em minhas entranhas por meu plano estar dando tanto prazer à minha companheira. Fazendo sua magia - ainda mais aprimorada pelo óleo - a membrana rapidamente deixou minha Ejaya completamente lânguida, o calor e a massagem ondulante penetrando profundamente dentro dela. Simultaneamente, eu voltei a aplicar óleo na frente dela. Desta vez, foi tanto para que o calor fumegante da sala reagisse com ele, dando a Kaida uma maior sensação de bem-estar, quanto como uma desculpa para acariciar seu corpo delicioso.

No meu caminho até suas pernas, eu precisei de toda a minha força de vontade para não enterrar meu rosto entre suas coxas e festejar. Seu sabor, seu cheiro, a sensação dela em minha língua agiam como os mais potentes afrodisíacos em mim. Eles eram minha nova droga. Mas o acasalamento precisaria esperar.

Me ajoelhando aos pés dela, eu me sentei de cócoras e coloquei os pés dela sobre os meus joelhos. Depois de fazer uma massagem adequada com as mãos, eu peguei o martelo e comecei a bater suavemente nos pontos sensíveis da planta dos pés, de acordo com os meridianos - ou pontos de pressão chineses. Minha companheira se derreteu completamente sob meus cuidados.

Quando eu finalmente a peguei nos braços e a sentei no colo, ela parecia completamente grogue.

— Eu morri e fui para o céu. Estou voando com os anjos agora — Kaida disse com a voz arrastada.

Eu ri e beijei seus lábios — Bem, você precisa voltar para Dramnac, meu amor. Eu tenho mais planos para você... para nós.

Ainda parecendo lânguida demais para se segurar em meus braços, ela me lançou um olhar de “você está louco?” — Se você está planejando me jogar naquela água fervente, supondo que eu não fique totalmente cozida, com certeza eu vou me afogar.

Eu comecei a rir — Eu não vou deixar você se afogar e a água não está fervendo. Está apenas borbulhando. Este lugar é um vulcão semi-adormecido. É por isso que esta Câmara e a água estão quentes. As rochas vrojianas das quais esta caverna é feita são uma forma primitiva de obsidiana sombria. Elas têm picos de energia ocasionais.

Ao redor da bacia há pequenos túneis por onde corre a água. Os picos de energia criam sucção em alguns desses túneis e pressão em outros, o que faz com que a água borbulhe.

Uma expressão estranha passou por suas feições. Aparentemente toda a sonolência desapareceu, Kaida me lançou um olhar intenso antes de fazer sua próxima pergunta.

— É essa pressão que faz os Espíritos dançarem?

Eu hesitei — Quanto você sabe sobre as Águas Dançantes?

Ela deu de ombros e me lançou um olhar de desculpas — Não tanto quanto eu gostaria. Eu só li que os Derakeens vêm aqui para trocar votos de casamento e pedir aos Espíritos que abençoem sua união. Se eles dançarem sobre as águas, então a sua união será um sucesso.

— Isso está correto — eu disse cautelosamente — Mas os Espíritos são, na verdade, apenas uma mistura de vapor e água que sobe em colunas em espiral devido a picos de energia. Se você soprar chamas sombrias no rio, os “Espíritos” surgirão. Sempre há pelo menos um punhado que aparece. No entanto, esse número varia de uma época para outra. Quanto mais eles dançarem para você, mais feliz será o seu vínculo.

— Foi por isso que você me trouxe aqui? Para nos unirmos? — Kaida perguntou com uma voz suave.

Eu enrijeci, minha mente ficou em branco e minha língua se transformou em pedra. Pela primeira vez, eu quase desejei que minha companheira não tivesse ficado tão confortável em me fazer qualquer pergunta que lhe passasse pela cabeça, como eu a encorajava a fazer. Eu estava orando exatamente por esse tipo de oportunidade, e agora que ela me deu isso, eu estava entrando em pânico.

Eu engoli em seco e balancei a cabeça — Não. Eu trouxe você aqui para que você pudesse conhecer o lugar mais romântico e sagrado para os amantes de Dramnac. Eu gostaria que esta noite fosse nossa noite de união? Sim, absolutamente. Eu te amo com tudo o que sou e nunca estarei completo sem você. Eu só posso continuar esperando que, antes que nossos seis meses acabem, você me considere digno de ser o homem com quem deseja passar o resto de sua vida. Se esse dia chegar, você terá apenas uma palavra a dizer, e eu serei seu.

Ela estudou minhas feições com uma expressão ilegível, mas incrivelmente suave — Cuidado, talvez eu faça isso.

Meu coração saltou no meu peito — Fique à vontade para fazer.

Por um segundo insano, eu acreditei que Kaida me pediria para me vincular a ela. Eu mal consegui esconder minha decepção esmagadora quando ela me fez uma pergunta diferente.

— O que exatamente envolve o vínculo Derakeen? Eu não consegui encontrar nada sobre seus casamentos — Kaida disse franzindo a testa.

— Nós não temos casamentos formais como os humanos — eu expliquei, meu polegar acariciando distraidamente seu braço enquanto ela olhava para mim, com a cabeça apoiada em meu ombro — Naturalmente, se algum dia nos tornarmos companheiros, poderíamos organizar um para você, se você desejasse — eu acrescentei rapidamente.

Ela sorriu e balançou a cabeça — Isso se tornou na verdade mais um golpe comercial para fazer com que os recém-casados iniciassem suas novas vidas falidos ou com uma dívida excessiva. É verdade que casamentos chiques são realmente lindos, mas ainda assim são um enorme desperdício de créditos. Existem maneiras mais simples de imortalizar esse momento.

Eu balancei a cabeça — Concordo. Para nós, o vínculo é simplesmente entre os dois parceiros. Nós trocamos votos que podem ser tão longos ou tão curtos quanto quisermos. Geralmente são muito curtos, apenas uma ou duas frases.

— Sério?! — Kaida disse, atordoada.

Eu ri — Sim. Não há necessidade de uma prosa longa e floreada que pode acabar não passando de palavras ao vento e barulho pomposo. A verdadeira promessa está em suas ações e palavras cotidianas. Eu não vou te prometer a lua, minha Kaida. Eu vou dá-la a você. E se estiver além dos meus meios ou habilidades, então eu não terei quebrado uma promessa e pelo menos terei te levado às estrelas. Você nunca questionará meu amor por você, porque eu vou lembrá-la todas as manhãs, de tarde e de noite, seja em palavras ou em ações. Você nunca terá que temer nada, porque se algum mal surgir em seu caminho, eu o expulsarei. Se você cair, eu sempre vou te pegar. E se eu não puder fazer isso sozinho, eu sempre garantirei que outra pessoa possa.

— Como meu pirralho favorito, Nero — ela disse com um sorriso afetuoso.

Eu bufei — Sim, como aquele pirralho do Nero.

Para minha surpresa, ela segurou minha bochecha, seu polegar acariciando suavemente meus lábios — Esses votos duraram muito mais do que uma ou duas frases — Kaida disse em tom de brincadeira.

Eu enrijei e meu queixo caiu enquanto eu repassava minhas palavras em minha mente. Eu não pretendia fazer meus votos, apenas explicar a ela como palavras sofisticadas e discursos longos eram desnecessários. Minhas palavras visavam simplesmente dar uma visão geral do que eu vinha fazendo - ou pelo menos tentava fazer - desde a chegada dela a Dramnac. E ainda assim, elas definitivamente se qualificavam como votos.

Ela sorriu diante da minha expressão chocada e esfregou o nariz no meu rosto — Eu aceito seus votos e os falo de volta para você. Embora

eu não possa protegê-lo da maneira que você pode me proteger, eu sempre me esforcei para tornar sua vida melhor e lhe trazer alegria de todas as maneiras que puder. Eu não preciso esperar os seis meses para saber que já encontrei o homem mais digno com quem quero passar o resto da minha vida. Eu te amo, Cedros. Eu estou apaixonada por você.

A emoção poderosa que surgiu em mim quase me sufocou — Minha Kaida? — eu sussurrei com uma voz trêmula — Você está dizendo...?

Ela assentiu, seus olhos brilhando com lágrimas reprimidas de felicidade — Eu quero ser sua companheira, a mãe de seus filhos, e passar o resto da minha vida com você. Ninguém nunca me fez sentir mais vista, mais amada, mais valorizada e mais respeitada do que você. Você me apoiou em tudo, até na minha carreira. Você me encorajou e me ajudou a me tornar uma pessoa melhor e me libertou das barreiras artificiais às quais eu estava confinada. E você me fez mais feliz do que jamais pensei que alguém pudesse ser. Crie um vínculo comigo, Cedros.

Uma alegria insuportável quase fez meus corações explodirem. Eu reivindiquei seus lábios em um beijo voraz, ao qual ela respondeu na mesma moeda. Antes que o último resquício de lucidez me escapasse, eu interrompi o beijo, meu olhar fixo no de Kaida. Ela olhou para mim interrogativamente.

— Uma última coisa, para completar o vínculo, eu preciso te morder — eu disse, mostrando a ela minhas presas.

— Me morder?!

Eu balancei a cabeça — Eu vou lhe passar alguns dos meus hormônios nezarona. Isso criará um vínculo fisiológico entre nós. Isso é seguro e irá melhorá-la.

— Tudo bem — Kaida disse.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela reclamou a minha. Eu não tinha explicado completamente as mudanças que isso iria desencadear, mas isso poderia esperar. Cedendo ao desejo abrasador que ardia profundamente dentro de mim desde o momento em que Kaida tirou a roupa e, especialmente, quando começamos a massagem, eu esmaguei seus lábios com um beijo apaixonado.

Enquanto devorava sua boca, eu a coloquei de volta na membrana ondulante da caverna. Minhas mãos percorreram todo o corpo de Kaida, acariciando-a e apalpando seus seios que se tornaram uma obsessão para mim. Eu rompi o beijo, meus lábios traçando cada linha e curva de seu lindo rosto, depois descendo até sua orelha. Eu esfreguei meu nariz contra ela antes de beliscar suavemente o lóbulo da orelha.

Eu inalei seu perfume inebriante, sempre mais potente logo atrás

da orelha, entre os seios e no ápice das coxas. Inevitavelmente, o sangue correu para minha virilha. Meu comprimento doía para ser expelido, mas eu ignorei, apesar do desconforto de seu confinamento. Eu não queria me juntar a ela imediatamente. Eu a faria voar algumas vezes antes de levá-la às Águas Dançantes para a bênção dos Espíritos.

Minha boca provou e explorou cada centímetro de sua pele macia e sedosa, que absorveu a maior parte do óleo. Sendo comestível e sem sabor, o óleo não mascarou ou alterou de forma alguma o sabor deliciosamente doce e salgado da minha mulher. Quando meus lábios se prenderam em um de seus mamilos que endureciam rapidamente, minha cauda acariciou suavemente um caminho até suas pernas.

Kaida estremeceu e respirou fundo quando a ponta da minha cauda começou a esfregar em seu sexo. Eu a cobri com a suavidade de sua excitação enquanto lambia a pequena protuberância de seu seio e a auréola ao redor. Minha companheira gemeu, suas pernas se abrindo mais para me dar melhor acesso, e suas costas arqueando enquanto ela pressionava o peito no meu rosto.

Sem parar de homenagear seus seios, eu deixei minha mão direita deslizar sobre sua barriga lisa. Isso fez cócegas em seu umbigo antes de prosseguir sua jornada para baixo. Ao mesmo tempo em que meus dedos alcançaram o pequeno e sensível feixe de nervos de Kaida, a ponta da minha cauda sondou sua fenda. Um gemido estrangulado escapou dela quando minha cauda afundou mais para dentro dela, e meus dedos massagearam seu clitóris. Eu recuperei sua boca, amando o sabor do meu nome em seus lábios entre gemidos arrebatadores.

Logo, minha cauda e meus dedos fizeram minha mulher se contorcer. Eu engoli seu grito de êxtase, minha língua se misturando com a dela por mais um tempo antes de encerrar o beijo. Com uma mão segurando sua nuca, eu levantei minha cabeça apenas o suficiente para olhar para seu lindo rosto dissolvido em um ar de pura felicidade enquanto minha cauda continuava entrando e saindo dela.

No minuto em que ela começou a voltar do êxtase, eu voltei a beijar seu corpo, indo para o sul em direção ao meu prêmio. Para minha surpresa, Kaida puxou meus chifres para trás, me forçando primeiro a levantar a cabeça e depois a deitar de costas. Eu quase protestei. Eu queria provar minha companheira, fazê-la desmoronar na minha língua. No entanto, uma única olhada em seu rosto deixou claro que ela conseguiria o que queria. Eu geralmente era dominante em nosso acasalamento, mas não me importava em ceder o controle ocasionalmente.

Ela retribuiu o que eu tinha feito com ela, adorando meu corpo com as mãos e a boca, me fazendo sentir como um deus. Em nossos três meses juntos, minha Kaida descobriu cada um dos meus pontos sensíveis, como e onde me tocar, com que força raspar ou morder

minha pele e escamas para me fazer desmoronar rapidamente. Eu achei que a falta de garras dela teria sido um prejuízo, mas minha mulher usava as unhas como uma rainha. Eu não esperei ela mandar antes de expelir minha haste, gemendo de alívio com a minha liberação.

Embora minha companheira muitas vezes gostasse de provocar, prolongando a espera até que ela me fizesse implorar, desta vez ela não me torturou. Eu não sabia se a divina massagem nas costas da membrana ondulando abaixo de mim havia acalmado minha noção de tempo, mas Kaida pareceu fechar a mão em volta do meu eixo imediatamente. Cada movimento, cada aperto requintado fazia gemidos rosnados saírem de mim. Quando o calor escaldante de sua boca se fechou sobre meu comprimento, eu mal consegui evitar de derramar minha semente.

O fogo corria pelas minhas veias enquanto ela me sugava cada vez mais fundo enquanto agarrava minha pélvis com a mão livre, me deixando louco de luxúria. Eu gritei quando ela começou a raspar os dentes sem afiação sobre as cristas pulsantes do meu eixo. Com a mandíbula cerrada, meus músculos abdominais dolorosamente contraídos enquanto eu lutava contra a vontade de chegar ao clímax, eu puxei Kaida para longe de mim. Suas palavras de protesto morreram em um grito assustado quando eu a empalei em meu eixo.

Com a cabeça jogada para trás, as unhas cravadas em meu peito, minha companheira começou a me montar seriamente. Com as asas abertas, minhas próprias garras cravando na carne rechonchuda de seu traseiro, eu bombeei vigorosamente nela por baixo. Nossos gemidos e grunhidos se misturaram aos suaves suspiros da Câmara e ao barulho do rio borbulhante.

Quando Kaida atingiu o clímax, suas paredes internas me apertando forçaram meu orgasmo a se liberar. Rapidamente eu silencieei meu rugido, meu peito queimando com o excesso de hidrogênio quente. Mas eu precisava guardar todo o meu fogo para os Espíritos.

Mesmo quando minha semente estava disparando em minha companheira em jorros de felicidade, eu me levantei com um poderoso bater de minhas asas. Segurando Kaida firmemente contra mim, meus quadris ainda a empurrando, eu voei para a borda da Câmara. A abertura debaixo da escada nos dava acesso direto ao rio, apenas alguns centímetros abaixo. Virando minha cabeça para o lado, eu exalei minhas chamas sombrias mais potentes nas margens do rio, infundindo sombras na rocha.

Enquanto eu nos colocava na água, o primeiro 'Espírito' surgiu. O rio não era profundo, na metade do meu peito, mas estaria bem na curva dos ombros de Kaida, se eu ainda não a estivesse segurando e

bombeando dentro dela. Eu queria que ela aproveitasse a experiência de spa da água quente e borbulhante do rio, mas estávamos muito ocupados nos perdendo um no outro.

A massagem quente da água turbulenta ao nosso redor, minha mulher enrolada em mim, me acariciando e beijando, sua bainha apertada acariciando meu comprimento em seu torno ganancioso, o hormônio nezarona inundando minha corrente sanguínea, e o prazer excessivo quase me dominaram. À medida que nosso próximo clímax aumentava, minhas presas desceram ainda mais e minha câmara de aquecimento inchou com ainda mais hidrogênio.

Segundos antes do êxtase nos levar novamente, eu disparei minhas chamas sombrias. Ao contrário do fogo verdadeiro, elas não queimavam nem aqueciam a água, apenas infundiam mais poder nela. Enquanto estreitas colunas de água giravam ao nosso redor na superfície – abençoando nossa união – eu enterrei minhas presas no pescoço de Kaida. Ela gritou, seu clímax a atingindo ao mesmo tempo, tanto meu hormônio quanto minha semente disparando nela.

Eu joguei minha cabeça para trás e rugi, minha visão turva sob a força do meu orgasmo. Kaida desabou contra mim, os olhos rolando para trás da cabeça e o corpo tremendo. À medida que minha nezarona a percorria, realçando cada sensação que ela sentia, ela também se afogou em uma sobrecarga sensorial.

Meu nó cresceu dentro dela, prendendo-a ainda mais a mim. Com a última gota de minha semente liberada, eu segurei minha companheira firmemente contra mim, minhas asas nos envolveram enquanto os Espíritos continuavam sua dança alegre.

Nós éramos um.



Epílogo

Kaida

Três semanas após me vincular com Cedros, eu estava vivendo minha melhor vida. Eu estava louca por um homem que me adorava e me tratava como uma rainha. Eu finalmente pertencia a uma família que me queria e me amava. E minha carreira continuou avançando, me proporcionando a sensação de realização pessoal e profissional que eu precisava. Cedros sempre se preocupou um pouco com a possibilidade de algo dar errado durante uma de minhas missões envolvendo combate, mas eu adorava o quanto ele confiava em mim como competente o suficiente para fazer o trabalho.

Nada me agradava mais do que pegar bandidos. E esses piratas em particular foram uma pedra no sapato por muito tempo. Preso entre os raios tratores de nossas três naves Executoras, o cargueiro pirata finalmente interrompeu suas vãs tentativas de fuga. Por outro lado, Maeve invadiu o computador e assumiu o controle da nave, o que ajudou muito a convencê-los sobre a sabedoria da rendição.

Nós embarcamos na nave deles, Tedrick e eu assumindo a liderança, enquanto Oleg e Maeve cobriam nossa retaguarda. O capitão do Nazhral, Zilgo Nethe – uma espécie felina bípede – estava com sua tripulação heterogênea multiespécies dentro da baía de atracação. Desarmados, com as mãos levantadas, eles não reclamaram quando Oleg e eu colocamos algemas magnéticas neles e os revistamos.

— Vocês estão cometendo um grande erro, Executores — Zilgo disse — O Cartel não aceitará bem que vocês roubem sua carga legítima.

— Se a carga for tão legítima quanto você afirma, então pediremos desculpas, liberaremos vocês e vocês retornarão ao seu caminho, junto com todos os seus bens — Tedrick disse com uma voz zombeteira — Mas você e eu sabemos que vamos encontrar todo tipo de coisa que não deveria estar aqui.

— Aguardo seu pedido de desculpas, humano — Zilgo rosnou.

Tedrick bufou e depois se virou para olhar para Oleg e Maeve, gesticulando para a tripulação pirata com a cabeça — Levem-nos para

a prisão enquanto nosso amigo Zilgo nos faz um tour.

O Nazhral mostrou os dentes, o rabo rígido e as orelhas de felino balançando de raiva reprimida. Em circunstâncias diferentes, eu poderia estar ansiosa para acariciar seu pelo fofo de gato rajado. No entanto, eu não sentia nada além de desprezo pelo homem cruel com uma ficha criminal de um quilômetro de extensão.

Ele primeiro nos levou ao porão de carga. Tedrick examinou a montanha de caixotes e contêineres enquanto eu examinava o manifesto do navio. À primeira vista, tudo parecia legítimo. Mas então, algo aconteceu. Nós estávamos acostumados com essa dança antiga. Essas naves tinham sistematicamente compartimentos secretos e esconderijos onde eles escondiam as coisas realmente boas. O desafio era encontrá-los.

Quando terminamos com o porão de carga, Oleg e Maeve já haviam se juntado a nós. Nós prosseguimos com a exploração da embarcação, em busca das mercadorias ilegais. À medida que limpávamos sala após sala, eu comecei a me preocupar se eles tinham nos enganado com sucesso ou se realmente não havia nada suspeito acontecendo desta vez. E então Tedrick salvou o dia quando seu scanner disparou dentro dos aposentos pessoais do capitão.

Tedrick deu a Zilgo um sorriso zombeteiro e apontou com a cabeça para a parte da parede que acionou seu scanner — Por que você não faz as honras, velho amigo?

Zilgo sibilou para nosso líder de esquadrão como um gato selvagem, o que só lhe rendeu um sorriso divertido de Tedrick e uma risada minha. Resmungando e reclamando, o Nazhral bateu em algumas seções imperceptíveis da parede em uma sequência específica, e um painel inteiro — da espessura de um cofre de segurança — se abriu, revelando um esconderijo secreto. Ele continha pelo menos três quilos de Edocit Down — um nome enganoso, considerando que não eram penas, mas folhas reais que cresciam nas espécies Dríades sob condições específicas.

— Eles foram adquiridos legalmente! — Zilgo retrucou quando Tedrick assobiou com o resultado impressionante — Eu recebi as cartas de consentimento dos doadores.

E era impressionante. A ED, como era comumente chamada, era uma potente droga alucinógena e recreativa que também poderia ser transformada em um veneno letal e indetectável. Os Edocit adolescentes a produziam naturalmente em grandes quantidades, com as delicadas folhas desabrochando em seus cabelos semelhantes a videiras. A ED se tornou ilegal em muitos lugares quando os relatos de sequestro começaram a se multiplicar. As jovens dríades desaparecidas ressurgiam anos depois, parecendo envelhecidas antes do tempo, assim que paravam de produzir as valiosas folhas.

No entanto, como era um negócio muito lucrativo, muitas famílias Edocit – pobres ou não – permitiam que os seus jovens vendessem voluntariamente parte da sua penugem. Isso ajudava a sua situação financeira ou fornecia aos adolescentes um fundo inicial confortável para o seu futuro. Contanto que o comprador pudesse fornecer prova de compra legal, ele poderia comercializar esses bens em paz nos planetas e estações espaciais de entretenimento que o permitissem.

— Se você possui os formulários de consentimento, por que escondeu seu estoque? — eu desafiei.

— Porque eu sabia que, se eu deixasse isso exposto, alguns Executores ou Pacificadores irritantes iriam me dar uma surra por causa disso — ele retrucou.

Uma rápida verificação dos documentos que ele forneceu pareceu confirmar que isso era realmente legítimo. Isso me irritou profundamente. Meu instinto gritava que havia mais nisso e, pela expressão no rosto de Tedrick, ele também acreditava que estava faltando alguma coisa.

— Bem, eu tenho certeza de que você entenderá se mantivermos temporariamente sua ED até que possamos verificar se todos os vendedores que você listou aqui realmente os venderam voluntariamente e que estão seguros e livres com suas famílias — Tedrick disse de uma forma excessivamente doce.

O Nazhral xingou sem parar em sua língua. Eu o ignorei enquanto retomávamos nossa inspeção da nave... em vão. Frustrados por termos que libertar esses criminosos conhecidos por falta de acusações, nós usamos nosso último recurso. Se conseguíssemos pelo menos encontrar algumas melhorias ilegais na sua embarcação, poderíamos apreendê-la, colocando-os temporariamente fora do seu negócio obscuro.

Porém, assim que entramos na Engenharia, uma onda de frio me fez virar a cabeça para o fundo da sala.

— O que foi, Kaida? — Tedrick perguntou.

— Você sente isso? — eu perguntei.

— Não, o quê?

— O frio intenso que vem de lá — eu disse, apontando em sua direção com o queixo.

Tedrick e meus outros dois companheiros de equipe me olharam perplexos. Um olhar para Zilgo não revelou nada, o rosto completamente fechado. Com passos determinados, eu fui em direção aos fundos, o frio se intensificando, logo seguido por uma familiar sensação de formigamento.

— Oh meu Deus. Não tem como você não sentir isso! — eu disse, olhando para minha equipe com uma mistura de entusiasmo e descrença. Eu balancei a cabeça, irritada, enquanto todos eles continuavam me lançando um olhar confuso, depois eu mudei meu

foco para Zilgo — Há um compartimento escondido atrás daquela parede. Abra.

Embora estivesse visivelmente pálido, Zilgo ergueu o queixo desafiadoramente e cerrou os punhos de cada lado do corpo — Não há painel oculto aqui. Escaneie e você verá. Eu não posso abrir algo que não existe.

Meus colegas imediatamente começaram a escanear. Pela aparência perturbada, os scanners não mostravam nada. Mas, de uma forma que eu não conseguia explicar, eu sabia, sem sombra de dúvida, que tinha algo. Especialmente porque eu podia sentir o tesouro que eles guardavam ali.

— Eu não preciso de um scanner para confirmar isso — eu disse em um tom áspero que fez Tedrick franzir a testa com preocupação — Você pode abrir o compartimento secreto ou pedirei a um de nossos engenheiros que abra toda a parede. A escolha é sua.

— Você não pode fazer isso! — Zilgo sibilou antes de pedir apoio a Tedrick — Você não pode danificar uma embarcação sem evidências ou provas sólidas. Não há *nada* em seus scanners porque não há *nada* aqui.

— Há um grande estoque de pedras obsidianas sombrias atrás daquela parede — eu respondi, provocando suspiros chocados de meus companheiros de equipe — Eu moro em Dramnac e sou casada com um Senhor das Sombras. Eu *sei* quando estou na presença de obsidiana sombria. Abra. A. Porra. Da. Parede.

Desta vez, Tedrick deu um passo à frente — Você tem cinco segundos para obedecer, ou eu trarei a equipe de engenharia aqui. E assim que recuperarmos as pedras, eu farei com que destruam toda a nave para encontrar qualquer outra coisa que você possa estar escondendo.

Derrotado, o Nazhral murmurou uma série de insultos baixinho, parecendo estar lançando um feitiço sobre nós. Eu quase gritei de alegria quando o painel se abriu, revelando dois grandes caixotes cheios de pedras defeituosas.

— Seus olhos estão brilhando — Tedrick sussurrou para mim enquanto Oleg levava nossa carga para a nave.

Atordoad, eu toquei meus olhos, me perguntando o que diabos estava acontecendo. Eles não pareciam nada diferentes.

Nós apreendemos a nave e autuamos toda a tripulação por contrabando. Tedrick me deu permissão para ir para casa e descobrir o que estava acontecendo comigo enquanto enviava uma equipe para a fábrica onde Zilgo confessou ter recolhido as pedras.

Assim que eu cheguei em casa eu contei a Cedros o que havia acontecido.

Ele sorriu com uma expressão presunçosa — É o nosso vínculo

entrando em ação.

— O quê? — eu perguntei, perplexa.

— Nosso vínculo, meu amor. Eu vou mostrar a você — ele disse, me pegando nos braços e nos levando até o portal negro.

Assim que pousamos no centro principal, ele me perguntou se eu notei alguma coisa diferente nos portais.

Eu balancei minha cabeça — Não. Todos parecem iguais como sempre foram.

— Sério? — ele insistiu.

— Sim. Por quê? O que deveria ser diferente? — eu perguntei, confusa.

Eu pisquei, mais perplexa do que nunca — Sim claro. Por que não deveria... E então eu me dei conta — Minha viseira! Eu não estou com minha maldita viseira e consigo ver as runas! Eu consigo ler tudo!

Ele sorriu para mim — A nezarona que eu estou injetando em você está te melhorando. De acordo com Kayog, sua visão deve melhorar a ponto de você ver como nós, Derakeens, vemos, incluindo maior distância e visão noturna.

— Oh meu Deus! Isso é foda! Eu disse, borbulhando de excitação — Eu consegui sentir as pedras de tão longe. Eu serei capaz de mudar de fase como vocês fazem?

Eu dei a ela um sorriso de desculpas — Não meu amor. Isso você não será capaz de fazer. Não fique desapontada. Esta é uma coisa boa, pois de outra forma poderia ter afetado sua capacidade de ser minha Ejaya.

— Certo. Minha mudança de fase iria mexer com você — eu disse, me sentindo um pouco chateada.

— Mas você terá outras mudanças muito melhores — Cedros acrescentou com um brilho travesso nos olhos.

— Sério? Como o quê?

— De acordo com Kayog, além de aumentar sua expectativa de vida e habilidades de regeneração – tornando sua cura mais rápida e menos propensa a doenças comuns – você também deve desenvolver poderes telepáticos e telecinéticos.

Desta vez, eu gritei e me joguei em seus braços, fazendo-o cair na gargalhada.

— Por que diabos você não me disse que eu tinha tudo isso pela frente? Por que Kayog escondeu isso de mim? — eu perguntei, perplexa e me sentindo um tanto enganada.

Cedros ficou sério e acariciou gentilmente meu rosto — Porque eu pedi para ele não fazer isso. Eu não acreditava que iria querer uma companheira humana. Mas se isso mudasse, eu queria ter certeza de que você não consentiria em se unir a mim simplesmente para adquirir essas habilidades. E quando eu me apaixonei por você, eu não

queria contar, por medo de que você pensasse que eu estava tentando comprar o seu amor, exibindo esses poderes diante de você.

— Seu homem bobo — eu disse, me derretendo contra ele — Nós estávamos fadados a nos apaixonar. Você é a melhor coisa que já aconteceu comigo.

— E você comigo.

— Mais alguma coisa que eu deveria saber que você está escondendo de mim? — eu perguntei.

Desta vez, o ar de felicidade em seu rosto me deixou sem voz, ainda mais do que as palavras que seguiram.

— Sim, minha Kaida. Você está grávida de nossos gêmeos.



Sentada no sofá da nossa sala de estar, a boca de Arzoth presa em meu mamilo, eu arrulhei para nosso filho mais novo enquanto o amamentava. Eu levantei a cabeça para olhar para Cedros, sentado no banco almofadado à nossa frente. Eu ri da maneira sinistra como ele estava olhando para o nosso pequeno.

— Pare de olhar feio para ele — eu disse, divertida.

— Ele é muito ganancioso — Cedros murmurou — Ele nunca me deixa nada.

Eu comecei a rir — Você é adulto, Cedros! Você não precisa de leite materno! Ele é para o bebê!

— Você é *minha* companheira. Isso faz dele o meu leite. Ele poderia compartilhar um pouco. Eu também preciso dele!

Como se em resposta à choradeira descarada de seu pai, Arzoth finalmente soltou meu mamilo, sua boquinha mastigando enquanto ele piscava lentamente, parecendo pronto para tirar uma soneca.

— Pronto, ele terminou. Feliz agora? Você pode parar de reclamar.

— SIM! — Cedros sibilou, se agachando na nossa frente.

Eu coloquei a palma da minha mão sobre seu rosto, evitando que ele se inclinasse para chupar meu mamilo levemente dolorido. Ele me lançou um olhar indignado.

— Não tão rápido. Você arrota seu filho primeiro. *Depois* eu vou considerar se devo lhe dar o leite restante.

Ele fez uma careta, olhando para mim como se eu estivesse sendo injusta com ele, mas ainda assim ele cuidou de nosso filho com infinito cuidado. Eu coloquei uma toalha em seu ombro e o observei colocar Arzoth na posição correta antes de esfregar suas costas com ternura. Meu coração derreteu olhando para eles. Eu me inclinei para beijar a cabeça do nosso bebê antes de beijar Cedros. Mas gritos altos

do lado de fora encurtaram esse momento.

— Oh, nossa — eu murmurei, correndo para o terraço para ver o que nossos outros diabinhos estavam fazendo.

Cedros riu em antecipação enquanto seguia lentamente atrás de mim. Meus ombros caíram e eu revirei os olhos para o espetáculo que nos esperava. Sentada em uma das espreguiçadeiras do terraço, nossa filha Theka dirigia os abusos que Nero infligia aos nossos primogênitos. O habitante das sombras segurava cada um dos gêmeos por uma perna, pendurando-os na borda do planalto. Para qualquer um que Theka apontasse, Nero acertava com a eletricidade nas pontas de seus tentáculos. Obviamente, não era mais do que uma cócega, mas minha filha hipnotizou o habitante das sombras e o fez comer na palma de suas mãos.

— Theka! Pare com isso! — eu gritei, colocando os punhos nos quadris.

Parecendo culpado, Nero imediatamente soltou meus filhos mais velhos, Kairzan e Kinshu, na grama. Eles se levantaram com um salto, olhando para mim em busca de reparação de suas queixas. Theka se levantou, sustentando meu olhar com o mesmo tipo de indignação hipócrita que seus irmãos.

— Eles roubaram minha caixa de guloseimas e não confessam! — ela exclamou, apontando um dedo acusatório para seus irmãos.

Eu revirei os olhos — Eles não confessam porque não roubaram. *Eu* tirei sua caixa porque você não para de se empanturrar de guloseimas em vez de comer no máximo duas por dia, como combinamos quando seu pai as trouxe para você.

Theka franziu o rosto antes de lançar um olhar de ‘oops’ para seus irmãos. Então, descarada como sempre, ela deu de ombros para eles — Vocês ainda mereceram.

Os meninos engasgaram de indignação e começaram a perseguir a irmã. Ela gritou e meio correu, meio voou para dentro de casa. Rápido como um raio, Nero avançou, envolvendo-se em Theka e a camuflando. Os meninos gritaram com a injustiça de tudo isso enquanto caçavam os dois, fazendo uso de seus poderes recém-adquiridos de Senhores das Sombras.

Por mais divertido e irritado que eu me sentisse, meu coração se apertou ao olhar para meus filhos.

— O que foi, meu amor? — Cedros perguntou, percebendo minha mudança de humor.

— Eu não quero que ela vá para a Trilha das Sombras — eu disse, de forma lamentável.

— Ela vai ficar bem — Cedros disse de forma tranquilizadora, me puxando contra ele com a cauda.

— Mas ela é minha única filha!

— Você enviou os gêmeos e lidou com isso muito bem — ele rebateu.

— E eles se foram por dois anos! — eu exclamei.

— E eles voltaram sãos e salvos como jovens Senhores das Sombras, não foi? — ele argumentou.

— Sim, mas ela estará sozinha. Pelo menos os gêmeos tinham um ao outro.

— E ela terá Nero. Ele a adora. Você sabe que ele nunca sairá do lado dela. Ela vai ficar bem. De qualquer forma, não há garantia de que ela se tornará uma Sombra.

Embora eu tivesse dito a mim mesma os mesmos argumentos que ele me dava, eu não estava pronta para abandonar minhas preocupações maternas — Ela é um dragão dourado, como todos os nossos filhos. Há uma boa chance de ela se tornar uma Senhora das Sombras.

Cedros assentiu, nem um pouco impressionado ou perturbado, e parecendo bastante presunçoso — Isso mesmo. Um dos melhores Senhores das Sombras desta geração os gerou — ele riu quando olhei para ele e beijei a ponta do meu nariz — Ela vai ficar bem, meu amor. Além disso, nós sempre poderíamos ter outra filha.

— O quê?! Eu não estou tentando encontrar uma substituta. Além disso, eu acabei de sair da licença maternidade. Você parece esquecer que nós não fechamos todas as fábricas ilegais de obsidiana sombrias falsas de outros mundos. De qualquer forma, nós já temos quatro filhos.

Ele deu de ombros — Você disse que Theka estava se tornando uma criança mimada e que ela precisava de uma irmãzinha para ser menos uma princesinha. E quatro não é nada. Trinit e Rovain têm seis filhos.

— Quantos filhos eles têm não é um argumento válido — eu retruquei, lançando-lhe um olhar incrédulo — Isso não é uma competição.

— Não é? — ele perguntou, arregalando os olhos excessivamente inocentes.

Assim que eu dei uma cotovelada de brincadeira nas costelas dele, Arzoth soltou um arroteo retumbante.

— Aí! Arroteo feito! — Cedros exclamou com alegria excessiva — Agora é a minha vez de beber.

Eu comecei a rir enquanto revirava os olhos em desânimo — Você não tem jeito.

— Eu sou extremamente adorável e perdidamente apaixonado por você, minha Kaida.

Eu sorri e me derreti contra ele — Eu também estou perdidamente apaixonada por você, meu Cedros.

FIM



Quer ver mais casamentos incomuns e divertidos de conveniência entre uma mulher humana e um alienígena primitivo? Então dê uma olhada em [Casei Com Uma Fera](#).





BATTLE FORM







AQRAT





NERO



OUTROS LIVROS DE REGINE ABEL

GUERREIROS XIAN

Doom
Legion
Raven
Bane
Chaos
Varnog
Reaper
Wrath
Xenon
Nevrik
Rogue

AGÊNCIA PRIME

Casei Com Um Homem-Lagarto
Casei Com Um Naga
Casei Com Um Homem-Pássaro
Casei Com Um Minotauro
Casei Com Wonjin
Casei Com Um Tritão
Casei Com Um Dragão
Casei Com Uma Fera

O NEVOEIRO

Nevonauta
Pesadelo

CONTOS SOMBRIOS

A Maldição do Barba Azul



Sobre o Autor

A autora bestseller do *USA Today*, Regine Abel, é uma viciada em fantasia, paranormal e ficção científica. Qualquer coisa com um pouco de magia, um toque de inusitado e muito romance a fará pular de alegria. Ela adora criar guerreiros alienígenas gostosos e heroínas radicais que evoluem em novos mundos fantásticos enquanto embarcam em aventuras repletas de mistério e reviravoltas que você nunca imaginou.

Antes de se dedicar como escritora em tempo integral, Regine havia se entregado a outras paixões: a música e os videogames! Depois de uma década trabalhando como Engenheira de Som em dublagem de filmes e shows, Regine tornou-se Designer de Jogos Profissional e Diretora Criativa, uma carreira que a levou de sua casa no Canadá para os EUA e vários países da Europa e Ásia.

[Facebook](#)

[Website](#)

[Grupo de leitura Regine's Rebels](#)

[Newsletter](#)

[Goodreads](#)

[Bookbub](#)

[Amazon](#)

[Loja Etsy](#)